

MORFOLOGIA CONSTRUCIONAL

avanços em língua portuguesa

Juliana Soledade
Carlos Alexandre Gonçalves
Natal Simões Neto

ORGANIZADORES



Morfologia Construcional: avanços em língua portuguesa é uma coletânea que apresenta resultados de investigações sobre a morfologia do português, desenvolvidas a partir do enquadramento teórico da Morfologia Construcional. O livro apresenta os pressupostos do modelo, destacando suas especificidades, lacunas e possíveis diálogos com outras disciplinas da Linguística. A obra é composta por 12 capítulos de pesquisadores de oito instituições públicas brasileiras. Há também duas entrevistas com célebres pesquisadores da Universidade de Leiden (Holanda), onde se iniciaram as primeiras reflexões acerca do modelo abordado nesta obra. Em seu cerne, *Morfologia Construcional: avanços em língua portuguesa* traz criativas análises de fenômenos consagrados nos estudos morfológicos, como flexão, derivação (sufixal e prefixal) e composição, e outros que vêm sendo estudados mais recentemente, como o *splinter*, o *hápx legomenon* e a formação de antropônimos e topônimos.



MORFOLOGIA CONSTRUCIONAL

avanços em língua portuguesa

Universidade Federal da Bahia

REITOR

Paulo Cesar Miguez de Oliveira

VICE-REITOR

Penildon Silva Filho



Editora da Universidade Federal da Bahia

DIRETORA

Susane Santos Barros

CONSELHO EDITORIAL

Alberto Brum Novaes

Angelo Szaniecki Perret Serpa

Caiuby Alves da Costa

Charbel Niño El-Hani

Cleise Furtado Mendes

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

Maria do Carmo Soares de Freitas

Maria Vidal de Negreiros Camargo

APOIO



Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL/UEFS)
Proap/Capes



Programa de Pós-Graduação
em estudos linguísticos



MORFOLOGIA CONSTRUCIONAL

avanços em língua portuguesa

Juliana Soledade
Carlos Alexandre Gonçalves
Natal Simões Neto

ORGANIZADORES

Salvador
Edufba
2022

2022, autores.

Direitos para esta edição cedidos à Edufba.

Feito o Depósito Legal.

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

ANALISTA EDITORIAL Mariana Rios

COORDENAÇÃO GRÁFICA Edson Nascimento Sales

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO Gabriela Nascimento

CAPA Miriã Araújo

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO Larissa Vieira de Oliveira Ribeiro

REVISÃO E NORMALIZAÇÃO Cristovão Mascarenhas e Kátia Rodrigues

Sistema de Bibliotecas – SIBI/UFBA

M846 Morfologia construcional : avanços em língua portuguesa / Juliana Soledade, Carlos Alexandre Gonçalves, Natival Simões Neto, organizadores. - Salvador: EDUFBA, 2022.
406 p. : il.

ISBN: 978-65-5630-393-2

1. Língua portuguesa - Morfologia. 2. Gramática comparada e geral - Morfologia. 3. Língua portuguesa - Formação das palavras. I. Soledade, Juliana. II. Gonçalves, Carlos Alexandre. III. Simões Neto, Natival. IV. Título.

CDU – 81'366

Elaborada por Geovana Soares Lira CRB-5: BA-001975/0

Editora afiliada à



ASOCIACION DE EDITORIALES
UNIVERSITARIAS DE AMERICA
LATINA Y EL CARIBE



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

EDITORA DA UFBA

Rua Barão de Jeremoabo, s/n - Campus de Ondina

40170-115 - Salvador - Bahia

Tel.: +55 71 3283-6164

www.edufba.ufba.br | edufba@ufba.br

Dedicamos esta obra às professoras Margarida Basilio e Graça Rio-Torto, que, embora não trabalhem com a Morfologia Construcional, contribuíram de forma significativa para a morfologia que fazemos hoje.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Morfologia Construcional • 11

outra introdução

*Juliana Soledade, Carlos Alexandre Gonçalves
e Natival Simões Neto*

CAPÍTULO 1

**A Morfologia Construcional e as
marcas de gênero gramatical
em português • 33**

Wallace Bezerra de Carvalho

CAPÍTULO 2

**Estudos da derivação sufixal na
língua portuguesa • 55**

Contribuições da Morfologia Construcional

Natival Simões Neto e Juliana Soledade

CAPÍTULO 3

**Breve estudo
sobre as construções
denominais X-ada • 95**

João Carlos Tavares da Silva

CAPÍTULO 4

**Formações em *arqui-/archi-*
no português e no castelhano . 137**

uma leitura em perspectiva histórica e construcional

Mailson Lopes

CAPÍTULO 5

**As construções não-X
no português arcaico . 171**

Pâmella Alves Pereira

CAPÍTULO 6

**Compostos do português
em uma abordagem construcional . 193**

perspectivas de análise e desafios teóricos

Natival Simões Neto

CAPÍTULO 7

**Das caipivodcas
às caipitours . 237**

um estudo sobre o *splinter caipi-* à luz da Morfologia
Construcional

*Carlos Alexandre Gonçalves
e Marcelo Rodrigues Affonso Júnior*

CAPÍTULO 8

**A morfologia construcional
na inovação antroponímica . 259**

depreendendo esquemas

Leticia Santos Rodrigues

CAPÍTULO 9

**Para uma abordagem construcional
da toponímia brasileira . 283**

um estudo dos padrões [Beco de X_i]_{TOPj} e [Alto de X_i]_{TOPj}
em Salvador (BA) 283

Letícia Santos Rodrigues e Natival Simões Neto

CAPÍTULO 10

Narrativas sociocognitivas . 303

um caminho para a interpretação da mudança semântica
em construções morfológicas do português

Juliana Soledade, Natival Simões Neto e Mailson Lopes

CAPÍTULO 11

A construção N_xPN_x em português . 325

uma abordagem a partir da Morfologia Relacional

Antonia Vieira dos Santos

CAPÍTULO 12

**Sobre bebuns,
nudes e naturebas . 349**

um estudo sobre *hápx* sufixal e *quasi-hápx*
à luz da Morfologia Relacional

*Carlos Alexandre Gonçalves, Marco Antônio Gomes Filho
e Sarah Batista Santos*

CAPÍTULO 13

Entrevista com Geert Booij . 371

*Entrevistadores: Natival Simões Neto,
Carlos Alexandre Gonçalves e Juliana Soledade*

CAPÍTULO 14

Entrevista com Jenny Audring . 389

*Entrevistadores: Carlos Alexandre Gonçalves,
Nival Simões Neto e Juliana Soledade*

Sobre organizadores e autores . 401

Introdução

MORFOLOGIA CONSTRUCIONAL

outra introdução

*Juliana Soledade, Carlos Alexandre
Gonçalves e Natival Simões Neto*

O livro *Morfologia Construcional: avanços em língua portuguesa* tem por objetivo destacar a relevância do modelo de análise construcional aplicado à morfologia e, em especial, os seus desdobramentos nos estudos morfológicos no Brasil. Esta coletânea reúne 12 capítulos de pesquisadores nacionais e duas entrevistas com pesquisadores estrangeiros vinculados à Universidade de Leiden, na Holanda. Espera-se que o livro seja capaz de dar explicações introdutórias sobre a Morfologia Construcional (MC), ao mesmo tempo em que ressalta a versatilidade das aplicações ao português, que podem ser consideradas como avanços teóricos.

A MC surge nas primeiras décadas do século XXI, através de publicações do pesquisador holandês Geert Booij. Data de 2005 a publicação de “Compounding and derivation: evidence for construction Morphology”, trabalho seminal em que o autor propõe, a partir de questionamentos sobre os limites entre deriva-

ção e composição, alguns dos fundamentos analítico-epistemológicos da teoria. Em 2007, com o capítulo “Construction Morphology and the Lexicon”, o autor expande o debate e defende que a morfologia, através de esquemas e suas instanciações, oferece ao léxico uma organização hierárquica. Porém, o marco teórico do modelo será a publicação, em 2010, do livro *Construction Morphology*, no qual apresenta, de forma mais aprofundada, o paradigma que propõe para a MC. Posteriormente, o autor vem publicando vários artigos (BOOIJ, 2012, 2015, 2017, 2018, 2020) que têm alimentado o debate e os avanços acerca da aplicação do modelo, tanto a fenômenos derivacionais, quanto flexionais.

A origem da MC está intimamente relacionada ao modelo da Gramática de Construções (GrC), principalmente, nos termos desenvolvidos por Adele Goldberg (1995, 2006). Por seu turno, a GrC se inscreve no paradigma da Linguística Cognitiva (LC), teoria promovida por linguistas como George Lakoff, Leonard Talmy, Ronald Langacker e Charles Fillmore, e que, desde a década de 1980, tem se estabelecido como uma corrente que aborda os fenômenos linguísticos em uma perspectiva semânticocêntrica (VALENZUELA; IBARRETXE-ANTUÑANO; HILFERTY, 2012) e que concebe a língua não mais como um fenômeno cognitivo isolado, mas sim relacionado a outros processos cognitivos que servem de base para conceptualizações. (CROFT; CRUSE, 2004; EVANS; GREEN, 2006; GEERAERTS; CUYCKENS, 2007)

O desenvolvimento da LC, como forma de dissensão ao modelo algorítmico da linguagem, em verdade, vem a ser reflexo de ganhos teóricos da década anterior, quando já se iniciava a elaboração de postulados científicos que viriam a servir de base para algumas das teorias mais importantes dentro do modelo cognitivista como, por exemplo, a Teoria da Metáfora Conceptual, a Teoria dos Protótipos e a Semântica de *Frames*. Hoje, a LC abarca um arquipélago de teorias ou submodelos, dentre as quais se podem citar a Semântica Cognitiva, a Gramática Cognitiva (GC), a GrC, a MC, a Teoria dos esquemas imagéticos, a Teoria de *Frames*, Teoria dos Espaços Mentais, a Teoria

da Mesclagem Conceptual, a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, a Teoria Neural da Linguagem, Sociolinguística Cognitiva, entre outras. É, pois, no seio da LC e filiada à GrC, que a proposta da MC vai ser construída. Desse modo, ao tratar-se de MC, não há como deixar de destacar alguns dos princípios que estão postos, *a priori*, considerando-se essa filiação teórica à corrente cognitivista.

A base epistemológica comum a todos os submodelos da LC está claramente definida a partir de princípios teóricos e metodológicos que os perpassam com maior ou menor intensidade. Parte-se, principal e efetivamente, de uma concepção da linguagem como uma capacidade integrada às demais capacidades cognitivas, como memória, atenção, categorização e raciocínio, rechaçando a visão da gramática como um epifenômeno de uma capacidade modular, intrínseca e universal.

A LC, também, compreende, assim como a Linguística Funcional Centrada no Uso (BYBEE, 2010; FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2014; OLIVEIRA, 2017; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), que a organização do léxico e das gramáticas se constitui a partir dos usos, ou seja, não são as línguas, *per se*, que geram as formas linguísticas, mas sim os falantes: “as gramáticas não geram sentenças, são os falantes que o fazem”. (GOLDBERG, 2006, p. 22) Assim, as gramáticas das línguas são entendidas como redes de construções organizadas, culturalmente, na memória dos falantes, através dos usos. Por sua vez, as redes se associam através de elos propiciados pelos modos como os indivíduos conhecem e expandem o seu conhecimento (categorização, prototipicidade, radialidade, projeção – metáfora e metonímia –, herança, entre outros).

Outro princípio basilar da LC corresponde ao *continuum* léxico-gramática. Em uma abordagem horizontalizada e unificadora, compreende-se que as antigas dicotomias, que buscavam explicações específicas para fenômenos linguísticos, no âmbito da sintaxe *vs* no âmbito da morfologia, por exemplo, não são proficientes. Assim, tanto itens lexicais, quanto padrões de formação de palavras, quanto formas mais complexas, como cadeias sintáticas, representam construções

linguísticas, em cuja essência está o pareamento ou unificação entre forma e significado (CROFT, 2001), sendo eles responsáveis por fatores de ordem motivacional que implicam em uma compreensão do simbolismo das línguas e da não arbitrariedade dos signos.

Por sua vez, a noção de construção é basilar para qualquer modelo teórico da LC, e essencial para os modelos ditos gramaticais (GC, GrC, MC). As construções são as unidades básicas de análise e de representação em LC e podem corresponder a palavras, expressões idiomáticas, padrões sintáticos parcialmente preenchidos ou padrões de construção frasal mais gerais. Como dito, às construções subjaz a unificação ou pareamento entre uma forma linguística complexa – que abarca as dimensões fônicas e morfossintáticas – e o seu significado (que abarca as dimensões conceituais e discursivas/pragmáticas). Ao aplicar o conceito de construção a diferentes níveis de análise linguística, a LC promove o seu calibre holístico e não modular, a fim de envolver todo o conhecimento linguístico em um *continuum*, do léxico à sintaxe, do centro à periferia, do corpo à mente, da experiência ao uso, do uso à língua.

A pretensão holística dos modelos teóricos relacionados à LC também implica a ruptura com a dicotomia tradicional que opunha, de um lado, o conhecimento linguístico e, de outro, o conhecimento enciclopédico. Como se trata de uma teoria que coloca a dimensão semântica como central na organização linguística, a revisão dessa dicotomia se fazia necessária. Assim, propõe-se abandonar a ideia de que existiria um nível de significação estrutural e sistêmico a partir do qual se poderiam analisar e definir categorias linguísticas (SILVA, 1999), voltando-se para o entendimento de que todo conhecimento é conhecimento linguístico e que o conhecimento que serve à formulação de dicionários, por exemplo, é uma subparte do conhecimento de mundo ou enciclopédico.

Muito embora a MC, tal como vem sendo proposta por Booij (2005, 2007, 2010), leve em consideração todos esses pressupostos, há uma questão divergente central no que se refere ao estatuto de construção

para morfemas. Goldberg (1995, 2006) considera que as construções podem variar de tamanho e de complexidade e que padrões inteiramente previsíveis podem ser armazenados como construções desde que sejam suficientemente frequentes. Dadas essas considerações, a autora elenca os morfemas como construções, pois também implicam um pareamento entre forma e conteúdo. Booij (2010), por seu turno, vai defender uma morfologia baseada em palavras, em face de entender que morfemas não constituem um pareamento entre forma e significado independente da palavra. O morfema, uma vez integrante de esquemas construcionais, contribui com o significado das construções, mas não significa por si só, seu significado só é acessível por meio da construção como um todo. (GONÇALVES; ALMEIDA, 2014)

Decorre, então, que os esquemas passam a ser, junto com as palavras, as unidades básicas da MC. Langacker (1987, p. 73-75) considera que a esquematicidade é uma das capacidades mais centrais da cognição humana e que esquemas linguísticos ou conceituais são abstraídos a partir de generalizações que permitem selecionar partes relevantes de uma construção – linguística ou conceitual – e desprezar as menos relevantes. “Todos os conceitos humanos são esquemáticos em algum grau, abstraindo as diferenças das experiências ou pensamentos particulares nos quais se baseiam”. (TUGGY, 2007, p. 84) É, pois, a partir dessa conceptualização mais geral que Booij (2017, p. 22, tradução nossa) vai afirmar: “esquemas morfológicos são adquiridos com base em um conjunto de palavras complexas memorizadas, isto é, palavras complexas totalmente especificadas”. Daí entendermos que esquemas construcionais podem ser descritos como capazes de especificar as informações previsíveis acerca das palavras complexas totalmente enquadradas no esquema e especificar como novas instanciações podem ser construídas.

Esse modelo leva em consideração o fato de que o conhecimento de esquemas morfológicos abstratos depende do conhecimento e armazenamento mental de um conjunto de palavras complexas que instanciam esses padrões. De tal modo, esquemas morfológicos estão

relacionados, por um lado, à motivação para a existência de um conjunto relevante de palavras complexas e, por outro, à disponibilização de mecanismos que permitam a expansão desse conjunto. A função motivadora de esquemas tem, portanto, o efeito de reduzir o grau de arbitrariedade das relações forma-significado no léxico. Desse modo, na mente dos falantes, esquemas e palavras constituem a organização hierárquica do léxico, estabelecendo, entre si, redes associativas e relações de herança (que, muitas vezes, envolvem projeções metafóricas e metonímicas).

De acordo com Goldberg (1995), as relações de herança são capazes de postular hierarquias gerais entre as construções, de modo que os níveis mais baixos herdem informações dos níveis mais altos. Na MC, as considerações acerca das relações de herança implicam as relações entre palavras e esquemas e entre esquemas e subesquemas. Assim, palavras complexas são mais motivadas quanto maior for grau de preservação das características formais e semânticas da palavra-base e do esquema construcional do qual se origina, por sua vez, subesquemas herdaram características formais e semânticas dos esquemas dominantes. Os subesquemas, portanto, fornecem características mais detalhadas das propriedades mencionadas pelo esquema dominante, não sendo um caso de substituição ou alternância de padrão.

Os esquemas construcionais são, pois, uma forma de representação dos padrões de formação de palavras, sendo abstrações que se originam de generalizações feitas sobre um conjunto de palavras relacionadas paradigmaticamente. Em termos gerais, o modelo booiiano propõe que os esquemas subjacentes às construções linguísticas sejam representados, em fórmulas tais como:

- (a) composição: $[[X]_x [Y]_y]_s$
- (b) sufixação: $[[X]_x Y]_y$
- (c) prefixação: $[X [Y]_y]_y$

Nessas representações, as variáveis X e Y simbolizam as sequências fonológicas, e os subscritos $_x$ e $_y$, as categorias lexicais. Para se ter uma ideia mais clara, tome-se como exemplo a formalização de esquema sufixal X-dor:

$$\langle [X_{v_i} -dor]_{s_j} \leftrightarrow [Agente relacionado ao SEM_{v_i}]_j \rangle$$

Os símbolos “menor que” e “maior que”, que aparecem ao início e ao final da representação demarcam os limites de um esquema de construção. Por sua vez, o símbolo de seta dupla (\leftrightarrow) intercede para explicitar o pareamento entre forma e conteúdo. Do lado esquerdo da seta, tem-se a parte relevante da estrutura formal, a palavra de base não tem a parte fonológica especificada (X), mas a categoria morfosintática, quando relevante, será indexada ($_{v_i}$), já os afixos não recebem indexação categorial, considerando que essa informação só será relevante no constructo ($_{s_j}$). Delimitado entre colchetes à direita da seta, estão as contribuições da palavra de base (SEM) e a do sufixo (agente). O significado (SEM_{v_i}) das palavras de base só é especificado no léxico, ao passo que a contribuição do significado fornecida pelos afixos é especificada nos esquemas de construção, pois não é acessível fora da estrutura morfológica em que ocorrem.

No Brasil, o modelo começa a se difundir em 2013, através das pesquisas empreendidas pelo grupo coordenado pelo professor e pesquisador do Núcleo de Estudos em Morfologia do Português (NEMP) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Carlos Alexandre Gonçalves. Inicialmente, o que se percebe é que, entre 2011 e 2013, o grupo se orientava pelo modelo da GrC e da SC, sobretudo, para dar conta de processos marginais de formação de palavras, como os cruzamentos vocabulares e as substituições sublexicais. Contudo, a partir de 2013, Booij começa a aparecer como referência essencial dos trabalhos desenvolvidos pelos pesquisadores do NEMP e, em 2016, é publicado o livro *Morfologia Construcional: uma introdução*, escrito por Gonçalves com a colaboração de integrantes do NEMP da UFRJ.

O NEMP da UFRJ se mostra também pioneiro na introdução da recente Morfologia Relacional (MR) (JACKENDOFF; AUDRING, 2018, 2020a, 2020b), que tem sido apresentada pelos seus proponentes, os professores Ray Jackendoff (Universidade Tufts) e Jenny Audring (Universidade de Leiden), como uma prima da GrC e da MC. Jackendoff e Audring são parceiros de Booij em inúmeras publicações, e a MR não deve ser vista como uma dissidência, mas sim um avanço teórico que tem muito a contribuir às abordagens construcionais. Assim como aconteceu com a história da MC no Brasil, foi de Gonçalves (2021) o primeiro texto escrito por pesquisador brasileiro que trate de aplicar o modelo à língua portuguesa.

Foi também Carlos Alexandre Gonçalves o responsável pela introdução do modelo na Universidade Federal da Bahia (UFBA), através do vínculo com os pesquisadores do subgrupo de Morfologia e Lexicologia históricas do Programa para a História da Língua Portuguesa (Prohpor), coordenado pela professora e pesquisadora, Juliana Soledade. Desde, então, a UFRJ e a UFBA têm sido os centros acadêmicos de maior referência no que concerne ao uso do modelo da MC.

Entre os trabalhos desenvolvidos pelos pesquisadores vinculados ao NEMP da UFRJ, destacamos o investimento no modelo para tratamento de processos morfológicos concatenativos – flexão, derivação, composição –, como nos trabalhos de Gonçalves e Almeida (2014), Gonçalves e Pires (2016), Gonçalves e Oliveira (2016), Gonçalves e Carvalho (2016), Tavares da Silva (2017, 2019, 2020) e Gonçalves e Tavares da Silva (2020), e processos morfológicos não concatenativos – *splinters*, cruzamentos vocabulares, reduplicação, entre outros –, como nos trabalhos de Gonçalves e Vialli (2016, 2017), Gonçalves (2016, 2020a, 2020b), Andrade e Rondinini (2016), Rosito de Oliveira (2017) e Pires (2018).

Na UFBA, a MC tem sido aplicada a dados datados historicamente, sobretudo na análise de usos do português arcaico (séculos XII-XVI). Tem havido também uma investidura em análises comparativas de fenômenos variados em línguas românicas. Destacam-se trabalhos

sobre a sufixação (SIMÕES NETO, 2016, 2020a, 2020b, 2020c; SIMÕES NETO; SOLEDADE, 2015; SOLEDADE, 2013, 2020, 2021), prefixação (LOPES, 2016, 2018, 2020) e composição. (SANTOS; SIMÕES NETO, 2020; SIMÕES NETO; SANTOS, 2020) Outro investimento relevante da equipe de morfologia da UFBA é a aplicação da MC à análise de construções antroponímicas do Brasil. (RODRIGUES, 2016, 2019, 2020; SIMÕES NETO; SOLEDADE, 2018; SOLEDADE, 2018, 2021; SOLEDADE; RODRIGUES; SIMÕES NETO, 2021; SOLEDADE; SIMÕES NETO, 2020)

A difusão do modelo por outros centros acadêmicos ainda é tímida, se comparada com a de outros modelos, mas, hoje, sobretudo em função da distribuição e do estabelecimento de parcerias de pesquisadores que passaram pelas equipes da UFRJ e da UFBA, podemos encontrar pesquisas desenvolvidas na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Universidade de São Paulo (USP), Universidade de Brasília (UnB), Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do Rio de Janeiro (Cederj), Universidade Santa Úrsula (USU) e na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM).

Face ao exposto, o livro *Morfologia Construcional: avanços em língua portuguesa* fornece um panorama dos esforços teórico-metodológicos desses dois grandes centros universitários brasileiros, UFRJ e UFBA, e de outros centros que a eles se vinculam, por meio da reunião de 12 artigos de pesquisadores de oito instituições públicas brasileiras (UFBA, UFRJ, UEFS, Cederj, UFVJM, IFRJ, USP e UnB). Além disso, o livro traz duas entrevistas com dois pesquisadores estrangeiros da Universidade de Leiden, na Holanda: o professor Geert Booij, principal proponente da MC, e a professora Jenny Audring, uma das proponentes da MR. Espera-se que esta obra sirva como mais uma ferramenta de difusão das abordagens construcional e relacional da morfologia no Brasil, inspirando novas agendas de pesquisas.

Seguindo tais objetivos, o livro *Morfologia Construcional: avanços em língua portuguesa* abre com o capítulo “A Morfologia Construcional e as marcas de gênero gramatical em português”, de autoria de Wallace Bezerra de Carvalho, professor do IFRJ e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (PPGLEV) da UFRJ, que discute questões relativas à flexão de gênero em português, seguindo os princípios teóricos da MC e da Gramática de Construções Baseada no Uso. O autor defende que o português brasileiro possua duas construções de gênero gramatical marcado: $[[N]-a]_N$ (“amiga”, “menina”) $[[N]-o]_N$ (“amigo”, “menino”). Esses padrões, segundo Wallace Carvalho, se baseiam em *frames* relacionados à experiência binária do sexo biológico e do gênero social. Para além do binarismo de gênero, o autor menciona a existência ainda incipiente do padrão $[[N]-e]_N$ (“amigue, menine”), que tem se mostrado como uma opção neutralizante.

O segundo capítulo, “Estudos da derivação sufixal na língua portuguesa: contribuições da Morfologia Construcional”, é de autoria conjunta de Natival Simões Neto, professor da UEFS, e Juliana Soledade, professora da UFBA em exercício na UnB. Nesse capítulo, os autores fazem uma sistematização de importantes trabalhos sobre a sufixação na perspectiva construcional, abordando a formação de: (a) substantivos: X-eir- (“arameiro”, “barbeiro”, “cavaleiro”, “feiticeira”, “jornaleiro”, “figueira”), X-ári- (“adversário”, “notário”, “usurário”, “falsário”, “boticário”), X-dor (“caçador”, “enganador”, “entendedor”, “comendador”), X-nte (“estudante”, “difamante”, “atendente”, “comerciante”) e X-ada (“dinheirada”, “jornada”, “invernada”, “polegada”, “braçada”); (b) adjetivos: X-udo (“barbudo”, “cabeludo”, “olhudo”, “sapudo”, “abelhudo”) e X-ento (“catarrento”, “avarento”, “piolhento”, “birrento”); (c) verbos: X-izar (“lentizar”, “memorizar”, “aterrorizar”, “dilmizar”, “ivetizar”); e (d) advérbios: X-mente (“corretamente”, “verdadeiramente”). As construções rerepresentadas nesse capítulo são analisadas em perspectiva tanto sincrônica quanto diacrônica.

Na sequência, João Carlos Tavares da Silva, professor do Cederj, apresenta resultados de sua pesquisa de pós-doutorado, realizado em 2019, na UERJ. O autor, que tem se dedicado às construções sufixais denominais no português, analisa as formas com o sufixo -ada (“facada”, “garotada”, “colherada”, “burrada”, “feijoada”), no capítulo “Breve estudo sobre as construções X-ada”. João Carlos Tavares da Silva, desde a sua premiada tese de doutorado (2017), vem propondo uma análise morfossemântica em que se combinam os esquemas construcionais e os esquemas imagéticos, amplamente discutidos no âmbito da SC. É essa proposta interdisciplinar que se vê aplicada ao padrão X-ada na língua portuguesa.

O quarto capítulo, intitulado “Formações em *arqui-/archi-* no português e no castelhano: uma leitura em perspectiva histórica e construcional”, é de autoria de Mailson Lopes, professor da UFBA. O artigo é um recorte da sua tese de doutorado (2018), voltada para a prefixação no português e castelhano arcaicos, na perspectiva construcional. Assim, busca-se, no artigo, oferecer uma explanação sintética sobre o funcionamento morfossemântico do formativo *arqui-/archi-* (“arqui-inimigo/arquienemigo”, “arquirrival/archirrival”, “arquidivino”, “arquilinfático”, “arquipulha”, “arquitol”, “arquivulgar”) no percurso histórico da língua portuguesa e castelhana, partindo-se do grego e do latim, centrando-se no período medieval e desembocando na sua feição hodierna. A proposta de análise alinha pressupostos teóricos da MC e da Morfologia Histórica.

Trata também da prefixação no português arcaico o capítulo “As construções não-X no português arcaico”, de autoria de Pâmella Alves Pereira, professora da UFJVM e atualmente pesquisadora de pós-doutorado do PPGLEV da UFRJ. No artigo, a autora apresenta um estudo das construções em que se nota a anteposição do item lexical “não” a uma base nominal (“nam acabado”, “nom animado”, “nõ digno”, “nõ mortal”, “nã alinhado”). Os dados analisados foram coletados no *Corpus do português*, de Davies e Ferreira (2006), e foram analisados

conforme os pressupostos da MC, nos termos de Booij (2005, 2007, 2010).

O sexto capítulo, “Compostos do português em uma abordagem construcional: perspectivas de análise e desafios teóricos”, é de autoria de Natival Simões Neto (UEFS/UFRJ-PPGLEV-Pós-doc). Nesse texto, apresenta-se um panorama de estudos construcionistas sobre a composição no português. O autor parte do entendimento de que a composição se relaciona com o processo que Bybee (2010) chama de *chunking* e usa a classificação ternária que Ribeiro e Rio-Torto (2016) aplicam aos compostos. Para essas autoras, os compostos podem ser morfológicos, morfossintáticos e sintagmáticos. Natival Simões Neto, então, apresenta aplicações construcionais a esses três tipos, retomando trabalhos que abordam: (a) compostos morfológicos, como X-dromo/X-ódromo (“velódromo”, “camelódromo”), eco-X (“ecologia”, “ecochatos”), foto-X (“fotografia”, “fotonovela”) e homo-X (“homossexual”, “homofobia”); (b) compostos morfossintáticos, como os VN (“puxa-saco”, “limpa-botas”) e os NN (“bolsa-família”, “seguro-desemprego”); (c) compostos sintagmáticos, como os NA (“capitão-mor”, “ladrão-mor”) e NprepN (“síndrome de Peterpan”, “complexo de vira-lata”, “fachada de Taubaté”).

Na sequência, Carlos Alexandre Gonçalves, professor da UFRJ, e Marcelo Rodrigues Affonso Júnior, estudante da mesma instituição, são os autores do capítulo “Das caipivodcas às caipitours: um estudo sobre o *splinter* caipi- à luz da Morfologia Construcional”. No capítulo, apresenta-se uma análise construcional baseada em relação de herança por subparte. (BOOIJ, 2010; GOLDBERG, 1995) Assim, a matriz lexical “caipirinha” é compactada no formativo de tipo *splinter* caipi-, que aparece em realizações, como “caipi-saquê”, “caipi-vodka”, “caipi-morango”, “caipi-kiwi” e “caipi-tour”. Os *splinters* têm se mostrado como formativos bastante produtivos na criação de itens lexicais no português contemporâneo, recebendo, por isso, muita atenção nos estudos morfológicos mais recentes.

No capítulo “A Morfologia Construcional na inovação antroponímica: depreendendo esquemas”, Letícia Santos Rodrigues, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa (PPGFLP) da USP, aborda o modelo biformativo de criação antroponímica. Esse modelo se torna presente na língua portuguesa, no momento em que romanos e germânicos estabelecem contato na Península Ibérica. Alguns formativos de origem germânica se mantiveram no português e têm sido usados na criação de prenomes inovadores no português do Brasil. São exemplos: Gil-, presente em “Gilton”, “Gilneia”, “Gilmara”, “Gilsimar”, e -mar, presente em “Lindomar”, “Lucimar”, “Neumar”, entre outros. Os esquemas que integram esses dois formativos antroponímicos são analisados por Letícia Rodrigues na perspectiva da MC.

Também no âmbito da Onomástica, porém na vertente da Toponímia, está o capítulo “Para uma abordagem construcional da toponímia brasileira: um estudo dos padrões [Beco de X_i]_{TOPj} e [Alto de X_i]_{TOPj} em Salvador (BA)”, de Letícia Santos Rodrigues (PPGFLP-USP) e Natival Simões Neto, nono capítulo desta coletânea. Nesse texto, os autores fazem uma análise construcional de topônimos soteropolitanos, como Beco do Mingau, Alto do Cabrito, Beco de São Carlos, Beco das Quebraças, Alto do Coqueirinho e Alto do Peru, identificando, além da organização esquemática, a possibilidade de haver herança metafórica e metonímica dos elementos que variam no esquema. Nesse sentido, além dos conhecimentos da perspectiva construcional, os autores se utilizam de pressupostos da Teoria da Metáfora e da Metonímia Conceptuais, que, assim como a MC, se insere no âmbito da LC.

O décimo capítulo, intitulado “Narrativas sociocognitivas: um caminho para a interpretação da mudança semântica em construções morfológicas do português”, é de autoria conjunta de Juliana Soledade (UFBA/UnB), Natival Simões Neto (UEFS/UFRJ-PPGLEV-Pós-doc) e Mailson Lopes (UFBA). Nesse texto, os autores explicam como a narrativa pode se instituir como uma categoria sociocognitiva de conceptualização que impacta diretamente na construção morfológi-

ca. A partir de dados de palavras sufixadas e prefixadas no português arcaico, os autores mostram a possibilidade de construções morfológicas complexas compactarem histórias que podem ser analisadas pelo viés da metáfora e da metonímia.

Os dois últimos capítulos que integram esta coletânea se orientam pelo viés da MR, que, como já foi dito, é um modelo ainda mais recente que a MC, com a qual estabelece uma relação de parentesco teórico. No décimo-primeiro capítulo, intitulado “A construção N_xPN_x em português: uma abordagem a partir da Morfologia Relacional”, de Antonia Vieira dos Santos, professora da UFBA, se centra nas propriedades formais de sequências $Nx a Nx$ no português, tais como “cara a cara”, “corpo a corpo” e “gota a gota”. O estudo dessas expressões fixas, chamadas recorrentemente de locuções adverbiais na tradição gramatical, demanda um modelo em que morfologia e sintaxe não sejam vistas de maneira dicotômica/opositiva e que entenda a complexidade das relações entre esquemas construcionais produtivos e não produtivos. No capítulo de Antonia Vieira dos Santos, a MR parece preencher satisfatoriamente essas necessidades.

O capítulo final, “Sobre bebuns, nudes e naturebas: um estudo sobre *hápx* sufixal e *quasi-hápx* à luz da Morfologia Relacional”, é de autoria de Carlos Alexandre Gonçalves, da UFRJ, e de seus orientandos de iniciação científica Marcos Antônio Gomes Filho e Sarah Batista Santos, da mesma instituição. No capítulo, os autores aplicam o termo *hápx legomenon*, usual na Filologia para se referir a formas atestadas uma só vez, à morfologia derivacional. *Hápx* sufixal, nos termos apresentados, refere-se aos casos em que um sufixo aparece em uma única palavra derivada cuja base seja transparente semanticamente. São exemplos de *hápx* sufixal: -ebre (“casebre”), -oila (“moçoila”), -ardo (“felizardo”) e -anzil (“corpanzil”). Os autores propõem também a existência dos *quasi-hápx*, sufixos que aparecem em mais de um contexto morfológico, mas sem produtividade. Exemplos de *quasi-hápx* são: -edo (“rochedo”, “folhedo”, “arvoredo”), -iça (“justiça”, “injustiça”) e -idão (“escuridão”, “vermelhidão”, “podridão”, “vastidão”).

Esse capítulo, então, mostra como se abordar a chamada morfologia improdutiva, agenda de pesquisa que diferencia significativamente a MR da MC.

A coletânea *Morfologia Construcional: avanços em língua portuguesa* encerra com duas entrevistas feitas pelos organizadores: a primeira, com o professor Geert Booij, a segunda, com a professora Jenny Audring. Ambos os professores são da Universidade de Leiden (Holanda). Na primeira entrevista, Geert Booij comenta importantes questões do seu percurso nos estudos morfológicos e do modelo que tem defendido desde meados dos anos 2000. O linguista holandês explica como transitou de um paradigma gerativista para um paradigma construcional e como a MC tem se alinhado teoricamente com a GrC e com a LC. Trata também de questões relativas à esquematicidade, à polissemia, à categoria morfema nos estudos construcionais, à dicotomia léxico-gramática, aos processos não concatenativos de formação de palavras e à abordagem histórica da morfologia. Booij tece, ainda, importantes comentários sobre a MR, a já mencionada “prima” da MC.

Na segunda entrevista, a professora Jenny Audring fala também da sua trajetória nos estudos morfológicos, do seu interesse por tópicos relacionados ao gênero linguístico, da relação profissional com Ray Jackendoff e Geert Booij, das inovações da MR e de como esse modelo se diferencia da MC. São também abordadas questões relacionadas à produtividade, à importância do significado nos estudos morfológicos e à aquisição e processamento da linguagem. Jenny Audring, então, explica como essas questões estão sendo trabalhadas no modelo recém-proposto.

Após a apresentação dos pressupostos teóricos da MC e a descrição sinóptica dos capítulos e entrevistas que compõem este arsenal em formato de coletânea, espera-se que o livro *Morfologia Construcional: avanços em língua portuguesa* encontre leitores interessados na morfologia do português, e que esses novos leitores possam propor outros avanços teóricos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, K. E.; RONDININI, R. B. As “ianes” do porão: análise morfo-pragmática das atuais construções X-iane. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 20, n. 38, p. 121-147, 2016. Disponível em: <http://seer.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/P.2358-3428.2016v20n38p121/10097>. Acesso em: 30 jun. 2021.

B00IJ, G. E. Compounding and derivation: evidence for construction morphology. In: DRESSLER, W. U. et al. (ed.). *Morphology and its demarcations*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2005. p. 109-131.

B00IJ, G. E. Compounds and multi-word expressions in Dutch. In: SCLÜCKER, B. (ed.). *Complex lexical units: compounds and multiword expressions*. Mannheim: Institut für Deutsche Sprache; Berlin: De Gruyter, 2018. p. 95-126.

B00IJ, G. E. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

B00IJ, G. E. Construction Morphology and the Lexicon. In: MONTERMINI, F.; BOYÉ, G.; HATHOUT, N. (ed.). *Selected proceedings of the 5th Décembrettes: Morphology in Toulouse*. Somerville: Cascadilla Press, 2007. p. 34-44.

B00IJ, G. E. Inheritance and motivation in Construction Morphology. In: GISBORNE, N.; HIPPISEY, A. (ed.). *Defaults in morphological theory*. Oxford: Oxford University Press, 2017. p. 18-39.

B00IJ, G. E. Morphology in construction grammar. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALDE, G. (ed.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 255-273.

B00IJ, G. E. The nominalization of Dutch particle verbs: schema unification and second order schemas. *Nederlandse Taalkunde*, [s. l.], v. 20, n. 3, p. 285-314, 2015.

B00IJ, G. E. The role of schemas in Construction Morphology. *Word Structure*, [s. l.], v. 12, n. 3, p. 385-395, 2020.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CROFT, W. *Radical construction grammar: Syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

EVANS, V.; GREEN, M. *Cognitive Linguistics: an introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso e ensino de português. *Gragoatá*, Niterói, n. 36, p. 80-104, 2014. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/32985/18972>. Acesso em: 30 jun. 2021.

GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (ed.). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: The nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, C. A. V. Algumas notas sobre morfologia relacional: uma "prima" da gramática das construções. *Soletas*, Rio de Janeiro, v. 41, p. 290-314, 2021. Disponível em: https://pdfs.semanticscholar.org/e1d2/c605fb57c01914a-3872b2a1ad84b1351ce33.pdf?_ga=2.61906156.1199641828.1659031691-1661060762.1637590590. Acesso em: 30 jun. 2021.

GONÇALVES, C. A. V. Uma análise construcional das (de)formações lexicais com os nomes do atual chefe do executivo. *Gragoatá*, Niterói, v. 25, n. 52, p. 648-687, maio/ago. 2020b.

GONÇALVES, C. A. V. Uma análise construcional das formações lexicais baseadas em coronavírus no português brasileiro contemporâneo. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 89-111, maio/ago. 2020a.

GONÇALVES, C. A. V. *Morfologia construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016.

GONÇALVES, C. A. V.; ALMEIDA, M. L. L. de. Morfologia construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias. *Alfa*, São Paulo, v. 58, n. 1, p. 165-193, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/jj/alfa/a/RFD7h36Ytf-CYfHLhZJ3fvJf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 jun. 2021.

GONÇALVES, C. A. V.; CARVALHO, W. B. Morfologia Construcional aplicada à flexão. In: GONÇALVES, C. A. V. *Morfologia construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 131-145.

GONÇALVES, C. A. V.; OLIVEIRA, P. A. Morfologia construcional aplicada à re-composição. In: GONÇALVES, C. A. V. *Morfologia construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 71-81.

GONÇALVES, C. A. V.; PIRES, J. A. de O. Morfologia construcional aplicada à mudança morfológica: da composição à derivação. In: GONÇALVES, C. A. V. *Morfologia construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 49-69.

GONÇALVES, C. A. V.; TAVARES DA SILVA; J. C. Sobre o estatuto de *-nte*: evidência de um continuum flexão-derivação para a mudança morfológica do latim ao português. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 57-83, jan./abr. 2020.

GONÇALVES, C. A. V.; VIALLI, L. A. D. Abordagem construcional da reduplicação verbal em português. *Acta Semiótica et Linguística*, João Pessoa, v. 22, p. 115-138, 2017.

GONÇALVES, C. A. V.; VIALLI, L. A. D. Morfologia Construcional aplicada à composição reduplicativa. In: GONÇALVES, C. A. V. *Morfologia construcional: uma introdução*. Rio de Janeiro: Contexto, 2016. p. 83-108.

JACKENDOFF, R.; AUDRING, J. Relational Morphology: A Cousin of Construction Grammar. *Frontiers in Psychology*, [s. l.], v. 11, 2241, 2020a.

JACKENDOFF, R.; AUDRING, J. Relational Morphology in the Parallel Architecture. In: AUDRING J.; MASINI, F. (ed.). *The Oxford Handbook of Morphological Theory*. Oxford: Oxford University Press, 2018.

JACKENDOFF, R.; AUDRING, J. *The Texture of the Lexicon: Relational Morphology and the Parallel Architecture*. Oxford: Oxford University Press, 2020b.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*. Stanford: University Press, 1987.

LOPES, M. dos S. Compressão lexical: notas sobre um modelo semântico-histórico-construcional para análise de vocábulos derivados. *Gragoatá*, Niterói, v. 25, n. 52, p. 688-711, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/40851/26453>. Acesso em: 28 jan. 2021.

LOPES, M. dos S. *Estudo histórico-comparativo da prefixação no galego-português e no castelhano arcaicos (séculos XIII a XVI): aspectos morfolexicais, semânticos e etimológicos*. 2018. Tese (Doutorado em Língua e Cultura e em Linguística do Português) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador; Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2018.

Disponível em: http://ppglinc.letras.ufba.br/sites/ppglinc.letras.ufba.br/files/tese_-_mailson_lopes_-_2018_-_versao_definitiva_-_arquivo_dos_5_tomos_unificados.pdf. Acesso em: 28 jan. 2021.

LOPES, M. dos S. Um olhar semanticocêntrico sobre a prefixação em um documento português do século XIV. In: ALMEIDA, A. A. D.; SANTOS, E. S. dos (org.). *Linguagens e cognição*. Salvador: Edufba, 2016. p. 229-259. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/33312/1/linguagensecognicao-repositorio.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2021.

NÚCLEO DE ESTUDOS MORFOLÓGICOS DO PORTUGUÊS. [Site do NEMP]. Rio de Janeiro, [20—]. Disponível em: <https://www.nemp-rj.com/>. Acesso em: 28 jan. 2021.

OLIVEIRA, M. R. Linguística funcional centrada no uso e ensino. In: CASSEB-GALVÃO, V; NEVES, M. H. M. (org.). *O todo da língua: teoria e prática do ensino de português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017. p. 15-34.

PIRES, J. A. de O. *Uma abordagem construcional dos splinters não nativos no português do Brasil*. 2018. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

PROGRAMA PARA A HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA. *Morfologia e lexicologia históricas*. Salvador, [20—]. Disponível em: <https://www.prohpor.org/morfologia-lexico-historicos>. Acesso em: 28 jan 2021.

RIBEIRO, S.; RIO-TORTO, G. Composição. In: RIO-TORTO, G. et al. (ed.). *Gramática derivacional do português*. 2. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016. p. 385-431.

RODRIGUES, L. S. *Neologia antroponímica: o que os nomes de origem germânica têm a nos dizer?* 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-09092019-175043/publico/2019_LeticiaSantosRodrigues_VCorr.pdf. Acesso em: 26 out. 2020.

RODRIGUES, L. S. *Neologismos antroponímicos com base na utilização de formativos germânicos no Brasil*. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/19485/3/Neologismos%20antropon%20c3%admicos%20com%20base%20na%20utiliza%20>

c3%a7%c3%a3o%20de%20formativos%20germ%c3%a2nicos%20no%20Brasil.pdf. Acesso em: 26 out. 2020.

RODRIGUES, L. S. O papel da morfologia construcional na formação de antropônimos neológicos. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 108-123, jan./maio 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/31661/20600>. Acesso em: 26 out. 2020.

ROSITO DE OLIVEIRA, A. C. *As formações X-nejo no português do Brasil: uma análise construcional*. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SANTOS, A. V.; SIMÕES NETO, N. A. O esquema construcional [[X]-[mor]]N na história da língua portuguesa. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 18, p. 125-140, 2020.

SILVA, A. S. da. *A Semântica de Deixar: uma contribuição para a abordagem cognitiva em Semântica Lexical*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 1999.

SIMÕES NETO, N. A. *Um enfoque construcional sobre as formas X-eir-: da origem latina ao português arcaico*. 2016. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. 2. t.

SIMÕES NETO, N. A. *O esquema X-ari- do latim às línguas românicas: um estudo comparativo, cognitivo e construcional*. 2020c. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 5 v.

SIMÕES NETO, N. A. Do latim [[X]-utus]a ao português -[[X]-udo]a: considerações sobre a trajetória de um esquema morfológico adjetival. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 84-103, jan./abr. 2020b.

SIMÕES NETO, N. A. Do latim X-entus ao português X-ento: uma leitura morfossemântica orientada pela Morfologia Construcional. *Revista do GELNE*, Natal, v. 22, n. 2, p. 336-351, 2020a.

SIMÕES NETO, N. A.; SANTOS, A. V. dos. A categoria semântica de agente humano em compostos [VN]_N do português: uma leitura orientada pela morfologia construcional. In: FIGUEIREDO, C. et al. (org.). *Língua em movimento: história e funcionamento das línguas naturais*. Salvador: Edufba, 2020. p. 313-330.

SIMÕES NETO, N. A.; SOLEDADE, J. Um enfoque da Morfologia construcional sobre as formações X-ário no português arcaico. *Pontos de Interrogação*, Ala-

goinhas, v. 5, n. 1, p. 143-171, jan./jul. 2015. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20180516232903/https://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosde-int/article/viewFile/2692/1822>. Acesso em: 28 jan. 2021.

SIMÕES NETO, N. A.; SOLEDADE, J. Nomes masculinos X-son na antroponímia brasileira: uma abordagem morfológica, histórica e construcional. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 1295-1350, 2018. Disponível em: http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/12678/pdf_1. Acesso em: 18 fev. 2019.

SOLEDADE, J. Antropônimos, uso e cognição. In: SOLEDADE, J.; SIMÕES NETO, N. A. *Nomes próprios: abordagens linguísticas*. Salvador: Edufba, 2021. p. 17-50.

SOLEDADE, J. Esquemas construcionais no português arcaico: um estudo sobre X-ada1, X-ada2, X-ado, X-do, X-da. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 41-56, 2020.

SOLEDADE, J. Experimentando esquemas: um olhar sobre a polissemia das formações [[X -EIR]N] no português arcaico. *Diadorim*, Rio de Janeiro, p. 83-111, 2013. Número especial.

SOLEDADE, J. A hipótese da prevalência de construções biformativas em processos concatenativos e não concatenativos na formação de antropônimos neológicos no Brasil. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 61, p. 30-48, 2018.

SOLEDADE, J. De pecadores a sabedores: agentes de -dor no Livro das Aves. In: ALMEIDA, A. A. D.; LOPES, M. dos S. (org.). *Livro do livro das aves: estudos semânticos e morfológicos*. Salvador: Edufba, 2021.

SOLEDADE, J.; RODRIGUES, L. S.; SIMÕES NETO, N. A. A inovação antroponímica na Bahia dos séculos XIX, XX e XXI: uma interface entre antroponomástica e morfologia histórica. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 15, n. 2, p. 1-33, abr./jun. 2021. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosde-linguagem/article/view/57065/30691>. Acesso em: 19 jan. 2021.

SOLEDADE, J.; SIMÕES NETO, N. A. Uma abordagem construcional da antroponímia brasileira em perspectiva histórica. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS, 9., 2018, Salvador. *Anais [...]*. Salvador: Memória e Arte, 2020, p. 386-402.

TAVARES DA SILVA, J. C. A abordagem construcional nos estudos da morfologia do português: o modelo booiijiano em terras brasílicas. *Macabéa: Revista Eletrônica do Netlli, Crato*, v. 8, n. 2, p. 109-135, jul./dez. 2019.

TAVARES DA SILVA, J. C. *Esquemas de imagem na formação de denominais em português: o caso de -eiro e -ário*. 2017. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

TAVARES DA SILVA, J. C. *A semântica dos sufixos denominais*. Curitiba: Appris, 2020.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Change*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TUGGY, D. Schematicity. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (ed.). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 82-116.

VALENZUELA, J.; IBARRETXE-ANTUÑANO, I.; HILFERTY, J. La Semántica Cognitiva. In: IBARRETXE-ANTUÑANO, I.; VALENZUELA, J. (ed.). *Lingüística cognitiva*. Barcelona: Anthropos, 2012. p. 34-60.

Capítulo 1

A MORFOLOGIA CONSTRUCIONAL E AS MARCAS DE GÊNERO GRAMATICAL EM PORTUGUÊS

*Wallace Bezerra de Carvalho*¹

INTRODUÇÃO

Não é novidade que as marcas de gênero gramatical, bem como a própria categoria de gênero gramatical, são motivo de grande interesse entre os linguistas. Camara Júnior (1970, 1975), Cunha e Cintra (1985), Kehdi (2001), Nascimento (2009), Rocha (2008), Schwindt (2018), Villalva (2003), Zanotto (1986), dentre outros, são nomes que mostram que a dita flexão² de gênero dos nomes em português detém lugar cativo nos debates sobre a língua portuguesa. Com este capítulo, buscamos contribuir

1 Agradeço à Bruna Brasil de Carvalho pela leitura atenta deste texto. Obviamente, qualquer equívoco é de minha inteira responsabilidade.

2 Na próxima seção, discutimos de forma um pouco mais aprofundada a questão do tratamento da flexão em abordagens construcionistas.

com essa discussão, apontando caminhos construcionistas para o fenômeno. Para que isso aconteça, nos baseamos, principalmente, nos trabalhos feitos em Morfologia Construcional (MC) (BOOIJ, 2010, 2016; GONÇALVES, 2016), e, de forma mais ampla, na Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU). (DIESSEL, 2015; GOLDBERG, 2013; PINHEIRO, 2016)

No decorrer do texto, abordamos a flexão a partir do ponto de vista da MC, bem como da GCBU. As próximas páginas apresentam nossas análises sobre as marcas de gênero gramatical no português brasileiro. Apontamos que o português brasileiro possui duas Construções de Gênero Gramatical (CGGr) de formas $[[N]-a]_N$ e $[[N]-o]_N$ e funções $\{\{\text{SEM}\} \text{GÊNERO SOCIAL FEMININO/SEXO BIOLÓGICO FÊMEA}\}$ e $\{\{\text{SEM}\} \text{GÊNERO SOCIAL MASCULINO/ SEXO BIOLÓGICO MACHO}\}$. Essas funções, por sua vez, são baseadas nos *frames* relativos à binariedade de gêneros sociais/sexos biológicos. Ainda, observamos a relação dessas e uma incipiente construção neutralizante, em que se associam a forma $[[N]-e]_N$ à função $\{\{\text{SEM}\} \text{SEM ESPECIFICAÇÃO DE GÊNERO SOCIAL/SEXO BIOLÓGICO}\}$.

Este capítulo está organizado como segue. Na próxima seção, discutimos como abordagens construcionistas, em especial a MC, abrem espaço para que o tratamento de processos flexionais seja feito de forma similar a como são compreendidos outros fenômenos morfológicos, ou até mesmo fenômenos de outros níveis linguísticos. Em seguida, na seção posterior, nos debruçamos sobre as marcas de gênero no português brasileiro, apontando suas formas, funções, e uma possível formalização descritiva. Nessa mesma seção, buscamos aprofundar a maneira como o fenômeno sustenta a tese do conhecimento linguístico interconectado, analisando a relação entre marcas de gênero e o Princípio da Não Sinonímia. Também debatemos de que maneira o tratamento construcionista explica novidades linguísticas, como é o caso de novos usos da vogal final átona -e, em dados como “namorade” e “colegue”. Por fim, encerramos o capítulo com nossas palavras finais.

FLEXÃO E MC

Ponto comum em diferentes versões da Gramática de Construções, o entendimento de que o conhecimento linguístico é, na realidade, uma rede interconectada de pareamentos forma-função – as construções – (GOLDBERG, 2006, 2013; PINHEIRO, 2016) torna possível que usemos o mesmo aparato teórico para o tratamento dos diferentes níveis linguísticos, como apontado por Pinheiro (2015).

A possibilidade de palavras, padrões morfemáticos, sintáticos, prosódicos, entre outros tantos, poderem ser tratados a partir de um conceito único faz com que a diferenciação entre categorias linguísticas seja menos valorizada.³ É nessa esteira que a flexão e a derivação passam a ser consideradas produtos de um mesmo processo e, portanto, não tão distintas.

A divisão entre os diferentes processos morfológicos, como vimos no parágrafo anterior, enfrenta alguns problemas quando observada através de lentes construcionistas. Primeiramente, por motivos práticos, a nomenclatura relacionada aos processos está comprometida com outras abordagens, e.g., abordagens lexicalistas; tal é o caso dos termos “morfema”, “desinência” etc. Segundo, questionamos se podemos categorizá-los diversamente, já que os mesmos processos cognitivos são mobilizados na apreensão das diferentes construções. A bem da verdade, a própria concepção de níveis linguísticos apartados passa a ser apenas um artifício didático e não um entendimento de que o conhecimento se estrutura dessa maneira.

Sendo assim, é possível, ainda, trabalhar com a diferenciação flexão x diferenciação? Tal consideração pode ser entendida como radicalização que encontra lastro em estudos anteriores mais moderados e não necessariamente, construcionistas, como é o caso de Gonçalves

3 Ainda que em Diessel (2019) o autor aponte diferenças de processamento entre construções no nível das palavras (o que ele chama de *lexemas*) e construções no nível sintático (o que ele chama, simplesmente, de *construções*).

(2011). Estes apontavam as múltiplas semelhanças entre os processos. Quando lidamos com Gramática de Construções, o enfoque passa a ser outro. Da investigação sobre o que caracteriza um processo e outro, passamos a investigar quais as causas das diferenças entre processos. Perguntas como “o que faz a construção relacionada a gênero gramatical [N-a]⁴ estar presente em mais nomes da língua que a construção [N-eiro]⁵ e “o que faz [N-a] ter maior relação com construções sintáticas que [N-eiro]?” passam a ter relevância.

Contudo, a pergunta que se mantém é: como podemos nos referir a construções relacionadas a processos flexionais e derivacionais? Ou mesmo, no limite, como nos referir a construções morfológicas e sintáticas? Uma resposta possível é a manutenção de alguns desses termos sob a compreensão de que se lida com nomenclaturas puramente didáticas e, portanto, artificiais. Essa é a postura que nos guiará neste capítulo. Assim, caso utilizemos termos como “construções flexionais” e “construções derivacionais”, o fazemos unicamente para apontar como esses padrões são tratados na literatura, tendo como farol a noção de que esses termos são apenas didatizações que conversam com a tradição dos estudos linguísticos.

Essa discussão, ainda que implícita, perpassa o tratamento de fenômenos tidos na literatura como flexionais nas proposições apresentadas em *Construction Morphology* (BOOIJ, 2010), e é materializada, por vezes, em menções ao processo e em algumas exemplificações. Encontramos essa mesma forma de discussão em trabalhos anteriores, como Booij (2005). No entanto, o processo ainda não havia sido detalhadamente descrito.⁶ Esse espaço passa a ser timidamente ocupado alguns anos depois em Booij (2012, 2013, 2016), Van der Spuy (2017) e, em português, Gonçalves (2016).

4 Descrita em Carvalho (2019).

5 Descrita em Tavares da Silva (2017).

6 Fato apontado pelo autor em palestra ministrada nos Estados Unidos da América (BOOIJ, 2013), e disponível de forma *on-line*.

Em todas essas discussões, como é de se esperar, premissas básicas são compartilhadas com trabalhos que estão sob o escopo da GCBU. Diessel (2015) aponta a existência de diferentes abordagens construcionistas que se relacionam pela concepção de que o conhecimento linguístico é apreendido a partir do uso. Além disso, segundo Pinheiro (2015), o uso afeta de modo contínuo a maneira como o conhecimento linguístico se configura. Não surpreende, portanto, o entendimento de que a MC seja observada sob essa perspectiva, já que esse posicionamento é indicado em passagens que apresentam a teoria como uma abordagem “[...] em que morfemas não são blocos com significados independentes que são concatenados para formar palavras, mas, na verdade, adquirem seu significado a partir de instâncias concretas em que aparecem”. (VAN DE VELDE, 2018, p. 520, tradução nossa)⁷ Além de discorrer sobre uma abordagem de morfologia baseada em palavras, o trecho anterior aponta para a importância do uso na apreensão de esquemas morfológicos.

Assim, algumas questões ganham forte apelo na abordagem de processos tradicionalmente tidos como flexionais. Torna-se relevante entender como funcionam, nos fenômenos ditos flexionais, o Princípio da Não Sinonímia (GOLDBERG, 1995) e o bloqueio estatístico (GOLDBERG, 2016), a maneira como construções são combinadas (PINHEIRO, 2016) e se relacionam na rede construcional (BOOIJ, 2010; DIESSEL, 2019; GONÇALVES, 2016), a relevância dos níveis mais baixos da rede no uso linguístico (LANGACKER, 2008) e na apreensão linguística (TOMASELLO, 2009), entre outros.

7 “[...] in which morphemes are not building blocks with independent meaning that are concatenated to form words, but rather get their meaning from the concrete instances they appear in”. (VAN DE VELDE, 2018, p. 520)

AS MARCAS DE GÊNERO DO PORTUGUÊS

Este capítulo se pauta nas discussões sobre marcas de gênero, vogais temáticas nominais e suas relações no português. Sem negar que a literatura sobre o assunto é vasta, aqui discutimos um novo tratamento aos formativos. A proposta é que as ditas desinências de gênero e vogais temáticas, principalmente -a e -o, como no par “menin-a/menin-o” e no par “mat-a/mat-o”, são, na verdade, concebidas a partir da mesma construção. Isso significa dizer, basicamente, que não há diferenças entre desinências de gênero e vogais temáticas. Sob essa perspectiva, entende-se que a divisão entre as duas categorias é apenas superficial, não refletindo a realidade psicológica da gramática.⁸

Neste texto, propomos que a MC, tão logo a GCBU, consegue dar conta dessa hipótese. Isso acontece justamente por conta de a abordagem fornecer instrumental que possibilite tratar problemas relacionados à forma, bem como aqueles relacionados à função.

SOBRE A FORMA

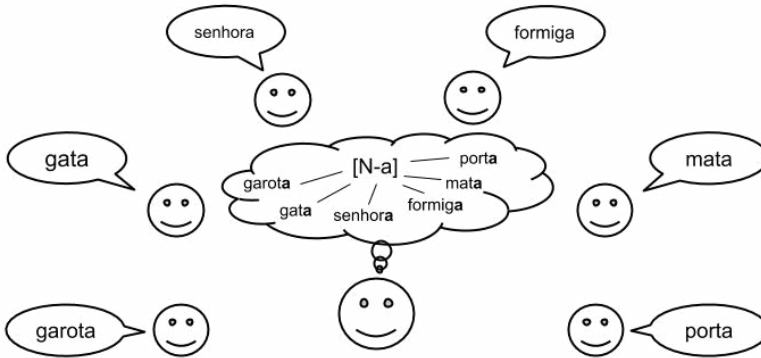
Segundo Croft (2001), aprendemos as formas e as categorias linguísticas a partir do uso. Booij (2010) argumenta que é a partir da experiência que temos com as palavras que podemos categorizar e depreender formas que, tradicionalmente, entendemos como morfemas. Assim se dá com as marcas de gênero gramatical. São as experiências dos falantes com substantivos de final -a e -o que os fazem depreender as formas $[[N]-a]_N$ e $[[N]-o]_N$.⁹

8 Em estudos específicos sobre gênero gramatical, a divisão entre gênero gramatical e classes nominais é indicada como fruto de tradições teóricas, como apontado por Corbett (1991).

9 Neste texto, reservaremos os termos $[N-a]$ e $[N-o]$ para nomear as CGGr individualmente. $[[N]-a]_N$ e $[[N]-o]_N$ são usados para descrever a forma das construções.

O processo de categorização toma lugar nesses contextos. É por meio da experiência com diferentes instâncias que os falantes percebem as similaridades, abstraem as diferenças e, assim, generalizam as formas. Esse processo é ilustrado (simplificadamente), a seguir, na Figura 1:

Figura 1 – Categorização da construção [N-a]



Fonte: elaborada pelo autor.

A ilustração representa o processo de categorização do polo formal da construção [N-a].¹⁰ Um falante, que chamaremos de “Fulano”, experiencia palavras fechadas pela vogal final átona -a. Conforme essas palavras são ouvidas, Fulano nota, (in)conscientemente, que essas palavras possuem similaridades, apesar de possuírem diferenças formais e funcionais evidentes. No caso exposto, as formas prenunciam uma base, notadamente um nome, e a vogal final -a. Todo esse percurso envolve processos como o da comparação (ao comparar as diferentes experiências), analogização (ao equiparar as experiências devido às similaridades), abstração (ao desconsiderar as diferenças

10 Cabe explicitar que a ilustração é uma super simplificação do processo por dois motivos: na apreensão/no aprendizado de construções, o falante é exposto a muito mais dados do que é possível de se ilustrar; a ilustração não apresenta a granularidade referente às diversas manifestações sonoras de uma palavra.

mais drásticas), para, enfim, se generalizar a forma $[[N]-a]N$. Processo similar acontece com a construção $[N-o]$. Experiências de uso com palavras como garot-o, gat-o, crocodil-o, cadern-o, entre outras, fazem com que o falante apreenda a construção $[N-o]$.

SOBRE A FUNÇÃO

Já apontada por Gonçalves (2016), a descrição funcional na MC se mostra um problema constante. Apesar de apontar para possíveis significados em seus trabalhos, Booij lança mão, no mais das vezes, de paráfrases que não conseguem dar conta minimamente das funções presentes num pareamento forma-função. Por isso, esta seção se encarrega de apontar uma hipótese para a função da construção $[N-a]$.

Assim como acontece com o polo formal das construções, o polo funcional é apreendido a partir de experiências com a construção, a partir da língua em uso. Bybee (2010) afirma que as características funcionais de cada experiência que se tem com um item linguístico são apropriadas e absorvidas. A autora parte de um ponto de vista para abordagens de modelos de exemplares. No entanto, tal apontamento é também válido para abordagens construcionistas baseadas no uso.

Um problema que se coloca é saber a função associada às vogais finais átonas; se é a partir dos usos que os falantes associam uma forma a uma função, a que funções estão associadas as formas $[[N]-a]_N$ e $[[N]-o]_N$? Aqui, defendemos que essa função é baseada nos *frames* relativos a categorias de gênero social/sexo biológico. (CARVALHO, 2019; NASCIMENTO, 2009) Isso se dá por conta da associação dessas categorias à categoria morfológica de gênero gramatical.

É comum que as línguas do mundo associem a categoria de gênero gramatical aos gêneros sociais/sexos biológicos (CORBETT, 1991), apesar de essa não ser a única possibilidade. No português, a associação gênero gramatical – gênero social/sexo biológico se mostra presente. Empiricamente, podemos constatar isso por meio dos pares menina/menino, gata/gato, mulher/homem, cabra/bode, em que o

primeiro item dos pares é gramaticalmente feminino, e o segundo, masculino. Nesses pares, ao item com referente percebido como um ser de gênero social feminino e/ou sexo biológico “fêmea” é atribuído gênero gramatical feminino; o oposto se dá com seres percebidos como de gênero social masculino e/ou sexo biológico “macho”.

Ainda que a vasta maioria dos substantivos dicionarizados do português (94,5%) seja de referência assexuada (SCHWINDT, 2018), esse fato não impede a associação entre gênero gramatical e gênero social/sexo biológico. Cognitivamente, seres vivos, especialmente humanos, são muito mais relevantes para nós que objetos inanimados, ponto levantado em Schwindt (2000b). De fato, ainda que, numericamente, a verbalização de um conceito seja baixa, as experiências com esse conceito podem ser altas, o que aumenta sua relevância. (HILPERT, 2020) Esses apontamentos reforçam a tese de que gênero gramatical tem suas bases semânticas nos *frames* de gênero social/sexo biológico se aliados ao fato de a distribuição entre gêneros gramaticais feminino e masculino ser relativa à percepção de gênero social/sexo biológico do referente.

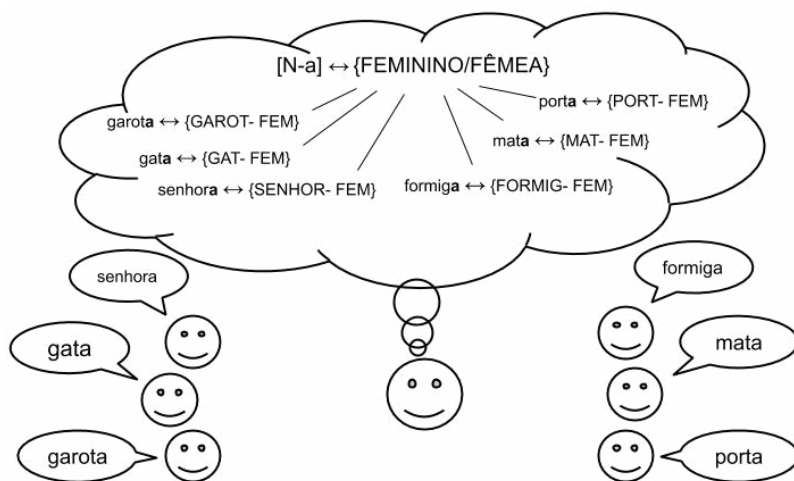
Por fim, nesta elucubração, alguns últimos dados podem nos ser importantes. Schwindt (2018) aponta que, em léxico dicionarizado, 95,1% das palavras fechadas por vogal átona -a são de gênero gramatical feminino, e 99,9% daquelas fechadas por vogal átona -o são de gênero gramatical masculino. Ainda no mesmo estudo, em análise de corpus de uso, o autor aponta que 89,6% das palavras com vogal átona final -a encontradas são gramaticalmente femininas, e 100% das com vogal átona final -o são gramaticalmente masculinas. Esses números, postos ao lado das reflexões apontadas nos parágrafos anteriores, apontam para a associação gênero gramatical – gênero social/sexo biológico – formas $[[N]-a]_N$ e $[[N]-o]_N$.

Assim, nossas considerações passam a ganhar seus contornos. Considerando-se que gênero gramatical e gênero social/sexo biológico tenham estreita conexão, mais especificamente, que o primeiro tenha suas bases semânticas em *frames* associados aos outros dois,

é possível argumentar que as formas $[[N]_i-a]_N$ e $[[N]_j-o]_N$ sejam pareadas às funções $\{\{SEM\}_i \text{ GÊNERO SOCIAL FEMININO/FÊMEA}\}$ e $\{\{SEM\}_j \text{ GÊNERO SOCIAL MASCULINO/MACHO}\}$. Em um primeiro momento, o ser humano, aprendiz de português,¹¹ categoriza sexos biológicos e os gêneros sociais¹² de forma binária em *frames*. Então, parte dessa categorização para seu entendimento de uma categoria mais abstrata (gênero gramatical). Por fim, associa essa categoria às formas $[[N]-a]_N$ e $[[N]-o]_N$.

Finalmente, é preciso destacar que o processo de apreensão da forma e da função acontece simultaneamente, já que ambos são dois polos de uma construção. Ao retomarmos a ilustração apresentada na Figura 1, adicionando o polo funcional da construção, temos o seguinte resultado (Figura 2):

Figura 2 – Categorização da construção $[[N]_i-a]_N \leftrightarrow \{\{SEM\}_i \text{ GÊNERO SOCIAL FEMININO/SEXO BIOLÓGICO FÊMEA}\}$



Fonte: elaborada pelo autor.

- 11 Entendendo que esse/essa aprendiz cresce em uma sociedade que distribua os sexos e gêneros sociais binariamente.
- 12 Construções sociais, localizadas histórica e culturalmente com bases nas diferenças entre corpos humanos e na maneira como, socialmente, essas características são percebidas. (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2013; SENKEVICS; POLIDORO, 2012)

SOBRE FORMALIZAÇÃO

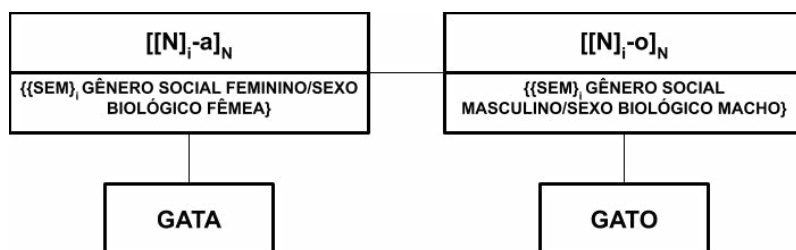
Para formalizar as representações das construções apresentadas neste capítulo, estamos baseados em Booij (2010), com pequenas diferenças. Isso é feito para estabelecer uniformidade na maneira como as construções aqui mencionadas são descritas.

Por isso, quando houver referência ao polo formal de uma construção, veremos o símbolo colchete “[]” para representá-lo. O mesmo símbolo é usado para apontar a base. Subscrições apontarão a classe lexical à qual aquela construção é associada. Dessa maneira, assim veremos as representações formais: $[[N]-a]_N$; $[[N]-o]_N$; e $[[N]-e]_N$. No caso de referências ao polo funcional, o símbolo chave “{ }” é utilizado, bem como letras em caixa alta internas às chaves. Além disso, veremos a representação {SEM} interna às chaves; essa corresponde ao termo “semântica”. Desse modo, assim indicamos os polos funcionais das construções aqui discutidas: {{SEM} GÊNERO SOCIAL FEMININO/SEXO BIOLÓGICO FÊMEA} e {{SEM} GÊNERO SOCIAL MASCULINO/ SEXO BIOLÓGICO MACHO}; {{SEM} SEM ESPECIFICAÇÃO DE GÊNERO SOCIAL/SEXO BIOLÓGICO}. Quando mencionamos e/ou descrevemos uma construção com os dois polos postos lado a lado, a seguinte distribuição é utilizada: polo formal à esquerda, polo semântico à direita e setas duplas ao meio, conectando ambos, com subscrições apontando correspondências entre membros dos polos funcional e formal: $[[N]_i-a]_N \leftrightarrow \{\{SEM\}_i \text{ GÊNERO SOCIAL FEMININO/SEXO BIOLÓGICO FÊMEA}\}$; $[[N]_i-o]_N \leftrightarrow \{\{SEM\}_i \text{ GÊNERO SOCIAL MASCULINO/ SEXO BIOLÓGICO MACHO}\}$; $[[N]_i-e]_N \leftrightarrow \{\{SEM\}_i \text{ SEM ESPECIFICAÇÃO DE GÊNERO SOCIAL/SEXO BIOLÓGICO}\}$.

Fora da escrita corrente, no entanto, utilizamos outra formalização. Às custas de uma possível redundância, essa posição é adotada por dois motivos: (i) melhor organização textual; (ii) ilustração da rede construcional, indicando as relações das construções entre si.

Cada construção é representada por um retângulo¹³ atravessado por uma linha medial. Nesse retângulo, o polo formal é disposto na parte superior e o polo funcional é disposto na metade inferior. Quando conectada a outras construções ou a possíveis construtos, esses retângulos serão conectados por linhas simples, como vemos a seguir:

Figura 3 – Representação de rede construcional



Fonte: elaborada pelo autor.

SOBRE O PRINCÍPIO DA NÃO SINONÍMIA

É comum que diferentes autores (CAMARA JÚNIOR, 1970; ROCHA, 2008; VILLALVA, 2003) afirmem haver também o que chamam de morfemas derivacionais relativos a gênero gramatical (“conde”, “condessa”, “czar”-“czarina”, “barão”-“baronesa”). A existência desses formativos apresenta um outro debate que incide diretamente nas considerações aqui apresentadas. Como esses morfemas são descritos como morfemas de gênero, o Princípio da Não Sinonímia, como visto em Goldberg (1995), entra em jogo.

Aqui, afirma-se que as formas $[[N]-a]N$ e $[[N]-o]N$ estão pareadas às funções $\{\{\text{SEM}\} \text{ GÊNERO SOCIAL FEMININO/SEXO BIOLÓGICO FÊMEA}\}$ e $\{\{\text{SEM}\} \text{ GÊNERO SOCIAL MASCULINO/SEXO BIOLÓGICO MACHO}\}$ no estágio atual do português brasileiro. Contudo,

13 Construtos são representados por retângulos sem divisões com itens lexicais em caixa alta.

caso formas como [N-essa] (“condessa”), [N-ina] (“czarina”) e [N-esa] “baronesa” fizessem parte do constructicon dos falantes de português brasileiro, um problema se poria: o que diferencia as pretensas construções [N-essa] e [N-ina] da construção [N-a], já que ambas, supostamente, significam o mesmo?

A primeira consideração a ser feita é sobre o atual estágio da língua e a produtividade dessas construções. É possível rastrear novas formas que atualizam as construções [N-a] e [N-o],¹⁴ tal qual se vê nos nomes próprios “Trumpa” – feminino de “Trump” – e “Ludmillo” – masculino de “Ludmilla”. O mesmo não é percebido para as hipotéticas construções [N-essa], [N-ina], [N-esa], [N-isa], [N-triz], estando esses padrões restritos a algumas poucas palavras consolidadas na língua.

Além disso, dentro de propostas construcionistas, principalmente nas baseadas no uso, a língua de um ser humano é apreendida através da experiência, através do uso concreto. É a partir dos dados concretos que um ser humano pode abstrair esquemas e, destes, esquemas ainda mais abstratos. Porém, construções altamente abstratas não são tão cruciais para o uso real de linguagem.¹⁵ Na maior parte do tempo, língua se faz através de repetições de padrões, como visto em Bybee (2010). Nessa linha de argumentação, como explicado em Langacker (1988), o ser humano lança mão de abstrações mais básicas, mais próximas do concreto, na língua corrente.

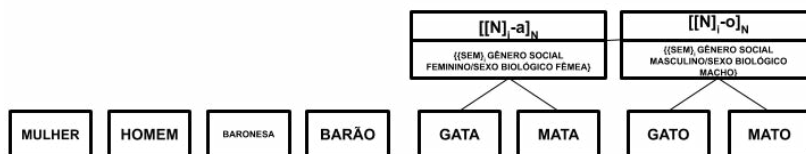
Esse parece ser o caso de palavras como “condessa”, “baronesa”, “papisa”, “poetisa”, “rapariga”, “czarina”, entre outras. Para que tais palavras sejam entendidas, um esquema mais abstrato que apresente sua terminação como indicativa de gênero não parece ser necessário. Tais itens são mais restritos na língua, não sendo tão comuns no uso corrente.

14 Na seção “Sobre relações paradigmáticas”, discute-se a existência da construção [N-e].

15 Importante deixar claro que algum nível de abstração é necessário para o uso linguístico, do contrário, criatividade linguística e recursividade não poderiam ser explicados.

Dessa maneira, falantes têm pouco contato com as construções em potencial, o que faz com que não utilizem os padrões para entenderem ou criarem novas palavras. Como resultado, esquemas mais abstratos não se formam, ou, ao menos, não se sustentam,¹⁶ fazendo com que tais terminações sejam reservadas a palavras específicas. Sob essa ótica, palavras como “czarina” e “sacerdotisa” passam a funcionar como palavras simples, e não complexas, de forma parecida a pares de palavras que se diferenciam em gênero por heteronímia, como “homem”-“-mulher”, “bode”-“-cabra”.¹⁷ Tais situações são representadas pela rede construcional a seguir (Figura 4).

Figura 4 – Rede de construções



Fonte: elaborada pelo autor.

SOBRE RELAÇÕES PARADIGMÁTICAS

Booij (2010) e Gonçalves (2016) chamam atenção para aquilo que nomeiam de relações paradigmáticas, *i.e.*, relações que palavras complexas de mesma base e de mesmo grau de complexidade estabelecem entre si. Aspecto interessante de palavras desse tipo é o fato de motivarem seus significados mutuamente, como acontece no par “comu-

16 Pode-se hipotetizar que esquemas sejam abstraídos dessas palavras tendo em vista o ensino de morfologia na educação formal. No entanto, pela pouca produtividade dessas formas em uso corrente, essas possíveis esquematizações parecem estar restritas àquele contexto e, após isso, se perdem. É necessário, contudo, que uma investigação mais profunda seja realizada.

17 O par “rei”-“rainha” funciona como bom exemplo da afirmação, já que, historicamente, a forma feminino vem de um processo derivacional (há um diminutivo no feminino). Entretanto, suas formas atuais, hoje, são itens lexicais distintos.

nista” – “comunismo”, em que a primeira se refere à pessoa ou organização que segue as premissas do comunismo, e a segunda se refere ao conjunto de ideias seguidas por comunistas. Gonçalves (2016) mostra que esse não é um fenômeno isolado na língua, como se vê nos pares “altruísmo”-“altruísta”, “comunismo”-“comunista”, “consumismo”, “consumista”, “pacifismo”-“pacifista” e “budismo”-“budista”.

Gonçalves (2016) aponta a vantagem do tratamento desse fenômeno de forma bidirecional, e não a partir de regras. Podemos considerar que as construções [N-a] e [N-o] se relacionam paradigmaticamente.¹⁸ Sob essa perspectiva, as construções [N-a] e [N-o] funcionam de maneira similar às construções [X-ismo] - [X-ista]. Assim, quando nos deparamos com um construto envolvendo a construção [N-a], e.g., “viúva”, conseguimos produzir o construto “viúvo”, assim como acontece com formas como “sereio”, “princeso” e “muso”.

Com esses exemplos, verificamos, ainda, que não necessariamente os nomes em português são formados a partir da forma masculina, como defendem autores como Camara Júnior (1970). O que acontece, na verdade, é a apreensão de palavras, sua associação a uma construção mais genérica por coincidência de forma e função, seguida por sua (possível) combinação com construções paradigmaticamente relacionadas, num processo bidirecional.

Tomemos o exemplo de “viúva”, que Viaro (2011) afirma ser uma forma anterior à forma “viúvo”. Em abordagens que tomem formas de masculino como base, explicações para esse fenômeno são impossíveis. Na abordagem proposta aqui, podemos explicar o fenômeno afirmando que a palavra “viúva” é a forma primeva, e, pelo fato de as construções [N-a] e [N-o] estarem ligadas paradigmaticamente e os falantes perceberem a construção como parte da palavra “viúva”, a palavra “viúvo” se torna possível.

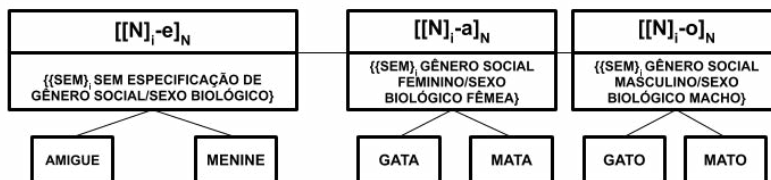
18 Essa posição, em si, não é novidade, já que esse é, inclusive, um fenômeno que pode ser entendido como característico do processo flexional em abordagens não construcionistas da linguagem.

Nesse mesmo caminho, é possível explicar o caso da chamada “linguagem inclusiva”, que usa a vogal final átona -e como forma de neutralização de gênero, como em “menin-**e**” e “amigu-**e**”. O uso da vogal final -e tem sido observado cumprindo esse papel. Uma possibilidade para essa adoção foi por conta de, diferentemente das outras duas CGGr ([N-a] e [N-o]), essa não estava associada nem ao *frame* “fêmea”, nem ao *frame* “macho”. Essa dissociação pode ter sido motivada por conta das relações paradigmáticas envolvendo as vogais finais átonas em substantivos.

Caso consideremos essa proposta como verdadeira, encontramos uma explicação para o uso de -e como forma neutralizante. É possível que uma construção [N-e] esteja, também, paradigmaticamente relacionada às construções [N-a] e [N-o]. Nesse sentido, ao contrário de [N-a] e [N-o], que em seu polo semântico apresentam {{SEM} GÊNERO SOCIAL FEMININO/SEXO BIOLÓGICO FÊMEA} e {{SEM} GÊNERO SOCIAL MASCULINO/ SEXO BIOLÓGICO MACHO}, respectivamente, [N-e], em construtos como “não binária”, apresenta um significado de {{SEM} SEM ESPECIFICAÇÃO DE GÊNERO SOCIAL/ SEXO BIOLÓGICO}.

Tendo em vista o que discutimos até aqui, uma rede com três CGGr pode ser desenhada como na Figura 5, a seguir:

Figura 5 – Rede construcional das CGGr



Fonte: elaborada pelo autor.

PALAVRAS FINAIS

Já na introdução deste capítulo, apontamos que sob a ótica da MC, ou mesmo da GCBU, o conhecimento linguístico é mais bem compreendido como uma rede de construção interconectada, um grande léxico que coleciona desde construções morfológicas a construções prosódicas. Como conclusão lógica, construções tidas na tradição como flexionais também fazem parte dessa rede. Tratamos, então, para ilustrar essa proposta das CGGr [N-a] e [N-o], representadas em palavras como “menin-a”, “menin-o”, “gat-a”, “gat-o”, “cigarr-a”, “percevej-o”, “barc-a”, “barc-o”.

Propusemos, de entrada, que essas construções apresentam em seu polo formal as vogais finais átonas -a e -o, associadas a uma base nominal, e, em seu polo funcional, alusão aos *frames* gêneros sociais/sexos biológicos feminino/fêmea e masculino/macho. Esse significado se mostra presente nos nomes aos quais a construção é combinada, independente da animacidade do referente. Vimos, no decorrer do capítulo, que essa relação existe por dois motivos: (i) tratamos aqui de uma morfologia baseada em palavras; (ii) que pode ser entendida como também baseada no uso. Esses dois pontos lidam com a forma como uma língua é apreendida. É a partir do uso que reconhecemos as palavras e seus significados, nunca dissociados, e é a partir da experiência com as palavras que apreendemos construções morfológicas. O processo não é diferente com as construções [N-a] e [N-o], que, inclusive, estão suscetíveis a diferentes princípios psicológicos, como é o caso do Princípio da Não Sinonímia e padrões associativos, como é o caso das relações paradigmáticas (que explicam casos, por exemplo, de formação bidirecional).

Por fim, pudemos perceber que a MC dá contribuição elegante à questão de palavras fechadas por vogal final átona -e com intenções neutralizantes, como “menin-e” e “vizinh-e”. A partir das relações paradigmáticas, às quais as construções [N-a] e [N-o] estão sujeitas, além de processos de comparação, analogização e generalização, a forma final

-e pode ser entendida como parte de uma construção [N-e] e pareada a uma função {SEM ESPECIFICAÇÃO DE GÊNERO/SEXO}, que anule aquelas relacionadas às formas mencionadas anteriormente.

REFERÊNCIAS

- ARONOFF, M. Word formation in generative grammar. *Linguistic Inquiry Monographs Cambridge, Mass*, n. 1, p. 1-134, 1976.
- B00IJ, G. Compounding and Derivation. Evidence for Construction Morphology. In: DRESSLER, W. U. et al. (ed.). *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam: John Benjamins, 2005. p. 109-131.
- B00IJ, G. Construction Morphology. In: HIPPISEY, A.; STUMP, G. (ed.). *The Cambridge Handbook of Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016, p. 424-448.
- B00IJ, G. E. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- B00IJ, G. E. The construction of words. In: DANCYGIER, B. *The Cambridge handbook of cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. 229-245.
- B00IJ, G. E. Inheritance and Construction Morphology. Kentucky: University of Kentucky, 2012. 1 vídeo (78 min). Defaults in Morphological Theory Workshop University of Kentucky 2012. Disponível em: <https://linguistics.as.uky.edu/video/defaults-morphological-theory-workshop-inheritance-and-construction-morphology>. Acesso em: 29 nov. 2019.
- B00IJ, G. E. Morphology in construction grammar. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (ed.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 255-273.
- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CAMARA JÚNIOR, J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1970.
- CAMARA JÚNIOR, J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

CARVALHO, W. B. de. *Sobre pipocos e dicionárias: uma abordagem construcionista e relativista da flexão de gênero*. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

CORBETT, G. G. *Gender*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

CROFT, W. *Radical construction grammar: Syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon, 1985.

DIESSEL, H. *The grammar network*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

DIESSEL, H. Usage-based construction grammar. In: DABROWSKA, E.; DIVJAK, D. (ed.). *Handbook of cognitive linguistics*. Berlin: DeGruyter, 2015. p. 295-321.

ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. *Language and gender*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. Constructionist approaches. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (ed.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 15-31.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: The nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. E. Partial productivity of linguistic constructions: Dynamic categorization and statistical preemption. *Language and cognition*, [s. l.], v. 8, n. 3, p. 369-390, 2016.

GONÇALVES, C. A. V. *Iniciação aos estudos morfológicos: flexão e derivação em português*. São Paulo: Contexto, 2011.

GONÇALVES, C. A. V. *Morfologia construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016.

HILPERT, M. Diachronic Corpora, Culture, and Constructional Change. [S. l.: s. n.], 2020. (88 min). Canal Abralin ao vivo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5ndCXa9yn3o&t=1006s>. Acesso em: 29 nov. 2020.

- HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (ed.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- KEHDI, V. *Morfemas do português*. São Paulo: Ática, 2001.
- LANGACKER, R. W. *Cognitive grammar: a basic introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- LANGACKER, R. W. An overview of cognitive grammar. *In*: RUDZKA-OSTYN, B. (ed.). *Topics in cognitive linguistics*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1988. p. 127-161.
- NASCIMENTO, M. J. R. do. *Repensando as vogais temáticas nominais a partir da gramática das construções*. 2006. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- NASCIMENTO, M. J. R. do. Vogal temática e gênero no português. *In*: ALMEIDA, M. L. L. et al. (org.). *Linguística cognitiva em foco: morfologia e semântica do português*. Rio de Janeiro: Publit, 2009. p. 123-140.
- PINHEIRO, D. Um modelo gramatical para a linguística funcional-cognitiva: da Gramática de construções para a gramática de construções baseada no uso. *In*: ALVARO, P. T.; FERRARI, L. (org.). *Linguística cognitiva: da linguagem aos bastidores da mente*. Campos de Goytacazes: Brasil Multicultural, 2016. p. 20-41.
- PINHEIRO, D. Sintaxe Construcionista. *In*: OTHERO, G. de A.; KENEDY, E. (org.). *Sintaxe, sintaxes: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 163-184.
- ROCHA, L. C. de A. *Estruturas morfológicas do português*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.
- SCHWINDT, L. C. Existe gênero neutro em português? [S. l.: s. n.], 2000a. (90 min). Canal Abralín ao vivo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_AdQFP3ssAY. Acesso em: 29 nov. 2020.
- SCHWINDT, L. C. Exponência de gênero e classe temática em português brasileiro. *DELTA*, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 745-768, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/FpZtSbJtQpLsw4MMtPNhrnR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 out. 2020.
- SCHWINDT, L. C. Gênero neutro em PB: possibilidades e limites do sistema. [S. l.: s. n.], 2000b. (90 min). Canal Abralín ao vivo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_AdQFP3ssAY. Acesso em: 29 nov. 2020.

- SENKEVICS, A. S.; POLIDORO, J. Z. Corpo, gênero e ciência: na interface entre biologia e sociedade. *Revista da Biologia*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 16-21, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revbiologia/article/view/108728/107151>. Acesso em: 10 maio 2019.
- TAVARES DA SILVA, J. C. *Esquemas de imagem na formação de denominais em português: o caso de -eiro e -ário*. 2017. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- TOMASELLO, M. *Constructing a language*. Cambridge: Harvard University Press, 2009.
- TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- VAN DE VELDE, F. Iterated Exaptation. In: BOOIJ, G. (ed.). *The construction of words: Advances in construction morphology*. New York: Springer, 2018. p. 519-546.
- VAN DER SPUY, A. Construction morphology and inflection. *Lingua*, [s. l.], v. 199, n. 199, p. 60-71, 2017.
- VIARO, M. E. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.
- VILLALVA, A. Estrutura morfológica básica. In: MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003. v. 5. p. 917-938.
- ZANOTTO, N. *Estrutura mórfica da língua portuguesa*. Caxias do Sul: EdUCS, 1986.

Capítulo 2

ESTUDOS DA DERIVAÇÃO SUFIXAL NA LÍNGUA PORTUGUESA

contribuições da Morfologia
Construcional

*Natival Simões Neto
e Juliana Soledade*

PALAVRAS INICIAIS

A derivação sufixal é certamente o processo de formação de palavras mais conhecido dos falantes comuns. É um dos mais vistos entre os neologismos, um dos mais abordados nas gramáticas tradicionais, o mais contemplado em manuais de morfologia e o mais explorado em modelos de análise morfológica. Entre os pesquisadores que se orientam teoricamente pela Morfologia Construcional (MC) (BOOIJ, 2010, 2017; GONÇALVES, 2016; GONÇALVES; ALMEIDA, 2014; SIMOES NETO, 2017, 2020c; SOLEDADE, 2013, 2018, 2019; TAVARES DA SILVA, 2019), a sufixação também recebe preciosa atenção.

Neste capítulo, pretende-se apresentar e discutir alguns dos trabalhos que descreveram esquemas sufixais, pelo viés da MC. A fim de abordar todas os padrões construcionais possíveis de sufixação, o texto retomará trabalhos em que se analisaram construções sufixais substantivais, adjetivais, verbais e adverbiais, nessa ordem. Cabe ressaltar que a maioria dos trabalhos a ser rediscutidos assume uma perspectiva histórico-diacrônica, porém não se trata de uma obrigatoriedade na perspectiva construcional.

CONSTRUÇÕES COM SUFIXOS FORMADORES DE SUBSTANTIVOS

Entre os padrões esquemáticos de sufixação que têm como *outputs* substantivos, serão abordados nesta seção: (a) X-eir- (“barbeiro”, “galinheiro”, “candeeiro”, “figueira”, “verdadeiro”); (b) X-ári- (“boticário”, “aniversário”, “falsário”, “unguentário”, “tributário”); (c) X-dor (“caçador”, “conhecedor”, “chufador”, “pecador”, “fornicador”); (d) X-nte (“amante”, “caminhante”, “adolescente”, “hidratante”, “abundante”, “ignorante”); (e) X-ado/X-ada (“cabeçada”, “punhalada”, “bocado”, “punhado”, “dedada”, “goiabada”, “eleitorado”, “arcebispadado”). Alguns desses padrões instanciam também adjetivos, ainda que de maneira menos produtiva. A flutuação categorial nos esquemas construcionais é um dos desafios que se impõem sobre a análise da sufixação.

O esquema [X-eir-]_N no português arcaico

O sufixo -eir- é o desenvolvimento vulgar do sufixo latino -arius, que formava adjetivos relacionais e substantivos de variados significados. Soledade (2013) reanalisa as realizações do padrão [X_i-eir-]_N coletadas na sua tese de doutorado (SOLEDADE, 2005), sobre a sufixação nominal no português arcaico (séculos XIII-XVI). Ao todo, trabalha com 105 palavras formadas com -eir-, sendo 30 adjetivos e 75 substantivos. Entre os adjetivos identificados pela autora, estão: “agoureyro”,

“arteiro”, “braceiro”, “certeiro”, “derradeiro”, “dereitureiro”, “dura-deiro”, “estrangeiro”, “faagueiras”, “falseiro”, “herdeyra”, “justiceiro”, “ligeiro”, “louuadeiro”, “mentideiro”, “mentireiro”, “merceeiro”, “omezieyra”, “parceiro”, “praceiro”, “parleiro”, “postumeiro”, “sabe-deiro”, “solteiro”, “tenreiro”, “usureiro”, “verdadeiro”, “vertudeiro” e “viandeiro”.

Do grupo de 30 adjetivos analisados, sete são heranças latinas (“derradeiro”,¹ “falseiro”,² “herdeyra”,³ “parceiro”,⁴ “postumeiro”,⁵ “solteiro”⁶ e “usureiro”⁷) e duas têm étimo francês (“estrangeiro”,⁸ “ligeiro”⁹). Há, portanto, 21 criações do português arcaico, o que sugere a produtividade do esquema adjetival no período. Outro aspecto analisado pela autora diz respeito às categorias dos *inputs* nessas realizações. Soledade (2013) observa que não existe uma uniformidade, sendo admissíveis as seguintes possibilidades: (i) verbos (“herdar”, “parlar”); (ii) substantivos (“agouro”, “arte”, “braço”, “dereitura”, “faago”,¹⁰ “justiça”, “mentira”, “mercê”, “parte”, “praça”, “verdade”, “vertude”, “vianda”, “usura”); (iii) adjetivos (“certo”, “falso”, “estran-ger” (fr.), “leger” (fr.), “póstumo”, “solto”, “tenro”); (iv) formações participiais (“durado”, “louuado”, “mentido”, “sabido”); (v) locução adverbial (“de retro”); (vi) base presa (*omezi-* <lat. *homicida*).

1 Do latim **derretrarius*, cuja base seria a locução adverbial *de retro*.

2 Do latim *falsarius*.

3 Do latim *hereditaria*.

4 Do latim *partiaris*, cuja base é o substantivo *partis*.

5 Do latim *postumarius*.

6 Do latim *solitarius*, cuja base é o adjetivo *solutus*.

7 Do latim *usurarius*.

8 Do francês *estanger*.

9 Do francês *léger*, que tem origem no latim **leviarius*, cuja base seria o adjetivo *levis*.

10 Forma usual no português arcaico cujo étimo é o substantivo árabe *halaq*, que se associa semanticamente ao verbo “afagar”.

Ainda que reconheça a prevalência de *inputs* substantivos, diante dessa multiplicidade de bases, Soledade (2013) sugere, para a formação de adjetivos X-eir-, um esquema que chama de “qualidade”, em que não há especificação de *input*, mas o *output* é sempre um adjetivo. Esse esquema está a seguir:

$$\langle [[X]_{i}-\text{eir-}]_{j} \leftrightarrow [\text{qualidade relacionada a SEM}_{i}]_{j} \rangle$$

Quanto aos 75 substantivos instanciados pelo padrão esquemático X-eir-, Soledade (2013) considera a existência de quatro grupos de afinidade semântica, representados pelos esquemas dominantes AGENTE, OBJETO, LOCAL e ANOMALIA.

Figura 1 – Polissemia do esquema X-eir- no português arcaico

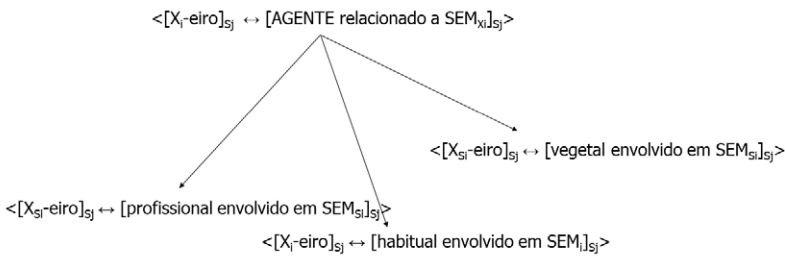


Fonte: adaptada de Soledade (2013, p. 100).

No *corpus* analisado por Soledade (2013), o esquema dominante de agentes tem 47 realizações, sendo 29 agentes profissionais que se referem a ocupações e ofícios, como “albergueyro”, “armeiro”, “barbeiro”, “caleiro”, “çapateiro”, “carveiro”, “cavaleiro”, “despenseiro”, “espingardeiro”, “estrabeiro”, “falcoeiro”, “fronteiros”, “lagareiro”, “mercadeiro”, “monteiro”, “pessoeiro” e “pousadeiro”. Os agentes habituais, que designam pessoas com base em comportamentos rotineiros e frequentes, totalizam 15 instanciações, entre as quais: “companheiro”, “guerreiro”, “feiticeira”, “jornaleiro”, “leiteira”, “mandadeiro”, “mensagemeiro”, “pregoeiros”, “prisoneiro”, “quinhoeiro”, “soldadeira”, “sorteiro” e “trombeiro”. Por último, notam-se os agen-

tes vegetais que, por herança metafórica, designam plantas que produzem frutos ou flores. Os exemplos encontrados por Soledade (2013) foram: “figueira”, “maceira” e “oliveira”. Na Figura 2, a seguir, está representada a polissemia do esquema dominante de agentes, considerando os três subesquemas.

Figura 2 – Polissemia dos agentes X-EIR- no português arcaico



Fonte: adaptada de Soledade (2013, p. 103).

O esquema dominante de OBJETOS, que teve 12 instanciações nos dados analisados por Soledade (2013), foi analisado como uma extensão metafórica do esquema de AGENTES. A autora considerou a existência de dois subesquemas com valor de objeto: INSTRUMENTOS, com cinco realizações (“aguadeiro”, “bandeira”, “joelheira”, “sombreiro” e “topeteira”), e RECIPIENTES, com sete (“caldeira”, “candeiro”, “cevadeira”, “goteira”, “esmolneira”, “lumeeira” e “tavleiro”). Apenas três desses dados, “caldeira” (< lat. *caldaria*), “lumeeira” (< lat. *luminaria*) e “tavleiro” (< lat. *tabularium*), foram considerados heranças latinas, o que sugere que, tal como os agentes, a categoria semântica de objetos era produtiva morfológicamente no português arcaico.

Sobre os LOCATIVOS, Soledade (2013) considera que esse esquema seja uma extensão metonímica dos AGENTES. Ao todo, a autora encontrou 12 instanciações, “sendo 05 delas expressão de valor ‘recipiente’ (*carreira*, *celeiro*, *cativeiro*, *galinheyro*, *pesqueyra*) e 07 delas expressão de valor ‘relacionado a sema de X’ (*cabeceira*, *barreira*, *costeira*, *fronteira*, *outeiro*, *ribeira*, *terreiro*)”. (SOLEDADE, 2013, p.

105, grifo do autor) Por último, Soledade (2013) considerou o esquema de ANOMALIA cuja única realização foi “olheiras”.

O padrão esquemático X-eir- no português arcaico foi também abordado por Simões Neto (2016). O autor trabalhou com 359 realizações diferentes, sendo 310 substantivos e 49 adjetivos. A análise proposta por Simões Neto (2016) não se difere significativamente da de Soledade (2013). O autor propõe mais especificações de agentes, como circunstanciais e beneficiários, e de objetos, como utensílios e objetos de uso pessoal. O autor destaca um esquema dominante de QUANTIDADE, que tem os subesquemas: coletivos (“cabeleiras”, “ceveyra”, “cizneiros” e “milheyro”), medidas/quantias (“ffossadeyra”, “quartejro” e “sesteyro”) e excessos/acúmulos (“chuuazeiros”, “nevoeiro” e “poeyra”). A investigação do esquema X-eir- no português arcaico sugere que, desde os primeiros tempos da língua portuguesa, via-se uma prolifidade desse padrão sufixal.

O esquema [X-ARI-]_N no português arcaico

O sufixo latino *-arius*, por uma via erudita, deu origem também ao sufixo português *-ário*. O comportamento morfossemântico desse elemento no período arcaico foi analisado por Simões Neto e Soledade (2015), que trabalharam com dados extraídos do *Corpus Informatizado do Português Medieval*. Ao todo, analisaram 514 realizações de 58 palavras instanciadas pelos padrões construcionais X-ário e X-airo (variante medieval). Dessas 58 instanciações, 18 se referem a adjetivos de caráter relacional. Vejam-se os comentários dos autores:

As instanciações de valor relacional representam 18 das 58 ocorrências (*arbitraria, extra-ordenario ~ extraordinário, hereditária, hordenairos ~ ordinários, icêdiario, involuntárias, leigario ~ leigaryo, mundairas ~ mumdayras, caluario, necesaria ~ necessário, penitenciario, reliquairo, secundario ~ secundarios, selario, solitaria ~ solitário, temerário, ternário, voluntario*). (SIMÕES NETO; SOLEDADE, 2015, p. 164, grifo do autor)

Em relação aos 40 substantivos, Simões Neto e Soledade (2015) entendem que 23 desses podem ser categorizados como agentes, dos tipos profissionais, habituais, circunstanciais e beneficiários. Vejam-se os exemplos encontrados pelos autores:

As instanciações de um subesquema agentivo também se revelaram bastante produtivas nos dados analisados, contabilizando um total de 23 palavras (*adversario ~ adversairo ~ aver-sario ~ averssairo, ceroferario, comendatário, compromisario, correlarios, domaayros, falsario ~ falsayro, hostiário, hūguentayro, notario ~ notayro, prisioneiros, proprietário, secretairo ~ secretario, solicitario, terçenairo, uestiayro ~ vistiario, vicayro ~ vigayro, vsufructuarya, cōcubinario ~ concobinario ~ concubinário, ordenaria ~ ordinayro ~ ordinário, trebutarios ~ tributário, vsorario ~ vsurario, boticairos ~ buticayro*). (SIMÕES NETO; SOLEDADA, 2015, p. 165, grifo do autor)

Quanto aos OBJETOS, Simões Neto e Soledade (2015, p. 166, grifo do autor) observam a realização de 14 instanciações desse esquema dominante no português:

Há ainda, nos dados analisados, 14 instanciações que podem ser descritas como objetos (*antifanario, bribiario, calandairo ~ kallemdairo, capitulayro, cartairos~ cartarios, êuentayro ~ jnuentario, lycionayro, octauayros ~ octauairos, rosairo, sodayro ~ ssudayro, penentençaio ~ penitenciários, ssumayro ~ sumario*), ainda que algumas apresentem um caráter fronteiriço entre objeto e lugar (*almario, cossairo ~ corsário*).

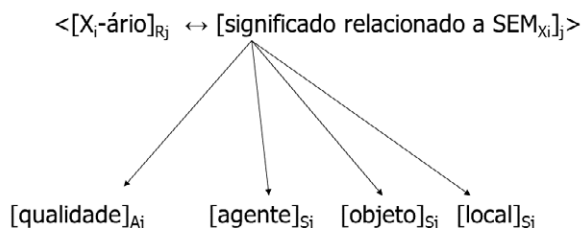
Por último, Simões Neto e Soledade (2015, p. 167, grifo do autor) analisaram cinco palavras instanciadas por X-ário, como sendo locais:

As instanciações em -ário ainda apresentaram no português arcaico a possibilidade de realizarem a noção de local, revelando-se em 5 palavras distintas (*campanairo, fossario, sacrario ~ sagrario, santuario ~ santuários, solayro ~ solairo*). Assim, como

o esquema de objeto, os locativos, em geral, também podem apresentar uma polissemia produtiva, por exemplo: 'lugar onde existe grande quantidade da base', 'lugar onde existe a base', 'lugar onde se pratica uma atividade relacionada a base' e ainda 'local relacionado a base'. Nos exemplos encontrados podemos verificar, três sentidos distintos: 1) em *fossario* 'onde existem muitos fossos, cemitério' e *sacrário* 'onde se guardam os objetos sagrados', tem-se o valor descrito como 'lugar onde existe grande quantidade da base'; 2) em *campanairo* 'torre da igreja onde fica o sino (campana)', tem-se a noção de 'lugar onde existe a base' e 3) em *santuário* 'altar, lugar sagrado' e *solairo* 'terraço sobre as casas, parte mais exposta ao sol', identifica-se a noção de 'local relacionado a base'. Pode-se, contudo, entender que esses sentidos estão relacionados entre si, num crescendo de especificação, i.e., existe uma relação de conteúdo-contendor.

Ao final do artigo, Simões Neto e Soledade (2015) propõem uma rede construcional do funcionamento do padrão sufixal X-ário no período arcaico, sem especificarem a categoria lexical dos *inputs*. Também não especificam a categoria lexical dos *outputs* no esquema geral, operando com uma flexibilização da ideia de produto categorial único, como fez, um dia, Basílio (1980). Assim como essa autora, Simões Neto e Soledade (2015) colocam uma arquicategoria no esquema geral. Somente os esquemas dominantes especificam se o produto é um substantivo ou um adjetivo. Veja-se, então, a Figura 3:

Figura 3 – Esquema construcional X-ÁRIO no português arcaico



Fonte: adaptada de Simões Neto e Soledade (2015, p. 168).

Diferentemente do que fez Soledade (2013), Simões Neto e Soledade (2015) optaram pela compreensão de que os esquemas formadores de substantivos e adjetivos estejam ligados na representação construcional.¹¹ A diferença funcional entre um esquema e outro não deve ignorar as relações de herança que esses esquemas estabelecem entre si.

O esquema [XV-DOR]_s no português arcaico

Soledade (2021), retomando os dados levantados em sua tese de doutorado (SOLEDADE, 2005), tal como fez no trabalho sobre *-eir-*, aponta 278 usos de instanciações do padrão construcional XV-dor no português arcaico, sendo 277 de valor agente e apenas 1 de valor locativo. Sobre esse caso único, “dormidor” (significado: “dormitório”), a autora sugere que se trate de uma formação esporádica que se realizara em uma cantiga medieval, por exigências de rima e métrica. Além disso, em outros contextos, a realização “dormidor” se refere a uma pessoa que dorme muito. Assim, pode-se dizer que apenas o esquema de agente era produtivo no português arcaico nas formações XV-dor. Sobre as instanciações desse esquema, a autora comenta:

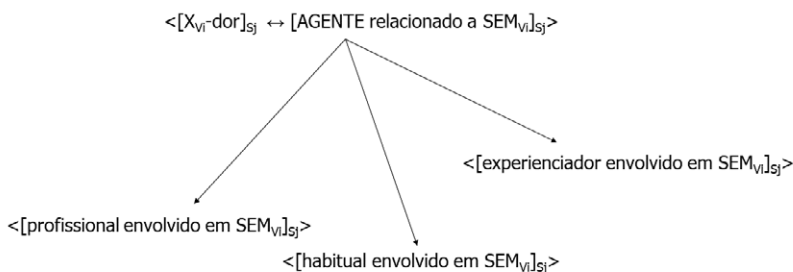
Sobre os agentivos, podemos dizer que eles não possuem todos o mesmo comportamento, uma vez que existem diferenças semânticas importantes entre grupos de instanciações do esquema em *-dor*, implicando em uma relação polissêmica que, considerando o aspecto de sua produtividade, merecem ser destacadas em subesquemas do esquema *-dor* ‘agentivo’. Assim, identificamos ao menos 3 grupos: os agentes profissionais (*apousentador; comendador, governador, mercador, pescador, regedor*) total 84, os agentes habituais (*comedor, roubador, devedor, dormidor, enganador*) total 152 e os agentes experien-

11 Seguindo essa mesma linha, Simões Neto (2020c) considerou uma arquicategoria N como *output* do esquema dominante, uma vez que os produtos são de categorias nominais: substantivos (S) ou adjetivos (A).

ciadores (*conhecedor, entendedor, possuidor, sofredor*) total 41.
(SOLEDADE, 2021, p. 8, grifo do autor)

A rede construcional do esquema X_V -dor no português arcaico, proposta por Soledade (2021), está adaptada na Figura 4. Note-se que a autora opta por especificar categorialmente tanto o *input* (verbo) quanto o *output* (substantivo). Uma vez que não existem outros agrupamentos semânticos, como objetos e locativos, o esquema contempla apenas um grupo dominante (agente) e seus subesquemas (profissionais, habituais e experienciadores).¹²

Figura 4 – Esquema construcional V-DOR no português arcaico



Fonte: adaptada de Soledade (2021, p. 221).

A representação esquemática das palavras sufixadas com -dor no período arcaico do português serve de exemplo para os casos em que as categorias lexicais do *input* e do *output* são relevantes e devem ser registradas. Esse comportamento é diferente do que se viu com as formações com -eiro e -ário.

12 Sobre essa categoria, cabe o comentário da autora de que “O valor semântico experienciador não é destacado por todos os autores que se debruçaram sobre o estudo do sufixo -dor, no entanto, são abundantes enquanto grupo de instanciações, como vimos no número de ocorrências já no PA [português arcaico], e apresentam como característica singular herdarem o seu traço semântico das bases que são unificadas ao esquema. Bases desse tipo de construção denotam atividades cognitivas, perceptivas e emotivas”. (SOLEDADE, 2021, p. 8-9, grifo do autor)

Importa mencionar que Soledade (2021) ressalta a ineficiência da representação esquemática proposta pela MC, quando se trata de registrar os *links* metafóricos e metonímicos que podem acontecer entre esquemas e subesquemas. Essa crítica surge a partir da observação de que, entre agentes habituais e agentes profissionais, assim como entre agentes experienciadores e agentes profissionais, existem relações metonímicas. São observações de Soledade (2021):

A distinção entre agente habitual e agente profissional parece residir no fato de que todo agente profissional habitualmente pratica a ação expressa pelo verbo, contudo, dessa prática decorrem pelo menos dois comportamentos socioculturais que o especificam, a saber: 1) o retorno financeiro a fim de subsistência e 2) o acúmulo de conhecimento ou de prática específica para o exercício da ação. Assim, o *corredor* profissional se distingue do *corredor* amador/habitual, não por uma maior frequência ou habitualidade da ação, mas sim, pelo fato de o profissional utilizar-se de conhecimentos teóricos e práticos que lhe permitem realizar a ação com uma maior eficiência, além disso, os corredores profissionais são financeiramente recompensados, o que lhes possibilita, em casos de profissionais de elite, viver economicamente apenas dessa profissão. Portanto, a relação polissêmica que se dá entre os agentes habituais e os profissionais nos parece de natureza metonímica, sendo uma relação entre parte-todo, ou ainda de continente-conteúdo.

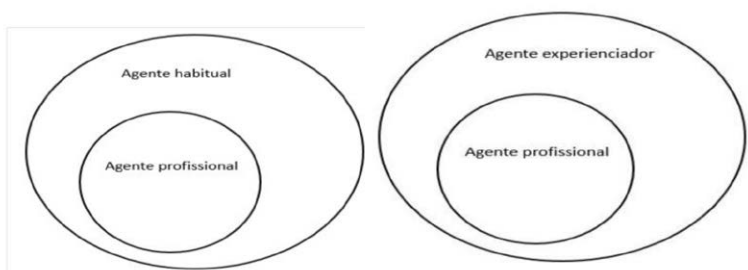
[...]

Outra observação suscitada pela análise dos dados que é importante destacar refere-se ao fato de que é necessário incluir um subesquema, relativamente produtivo, referente a agentes experienciadores. Contudo, percebemos que embora sejam nitidamente distinto dos habituais, o mesmo não se dá em relação ao sentido profissional. Bases verbais de natureza semântica existencial também licenciam a criação de agentes que atuam profissionalmente em relação do verbo, por exemplo, temos formações do tipo: *animador (de festa)* e *passeador (de cães)*, construída sobre bases de verbos experienciais. Ao

que tudo indica, novamente, percebemos que a atribuição do caráter profissional à agentividade depende de opções de categorização desencadeadas pela necessidade dos indivíduos inseridos em uma dada cultura, em dado momento sócio-histórico. Representando simbolicamente essa relação, teríamos, outra vez, uma polissemia desencadeada pela metonímia (parte-todo/ conteúdo/continente). (SOLEDADE, 2021, p. 218-220, grifo do autor)

As relações metonímicas entre esses esquemas, ao ver de Soledade (2021), podem ser representadas como na Figura 5.

Figura 5 – Metonímia entre agentes V-DOR no português



Fonte: Soledade (2021, p. 219-220).

Ao final, Soledade (2021) reforça que o modelo boojiano oferece aparatos fundamentais para a compreensão da morfologia em termos de construção e esquemas. Porém, ainda carece de mecanismos para lidar com as “[...] mais variadas relações semânticas que demandam especificação, como as que se dão entre bases e palavras complexas, entre esquemas e palavras complexas, entre esquemas e subesquemas, entre subesquemas e subesquemas”. (SOLEDADE, 2021, p. 23)

O esquema $[X_V\text{-NTE}]_S$ na história da língua portuguesa

O padrão construcional $X_V\text{-nte}$ é um instanciador de agentivos que competem diretamente com $X_V\text{-dor}$, uma vez que integram o mesmo

tipo de *input* (verbos) para formar *outputs* nominais. A história desse padrão, desde a sua origem latina até os usos mais contemporâneos do português, foi tratada por Gonçalves e Tavares da Silva (2020), num artigo em que refletem a mudança de estatuto morfológico, em uma perspectiva construcional.

Gonçalves e Tavares da Silva (2020) explicam que, no latim, além do gerúndio e do particípio passado, os verbos exibiam produtivamente a forma nominal de particípio presente (PPres). “Do ponto de vista morfológico, o PPres é constituído do tema do infectum (modo de ação incompleta) seguido da desinência *-nt-*, acrescentando-se a esta as desinências de nomes de tema em *-i*”. (GONÇALVES; TAVARES DA SILVA, 2020, p. 59) No português, essa noção de particípio presente já não é produtiva, nem deduzida pelos falantes. O desenvolvimento *-nte* é tratado como um sufixo derivacional na língua portuguesa. Assim, o debate central de Gonçalves e Tavares da Silva (2020) inclui avaliar se a construção de particípio presente era flexional ou derivacional no latim e qual o seu real estatuto no português.

Exemplos do latim mencionados pelos autores são: *laudans, -ntis* (que elogia), *delens, -ntis* (que exclui), *legens, -ntis* (que lê), *audiens, -ntis* (que ouve). A partir de descrições de gramáticos históricos da língua latina e de debates feitos por morfólogos inseridos em teorias linguísticas modernas, Gonçalves e Tavares da Silva (2020) sinalizam vários aspectos que permitem confirmar que o padrão X_v -ns, *-ntis* era flexional em língua latina. Seguem excertos com notas dos autores:

Pelo depoimento dos gramáticos, podemos concluir que o PPres era realmente flexional em latim, pelo menos na variedade culta. Entendida como propriedade inerente da palavra morfossintática (ANDERSON, 1992), essa informação gramatical era acessível à sintaxe (ou manipulada por ela) e, de aplicação bastante geral nos verbos latinos, apresentava poucas células vazias, sendo de uso regular e sistemático para toda essa classe de palavras. Esses requisitos autorizam atribuir estatuto flexional para a marca morfológica *-nt* (variante *-ns*).

Outra importante propriedade da flexão reforça a interpretação de que *-nt* se comportava como desinência no latim literário: as formações *X-nt* não constituem cabeças lexicais das construções de que participam, contribuindo, assim, com um significado secundário em relação à base verbal. Em outras palavras, são modificadores dos significados verbais, contribuindo, portanto, com informações gramaticais das bases a que se adjungem. Além disso, não revelam o impacto pragmático do falante, pois são estáveis semanticamente (AGUIAR; RIBEIRO, 1925), não se caracterizando pelo fenômeno da polissemia, que, como mostra Winter (2011), é exclusivo da derivação.

O estatuto flexional de *-nt* pode ser comprovado, ainda, pelos seguintes parâmetros, formulados por autores como Bochner (1984), Manova (2005) e Colnaghi (2006): (a) a não recursividade de aplicação do formativo e (b) a excludência (o uso de *-nt* descarta o de qualquer outra marca verbal), o que comprova concorrer o formativo com outros que expressam conteúdos gramaticais do verbo. (GONÇALVES; TAVARES DA SILVA, 2020, p. 63, grifo do autor)

Diante do exposto, em se tratando do particípio presente no latim literário, pode-se depreender um esquema morfológico em que: (i) o *input* é um verbo; (ii) o *output* é o particípio presente; (iii) o polo semântico-funcional aponta para “aquele(a)” ou “aquilo” que realiza uma ação a ser expressa pelo verbo-base, que será de aspecto imperfeito, uma vez que o presente é um tempo do *infectum* latino, e cujo uso se dará em um contexto de voz ativa. Gonçalves e Tavares da Silva (2020, p. 79), então, sugerem o esquema a seguir:

$$[V_i \text{ -ns, ntis}]_{\text{ppresj}} \leftrightarrow [\text{Aquele(a)/Aquilo que SEM}_i \text{ + Asp. Imperf.; Voz atv.}]_j \text{ (GONÇALVES; TAVARES DA SILVA, 2020, p. 79)}$$

O uso do *-nt-* no latim literário, segundo Gonçalves e Tavares da Silva (2020), embora de caráter nitidamente flexional, já exibia algumas características que são típicas da derivação, como a mudança de

classe, vista em usos como substantivos, e alguns poucos casos de lexicização semântica.

Em relação aos usos de *-nt-* no latim vulgar, os autores retomam outros estudiosos que sugerem a escassa vitalidade ou o total esquecimento da categoria *particípio* presente por parte dos falantes. As línguas românicas, em seus primeiros tempos, já sinalizam usos substantivos que parecem se distanciar do padrão do latim clássico. Dessa forma, já no latim vulgar, começou-se a engendrar o processo que Gonçalves e Tavares da Silva (2020) chamam de recategorização. Os usos do padrão X_v -*n*te no português arcaico corroboram tal afirmação.

Entre os aspectos elencados por Gonçalves e Tavares da Silva, para sugerirem a mudança de estatuto morfológico nesse esquema construcional, estão as perdas de relevância sintática e de aplicabilidade e a recondução da cabeça lexical na estrutura sufixada. Alguns comentários dos autores estão reproduzidos a seguir:

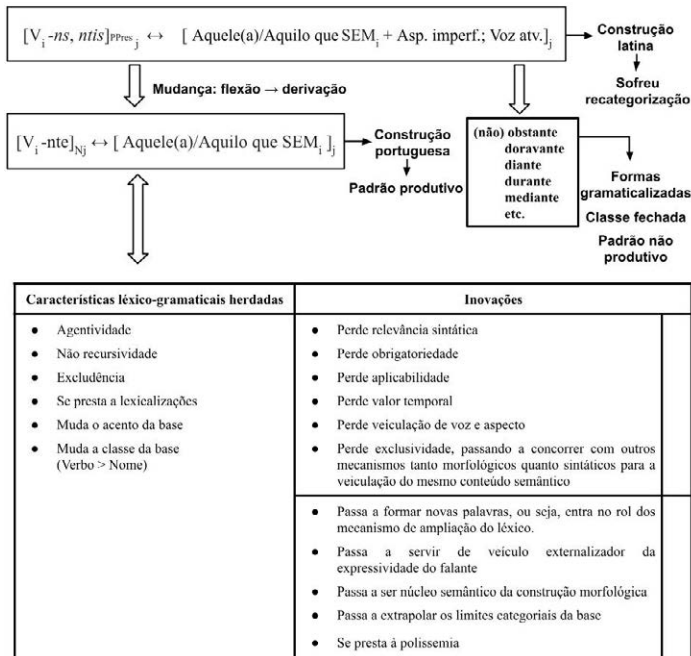
A perda da relevância sintática e a conseqüente não obrigatoriedade acarretam diminuição de sua aplicabilidade, deixando células vazias no paradigma. Por exemplo, para os verbos ‘ferir’, ‘perder’, ‘esconder’, ‘ser’ e ‘estar’, não há nomes *-nte* correspondentes (*ferinte, *perdente, *escondente, *sente, *estante), assim como não há verbos correspondentes a ‘conivente’ e ‘frequente’ (*conivir, *frequer). Esses são apenas alguns casos que mostram que a aplicabilidade de *-nte* não é exaustiva, tampouco categórica, resultando em paradigma assistemático, característico das derivações mais prototípicas.

Outra mudança em direção a um comportamento mais derivacional está relacionada à posição da cabeça lexical na palavra complexa. Nas formações *X-nte*, em português, o sufixo é o núcleo lexical da construção morfológica. Com base na paráfrase mais geral ‘indivíduo/aquilo que X’ (‘estudante’, ‘indivíduo que estuda’, ‘difamante’, ‘aquilo/e/a que difama’), pode-se comprovar que a interpretação das palavras *X-nte* parte do afixo em direção à base. [...] Nas formações latinas, o padrão é DM-DT [determinado-determinante], ou seja, a cabeça lexical fica à

esquerda, uma vez que o sufixo contribui com um significado secundário em relação à base verbal. Nos dias de hoje, o padrão estrutural das construções X-nte é DT-DM [determinante-determinado], com cabeça à direita, uma que o sufixo responde pela assinatura categorial (cabeça sintática) e pela interpretação genérica (cabeça semântica). (GONÇALVES; TAVARES DA SILVA, 2020, p. 72, grifo do autor)

Face a todas as questões levantadas, Gonçalves e Tavares da Silva (2020) propõem um novo esquema para as construções do português, em que a categoria lexical do *output* passa a ser um nome. As informações acerca de aspecto e voz verbal deixam de figurar nesse novo pareamento. A representação esquemática de todo o processo de mudança pode ser vista na Figura 6, extraída do artigo dos autores.

Figura 6 – Mudança de estatuto morfológico de -NTE



Fonte: Gonçalves e Tavares da Silva (2020, p. 79).

OS esquemas [X-(A)DA]_s e [X-(A)DO]_s no português arcaico

Soledade (2020), retomando a sua supracitada tese (SOLEDADE, 2005), reanalisa os seus dados do português arcaico, a partir do modelo da MC. As realizações analisadas por Soledade (2020) têm origem no particípio passado latino (*X-tus, -a, -um*), o que cria um interessante paralelismo com as construções analisadas por Gonçalves e Tavares da Silva (2020).

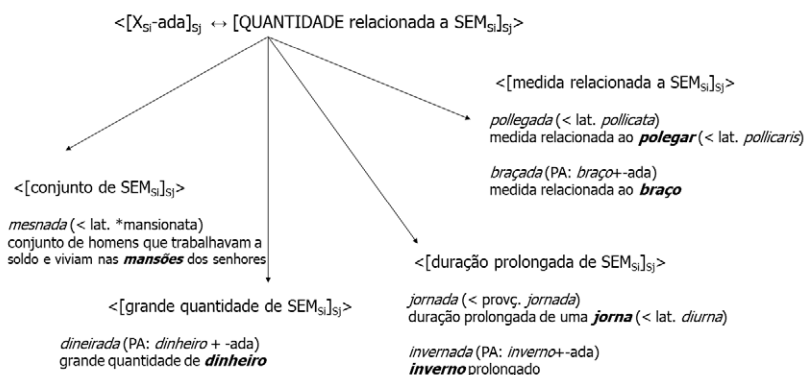
Entre os exemplos coletados por Soledade (2020), estão: “queijada”, “invernada”, “jornada”, “mesnada”, “pollegada”, “braçada”, “agulhada”, “dentada”, “palmada”, “punhada”, “fachada”, “llamçadas”, “punhaladas”, “leterados”, “barvado”, “demoniado”, “ladrilhados”, “arçobispado”, “mestrado”, “acomendado”, “acostado”, “aguizado”, “coitado”, “cousido”, “desguizado”, “desnuados”, “enrugado”, “menquado”, “opremudo”, “podrido”, “temudo”, “aficados”, “afiuzada”, “blasfemado”, “degredados”, “depenada”, “desbaratada”, “filhada”, “gallardoadas”, “gasalhado”, “myngoadas”, “perlongadas”, “temorizado”, “adorado”, “firmada”, “laureado”, “quadrada” e “sagrado”.

Na sua análise, Soledade (2020) separa aqueles esquemas ainda vinculados ao padrão participial flexional daqueles mais lexicalizados semanticamente cuja produtividade no português arcaico apontam já para uma autonomia de caráter derivacional. Tal como aconteceu com o padrão do particípio presente *X-ns, -ntis*, já na língua latina, eram vistas lexicalizações e mudanças de classe nas formações *X-tus, -a, -um*. Porém, diferentemente do que aconteceu com o particípio presente, o particípio passado continuou existindo no português, sendo o único particípio da língua, classificado como uma forma nominal de caráter flexional e previsível dos verbos, junto com o infinitivo e o gerúndio.

O primeiro esquema analisado por Soledade (2020) foi o *X_s-ada*, com noção de quantidade. Esse padrão se distancia notavelmente do padrão participial, uma vez que o *input* do esquema é sempre um substantivo, não um verbo. A autora encontrou seis realizações (“mes-

nada”, “dineirada”, “jornada”, “invernada”, “pollegada” e “braçada”) e propôs quatro subesquemas relacionados. A Figura 7 traz uma representação desse esquema construcional.

Figura 7 – Esquema construcional S-ADA no português arcaico



Fonte: elaborada pelos autores.

Soledade (2020) destaca, ainda, a ocorrência de “queijada”, forma vernacular que designa um alimento preparado de queijo. Esse padrão não se mostrou produtivo no português arcaico, nem se sabe até que medida ele está relacionado com o esquema de quantidade. No curso da língua, à “queijada”, se juntam “laranjada” (1640), “goiabada” (1587), “feijoada” (1813), “bacalhoadada” (1836), “bananada” (1899) e “cajuada” (1872), todas com datação posterior ao período arcaico. Por fim, a autora menciona a existência de outras possibilidades semânticas para esquemas denominais com o sufixo -ada, porém essas não se verificaram no corpus que constitui do português arcaico:

[V]ale dizer que alguns autores, como Ali (1964), Rio-Torto (1998) e Rocha (1998), descrevem outras possibilidades de sentido, para o sufixo -ada, no português contemporâneo, por exemplo ‘porção contida num objeto X’ (ex: *colherada*, *garfada*). Contudo,

a não ocorrência dessa acepção nos nossos dados pode indicar que essa seja uma possibilidade de sentido que o sufixo desenvolveu posteriormente ao século XVI, por outro lado, não significa que não possamos encontrá-la, no período arcaico, em um estudo mais amplo, com um maior número de lexias. (SOLEDADE, 2020, p. 50, grifo do autor)

O esquema analisado por Soledade (2020) é o de X_1 -ada, com significado atitudinal. Os sete exemplos assim classificados pela autora são criações vernaculares, não havendo nenhum caso de forma herdada do latim. A relação desse esquema com o de quantidade se dá “[...] através de uma leitura de como esses atos podem ser praticados, normalmente, com reiteração, seja a fim de letalidade (como em *facada*), seja a fim de alcançar o objetivo (como em *dentada*)”. (SOLEDADE, 2020, p. 50, grifo do autor) Com base em “dentada” e “facada”, e também em “agulhada”, “palmada”, “punhada”, “lancadas” e “punhaladas”, a autora sugere que uma primeira esquematização desse padrão. Tal proposta está representada a seguir:

$\langle [X_{S_i} -ada]_{S_j} \leftrightarrow [ação\ reiterada\ relacionada\ ao\ SEM_{S_i}] \rangle$ (SOLEDADE, 2020, p. 51)

Soledade (2020) reconhece, no entanto, que esses construtos podem ser ambíguos quanto à sua organização morfológica.

Por outro lado, essas ocorrências podem se tratar de formações de natureza participial, a partir de *lançar* (lat. *lanceo* + *-are*) e teríamos lançada ‘ação de jogar a lança’, donde, ‘ferimento feito com lança’. No PA, há ocorrências do verbo *punhar* (do lat. *pungno* + *-are*) e do verbo *agulhar*, de *agulha* (*acucula*-) + *-ar* (Dicionário de verbos do CIPM), de onde tiraríamos agulhada ‘ação de espetar com agulha’; por analogia viria então punhada ‘ação praticada com o punho, soco’.

No âmbito da morfologia lexical, com base em Sandmann (1987), para o tratamento das demais formações, a essas semelhantes, teríamos de considerar um salto de etapas na criação do

verbo. Assim, assumindo a existência de ações do tipo dentar ‘dar dentadas, mordidas em; morder’, palmar ‘assentar, aplicar golpe semelhante a palmada’ (hoje registrados no Houaiss, mas sem registro no PA), *facar ‘golpear com faca’ e *punhalar ‘golpear com punhal’ (sem registros no Houaiss), teríamos, nos derivados, expressões participiais correspondentes. (SOLEDADE, 2020, p. 51, grifo do autor)

Diante disso, Soledade (2020) admite a possibilidade de ser um esquema de nominalização deverbal relacionada, mais relacionada com o padrão do participío do que com o de quantidade. Essa segunda proposta está representada em (c):

$\langle [X_{vi} -ada]_{sj} \leftrightarrow [\text{resultado da ação de SEM}_{vi}] \rangle$. (SOLEDADE, 2020, p. 51)

A última análise proposta por Soledade (2020) retoma o padrão denominal da primeira hipótese. No entendimento de que os esquemas são abstraídos de um conjunto de realizações em uso na língua, é admissível que, uma vez consolidados e frequentes os modelos/instanciações – “lançada”, “agulhada” e “punhada”, o falante do português arcaico possa ter abstraído um esquema como em (d):

$\langle [X_{si} -ada]_{sj} \leftrightarrow [\text{ação praticada com SEM}_{si}] \rangle$. (SOLEDADE, 2020, p. 51)

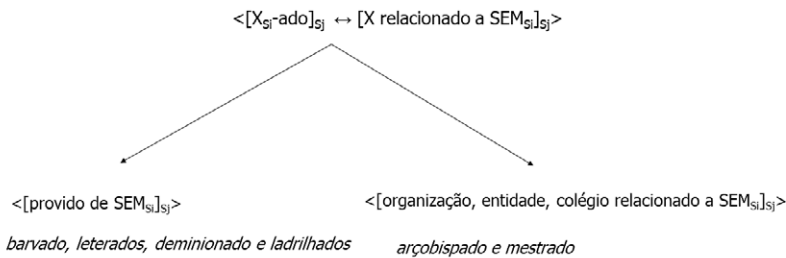
Corroboram essa última hipótese a incorporação de outras realizações nos períodos subsesquentes da língua portuguesa. Alguns exemplos são: “cabeçada”, “canelada”, “canetada”, “chinelada”, “vasourada”, “alfinetada”, “bolada”, cujos *inputs* são substantivos, não verbos da primeira conjugação.

O terceiro padrão esquemático analisado por Soledade (2020) é o de X_1 -ado. Esse padrão é visto desde o latim, com significado de “provido de X” ou “provido de qualidade relativa a X”. Quatro são os exemplos do português arcaico com esse significado: “barvado” (< lat.

barbatus, a, um) “provido de barba; idoso; (animal) coberto de pelos; bode”; “leterados” (< lat. *litteratus*, a, um “provido do saber das letras; sábio, douto, letrado”); “demoniado” (PA: “demônio” + -ado); e “ladrihados” (PA: “ladriho” + -ado). Nesses dados, os *outputs* são adjetivos. No entanto, há formações Xi-ado com *output* substantivo e com significado de organização colegiada de uma categoria expressa pela base, como nos atestados “arçobispado” “reunião de arcebispos” (PA: “arcebispo” + -ado) e “mestrado” “reunião de mestres” (PA: “mestre” + -ado).

Com base nesses registros, propõe-se na Figura 8, a seguir, uma representação desse terceiro esquema analisado por Soledade (2020).

Figura 8 – Esquema construcional S-ADO no português arcaico



Fonte: elaborada pelos autores.

Note-se, no esquema da Figura 8, que a categoria do *output* do esquema geral é a arquicategoria N (nome). A especificação em substantivo ou adjetivo só acontece no nó abaixo.

O último esquema analisado por Soledade (2020) é o X_{vi}-do/-da, que diz respeito às realizações de participio passado, que, como já foi dito, seguiu existindo no português, diferentemente do participio presente. Alguns exemplos de instanciações desse esquema são: “acomendado”, “acostado”, “aguisado”, “coitado”, “cousido”, “desguisado”, “desnuados”, “enrugado”, “menguado”, “opremudo”, “podrido”, “temudo”. Considerando a flutuação desses participios com a catego-

ria dos adjetivos, a autora coloca a etiqueta de adjetivo na categoria do *output* do esquema a seguir:

$\langle [X_{Vi} -do/a]_{Aj} \leftrightarrow [\text{atributo relacionado ao SEM}_{Vi}]_{Aj} \rangle$. (SOLEDADE, 2020, p. 52)

CONSTRUÇÕES COM SUFIXOS FORMADORES DE ADJETIVOS

Esta seção é destinada aos esquemas cujo *outputs* são adjetivos. O português dispõe de uma considerável gama de sufixos que são empregados na formação de adjetivos, tais como -vel, -ar, -al, -douro, -tório, -tivo, -diço, -oso, -udo e -ento, que variam quanto à vitalidade na língua contemporânea.

Semântica e historicamente relacionados, estão os sufixos -oso, -udo e -ento, que costumam aparecer em formações cujos significados apontam para uma posse intensiva que pode ser literal ou metafórica. Dos três formativos mencionados, apenas o X_s -oso ainda não foi analisado na perspectiva construcional. Serão retomados, então, dois trabalhos sobre esquemas construcionais que integram os sufixos -udo (SIMÕES NETO, 2020b) e -lento/-ento. (SIMÕES NETO, 2020a)

Do latim X-ŪTUS ao português X-UDO

O sufixo português -udo tem origem no latim *-ūtus*, que formava adjetivos de primeira classe nessa língua. Ao fazer uma busca em dicionários latim-português, Simões Neto (2020b) encontra seis palavras formadas com o *-ūtus*, que estão reproduzidas no Quadro 1, extraído desse trabalho.

Quadro 1 – Derivados com *-ŪTUS* no latim clássico

Construto derivado	Significado	Base	Significado
<i>artūtus, -a, -um</i>	atarracado	<i>artus, -a, -um</i>	estreito, apertado, acanhado
<i>astūtus, -a, -um</i>	manhoso, astucioso, astuto, hábil, sagaz	<i>astus, -ūs</i>	astúcia, habilidade, esperteza, manha
<i>cīnctūtus, -a, -um</i>	em forma de cinto, cingido	<i>cinctus, -ūs</i>	cinto
<i>cornūtus, -a, -um</i>	que tem cornos, cornífero, cornudo	<i>cornus, -ūs</i>	cornos, chifre
<i>versūtus, -a, -um</i>	astuto, hábil, esperto, que sabe voltar-se para onde convém	<i>versus, -ūs</i>	ação de voltar
<i>verūtus, -a, -um</i>	munido de dardo, espeto	<i>veru, -ūs</i>	dardo, espeto

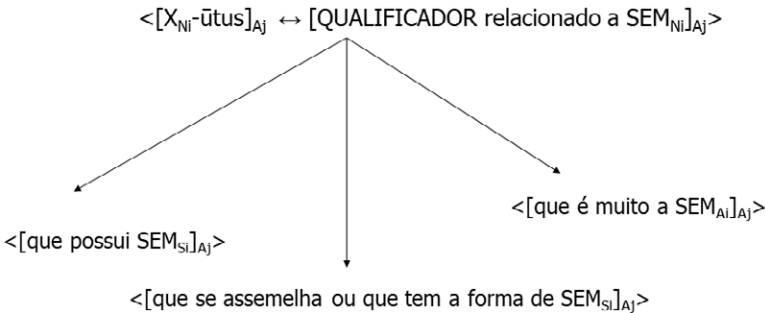
Fonte: Simões Neto (2020b, p. 92).

Com base nos exemplos do Quadro 1, é possível dizer que o *-ūtus* não era um sufixo que gozasse de produtividade significativa na língua latina. Do ponto de vista formal, pode-se assumir que todos os derivados sejam adjetivos, o que permite uma precisão na atribuição da categoria do *output*. Em relação ao *input*, cinco dos seis derivados têm como bases substantivos, e um tem como base outro adjetivo. Dos cinco *inputs* substantivos, três são concretos (*cornus, veru, cinctus*) e dois, abstratos (*astus, versus*).

Mesmo com essas pequenas diferenças formais, do ponto de vista semântico, pode-se dizer que, em quatro dos construtos (*astūtus*, *cornūtus*, *versūtus*, *verūtus*), os *outputs* derivados caracterizam a posse de algo alienável ou não, que é expresso pelo *inputs*, tomados metaforicamente em alguns contextos.

Em relação à instanciação *cinctūtus*, que tem como base o substantivo *cinctus* “em forma de cinto”, há um significado de semelhança ou alusão. Quanto a *artūtus* “atarracado”, que tem como base outro adjetivo “*artus*: estreito, apertado”, nota-se um significado intensificador. Diante desses exemplos, pode-se assumir que, em termos esquemáticos, o padrão latino *X-ūtus* pode ser representado, como na Figura 9:

Figura 9 – Esquema das formações X-ŪTUS no latim



Fonte: adaptada de Simões Neto (2020b, p. 94).

No português arcaico, Simões Neto (2020b) retoma os dados de Soledade (2005), para mostrar que, das seis formações X-udo que a autora encontra, apenas uma, “cornudo” – “que tem chifres” –, tem origem latina. As outras cinco, “barvudo” – “barbudo, com barba” –, “beyçudo” – “de beicho grande”, “cabelludo” – “que tem muito cabelo” –, “sanhudo~sannudo~sannuhudo” – “cheio de sanha, zangado, irado” e “sesudo” – “que tem siso, sério, prudente”, são criadas fora do

sistema latino. Essas formações do PA sugerem que o esquema X-udo ganhou um caráter vernacular de produtividade que o distancia, em certa medida, do latim.

No curso da história da língua portuguesa, em períodos subsequentes, entram outras formas, como “peludo”, “pançudo”, “dentudo”, “nadegudo”, “olhudo”, “joelhudo”, “ancudo”, “bigodudo”, “bochechudo”, “classudo”, “posudo”, “farinhudo”, “picudo”, “maludo”, “pezudo”, “mãozudo”, “barbaçudo”, “caborjudo”, “capeludo”, “olheirudo”, “tamancudo”, “telhudo”, “trombudo”, “unheirudo”, “abelhudo”, “borrachudo”, “carrancudo”, “molambudo”, “parrudo”, “repolhudo”, “sapudo”, “taludo”, “varudo”, “gordalhudo”, “rechonchudo” e “vaziúdo”, coletadas no *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa (DHELP)*, por Simões Neto (2020b).

Ao todo, Simões Neto (2020b) analisou 180 formações X-udo. Dessas, apenas duas têm origem latina: “cornudo” (< lat. *cornutus*) e “narigudo” (< lat. vulg. **naricutu*). Todas as outras são criações do português. Mesmo o -udo se mostrando consideravelmente desgarrado do latim *-utus*, do ponto de vista da produtividade, Simões Neto (2020b) observou que os significados vistos no português são os mesmos do latim. Assim, há as mesmas três propriedades semânticas que se viram no latim, posse (152), semelhança (23) e intensificação (5). Elas são representadas por meio de subesquemas.

O subesquema de posse reúne os adjetivos X-udo cujas paráfrases possíveis são “que tem X”, “que sofre de X (portador de doença ou anomalia)”, “que tem propensão a X”, “que tem X em abundância”, “que tem muito X” e “que tem X grande”. O *slot* X representa o *input*, que é sempre um substantivo, como se pode ver em exemplos, como: “amorudo”, “caborjudo”, “capeludo”, “cornudo”, “fachudo”, “olheirudo”, “tamancudo”, “telhudo”, “trombudo”, “unheirudo”, “cabeludo”, “peludo”, “pançudo”, “dentudo”, “nadegudo”, “nervudo”, “olhudo”, “joelhudo”, “ancudo”, “bicudo”, “bigodudo”, “bochechudo”, “classudo”, “posudo”, “espadaúdo”, “farinhudo”, “picudo”, “maludo”, “pezudo”, “mãozudo” etc.

O subesquema de semelhança reúne os adjetivos X-udo que podem ser parafraseados, como “cuja forma se assemelha a X”, “que tem a forma de X”, “que tem o aspecto de X”, “que age como X” e “que tem a aparência de X”. O *slot* X dessas construções também é sempre um substantivo. São exemplos: “abelhudo”, “borrachudo”, “bugalhudo”, “cabaçudo”, “campanudo”, “carrancudo”, “cepudo”, “ganchudo”, “grossudo”, “maçudo”, “massudo”, “molambudo”, “morrudo”, “parrudo”, “repolhudo”, “sapudo”, “taludo”, “varudo” etc. Destaque-se que, em muitos desses casos, os *inputs* podem ser tomados metafonicamente. Assim, “abelhudo” – “curioso, intrometido, indiscreto” – e “sapudo” – “baixo e gordo” – tomam metafórica e metonimicamente as bases “abelha” e “sapo”.

O subesquema de instensificação, por fim, reúne os adjetivos X-udo cuja paráfrase mais saliente é de “que é muito X”. Os cinco exemplos encontrados foram: “gordalhudo” – “gordalhão, que é muito gordo”, “querudo” – “duro no trato, forte, valentão” (*input*: *quera*, adjetivo que significa “valente, corajoso”) –, “rechonchudo” – “muito gordo, gorducho” (*input*: espanhol *rechoncho*) –, “vaziúdo” – “muito magro” e “versudo” – “muito acamado”.

Diante dessas considerações, Simões Neto (2020b) propõe uma esquematização do padrão construcional X-udo, com as mesmas características semânticas e funcionais do latim X-*ūtus* (Figura 9). A diferença é apenas a configuração fonológica do sufixo, que se justifica pelo desenvolvimento histórico da língua latina rumo ao português, em que as consoantes surdas intervocálicas se sonorizaram.

Os padrões X-LENTO e X-ENTO no português

Os sufixos -lento e -ento são cognatos, tendo uma mesma origem latina. A gênese do sufixo latino é controversa, como relata Simões Neto (2020a). O autor mostra duas posições. A primeira é a de Ernout (1949 apud SIMÕES NETO, 2020a, p. 339, grifo do autor):

[0] autor sugere que *-ulentus* é um sufixo complexo que se origina de outros dois sufixos latinos: *-ul-*, que denota atividade ou propensão em derivados deverbais, como *bibulus* ‘que bebe, que gosta de beber’, *credulus* ‘que crê com facilidade’; e *-entus*, que aparece, por exemplo, em *cruentus* ‘cheio de sangue’. Dessa maneira, pode-se compreender que o entendimento de Ernout (1949) é de que havia dois sufixos latinos (*-ul-* e *-entus*) que, dada a frequência da realização conjunta, foram interpretados como sufixo único (*-ulentus*). Nesse caso, o *-entus* precederia o *-ulentus*.

Outra análise para a gênese do *-entus* no latim é feita por Gallarín (2018 apud SIMÕES NETO, 2020a), que sugere que o sufixo primário seja o *-ulentus* (*succulentus*, *pulverulentus*) e, desse, teriam se desenvolvido as variantes *-lentus* e *-entus*. A autora destaca como decisiva a ambiguidade morfológica de *bucculentus*: seria *buccula* “boquinha” + *-entus* ou *bucca* + *-ulentus*? No entendimento da autora retomada, essa formação teria sido decisiva para a ressegmentação do sufixo, com a perda do segmento *-ul-*. Sobre essa análise, Simões Neto (2020a) faz os seguintes comentários:

O primeiro problema da proposição citada por Gallarín (2018) é a especificidade dada à palavra *bucculentus*. Nada impede que uma palavra específica atue decisivamente para uma nova depreensão de um formativo. Porém, o fato de a análise não se sustentar com outras palavras dificulta a assunção dessa hipótese de forma categórica. O segundo problema da formulação é a improbabilidade semântica. Como e por que uma base *buccula* ‘boca pequena’, de significado diminutivo, derivaria uma palavra cujo significado destaca a característica de ter a boca grande? Esse processo morfológico parece improvável. Cabe ressaltar que a reanálise da formação morfológica não é impossível, nem mesmo improvável. Poderia, inclusive, explicar a convivência das variantes sufixais *-ulentus*, *-lentus* e *-entus* na língua latina. É preciso, no entanto, ter um controle temporal

mais rígido para se determinar qual realmente foi a evolução do formativo. (SIMÕES NETO, 2020a, p. 340, grifo do autor)

Simões Neto (2020a), ao coletar dados em um dicionário latim-português, registrou 29 formações com *-lentus* (*-ulentus*, *-olentus* e *-ilentus*) e *-entus*. A distribuição das variantes sufixais pode ser vista na Tabela 1, a seguir:

Tabela 1 – Ocorrências de -LENTUS/-ENTUS na língua latina

Variantes		Exemplos	QTD	%
<i>-lentus</i>	<i>-ulentus</i>	<i>amārulentus, bucculentus, corpulentus, fraudulentus, pisculentus, sordulentus</i>	22	75,86
	<i>-olentus</i>	<i>sanguinolentus, somnolentus, vīnolentus, violentus</i>	4	13,79
	<i>-ilentus</i>	<i>aquilentus, macilentus</i>	2	6,90
<i>-entus</i>	-	<i>cruentus</i>	1	3,45

Fonte: Simões Neto (2020a, p. 343).

Como se pode ver na Tabela 1, há a ocorrência de apenas uma forma em *-entus*, *cruentus*. 96,55% das realizações são do grupo *-lentus*. A única ocorrência de *-entus* no latim clássico só foi documentada em português em 1572 (HOUAISS; VILLAR, 2009), momento posterior ao período arcaico. Tal observação é importante, porque, nos dados de Soledade (2005), as formas em *-ento* encontradas foram “fedorento”, “bolorento” e “auarento”, todas criações do português arcaico. A autora não registrou formas em *-lento*. Explica Simões Neto (2020a, p. 346, grifo do autor) que,

Com base nas datações fornecidas por Houaiss e Villar (2009), a expressiva maioria das formas sufixadas com a variante *-len-*

to entrou no português, a partir da segunda metade do século XVI, ou seja, em momento posterior ao português arcaico. [...] O único caso de derivado em *-lento* que aparece no período arcaico é *sonolento*, forma herdada do latim *somnolentus*.

O sufixo *-ento* no português, assim como aconteceu no já comentado *-udo*, ganhou um comportamento produtivo relativamente distanciado do sufixo da matriz latina. A variante *-lento*, que era mais produtiva no latim, aparece em cultismos da língua, em geral, herdados. Não há, portanto, expressivas criações na língua, como se pode ver nas observações de Simões Neto (2020a, p. 348-349, grifo do autor), que coletou 22 derivados *X-lento* no *DHELP*:

Em relação às formas com *-lento*, foram vistos 22 derivados no *DHELP*. São eles: *amarulento*, *corpulento*, *esculento*, *feculento*, *flatulento*, *fraudulento*, *luculento*, *lutulento*, *macilento*, *opulento*, *pestilento*, *purulento*, *sanguinolento*, *sonolento*, *suculento*, *terrulento*, *truculento*, *turbulento*, *violento*, *virulento* e *xexulento*. Dessas, apenas duas não são heranças latinas. São os casos de *flatulento*, que, como mencionou Said Ali (1964), é um empréstimo do francês, e *xexulento* ('desprovido de qualidade'), cuja base, segundo o dicionário-fonte, é o adjetivo *xexé*, que quer dizer 'de comportamento estúpido ou ridículo'.

As formações em *-ento*, diferentemente das em *-lento*, foram vistas em 200 formações no mesmo dicionário-fonte. Na Tabela 2, a seguir, reproduz-se uma sistematização, com os agrupamentos semânticos identificados por Simões Neto (2020a), com as respectivas quantidades.

Tabela 2 – Frequência de X-ENTO na língua portuguesa

Grupo semântico	Frequência	Percentual (%)
'Cheio de S', em que a base S é um substantivo concreto não contável ou um substantivo abstrato	110	55

Grupo semântico	Frequência	Percentual (%)
'Propenso a S', em que a base S é um substantivo abstrato, e o derivado é caracterizado pela habitualidade	49	24,5
'Abundante de S', em que a base S é um substantivo concreto e contável	24	12
'Semelhante a S', em que a base S é um substantivo concreto	14	7
'Muito A', em que a base A é um adjetivo, e o derivado indica intensificação	3	1,5

Fonte: Simões Neto (2020a, p. 347).

Quanto aos exemplos de cada agrupamento semântico, vejam-se os comentários do autor:

Entre os casos do tipo 'cheio de', aparecem: *aguacento, areento, bolorento, borralhento, cruento, caspento, dinheirento, enxofrento, farinhento, fedorento, ferrugento, fumacento, garoento, gordurento, lamacento, leitento, lixento, lodacento, luxento, manteiguento, marrento, molambento, natento, nevoento, odiendo, olheirento, peçonhento, poeirento, quizilento, rabugento, raivento, sanguento, sedento, suarento, terrento e visguento*.

Exemplos de realização de 'propenso a' são: *agoniento, preguiçento, trapacento, agourento, estrepolento, gafento, chameguento, coceguento, pegajento, algazarrento, vagarento, asneirento, barulhento, birrento, farofento, fuxiquento, mandinguento, historiento, pirracento, zoadento, ofeguento, rixento, nojento, praguento, rusguento, engulhento, cansacento e nauseento*.

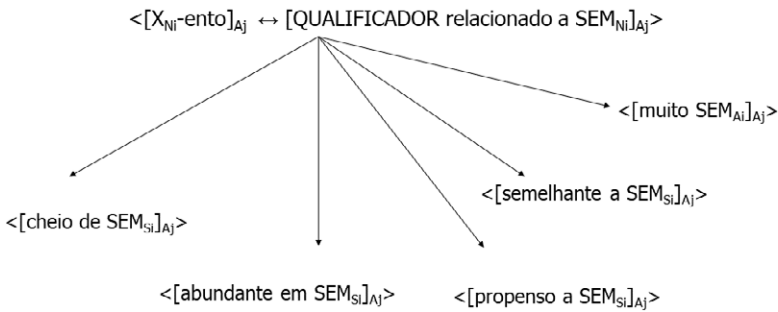
No rol daqueles que foram classificados como 'abundante em', estão: *aranhento, bagulhento, calombento, cascalhento, feridento, filhento, folhento, ladeirento, olhento, pedregulhento, piolhento, pulguento, esburaquento, carrasquento, pulguento e verruguento*.

No âmbito da semelhança, foram alocados os seguintes dados: amarelento, borrachento, carvoento, cinzento, espelheiro, vermelhento alvarento, branquicento, corticento, pardacento, ruivarento, vidrento e vinarento.

Por último, os dois casos de intensificados foram avarento, magrento e manheirento. (SIMÕES NETO, 2020a, p. 348, grifo do autor)

Na Figura 10, a seguir, apresenta-se o esquema-síntese das formas portuguesas X-ento, proposto por Simões Neto (2020a).

Figura 10 – Esquema e subesquemas N-ENTO no português



Fonte: adaptada de Simões Neto (2020a, p. 348).

Importa mencionar que o padrão N-lento tem as mesmas propriedades. No entanto, como dito, é um esquema que se pode depreender para a sistematização de formas herdadas ou já institucionalizadas. Isso é dizer que N-lento, diferentemente de N-ento, não é um esquema produtivo que tenha sido ativado recorrentemente para gerar novas palavras na língua.

O ESQUEMA [X_N-IZAR]_V: ESTUDO DE CONSTRUÇÕES COM VERBALIZADORES¹³

Os verbos são classes abertas na língua portuguesa. Muitos são os sufixos que atuam na cunhagem de novos verbos, dentre os quais, -ar, -ear, -ejar, -ecer e -izar. Nesta seção, será retomado o trabalho de Santos e Simões Neto (2018), que descreveram o padrão construcional N-izar. Os dados são oriundos da dissertação de mestrado de Santos (2016), que analisou 405 formações N-izar do português brasileiro, sendo 303 dicionarizadas e 102 não dicionarizadas, na perspectiva da Morfologia Distribuída, vertente de orientação gerativista. Vejam-se alguns exemplos na Tabela 3.

Tabela 3 – Dados de X-IZAR na língua portuguesa

Paráfrase	Frequência	Exemplos
Atribuir característica de X a	227	ivetizar, flamenguizar, adjetivizar
Tornar-se X	112	lentizar, oficializar, industrializar
Colocar em X	7	memorizar, pocketizar
Fazer X	24	uploadizar, downloadizar
Causar X a	6	aterrorizar, apavorizar
Usar X	7	twittizar, bloguerizar
Agir como X	11	dilmizar
Transformar X	1	cabelizar

Fonte: adaptada de Santos (2016, p. 91).

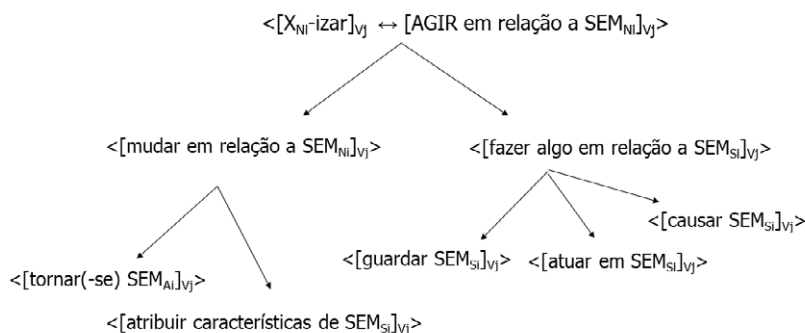
13 Merece destaque o estudo sobre sufixos pré-desinenciais em verbos de língua latina, feito por Barbosa (2020).

Na reanálise proposta por Santos e Simões Neto (2018), os significados identificados por Santos (2016) são reagrupados em dois esquemas dominantes. O primeiro está mais relacionado à mudança ou atribuição de uma propriedade, e um segundo aponta ações de caráter pontual, como “guardar”, “fazer”, “colocar” e “usar”. Comentários de Santos e Simões Neto (2020), sobre a delimitação dos esquemas, podem ser vistos nos excertos a seguir:

O primeiro esquema dominante envolve mudança de estado e aborda os significados (TORNAR-SE X, AGIR COMO X e ATRIBUIR CARACTERÍSTICAS DE X). Entendemos que, em todos esses, há uma mudança cuja característica-alvo está expressa pelo *input*. Observamos também que os significados AGIR COMO X e ATRIBUIR CARACTERÍSTICAS DE X são, em tese, o mesmo, mas diferenciados em projeção. No primeiro, como visto em ‘dilmizar’ (É mais fácil a Kátia Abreu dilmizar do que a Dilma katiabreuzar), a mudança se dá por conta própria, ao passo que em ‘ivetizar’, que seria do segundo significado, a mudança vem pela atribuição de terceiros. Porém, isso tem mais a ver com uma projeção de figura-fundo, revelada na estrutura sintática, do que com o significado da palavra, uma vez que as construções encontradas com esses significados podem atuar nos dois contextos, não sendo produtivo diferenciá-los, para que não incorramos no risco de estendermos demais a polissemia. Dessa forma, o primeiro esquema dominante tem dois subesquemas: um de TORNAR-SE (‘lentizar’) e outro de APRESENTAR CARACTERÍSTICAS (‘dilmizar’, ‘flamenguizar’, ‘ivetizar’). O segundo esquema dominante envolve ações mais pontuais que não se relacionam com a mudança de estado necessariamente. Nesse esquema, estabelecemos três subesquemas: (i) GUARDAR EM (‘pocketizar’); (ii) AGIR EM (‘cabelizar’, ‘twitterizar’, ‘uploadizar’); (iii) CAUSAR (‘apavorizar’). É importante comentarmos que o subesquema AGIR EM reúne os significados usar X, transformar X e fazer X. Entendemos que, por ora, também não há necessidade de dividi-los. (SANTOS; SIMÕES NETO, 2018, p. 86-87, grifo do autor)

Na Figura 11, a seguir, apresenta-se a representação esquemática proposta por Santos e Simões Neto (2018), com algumas adaptações relativas à especificação dos *inputs*: (i) no esquema geral e no esquema dominante de mudança, o *input* é uma arquicategoria N; (ii) nos subesquemas do esquema de MUDAR, os *inputs* são especificados em adjetivos ou substantivos; (iii) no esquema de FAZER ALGO EM RELAÇÃO A, o *input* é um substantivo, propriedade herdada pelos subesquemas.

Figura 11 – Esquema N-IZAR no português brasileiro



Fonte: adaptada de Santos e Simões Neto (2018, p. 88).

CONSTRUÇÕES COM SUFIXOS FORMADORES DE ADVÉRBIOS

A categoria de advérbios no português tem uma propriedade bastante particular: ela é aberta e fechada, ao mesmo tempo, pois, ao mesmo tempo que, no quadro geral, não admita a entrada de novos itens lexicais, existe um padrão que é produtivo do ponto de vista lexicogênico. É o caso do padrão XA-mente, que tem instanciações há muito tempo documentadas, como “tranquilamente” e “verdadeiramente”, e outras mais recentes, como “malandramente” e “abusadamente”, presentes

em letras de músicas brasileiras do gênero *funk*. (ALCÂNTARA; VIVAS; MORAIS, 2019)

Com exceção desse caso do padrão X_A -mente, não se identifica em português outros esquemas construcionais de sufixação para a formação de advérbios. A língua latina, diferentemente, conheceu outros padrões, que não foram herdados pelo português. São os casos, por exemplo, dos advérbios de significado distributivo/iterativo, formados com o sufixo *-(at)im*. Esse sufixo foi comentado por Santos (2020), que identificou, em dicionário latino-lusitânico do século XVI, construções, como *guttatim* “gota a gota”, *granatim* “grão a grão”, *saltim* “salto a salto”, *templatim* “de igreja em igreja”, *mensatim* “de mesa em mesa” e *ostiatim* “de porta em porta”. Pode-se depreender, a partir desses exemplos, a existência de um padrão construcional no latim, que pode ser representado como no esquema em (f):

$$\langle [X_{Si} \text{-(at)im}]_{Advj} \leftrightarrow [\text{significado de } S_i \text{ de modo distributivo/iterativo}]_j \rangle$$

O sufixo adverbializador atestado no português é o já mencionado -mente, que advém de um processo de gramaticalização do substantivo feminino “mente”, que tem origem no latim *mens, mentis*. A gramaticalização foi estudada por Santos (2014), que, em sua dissertação, analisou usos do período arcaico da língua portuguesa, apontando que o processo de afixação, hoje conhecido, ainda estava em curso e, não raramente, as formações adverbiais eram realizadas como um sintagma do tipo AN (adjetivo+nome). Diante disso, Soledade (2019) propõe a existência de um esquema como o expresso em (g):

$$\langle [X_{adjFi} \text{(-)mente}]_{Advj} \leftrightarrow [\text{de modo } X_{adjMi}]_j \rangle$$

No esquema em (g), o *input* é sempre um adjetivo feminino, fato que se justifica historicamente, como já explicado. O hífen entre parênteses serve para retratar a oscilação da realização no português arcaico. Em uma amostra que se volte exclusivamente ao português

contemporâneo, os parênteses podem ser dispensados, uma vez que o -mente dos advérbios já é identificado como um formativo sufixal. Na contraparte semântica, o *input* é retomado com o correspondente masculino, pois a paráfrase é feita com base no substantivo masculino “modo”: “[correta]_{AdjFi}mente ↔ de modo [correto]_{AdjMi}” e “[verdadeira]_{AdjFi}mente ↔ de modo [verdadeiro]_{AdjMi}”. O produto dessa operação morfológica é um advérbio de modo, fato expresso pela etiquetagem do *output*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos aqui sumarizados, uma vez reunidos, fornecem evidências relevantes de que o estudo construcional da morfologia em perspectiva histórica vem avançando no Brasil no sentido de oferecer pistas para que possamos compreender como se processa o elo entre o passado e o presente afetando a organização hierárquica do léxico, no que concerne aos processos genolexicais. Não se trata apenas de demarcar as evidentes mudanças, mas também de registrar aquilo que se herda e que permanece como produtivo ao longo da constituição histórica da língua portuguesa. Vale dizer ainda que, embora o modelo construcional aplicado à morfologia demande ajustes, sobretudo em termos de representação, ele tem possibilitado estabelecer relações menos arbitrárias entre o passado e o presente, uma vez que se ancora nos sentidos e não nas formas.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, A. B. A. de; VIVAS, V. de M.; MORAIS, M. A. Uma análise morfológica, textual e social dos advérbios em “-mente” nas músicas de funk. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 23., 2019, Rio de Janeiro. *Resumos* [...]. Rio de Janeiro: [s. n.], 2019. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xxiii_cnlf/resumos/uma_analise_ANA.pdf. Acesso em: 4 dez. 2020.

BARBOSA, L. P. da S. *Forma verborvm*: abordagem construcional dos sufixos pré-desinenciais de verbos latinos. 2020. Tese (Doutorado em Estudos da Lin-

guagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/14540/TESE%201%20Luiz%20Pedro%20da%20Silva%20Barbosa.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 21 ago. 2022.

B00IJ, G. E. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

B00IJ, G. E. Inheritance and motivation in Construction Morphology. In: GISBORNE, N.; HIPPISEY, A. (ed.). *Defaults in morphological theory*. Oxford: Oxford University Press, 2017. p. 18-39.

GONÇALVES, C. A. V. *Morfologia construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016.

GONÇALVES, C. A. V.; ALMEIDA, M. L. L. de. Morfologia construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias. *Alfa*, São Paulo, v. 58, n. 1, p. 165-193, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/RFD7h36Ytf-CYfHLhZJ3fvJf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 ago. 2022.

GONÇALVES, C. A. V.; TAVARES DA SILVA; J. C. Sobre o estatuto de -nte: evidência de um continuum flexão-derivação para a mudança morfológica do latim ao português. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 57-83, jan./abr. 2020.

SANTOS, A. V. dos. Cara a cara, face a face e rosto a rosto em português: uma primeira abordagem. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DO PPGLEV, 1., 2020, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: [s. l.], 2020. Apresentado no Simpósio temático – Morfologia do português em diferentes perspectivas, que ocorreu no Congresso.

SANTOS, C. E. F. dos. *Os sufixos -ec(er) e -iz(ar): um estudo sobre formações dicionarizadas e não dicionarizadas*. 2016. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SANTOS, C. E. F.; SIMÕES NETO, N. A. A polissemia em esquemas morfológicos X-izar do português brasileiro. In: SANTOS, E. S.; ALMEIDA, A. A. D.; SIMÕES NETO, N. A. (org.). *Olhares sobre o léxico: perspectivas de estudos*. Salvador: EdUNEB, 2018, p. 71-92.

SANTOS, I. P. dos. *Gramaticalização de advérbios formados com o morfema -mente: uma proposta de categorização semântica*. 2014. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

SIMÕES NETO, N. A. *Um enfoque construcional sobre as formas X-eir-*: da origem latina ao português arcaico. 2016. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. 2. t.

SIMÕES NETO, N. A. *O esquema X-ari- do latim às línguas românicas*: um estudo comparativo, cognitivo e construcional. 2020c. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 5 v.

SIMÕES NETO, N. A. Do latim X-entus ao português X-ento: uma leitura morfossemântica orientada pela Morfologia Construcional. *Revista do GELNE*, Natal, v. 22, n. 2, p. 336-351, 2020a.

SIMÕES NETO, N. A. Do latim [[X]-utus]a ao português -[[X]-udo]a: considerações sobre a trajetória de um esquema morfológico adjetival. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 84-103, jan./abr. 2020b.

SIMÕES NETO, N. A. Morfologia Construcional e alguns desafios para a análise de dados históricos da língua portuguesa. *Domínios de Lingu@gem*, Uberlândia, v. 11, n. 3, p. 468-501, 2017. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/36837>. Acesso em: 21 ago. 2022.

SIMÕES NETO, N. A.; SOLEDADE, J. Um enfoque da morfologia construcional sobre as formações X-ário no português arcaico. *Pontos de Interrogação*, Alagoinhas, v. 5, n. 1, p. 143-171, jan./jul. 2015. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20180516232903/https://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosde-int/article/viewFile/2692/1822>. Acesso em: 21 ago. 2022.

SOLEDADE, J. Esquemas construcionais no português arcaico: um estudo sobre X-ada1, X-ada2, X-ado, X-do, X-da. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 41-56, 2020.

SOLEDADE, J. Experimentando esquemas: um olhar sobre a polissemia das formações [[XI -EIR]NJ no português arcaico. *Diadorim*, Rio de Janeiro, p. 83-111, 2013. Número especial.

SOLEDADE, J. A morfologia histórica e a morfologia construcional: encontros e desencontros. In: SANTOS, E. S.; ALMEIDA, A. A. D.; SIMÕES NETO, N. A. (org.). *Dez leituras sobre o léxico*. Salvador: EdUNEB, 2019. p. 172-202.

SOLEDADE, J. De pecadores a sabedores: agentes de -dor no Livro das Aves. In: ALMEIDA, A. A. D.; LOPES, M. dos S. (org.). *Livro do livro das aves: estudos semânticos e morfológicos*. Salvador: Edufba, 2021. p. 195-223.

SOLEDADE, J. Por uma abordagem cognitiva da morfologia: revisando a morfologia construcional. In: ALMEIDA, A. A. D.; SANTOS, E. S. dos (org.). *Linguística cognitiva: redes do conhecimento d'aquém e d'além mar*. Salvador: Edufba, 2018. p. 225-258.

SOLEDADE, J. *Semântica morfolexical: contribuições para a descrição do paradigma sufixal do português arcaico*. 2005. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Instituto de Letras de Vernáculos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

TAVARES DA SILVA, J. C. A abordagem construcional nos estudos da morfologia do português: o modelo booiijano em terras brasílicas. *Macabéa: Revista Eletrônica do Netli, Crato*, v. 8, n. 2, p. 109-135, jul./dez. 2019.

Capítulo 3

BREVE ESTUDO SOBRE AS CONSTRUÇÕES DENOMINAIS X-ADA¹

João Carlos Tavares da Silva

INTRODUÇÃO

Cada peça morfológica é um universo infindável de possibilidades de análise e descobertas, tais como suas características morfológicas e morfossintáticas, seus valores semânticos e discursivos convencionalizados, seus aspectos morfofonológicos, sua origem, suas mudanças formais e semântico-pragmáticas ao longo do tempo, sua categorização etc. Nessa gama de possibilidades, tenho me debruçado, há alguns anos, sobre o estudo dos sufixos denominais do português, cuja agenda inclui primordialmente os sufixos -eiro(a), -ário, -ada, -al, -agem e -aria. O presente trabalho, então, é parte de uma pesquisa mais ampla acerca do sufixo -ada, sua origem, suas mudanças

1 Agradeço enormemente à professora doutora Sandra Bernardo pela leitura cuidadosa, pela indicação de leituras e pelas valiosas sugestões, que foram incorporadas ao texto final. Ressalvo que quaisquer problemas ou inconsistências que ainda houver são de minha inteira responsabilidade.

formais e semânticas, suas características morfossemânticas e morfosintáticas, sua vitalidade (ou não) na língua e sua rede de relações tanto interna (sua rede polissêmica) quanto externa (sua relação com outros denominais).

O recorte selecionado para este texto foi a descrição morfossemântica das acepções mais prolíficas, objetivando alcançar o significado esquemático de cada padrão, tomando por base os principais pressupostos da Linguística Cognitiva (LC) e da Morfologia Construcional (MC). A análise dos dados se pauta no modelo de análise desenvolvido em Tavares da Silva (2020), que será detalhado na próxima seção. Na terceira seção, apresento brevemente o *corpus* utilizado, para, em seguida, discorrer sobre a análise dos dados. Por fim, na última seção, teço minhas considerações finais.

O MODELO TEÓRICO

O modelo teórico que será aplicado à análise das construções X-ada foi desenvolvido inicialmente em minha Tese doutoral (TAVARES DA SILVA, 2017) e teve um primeiro desdobramento no trabalho intitulado *A semântica dos sufixos denominais*. (TAVARES DA SILVA, 2020) Esse modelo toma por base os pressupostos mais gerais da LC, bem como da MC (BOOIJ, 2005, 2007, 2010, 2013, 2016, 2018) e visa primordialmente descrever os níveis esquemáticos das construções morfológicas, mais especificamente as construções denominais.

O modelo da MC resulta de uma série de publicações do pesquisador holandês Geert Booij, das quais a principal e mais completa é o livro intitulado *Construction Morphology*. (BOOIJ, 2010) As principais premissas do modelo, mais pertinentes para os debates que aqui se travam, podem ser resumidas nos seguintes tópicos:²

2 Para maiores detalhes sobre o modelo, aconselho primordialmente o livro *Construction Morphology*. (BOOIJ, 2010) Para detalhamentos publicados em língua portuguesa, indico os trabalhos de Gonçalves e Almeida (2014), Gonçalves (2016) e Tavares da Silva (2017, 2019, 2020).

- (a) o componente semântico (SEM) das construções morfológicas é constituído tanto de informação estritamente semântica quanto pragmática;
- (b) o modelo pressupõe que não há separação rígida entre conhecimento linguístico e conhecimento enciclopédico, bem como a não separação estrita entre léxico e gramática;
- (c) as palavras são vistas como construções, ou seja, um pareamento entre forma e conteúdo, que podem ser abertas ([[X] s Y]s), parcialmente especificadas ([[X]s ada]s) ou especificadas ([[faca]s ada]s);
- (d) o significado das construções também é especificado, o que significa que é uma propriedade holística da construção como um todo.

Com relação à SEM, a MC preconiza que o polo semântico das construções hierarquicamente superiores deve ser o mais abrangente possível a ponto de abarcar todas as acepções hierarquicamente subordinadas. Para melhor alcançar essa abrangência, propus descrever esquematicamente as construções denominais, ou seja, puxando o significado “para cima”, nos termos de Soares da Silva (2006). Para o autor, “a flexibilidade do significado e a instabilidade da polissemia implicam que puxemos o significado tanto para cima como para baixo”. (SOARES DA SILVA, 2006, p. 69)

Grosso modo, puxar o significado para baixo é buscar o significado dos usos mais contextuais, mais específicos e psicologicamente mais reais. Isso é o que fazemos quando descrevemos a palavra ‘planetário’ como ‘espécie de anfiteatro, recoberto por uma cúpula, no qual se exhibe a imagem do firmamento estrelado e das órbitas dos planetas’ [...]. Já puxar o significado para cima é buscar o significado esquemático de uma palavra e/ou construção. A descrição por meio de paráfrases abrangentes que deem conta de um número considerável de

dados não deixa de ser uma tentativa de puxar o significado para cima. Porém, essa tentativa não tem se mostrado muito eficiente, deixando muitas lacunas e, por conseguinte, muitas exceções. (TAVARES DA SILVA, 2020, p. 19)

Assim, dois são os objetivos centrais (interdependentes) do modelo de análise: em primeiro lugar, “puxar para cima” o significado das construções denominais, incorporando a noção de Rede Conceitual de Contiguidade (RCC) – o que será detalhado a seguir – ao polo semântico das construções morfológicas, demonstrando que somente nesse nível de análise pode se alcançar generalizações coerentes e consistentes o suficiente. Em segundo lugar, e como consequência do objetivo anterior, resolver o problema da mera descrição parafrástica ou “o problema da paráfrase”.

O que se denomina como “problema da paráfrase” (TAVARES DA SILVA, 2020, p. 88) é o impasse que reside no fato de se classificar grupos morfossemânticos com base exclusivamente em paráfrases. Testes para fins taxonômicos baseados em paráfrases serão sempre imprecisos, uma vez que as palavras são polissêmicas. Assim, uma paráfrase nunca vai ser abrangente ou definitiva o suficiente. Definir uma palavra ou o valor semântico de uma relação lexical tem passado pelo problema de se valer apenas de paráfrases. Esse é o caso, por exemplo, do teste proposto por Cruse (1986) para definir meronímia e holonímia.³

Desse modo, lidar apenas com definições parafrásticas significa lidar com uma gama de imprecisões das quais não se pode escapar. A solução proposta foi buscar o significado esquemático de tais relações, sem, porém, resumir as definições a esquemas. Assim como as paráfrases podem pressupor casos que intuitivamente não se encaixam na classe em questão, apenas esquematizações trariam o mesmo problema. A junção de ambos os métodos, portanto, é uma solução metodo-

3 Para um debate mais amplo acerca da questão, ver Tavares da Silva (2020, p. 57-97).

lógica viável e adequada. Essa junção se fez justamente conjugando a RCC aos princípios da MC.

A RCC pode ser, *grosso modo*, entendida como a conjugação entre Esquemas de Imagens (EI), Delimitação e Domínios cognitivos. Esquemas de imagem ou esquemas imagéticos são apresentados e discutidos em Lakoff (1987), Johnson (1987) e Lakoff e Turner (1989). Podem ser definidos como versões esquemáticas de imagens. São representações conceituais relativamente abstratas e totalmente esquemáticas que surgem a partir da nossa interação cotidiana com o mundo e observação do mundo que nos cerca. São derivados, pois, das nossas experiências sensorio-motoras e perceptuais. Logo, um esquema como PARTE-TODO, por exemplo, emerge de nossa experiência física e perceptual com objetos e suas partes e da relação que partes e todos estabelecem entre si. Do mesmo modo, o esquema de contêiner emerge de nossas experiências com recipientes.

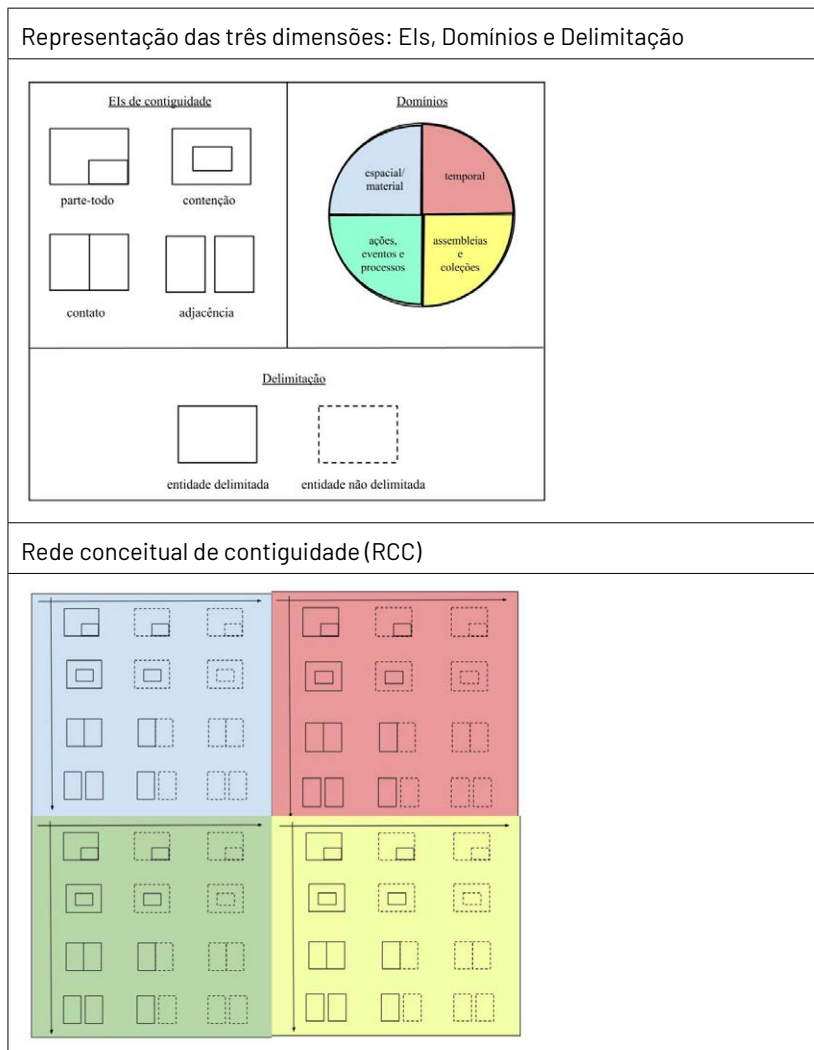
A delimitação refere-se a propriedades semânticas presentes nos signos que denotam algo delimitado – carro, goiaba, parede etc. – ou algo não delimitado (água, ar, areia etc.). No que concerne ao conceito de Domínio Cognitivo, é bastante esclarecedora a definição de Evans (2007), que define domínio como

uma entidade conceitual postulada na Gramática Cognitiva. Um domínio constitui uma estrutura de conhecimento que possui, em princípio, qualquer nível de complexidade ou organização. Por exemplo, um domínio pode constituir um conceito, um frame semântico ou algum outro espaço representacional ou complexo conceitual. Crucialmente, um domínio fornece um tipo particular de representação de conhecimento contra a qual outras unidades conceituais, tais como um conceito, são caracterizadas. Por exemplo, termos linguísticos como quente, frio e morno se relacionam com diferentes tipos de conceitos lexicais que só podem ser completamente caracterizados em relação ao domínio da TEMPERATURA. Assim, a função central de um domínio é fornecer um contexto de conhecimento relati-

vamente estável em termos dos quais outros tipos de unidades conceituais podem ser compreendidas. (EVANS, 2007, p. 61)

Assim, a conjugação dessas três dimensões resulta na RCC, representada e sintetizada na Figura 1, a seguir:

Figura 1 – Rede conceitual de contiguidade e suas três dimensões



Fonte: Tavares da Silva (2020, p. 46 e 51).

As figuras retangulares representam esquemas imagéticos de contiguidade (PARTE-TODO, CONTENÇÃO, CONTATO e ADJACÊNCIA). Cada cor representa um domínio cognitivo, a saber, domínio material/espacial (azul), domínio temporal (rosa), domínio das ações/eventos/processos (verde) e domínio das assembleias e coleções (amarelo). Os retângulos preenchidos simbolizam entidades (de) limitadas, ao passo que os retângulos pontilhados simbolizam entidades não (de)limitadas.

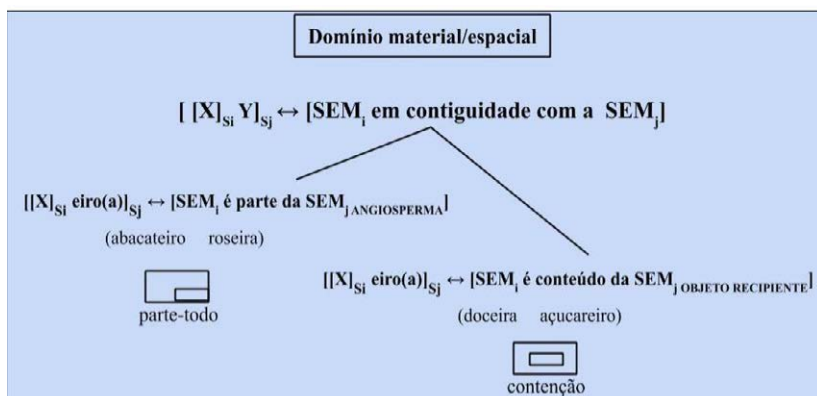
A inter-relação entre essas três dimensões toma por base o trabalho de Peirsman e Geeraerts (2006), que propõe que a metonímia seja vista como uma categoria hierarquicamente estruturada. Para isso, unem as noções de contiguidade, delimitação e domínio em uma rede prototipicamente estruturada capaz de explicar os vários tipos de metonímias encontrados na literatura linguística. Embora não mencionem EI nem façam referência ao sistema de quantidade (TALMY, 2000, 2006), é possível correlacionar o que os autores tratam por delimitação ao sistema de quantidade e o que se referem como padrões metonímicos (contiguidade) a esquemas imagéticos.

Adotar as noções de EI bem como de sistema de quantidade amplia consideravelmente a proposta inicial de Peirsman e Geeraerts, pois não se limita aos 24 padrões metonímicos elencados pelos autores. A RCC, com seus 48 padrões em potencial (Figura 1), é fruto justamente dessa ampliação. Além da ampliação no âmbito teórico-epistemológico, há também uma ampliação em seu escopo de aplicação, pois a RCC “[...] é capaz de descrever não só padrões metonímicos, mas também processos de formação de palavras e relações lexicais”. (TAVARES DA SILVA, 2020, p. 12) Além disso, assumida a inserção do sistema de quantidade, não se opera neste modelo apenas com a delimitação, mas também com a plexidade. A importância dessa categoria para a análise morfossemântica já foi demonstrada na análise da rede constru-

cional X-eiro(a)⁴ e será, no presente trabalho, demonstrada na análise das formações X-ada.

Tal abordagem foi aplicada à descrição morfossemântica das formações X-eiro e X-ário. (TAVARES DA SILVA, 2020) A Figura 2 é apenas uma parte, para fins ilustrativos, da rede polissêmica das construções não agentivas X-eiro(a).

Figura 2 – O esquema geral dos denominais e os subsquemas parte-todo e contenção



Fonte: elaborada pelo autor.

Como já mencionado, o polo semântico de uma construção hierarquicamente mais alta deve conter uma especificação geral o suficiente para abarcar as diversas possibilidades de significação provenientes dos subsquemas imediatamente abaixo. No topo da figura, está o esquema geral dos denominais. SEM_i e SEM_j são, respectivamente, a semântica da palavra-base e da palavra derivada. A relação esquemática entre base e produto é de contiguidade, já que essa é capaz de abarcar todas as outras relações esquemáticas encontradas nas formações denominais (PARTE-TODO, CONTENÇÃO, CONTATO e ADJACÊNCIA).

4 Ver Tavares da Silva (2020, p. 138-154).

Subordinado ao esquema geral estão dois subesquemas, o da construção X-eiro(a)_{angiospermas} e da construção X-eiro(a)_{objetos recipientes}. Há, nessas construções, uma relação sistemática entre base e produto que pode ser descrita por meio de EI. Nas palavras que designam plantas, a base é sempre a parte e o produto, sempre o todo. No padrão que forma objetos recipientes, a base é sempre o conteúdo e o produto, o contêiner. É, portanto, a observação dessas relações sistemáticas num nível mais esquemático que sustenta a proposta de análise em EIs.

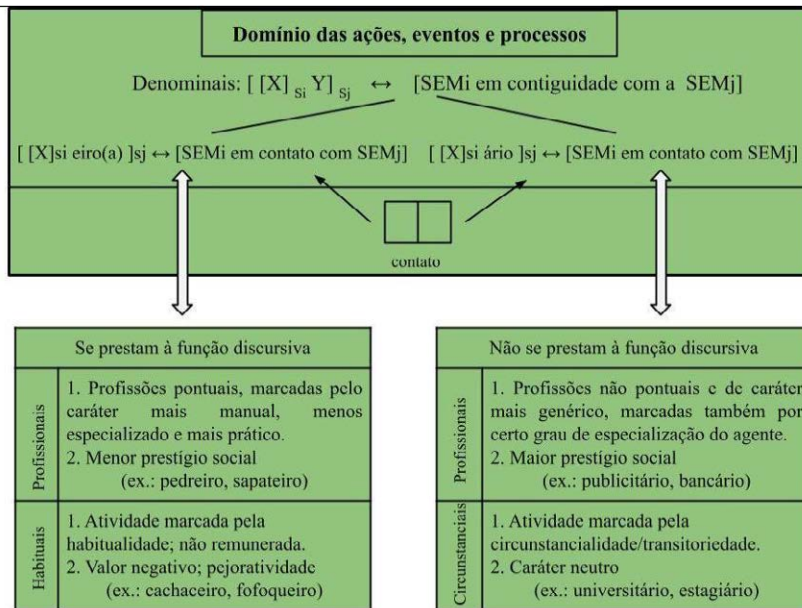
No entanto, como já exposto, puxar o significado para cima não exclui nem diminui a importância de se considerar também o significado dos usos mais contextuais. É conjugando essas duas análises, e com base em dados históricos, que argumento⁵ que as construções agentivas X-eiro e X-ário, por exemplo, têm exatamente o mesmo “esqueleto”: ambas são ancoradas no EI de contato no domínio das ações, eventos e processos. A diferença entre elas está nos valores semântico-pragmáticos codificados em cada construção. Na representação a seguir, é importante notar que as construções X-eiro e X-ário apresentam semântica (esquemáticamente) idênticas. Elas diferem, pois, em seus valores semântico-pragmáticos, o que está representado nos quadros ligados pelas setas duplas.

A proposta, portanto, converge com os principais pressupostos da MC e da LC, na medida em que assume que tanto informação estritamente semântica quanto pragmática fazem parte da construção, mas advoga que generalizações consistentes só são possíveis puxando o significado para cima, ficando as características semântico-pragmáticas mais específicas e psicologicamente mais reais responsáveis por revelar não só as diferenças entre subesquemas (Figura 3), mas, sobretudo, a multiplicidade de desdobramentos possíveis, pois, como bem salientam Traugott e Trousdale (2013, p. 44), “[...] quanto mais esquemático for o tipo de construção, maiores serão as generalizações

5 Ver Tavares da Silva (2020).

que podem ser feitas. Por outro lado, as idiossincrasias são mais típicas em níveis mais baixos da taxonomia”.

Figura 3 – Valores semântico-pragmáticos codificados nas construções agentivas x-eiroe x-ário: puxando o significado para cima e para baixo



Fonte: elaborada pelo autor.

Cabe, por fim, uma última ressalva. A separação aqui proposta nos dois movimentos, para cima e para baixo, é teórica. Sobre isso, muito esclarecedoras são novamente as palavras de Traugott e Trousdale (2013, p. 14, grifo nosso):

Em nossa opinião, os esquemas e subesquemas são as subpartes do sistema linguístico que o linguista seleciona para discussão e análise. Eles não se destinam a ser representações mentais, embora nada evite que haja uma sobreposição entre tais representações e as categorias dos linguistas. A esquematicidade de uma construção linguística está relacionada à extensão em que ela captura padrões mais gerais em uma série de construções mais específicas.

A próxima seção se destina à apresentação do *corpus* e à análise dos dados.

AS CONSTRUÇÕES X-ADA

Os dados da pesquisa foram coletados substancialmente do *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (DEHLP)* (2002), por meio da ferramenta “pesquisa”, que permite selecionar palavras com o início e/ou final digitado na caixa de busca. Algumas poucas palavras foram extraídas de outros trabalhos sobre o sufixo -ada⁶ e de páginas variadas da internet, totalizando 825 palavras com sufixo -ada. Dado o fenômeno da polissemia, os dados foram separados por acepção, de modo que os números que seguem fazem referência à quantidade por acepção.

Para este trabalho, foram excluídos da análise os deverbais X-ada (222 dados) e alguns denominais que formam pequenos núcleos morfossemânticos, com um número bastante reduzido de palavras, num total de 53 dados. São casos de palavras que designam algum tipo de evento (cervejada), um período de tempo (noitada) ou algum fenômeno natural (nortada), além de palavras em que processos metafóricos ou metonímicos tornaram seu significado mais específico, a exemplo de “balaçada”, nome dado à revolta dos balaios, rebelião que eclodiu no Maranhão, na fase final do período regencial. Desse modo, foram analisados apenas as acepções mais prolíficas, num total de 653 dados de denominais X-ada, distribuídos como segue:

- (a) a) X-ada_{golpe} (facada): 200 dados
- (b) b) X-ada_{coletivo} (garotada): 270 dados
- (c) X-ada_{recipiente cheio} (colherada): 52 dados
- (d) X-ada_{alimento} (feijoadada): 64 dados

6 Becker (2014); Takahashi (2014).

(e) X-ada_{atitude} (burrada): 67 dados

O foco deste trabalho, portanto, é a análise desses cinco subesquemas, todos eles ancorados no esquema imagético de contenção, conforme as descrições a seguir.

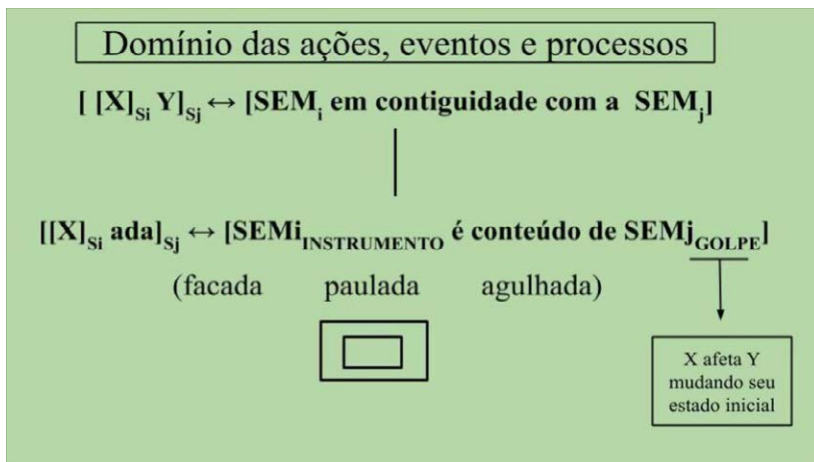
O subesquema X-ada_{golpe}

Nesse grupo, estão as palavras que designam uma espécie de golpe, pancada ou agressão com algo (ex.: “paulada”, “vassourada”). A base das construções X-ada_{golpe} é um substantivo concreto que designa o instrumento; o derivado, por sua vez, é um substantivo abstrato que designa a ação praticada com o instrumento. Em nomes deverbais (ex.: “picada”), a ação expressa é inteiramente dependente da base verbal e, conseqüentemente, vários tipos de ação podem ser expressos (de calar, de pousar, de entrar etc.). Já nos denominais, essa noção precisa fazer parte do significado da construção, pois substantivos concretos não expressam ação. Além disso, precisa também ser uma ação específica (nesse caso a de “golpe”), já que não pode ser extraída da base. Isso faz com que haja uma restrição dos substantivos que podem preencher a posição de base, tendo que ser necessariamente um nome que possa se compatibilizar com a noção de “efetuar um golpe (ou algo do tipo)”; daí serem todos substantivos concretos que designam entidades passíveis de funcionar como instrumento.

Há, portanto, entre base e palavra derivada uma relação entre um OBJETO INSTRUMENTO e uma AÇÃO. Uma ação pode ter uma ampla gama de participantes, que pode ser um agente, um paciente, uma localização, seu tempo ou um instrumento. Ao contrário de uma relação do tipo Evento e Subevento, em que este pode ser entendido como parte daquele (EI PARTE-TODO), a relação entre ação e um participante pode ser entendida em termos de contenção, em que participan-

tes são conteúdos das ações/eventos.⁷ A Figura 4, a seguir, representa o significado esquemático do subesquema X-ada_{golpe}.

Figura 4 – O subesquema X-ada_{golpe}



Fonte: elaborada pelo autor.

No topo da imagem, está o esquema geral dos denominais, que reflete a estrutura esquemática capaz de abarcar, não só todas as construções X-ada, mas também construções com outros sufixos denominais (-eiro(a), -ário, -agem, -al, -aria). Logo abaixo, está o subesquema $[[X]_{si} \text{ada}]_{sj} \leftrightarrow [SEM_i_{INSTRUMENTO} \text{ é conteúdo de } SEM_j_{GOLPE}]$, em que X deve ser entendido como participante instrumento, conteúdo da ação de “golpear”. A especificação GOLPE, no entanto, deve ser entendida de modo bem amplo, como uma ação pela qual uma entidade X afeta outra Y, modificando seu estado inicial. Na base da figura, está representado o EI que sustenta a construção, e a cor verde, por sua vez, representa o domínio das ações/eventos/processos. Esse é o significado esquemático dessa construção. As palavras entre parênteses

7 Essa é a interpretação de Peirsman e Geeraerts (2006) com a qual me afino.

são apenas para exemplificar algumas formações sancionadas por esse subesquema.

No nível dos usos mais contextuais, puxando o significado para baixo, uma série de acepções podem surgir a depender da base e/ou do contexto. Uma “dentada”, por exemplo, não se encaixa muito bem na ideia comum que fazemos de golpe, mas sem dúvida é uma ação em que uma entidade afeta outra causando-lhe alguma modificação. Outro exemplo é a noção de prejuízo e/ou agressão. Embora a ideia de que “X afeta Y de forma prejudicial/agressiva” esteja presente na maioria das palavras X-ada_{golpe}, em uma “tacada” – na sinuca, no golfe ou no beisebol –, não há qualquer noção de uma entidade Y prejudicada ou agredida; e o mesmo se pode dizer de “palhetada”. Portanto, a noção de entidade prejudicada/agredida é mais contextual, como se pode ver nos dois usos de “enxadada” em (1).

- (1a) “Ele deu uma *enxadada* em um barranco parecido com aquele da outra margem, também de terra preta”. (AZEVEDO, 2012, p. 213)
- (1b) “Mulher é atingida por *enxadada* na cabeça após ser suspeita de furtar celular em MS”. (DIAS, 2019)

No entanto, é importante destacar que, se a noção de prejuízo ou agressão é dependente de contexto, não há dúvidas de que seja mais central nessa construção (efeito de prototipicidade), seja porque a maior parte de suas palavras estão associadas a práticas de agressões físicas (“porrada”, “bofetada”, “chinelada”, “facada”, “navalhada”, “chicotada”, dentre várias outras), seja porque esse é o uso mais frequente. Uma busca simples⁸ da palavra “enxadada” (entre aspas) no Google resultou em aproximadamente 21.100 resultados em 146 páginas, distribuídas como segue:

- (a) dicionários *on-line*: 10 páginas

8 Busca realizada em: 30 dez. 2020.

- (b) notícias sobre agressão com enxada: 86 páginas
- (c) uso da expressão “a cada enxadada, uma minhoca”: 42 páginas
- (d) outros usos metafóricos da palavra “enxadada”: 3 páginas
- (e) uso da palavra “enxadada” relacionado a arado: 5 páginas

Em suma, embora a ideia de agressão não faça parte do significado esquemático da construção X-ada_{golpe}, ela é convencionalizada e bastante central nessa construção. Cabe ainda destacar que essa construção é bastante viva na língua e seu significado é o primeiro a ser ativado na maioria das palavras X-ada quando fora de contexto.

Os subesquemas X-ada_{recipiente cheio} e X-ada_{coletivo}

A exceção de X-ada_{golpe}, as demais construções apresentam noção de quantidade em maior ou menor grau. No entanto, duas delas são as que mais expressam nitidamente a noção de quantidade, a saber, X-ada_{recipiente cheio} e X-ada_{coletivo}. A primeira sanciona palavras como “colherada” – “porção de comida contida em uma colher” – e “tigelada” – “conteúdo de uma tigela” –; já a segunda pode ser exemplificada por “boiada” – “rebanho bovino” – e “dinheirada” – “grande quantidade de dinheiro em espécie”. Ambas apresentam substantivos concretos na base, mas diferem na relação base-derivado. Em X-ada_{recipiente cheio}, a base indica sempre o contentor (colher > colherada; tigela > tigelada) e o derivado, o conteúdo, interpretado como a quantidade (indeterminada) que cabe em X, ao passo que, em X-ada_{coletivo}, a base indica sempre o conteúdo (boi > boiada, dinheiro > dinheirada) e o derivado, o contentor, interpretado como uma grande quantidade (indeterminada) de X.

Essas construções estão a serviço de operações distintas, a saber, a “multiplexização” e a “extração de unidade ou porção”. (TALMY, 2000, 2006) Essas operações estão relacionadas às quatro categorias da disposição da quantidade: dimensão, divisibilidade, plexidade

e delimitação, sendo as duas últimas relevantes para a descrição das construções X-ada_{coletivo} e X-ada_{recipiente cheio}.

A plexidade está relacionada à quantidade de elementos equivalentes, relativos à matéria/objeto ou ação/evento. De forma resumida, a plexidade se refere genericamente à quantidade de elementos equivalentes denotados por uma palavra. Uma palavra como “mesa” é uniplexa, mas seu plural “mesas” é multiplexo. Isso significa que o morfema de plural é um mecanismo linguístico de multiplexização.

Em português, também há mecanismos de multiplexização no âmbito da morfologia derivacional, a exemplo do sufixo -eiro(a), mais especificamente a construção X-eiro(a)_{excesso}, que sanciona palavras como “lamaceiro” e “cabeleira”. (TAVARES DA SILVA, 2020) Assim como a construção X-eiro(a)_{excesso}, a construção X-ada_{coletivo} também gera derivados multiplexos a partir de bases uniplexas: criança_(uniplexo) > criançada_(multiplexo); osso_(uniplexo) > ossada_(multiplexo); etc.

Segundo Talmy (2006, p. 82),

[t]al como acontece com a plexidade, existem elementos gramaticais que podem, na construção com um item lexical, deslocar sua especificação básica do estado de delimitação para o valor oposto. Aqueles que agem dessa forma em um item lexical do tipo ilimitado, com efeito, acionam uma operação cognitiva de ‘delimitação’ ou ‘excerto de porção’. Por meio dessa operação, uma parte da quantidade ilimitada especificada é demarcada e colocada em primeiro plano.

Exemplo de mecanismo gramatical que se presta à extração de unidade ou porção em português são as construções binominais quantitativas do tipo Num N1 de N2sing (ex.: um quilo de farinha) e ArtIndef N1 de N2sing (ex.: um pouco de arroz).⁹ A função dessas estruturas é a de quantificar elementos conceptualizados como incontáveis e não de-

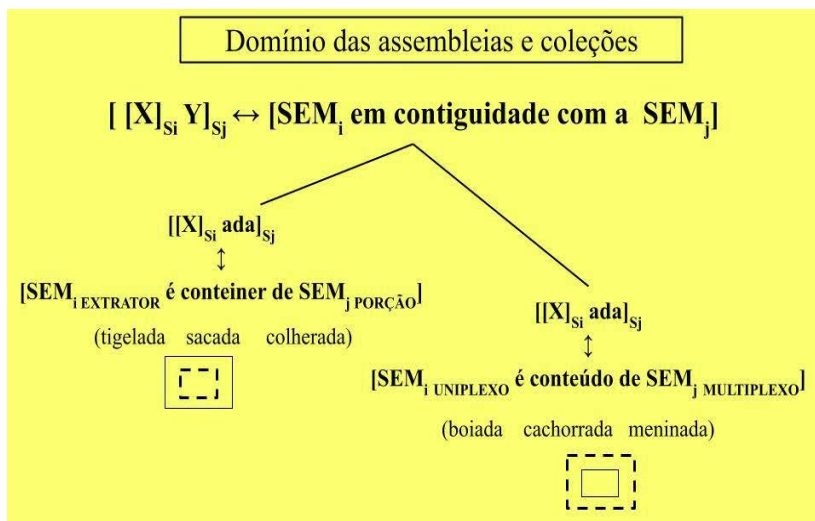
9 Detalhes acerca da construção binominal quantitativa podem ser obtidos em Mateus e demais autores (2003, p. 364-365), Alonso (2010), Santos (2014), Alonso, Oliveira e Fumaux (2019), apenas para citar alguns.

limitáveis por meio da extração de parte de algum referente que passa a ser entendido como um todo. Assim, expressões como “um quilo de farinha” e “um pouco de arroz” são entendidas como “fazendo referência a um todo do qual se retirará uma parte”. (ALONSO, 2010, p. 63)

Dado o significado/função de expressar quantidade delimitada de uma porção maior, a construção $X\text{-ada}_{\text{recipiente cheio}}$ parece estar vinculada ao processo de extração de unidade ou porção, como dão mostra os significados das palavras desse grupo (“garfada” – “porção que cabe num garfo” –; “abada” – “quantidade contida numa aba (de avental, saia etc.) segura pelas extremidades”). A palavra-base, portanto, representa o extrator (colher, aba, garfo, tigela etc.), ou seja, a entidade que vai delimitar uma porção de uma quantidade maior. O derivado, por sua vez, representa a porção delimitada pelo extrator.

Sendo $X\text{-ada}_{\text{recipiente cheio}}$ e $X\text{-ada}_{\text{coletivo}}$ construções que expressam noção de quantidade, o domínio envolvido é o das assembleias e coleções, o que está representado na Figura 5 pela cor amarela. A linha pontilhada indica o caráter não delimitado relacionado ao conteúdo em $X\text{-ada}_{\text{recipiente cheio}}$ ¹⁰ e o caráter multiplexo relacionado ao conteúdo em $X\text{-ada}_{\text{coletivo}}$. Puxando, então, o significado para cima, essas construções podem ser descritas, respectivamente, por $[[X]_{\text{SI}}\text{ada}]_{\text{Sj}} \leftrightarrow [\text{SEMi}_{\text{EXTRATOR}} \text{ é contêiner de SEMj}_{\text{PORÇÃO}}]$ e $[[X]_{\text{SI}} \text{ada}]_{\text{Sj}} \leftrightarrow [\text{SEMi}_{\text{UNIPLEXO}} \text{ é conteúdo da SEMj}_{\text{MULTIPLEXO}}]$, sendo a primeira interpretada de forma mais geral como “quantidade que preenche/cabe em X” e a segunda como “conjunto/grupo de X”.

10 A entidade conteúdo é intrinsecamente não delimitada e sua delimitação é feita pelo extrator.

Figura 5 – Os subesquemas X-ada_{recipiente cheio} e X-ada_{coletivo}

Fonte: elaborada pelo autor.

Palavras sancionadas pela construção extratora também expressam a noção de quantidade sempre com valor de “muito”, dando a ideia de um contêiner completamente cheio. Cabe ainda mencionar que essa construção não é das mais prolíficas. Basta comparar a discrepância de dados de X-ada_{recipiente cheio} (52 dados) e de X-ada_{coletivo} (270 dados) – conforme já exposto. Além disso, a construção X-ada_{recipiente cheio} parece estar perdendo sua vitalidade na língua. Isso pode ter motivação na confluência de pelo menos dois fatores:

- (a) o desuso de muitas palavras (ex. “almudada”, “taleigada”, “canada”);
- (b) o uso cada vez mais frequente de uma acepção em detrimento de outra, fazendo com que a acepção menos frequente perca gradativamente força e centralidade, a exemplo de “braçada”, cuja acepção principal atualmente está relacionada ao movimento dos braços na natação e de “dedada”, cuja acepção primeira está relacionada à prática sexual.

Com o tempo, acepções menos frequentes podem deixar de ser ativadas pelos falantes. Esse parece ser o caso da palavra “sacada”, substituída pela mais usual “saca” (de arroz, de café etc.).¹¹ Uma busca feita no Google da palavra “sacada” (entre aspas) resultou em aproximadamente 18.700.000 resultados. O significado “quantidade que cabe em um saco” só apareceu em páginas de dicionários on-line (oito páginas). Os demais resultados se distribuíram, da maior para a menor ocorrência, como segue: (1) estrutura arquitetônica; (2) nome de loja, ou seja, um onônimo; (3) ideia muito boa; (4) participio de sacar.¹²

Outro ponto que merece ser debatido é o significado mais saliente dessa construção, ou seja, não o significado esquemático, mas o significado psicologicamente mais real. Todas as palavras desse grupo são definidas em seus verbetes como “quantidade que cabe em...”. As primeiras formações funcionavam – e algumas ainda funcionam – como unidades de medida (“canada” (1114), “polegada” (1218), “passada” (XIII), “sacada” (XIII), “tonelada” (XIV)). Como unidades de medida, seus significados mais salientes se acomodam sem problemas em “quantidade que cabe em X” ou “quantidade que equivale a X”. Entretanto, atualmente, a paráfrase mais condizente com o uso que se faz da maioria dessas palavras é “X muito cheio”, sendo X a base.

A acepção “X muito cheio”, por sua vez, está condicionada à construção binominal quantitativa, pois fora dessa construção, palavras como “tigelada”, “canecada”, “garfada”, “mãozada”, dentre várias outras, são interpretadas como “golpe”.¹³ Essa dependência parece estar

11 É possível que o uso de *sacada* como “quantidade que cabe em um saco” ainda seja possível em contextos muito específicos, mas sem dúvidas é uso muito restrito e periférico.

12 Busca realizada em: 12 jan. 2021.

13 Com exceção das palavras que funcionam como unidade de medida e de “colherada”, que ativa a ideia de colher cheia mesmo fora da construção binominal.

condicionada à não especificação da natureza do conteúdo. Na construção sintética X-ada_{recipiente cheio}, a entidade que vai ser delimitada não é explicitada. Não tem como saber, por exemplo, qual é o conteúdo de uma “panelada”, exceto pelo contexto.¹⁴ Já nas construções Num N1 de N2sing e ArtIndef N1 de N2sing, N2 indica justamente a entidade extraída e delimitada (“uma xícara de *leite*”, “uma panela de *arroz*”).

Uma vez que a construção morfológica não especifica a entidade extraída e sua especificação fica a cargo da sintaxe, torna-se indispensável o uso da construção sintática para marcar extração de porção, afinal, em “uma tigelada de *açaí*”, “uma panelada de *arroz*” ou “uma canecada de *café com leite*”, tem-se exatamente a construção binominal quantitativa. Além disso, dada a possibilidade de “uma tigela de *açaí*”, “uma panela de *arroz*” ou “uma caneca de *café com leite*”, a opção pela construção com sufixo -ada expressa, na verdade, excesso de quantidade – uma tigela/panela/caneca muito cheia –, ou seja, a noção de um contêiner cheio, ficando a função de extração de porção totalmente a cargo da construção analítica.

Portanto, a real interpretação das palavras X-ada_{recipiente cheio} é “X muito cheio”. Mas se houve mudança de “quantidade que cabe em X” para “X muito cheio” ou se, na verdade, a paráfrase “quantidade que cabe em X” é apenas um recurso lexicográfico do(s) dicionarista(s), é algo que ainda precisa ser investigado.

O subesquema X-ada_{atitude}

O subesquema X-ada_{atitude} surge da extensão semântica das palavras X-ada_{coletivo}¹⁵ a partir de processos metafóricos e metonímicos. Em pa-

14 O contexto pode ser linguístico – o referente já ter sido mencionado, por exemplo – ou a própria situação comunicativa. Em um ou outro caso, o contexto gera conhecimento compartilhado de modo que os interlocutores sabem qual é o conteúdo do recipiente, sem que esse precise ser expresso.

15 Como mencionado na seção 1, este trabalho é um recorte de uma pesquisa mais ampla em andamento, que inclui a análise diacrônica dessas formações.

lavras cuja base designa entidade humana, ocorreu um processo metonímico, em que o nome que designa um grupo (“velharada” – “grupo de velhos”) passou a fazer referência a uma atitude ou comportamento típico dos indivíduos daquele grupo (“velharada” – “ato ou dito típico de velho”) – metonímia CATEGORIA PELA CARATERÍSTICA. Quando a base designa uma entidade não humana, ocorre um processo metafonímico, a exemplo de “burrada” (“ato estúpido, erro tolo; asneira, tolice, besteira”). Há aí a mesma metonímia CATEGORIA PELA CARATERÍSTICA, mas há também a metáfora PESSOAS SÃO ANIMAIS.

Em ambos os casos, há carga pejorativa e, apesar de significados pejorativos estarem comumente associados a questões mais contextuais, no caso das palavras X-ada_{atitude}, a pejoratividade faz parte da construção, ou seja, está codificado na própria construção e, sem dúvidas, a metáfora e a metonímia envolvidas nessas palavras são determinantes para essa convencionalização da pejoratividade.

Na metonímia CARATERÍSTICA PELA PESSOA, uma característica específica é utilizada como acesso para chegar à pessoa, a exemplo do termo “Aleijadinho” para se referir ao escultor Antônio Francisco Lisboa. A metonímia CARATERÍSTICA PELO GRUPO, por sua vez, é mais elaborada, já que uma característica é utilizada como acesso para todo um grupo (ex.: “e todos sabem como se tratam os *pretos*”). (HAI-TI, 1993) Isso significa que é preciso um processo de individuação, em que o grupo é entendido como uma unidade coesa cujos membros partilham uma característica destacada como comum a todo grupo. Já no caso inverso, o GRUPO para representar a CARATERÍSTICA, é necessário um grau maior de elaboração cognitiva, pois a característica não está explícita na expressão, mas deve ser inferida. Uma vez que todo e qualquer grupo possui várias características, para que a expressão funcione coletivamente, a característica em questão deve ser convencionalizada. Isso significa que a própria natureza do processo exige convencionalização, sob o risco de a expressão ser altamente dependente de contexto.

Radden e Kövecses (1999) salientam o caráter de estereotipagem que essa metonímia carrega, como ocorre em tautologias. Explicam que “[u]ma vez que uma tautologia é literalmente não informativa, só pode ser interpretada de forma significativa no sentido de uma propriedade estereotipada associada à categoria”. (RADDEN; KÖVECSSES, 1999, p. 35) Dão como exemplo “Boys will be boys” for “unruly” (“Meninos serão meninos” por “indisciplinado”, enquadrando-o na metonímia CATEGORIA POR PROPRIEDADE SALIENTE.

Littlemore (2015, p. 24) comenta sobre como a metonímia CATEGORIA PELA CARACTERÍSTICA pode expressar valores negativo e ser ofensiva quando aplicada a pessoas:

Na taxonomia de Radden e Kövecses, diz-se que evoca o MCI de ‘categoria e propriedade’. Podemos ver essa relação em ação nos seguintes exemplos: *Society treats blacks differently.* (BofE) [A sociedade trata os negros de maneira diferente. (BofE)]. *Kenneth Branagh is a ginge.*¹⁶ (BofE) [Kenneth Branagh é um ginge. (BofE)]. *Quando esse tipo de metonímia é aplicado a pessoas, costuma ser particularmente ofensivo.* Isso ocorre porque ele pode servir para criar artificialmente uma categoria de pessoas que coincidentemente compartilham uma característica. Outros atributos implícitos (e frequentemente negativos) são então adicionados às vezes à categoria. Toda a ideia de um grupo de pessoas com uma ‘propriedade definidora’ é em si ofensiva. (LITTLEMORE, 2015, p. 24, grifo nosso)

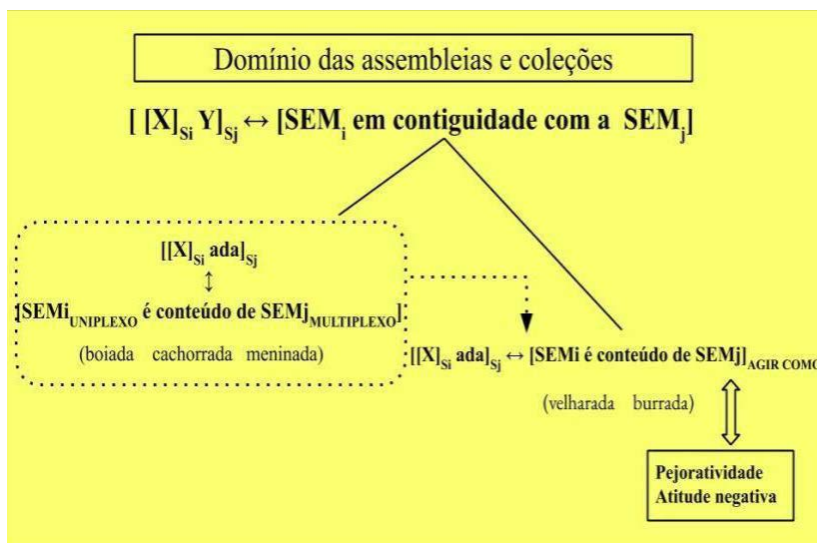
Metáforas também podem estar associadas a valores negativos de forma recorrente. Isso é o que mostram Kövecses (2005, 2010) e Rodriguez (2009) acerca da metáfora PESSOAS SÃO ANIMAIS que, segundos esses autores, motivam, de modo geral, conceitos de caráter negativo.

16 O termo “ginge” é uma forma coloquial de “ginger”, que é uma expressão racial pejorativa popularizada pelo desenho South Park. “Ginger” se refere a pessoas de pele clara, cabelo ruivo e sardas.

Em suma, na construção X-ada_{atitude}, a base sempre designa um ser animado, que pode ser humano ou não humano. Digna de nota, no entanto, é a diferença quantitativa entre ambos os casos. São 54 dados de base referentes a entidades humanas e apenas 13 não humanas. Quando a base é humana, o derivado designa uma atitude socialmente considerada negativa, associada aos membros de uma categoria. Quando a base é não humana, não há associação a um grupo social, mas com o animal da palavra base, e a atitude designada pelo derivado é igualmente vista como negativa. Isso significa que o valor pejorativo dessas construções é convencionalizado. Já a convencionalização da atitude expressa depende da palavra-base, pois o que se subentende de uma “papagaiada” não é o mesmo de uma “burrada”. O significado dessa construção mantém a mesma estrutura esquemática de onde deriva, com uma especificação “AGIR COMO” provinda dos processos metafóricos e metonímicos: $[[X]_{s_i} \text{ ada}]_{s_j} \leftrightarrow [\text{SEM}_i \text{ é conteúdo de SEM}_j]_{\text{AGIR COMO}}$.

À exceção de “pavonada” e “quixotada”,¹⁷ todas as palavras do *corpus* com significado “atitude/comportamento de X” apresentam a possibilidade de interpretação como “grupo/conjunto de X”. Devido ao grande número de palavras, não há dúvidas de que se trata de um padrão de formação e, embora apenas duas não apresentem polissemia com a acepção “grupo de X”, isso não significa que todas as demais foram formadas por extensão metonímica ou metafonímica. Sem dúvida, as primeiras formações se deram por extensão; mas mediante a rotinização de um número de palavras já formado com as mesmas características, os falantes já são capazes de abstrair o que há de comum e produzir novas(os) palavras/usos seguindo o modelo.

17 Pavonada: 1. ação do pavão de abrir a cauda em leque; 2. Derivação: sentido figurado. atitude arrogante e/ou de ostentação; jactância, vaidade. Quixotada: 1. ato quixotesco, romântico; quixotice. Como essas palavras não têm o significado primeiro “conjunto/grupo de X”, não há nesses dois casos a metonímia CATEGORIA PELA CARACTERÍSTICA.

Figura 6 – O subesquema X-ada_{ATITUDE}

Fonte: elaborada pelo autor.

Por fim, este subesquema também está perdendo vitalidade, pois sua função está sendo cada vez mais exercida pelos sufixos *-ice* (“macaqueice” e “carioqueice” em vez de “macacada” e “cariocada”) e *-agem* (“molecagem” e “cafajestagem” em vez de “molecada” e “cafajestada”).


O subesquema X-ada_{alimento}

Palavras X-ada_{alimento} designam uma iguaria, comida ou bebida, cujo ingrediente principal é designado pela palavra base (laranja > laranjada; feijão > feijoada). Mas antes de descrever o significado esquemático dessa construção, uma questão precisa ser discutida: teriam as palavras sancionadas por essa construção noção de quantidade assim como as sancionadas pelas construções X-ada_{recipiente cheio} e X-ada_{coletivo}? Os falantes ativam noção de quantidade nas palavras que designam alimentos? Se sim, essa construção surgiu a partir de extensão semântica das palavras que designam “grande quantidade (indeterminada) de X”?

Para responder às duas primeiras perguntas, me vali de um questionário aplicado a 100 usuários da língua,¹⁸ cujo objetivo foi averiguar justamente se falantes do português interpretam a noção de quantidade em palavras X-ada que designam alimentos. A pesquisa foi feita com a ferramenta Google Forms e consiste na apresentação de 20 palavras com sufixo -ada, sendo 14 delas designativas de alimentos e seis de outras acepções, incluídas no teste como distratores.

Ao acessar o formulário, o informante é instruído a marcar, numa escalada de 0 a 5, se percebe, em alguma medida, a noção de quantidade naquela palavra, sendo “0” igual a “NÃO” e de “1 a 5” o quanto ele vê ali a ideia de quantidade. A Figura 7 é um modelo de como os participantes visualizaram cada palavra.

Figura 7 – Como você interpreta o significado da palavra abaixo? Você vê noção de quantidade nela?

<p>Laranjada *</p>  <p>0 1 2 3 4 5</p> <p><input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/></p>	<p>Caso queira, escreva algum comentário sobre sua interpretação dessa palavra (opcional).</p> <p>.....</p> <p>.....</p> <p>.....</p> <p>.....</p> <p>.....</p> <p>.....</p>
--	--

Fonte: elaborada pelo autor.

Estando as palavras descontextualizadas, as imagens têm a função de direcionar o(a) participante a uma acepção específica, já que “la-

18 Agradeço enormemente a todas as pessoas que participaram do teste de avaliação subjetiva e aos vários amigos e amigas que, quando questionados, contribuíram com suas opiniões acerca dos significados das palavras apresentadas. Esse trabalho não teria sido feito sem essa valiosa e generosa contribuição.

ranjada”, por exemplo, pode ser interpretado como “suco de laranja” ou “grande quantidade de laranja”. Além disso, os seguintes cuidados foram tomados:

- (a) Deixar claro nas instruções que não havia resposta certa ou errada;
- (b) Apresentar um exemplo para garantir, na medida do possível, que o(a) participante entendeu o que devia ser feito no teste;¹⁹
- (c) Dividir o teste em etapas, de modo que o(a) participante só via a próxima palavra após finalizar uma resposta.
- (d) Colocar apenas imagens que não induzissem o(a) participante à noção de quantidade. Por exemplo, relacionada a o distrator “boiada” há a imagem de um único boi.

Tabela 1 – Resultado do teste de avaliação subjetiva (em percentuais)

Graduação da noção de quantidade						
Palavras	0	1	2	3	4	5
Laranjada	56%	2%	6%	15%	7%	14%
Feijoada	61%	10%	10%	8%	2%	8%
Bananada	70%	12%	2%	5%	1%	10%
Rabada	74%	10%	6%	4%	1%	5%
Buchada	74%	7%	7%	6%	1%	5%
Gemada	58%	7%	9%	12%	2%	12%
Macarronada	58%	9%	7%	8%	3%	15%

19 O exemplo foi dado com as palavras “lamaceiro” – “grande quantidade de lama; excesso de lama” – e “cajueiro” – “pé de caju; árvore que dá caju”, como representantes respectivamente dos valores 5 e 0.

Gradação da noção de quantidade						
Bacalhoadada	53%	11%	10%	9%	6%	11%
Marmelada	68%	12%	4%	8%	0%	8%
Peixada	50%	8%	15%	10%	5%	12%
Cocada	76%	8%	3%	6%	1%	6%
Sirizada	55%	12%	13%	6%	2%	12%
Limonada	59%	11%	5%	12%	4%	9%
Goiabada	68%	12%	5%	5%	2%	8%
Total ²⁰	63%	9,4%	7,29%	8,1%	2,6%	9,6%

Fonte: elaborada pelo autor.

Alguns comentários se fazem necessários, pois apenas os percentuais dispostos em tabela não são suficientes para entender como os falantes interpretam essas palavras. Se por um lado a maior parte dos participantes não vê noção de quantidade nessas palavras, por outro lado, há um número considerável que percebe quantidade em alguma medida (37%, somando os valores de 1 a 5). Na verdade, apenas 25 participantes (25%) marcaram “o” em todas as palavras que designam alimentos. Nos demais casos, há a marcação de quantidade em pelo menos uma das palavras. A maior ou menor percepção da noção de quantidade parece estar muito vinculada a conhecimentos enciclopédicos, o que resulta em grande variação em como os falantes interpretam essas palavras, como dão mostra os comentários de alguns participantes:²¹

20 O total é referente a cada coluna, ou seja, é o percentual de respostas em cada um dos valores de 0 a 5.

21 Nem todos os participantes deixaram comentários. Optei por deixar o espaço para comentários opcional, já que a obrigatoriedade de um comentário forçaria o(a) participante a elaborar um texto. Esse processo de elaboração textual poderia gerar uma reflexão excessiva sobre a palavra, influenciando, provavelmente, seu julgamento.

- (2a) **IF53 – feijoada 1:**²² É o nome de um prato. Leva Feijão, mas o nome é feijoada por causa das carnes e não porque tem muito feijão.
- (2b) **IF56 – macarronada 4:** Mais por conhecimento de fatores externos; uma ideia como se “macarronada” não se referisse unicamente à quantidade de macarrão mas também, por consequência, às pessoas (muitas = quantidade) que se pretende alimentar.
- (2c) **IF69 – laranjada 3:** No caso da palavra em questão, dependendo do contexto, não há a ideia de muitas laranjas. Por exemplo, se a laranjada for feita para uma pessoa somente, podem ser utilizadas apenas umas cinco laranjas.
- (2d) **IF72 – rabada 3:** Mesmo caso de feijoada (apesar de prato, geralmente em grande quantidade).
- (2e) **IF73 – feijoada 4:** Um feijão cheio de coisas dentro (a sensação que eu tenho é de quantidade, mas dentro do feijão).
- (2f) **IF73 – peixada 4:** Um prato grande, com muitas coisas. Uma peixada nunca é pequena.

A noção de quantidade se mostra variada, ora sendo relacionada à quantidade de ingredientes (IF53, IF69, IF73, IF73), ora à quantidade de comida que geralmente é feita quando se prepara uma iguaria específica (IF56, IF72). A variação na interpretação também se dá na avaliação de um mesmo usuário da língua, não poucas vezes resultando em atribuição de valores distintos para palavras X-ada_{alimento} distintas (conforme (3)).

- (3a) **IF53 – rabada 1:** Acho que aqui não significa quantidade e sim do que é feito o prato. Eu posso ter pouco ou muito rabo de boi que vai continuar sendo rabada.
- (3b) **IF53 – gemada 5:** Então, aqui já expressa quantidade porque pra ser gemada precisa levar muita gema e basicamente o único ingrediente que tem.
- (3c) **IF53 – macarronada 0:** Nome do prato. A quantidade de macarrão não define.

A leitura de alguns comentários suscitou a hipótese de que essas várias interpretações da noção de quantidade também estejam relacionadas à frequência de uso, já que frequência, composicionalidade e analisabilidade estão comumente relacionadas. (BYBEE, 2010) O comentário de IF61 aponta nesse sentido (4a). É interessante notar que IF53 (4b) percebe a diferença de julgamento que faz, mas não sabe dizer o porquê e IF56 (4c), embora alegue ter marcado o valor “3” porque “para fazer a gemada seria necessário algumas unidades (quantidade) de gemas”, marcou o valor “0” para outras iguarias que também precisam de algumas unidades, como goiabada e laranjada. De fato, marmelada e gemada, em geral, não são alimentos muito conhecidos se comparados a goiabada e laranjada e, conseqüentemente, as palavras que os designam são de uso menos frequente, logo menos autônomas, mais analisáveis e/ou mais composicionais. No entanto, embora essa hipótese seja plausível, o recorte e *corpus* escolhidos para a realização da presente pesquisa inviabilizam sua comprovação.

- (4a) **IF61 – feijoada 1:** Coloquei “1” porque quando penso em feijoada, penso em um feijão que é repleto de carnes diferentes, por isso traz uma certa noção de quantidade, mas por ser uma palavra tão usual pra representar um prato típico da culinária brasileira, não me parece estar atrelado à quantidade de feijão, em si;

- (4b) **IF53 – marmelada 3:** Tá ficando difícil. Porque bananada pra mim não expressa quantidade, mas marmelada sim. E tb não sei dizer o porquê.
- (4c) **IF56 – gemada 3:** Marquei a “3” (que corresponderia à metade), porque ao mesmo tempo em que esse -ada também me remete a “feito com”, considero que para fazer a gemada seria necessário algumas unidades (quantidade) de gemas. Talvez seja por questões de conhecimento empírico.

Em suma, no que tange à noção de quantidade, o alto percentual para o valor 0 (63%) e a alta variação da sua interpretação tanto entre falantes quanto num mesmo falante parecem ser suficientes para sustentar que a noção de quantidade na construção X-ada_{alimento} não faz parte do seu significado esquemático, mas dos usos mais contextuais – emântico-pragmáticos/enciclopédicos –, sendo inclusive significado bastante periférico, ou seja, apresenta baixo grau de convencionalidade.²³ Basta comparar com a avaliação que os informantes fizeram dos distratores “boiada” e “criançada”, que foram categoricamente marcados como tendo noção de quantidade – inclusive com alto percentual no valor “5” (respectivamente 81% e 83%).

A avaliação do distrator “facada” também se manteve coerente (87% no valor “0”).²⁴ Dignos de nota são os comentários em (5a) a (5c), pelos quais IF5, IF76 e IF81 justificam que a noção de quantidade estaria relacionada ao plural. É importante ressaltar que esse tipo de comentário não foi feito em “criançada” ou “boiada”, palavras que também podem ser pluralizadas. Unindo isso aos valores percentuais e aos vários outros comentários feitos, fica também bem fundamen-

23 Uma vez que a própria natureza do teste obriga à reflexão metalingüística, é provável que, em situações reais de comunicação, os falantes não ativem a noção de quantidade quando usam – falando/escrevendo; ouvindo/lendo – essas palavras.

24 Acredito que os 13% que marcaram algum valor de 1 a 5 tenham feito ou por associar inconscientemente intensidade com quantidade ou por algum outro motivo que não se pode revelar sem ao menos um comentário que justifique a escolha.

tada a ausência da noção de quantidade nas palavras X-ada_{golpe}, bem como a multiplexidade que X-ada_{coletivo} atribui ao derivado.

- (5a) **IF5 – facada 0:** Parando para pensar, preciso colocar um “S” para representar a quantidade. Não vejo a palavra com essa interpretação.
- (5b) **IF76 – facada 0:** Está no singular.
- (5c) **IF81 – facada 0:** Me dá a sensação de unidade por existir um plural.

Mas, mesmo as construções X-ada_{coletivo} e X-ada_{alimento} diferindo consideravelmente no que concerne à noção de quantidade, teria esta sua origem naquela? Para responder a essa questão, analisei as datações²⁵ das palavras coletadas, objetivando não só traçar uma cronologia, mas principalmente averiguar se há indícios históricos que permitam justificar a extensão semântica X-ada_{coletivo} → X-ada_{alimento}.

No período que vai do século IX ao XII, há apenas palavras X-ada deverbais, cuja acepção mais geral é acolhida pela paráfrase “ato/ação de X”, além de alguns gérmenes do que viriam a ser os subesquemas X-ada_{golpe}, X-ada_{recipiente cheio} e X-ada_{coletivo}. A partir do século XIII, as acepções “golpe com X”, “quantidade que cabe em X” e “grande quantidade de X” já apresentam prolificidade suficiente para se afirmar que já há um padrão consolidado.

Não há, no *corpus*, palavras em -ada que designem algum alimento, comida ou bebida, antes do século XIII. Nos séculos XIII e XIV, apenas “queijada” é uma formação denominal, sendo todas as demais formações extensões metonímicas ou metafóricas a partir do participio:

25 As datações foram extraídas do dicionário Houaiss (2002) e dos dicionários etimológicos de Cunha (1982) e de Nascentes (1955). Raras vezes foi constatada divergência entre os dicionários consultados. Algumas abonações foram extraídas do trabalho de Becker (2014), que, além do Houaiss, se valeu também de *corpora* de textos medievais.

dobrada - 1. (1270) Rubrica: alimentação. parte das vísceras da rês bovina; 2. (1789) Rubrica: culinária. Regionalismo: (Portugal) cozido que se faz com tais vísceras e ger. feijão branco; tripa, dobradinha.

empanada (XIII) - espécie de empada grande

coada (XIV) - suco de legumes cozidos e passados no coador

coalhada (XIV) - leite coalhado - Ex.: sempre havia c. no pequeno almoço.

torrada (XIV) - fatia de pão torrado; tosta

É somente entre os séculos XV e XVI que os dados apontam para o surgimento de um padrão denominal coeso: “perada” (XV), “pinhoada” (1502-1536), “marmelada” (1521), “rabada” (1566), “cidrada” (1584) e “goiabada” (1587).²⁶ Portanto, dada a existência de um conjunto de palavras deverbais que designam alimentos anteriores às denominais, parece lícito e seguro afirmar que os deverbais foram as formas que engatilharam a emergência do subesquema X-ada_{alimento} e não a construção X-ada_{coletivo}.

Takahashi (2014) cogita a hipótese de que o subesquema X-ada_{alimento} surgiu a partir das formações que expressam “grande quantidade de X”, da qual herda a noção de quantidade.²⁷ Essa hipótese poderia se justificar mediante a extensão ocorrida nas primeiras formações a

26 Perada- 1. doce de peras; 2. Regionalismo: China (Macau). doce de peras bravas (que se usa para preparar tanto o ladu como o dodol); 3. bebida fermentada feita de peras. Pinhoada- doce ou pasta comestível feito de mel e pinhões. Marmelada- doce feito de marmelo cozido em calda de açúcar e água, que é peneirado após o cozimento, adquirindo consistência pastosa. Rabada - iguaria feita com rabo de boi. Cidrada- doce feito com a casca da cidra cozida em calda. Goiabada- doce de goiaba em pasta ou com consistência de corte.

27 A autora apenas sugere essa hipótese, deixando explícito que não é possível “afirmar, categoricamente, qual dos dois significados (o de ‘alimento’ ou o de ‘coletivo’) teria surgido primeiro, ou ainda, se teriam surgido ao mesmo tempo”. (TAKAHASHI, 2014, p. 347) É possível que isso se deva ao seu recorte, optando por traçar uma cronologia com base apenas nos denominais.

partir de uma aceção anterior “grande quantidade de X”. A extensão semântica é, sem dúvidas, processo recorrente e sistemático na língua, porém, não há registro dessa aceção em “queijada” tampouco nas formações deverbais, de modo a justificar a extensão de sentido. Na verdade, polissemias entre “grande quantidade de” e “alimento a base de” só começam a ser registradas a partir do século XVI, a exemplo de “pinhoadá” – “1. quantidade considerável de pinhões (frutos)”; 2. Rubrica: culinária. Regionalismo: (Alentejo) doce ou pasta comestível feito de mel e pinhões; nogado.

Uma questão relevante sobre as palavras que podem ser interpretadas tanto como “grande quantidade de” quanto como “alimento a base de” é que essa dupla interpretação pode muito bem ser fruto da coexistência de dois padrões de formação e não de uma extensão semântica “grande quantidade de X” → “alimento a base de X”. O fato é que os dados não parecem apontar para um processo inicial de extensão que se rotinizou gerando em seguida um padrão de formação, nem mesmo de uma forma gatilho específica que tenha sido fruto de extensão a partir da aceção “grande quantidade de...”. Deve-se considerar ainda que a presença da noção de quantidade nas palavras X-ada_{alimento} é conhecimento enciclopédico e periférico, como comprova o teste aplicado.

Em vista disso, parece mais coerente a ideia de que o(s) falante(s) criou(aram) denominais que designam alimentos a partir de vários conhecimentos que já tinha(m) acerca da terminação -ada:

- 1) O conhecimento de um pequeno grupo de palavras que designam alimentos com a terminação -ada, ressalta-se formações majoritariamente deverbais;
- 2) A possibilidade de se criar palavras com -ada a partir de nomes, ou seja, a existência de um padrão denominal;

2.1) Como exposto, nos séculos XIII e XIV, os padrões

X-ada_{golpe} X-ada_{recipiente cheio} e X-ada_{coletivo} já estão

consolidados, o que significa que os falantes também já têm como conhecimento internalizado $[[X]_s\text{ada}]_s$ não mais apenas o padrão deverbal (ex.: “chegada”). A existência de padrões denominais provavelmente teve papel fundamental, pois só a analogia com as formas deverbais já existentes não explica a base nominal das formações posteriores;

- 3) Convergência entre conhecimentos enciclopédicos e conhecimentos morfossemânticos dos subesquemas já consolidados;

- 3.1) Há convergência entre o significado esquemático da construção X-ada e o conhecimento enciclopédico dos falantes, de modo que convergem o EI CONTEÇÃO com a noção de que ingredientes são conteúdos, bem como convergem a noção de quantidade codificada nos subesquemas já consolidados com o conhecimento de que é preciso certa quantidade de algo para se preparar um alimento.

Essa hipótese parece plausível, uma vez que as palavras mais antigas que designam alimentos não apresentam a polissemia com a noção de quantidade, além de encontrar respaldo nos dados conforme suas abonações. Além disso, tem a vantagem de tomar por base o conhecimento dos falantes acerca dos usos disponíveis, colocando holofote na inter-relação entre as várias formações já existentes, sejam elas frutos de padrões já consolidados, sejam pequenos núcleos morfossemânticos ou mesmo uma única palavra. Isso corrobora a ideia de que os falantes podem formar novas palavras com base no conhecimento que têm da rede ou parte dela e não apenas de um subesquema específico.

[D]iante de toda variabilidade que se sobrepõe ao caráter estável, cabe um último questionamento: até que ponto elementos de uma rede (não) se influenciam mutuamente durante o

processo de criação de uma palavra? Não condiz com o efetivo uso da língua o pressuposto de que os falantes têm na mente esquemas e subesquemas relativamente autônomos e que formam novas palavras acessando um (e apenas um) esquema A, B ou C, respeitando integralmente os limites morfossemânticos e pragmáticos previstos por esse esquema. (TAVARES DA SILVA, 2020, p. 237)

Por fim, cabe frisar que, além das conclusões mediante análise das datações, também não há, nos trabalhos consultados sobre o sufixo -ada em perspectiva diacrônica (BECKER, 2014; SOLEDADE, 2020; TAKAHASHI, 2014), nenhuma comprovação de que $X\text{-ada}_{\text{alimento}}$ é resultado da extensão semântica de palavras $X\text{-ada}_{\text{coletivo}}$.

Nas palavras $X\text{-ada}_{\text{alimento}}$, tanto a base quanto o derivado são substantivos concretos. Sendo base e derivado substantivos concretos e a noção de quantidade periférica, o domínio envolvido é o material espacial. A base designa o principal ingrediente, que pode ser o único (laranja) ou o mais saliente (feijão), e o derivado uma iguaria culinária, que pode ser comida ou bebida. O EI é o de contenção (ingredientes são conteúdos).

Figura 8 – O subesquema $X\text{-ada}_{\text{alimento}}$



Fonte: elaborada pelo autor.

A REDE CONSTRUCIONAL DE $[[X]_s-ADA]_s$: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inserida num projeto maior, esta pesquisa apresentou e descreveu parte da rede dos denominais em português. No que tange às construções X-ada, este trabalho propôs, com base na aplicação da RCC ao polo semântico das construções morfológicas, um significado esquemático para cada uma das cinco acepções mais prolíficas.

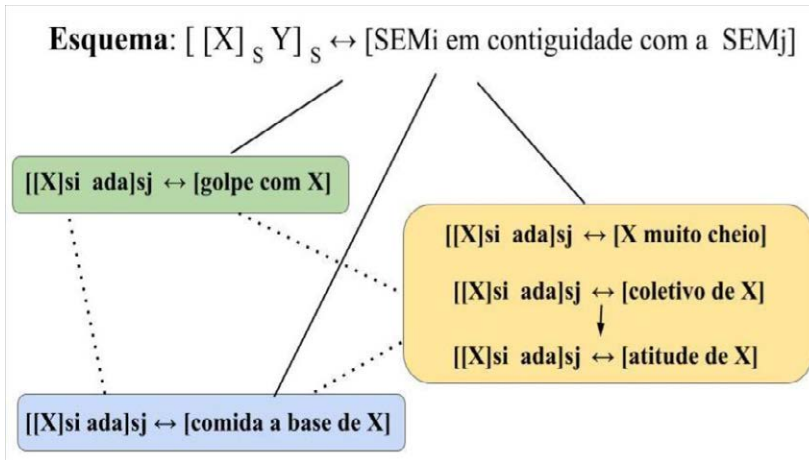
Quadro 1 – Construções denominais com sufixo -ada

X-ada _{golpe}	-	$[[X]_{s_i}ada]_{s_j}$	↔	$[SEM]_{i_{INSTRUMENTO}}$	é conteúdo de	$[SEM]_{j_{GOPE}}$
X-ada _{coletivo}	-	$[[X]_{s_i}ada]_{s_j}$	↔	$[SEM]_{i_{UNIPLEXO}}$	é conteúdo de	$[SEM]_{j_{MULTIPLEXO}}$
X-ada _{recipiente cheio}	-	$[[X]_{s_i}ada]_{s_j}$	↔	$[SEM]_{i_{EXTRATOR}}$	é container de	$[SEM]_{j_{PORÇÃO}}$
X-ada _{atitude}	-	$[[X]_{s_i}ada]_{s_j}$	↔	$[SEM]_i$	é conteúdo de	$[SEM]_{j_{AGIR COMO}}$
X-ada _{alimento}	-	$[[X]_{s_i}ada]_{s_j}$	↔	$[SEM]_{i_{INGREDIENTE}}$	é conteúdo de	$[SEM]_{j_{ALIMENTO}}$

Fonte: elaborado pelo autor.

Em suma, as formações X-ada estão todas ancoradas no EI de construção. No nível esquemático, o domínio envolvido e algumas especificações semânticas marcam suas diferenças. Além disso, como previsto numa abordagem construcional, que entende construções como elementos de uma rede, todas elas estão conectadas em maior ou menor grau, como representado na Figura 9.

Figura 9 – Rede construcional dos denominais X-ada



Fonte: elaborada pelo autor.

Não se pode perder de vista, no entanto, que muitas outras diferenças entre essas construções são trazidas à tona quando se analisam seus significados mais contextuais, como pejoratividade no caso de X-ada_{atitude} ou agressividade em X-ada_{golpe}. Alguns desses significados são mais convencionalizados e outros mais periféricos (como a noção de quantidade nas palavras que designam alimento).

Para além da descrição morfossemântica, importa também o *status* dessas construções na língua. Como exposto, X-ada_{coletivo}, X-ada_{golpe} e X-ada_{alimento} são as construções verdadeiramente vivas no português. X-ada_{atitude} tem perdido espaço para os sufixos -ice e -agem, ao passo que X-ada_{recipiente cheio} conta com poucas palavras que ainda têm em seu uso cotidiano a ideia de “X muito cheio”, pois muitas caíram em desuso e outras não são mais usadas com essa acepção. Além disso, o significado “X muito cheio” está atrelado ao uso da construção binominal quantitativa ou a um contexto muito específico em que se é possível saber a natureza do conteúdo sem que ele seja expresso na sentença.

Por fim, para enfatizar a máxima de que a língua é uma rede de construções interligadas, cabe destacar que a referida condição de

X-ada_{atitude} e de X-ada_{recipiente cheio} aponta também para o fato de que uma compreensão mais sólida de uma rede polissêmica como a de X-ada depende não só da rede morfológica mais ampla em que essas construções estão inseridas, ou seja, da interação com outros denominais – relações paradigmáticas, competições, distribuições complementares etc. –, mas também da relação que estabelecem com construções sintáticas.²⁸

REFERÊNCIAS

- ALONSO, K. S. B. *Construções binominais quantitativas e construção de modificação de grau: uma abordagem baseada no uso*. 2010. Tese (Doutorado em Linguística) –Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- ALONSO, K. S. B.; OLIVEIRA, D. L. de; FUMAUX, N. C. A. Construções binominais quantitativas em perspectiva distintiva: uma análise colostrucional. *Revista Odisseia*, Natal, v. 4, p. 173-193, nov. 2019. Número especial.
- AZEVEDO, T. *O ipê de pizza holandês*. Joinvile: Clube de Autores, 2012.
- BECKER, M. O sufixo –ada em português – aspectos semânticos e diacrônicos. In: VIARO, M. E. (org.). *Morfologia histórica*. São Paulo: Cortez, 2014. p. 118-153.
- B00IJ, G. E. Compounding and Derivation: Evidence for Construction Morphology. In: DRESSLER, W. U. et al. (ed.). *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam: John Benjamins, 2005. p. 109-131.
- B00IJ, G. E. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- B00IJ, G. E. Construction Morphology. In: HIPPISEY, A.; STUMP, G. (ed.). *The Cambridge Handbook of Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 424-448.
- B00IJ, G. E. Construction Morphology and the Lexicon. In: MONTERMINI, F.; BOYÉ, G.; HATHOUT, N. (ed.). *Selected proceedings of the 5th Décembrettes: Morphology in Toulouse*. Somerville: Cascadilla Press, 2007. p. 34-44.

28 Sobre esse aspecto, além da construção binominal quantitativa, cabe mencionar também a construção DAR_{FLEX} uma X-ada.

B00IJ, G. E. (ed.). *The construction of words: Advances in Construction Morphology*. Cham: Springer, 2018.

B00IJ, G. E. *Morphology in construction grammar*. In: HOFFMAN, T.; TROUSDALE, G. (ed.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 255-273.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CRUSE, D. A. *Lexical Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 1982.

DIAS, F. Mulher é atingida por enxadada na cabeça após ser suspeita de furtar celular em MS. *G1*, [s. l.], 17 dez. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2019/12/17/mulher-e-atingida-por-enxadada-na-cabeca-apos-ser-suspeita-de-furtar-celular-em-ms.ghtml>. Acesso em: 30 dez. 2020.

EVANS V. *A Glossary of Cognitive Linguistics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2007.

GONÇALVES, C. A. V. *Morfologia construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016.

GONÇALVES, C. A. V.; ALMEIDA, M. L. L. de. Morfologia construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias. *Alfa*, São Paulo, v. 58, n. 1, p. 165-193, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/RFD7h36Ytf-CYfHLhZJ3fvJf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 jul. 2020.

HAITI. Intérprete: Caetano Veloso. Compositor: Caetano Veloso e Gilberto Gil. In: *TROPICÁLIA 2*. Intérprete: Caetano Veloso. Rio de Janeiro: Polygram, 1993. 1 disco vinil.

HOUAISS, A. *Dicionário digital da língua portuguesa: versão 1.0*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

JOHNSON, M. *The Body in the Mind: The Bodily Basis of Meaning, Imagination and Reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

KÖVECSSES, Z. *Metaphor: a practical introduction*. 2nd. ed. Oxford: Oxford University Press, 2010.

KÖVECSES, Z. *Metaphor in culture: universality and variation*. Nova York: Cambridge University Press, 2005.

LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things: What categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; TURNER, M. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

LITTLEMORE, J. *Metonymy: hidden short cuts in language, thought and communication*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da língua portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2003. (Coleção Universitária. Série Linguística).

NASCENTES, A. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1955. v. 1.

PEIRSMAN, Y.; GEERAERTS, D. Metonymy as a prototypical category. *Cognitive Linguistics*, [s. l.], v. 17, n. 3. p. 269-316, 2006.

RADDEN, G.; KÖVECSES, Z. Towards a theory of metonymy. In: PANTHER, K.-U.; RADDEN, G. (ed.). *Metonymy in Language and Thought*. Amsterdam: John Benjamins, 1999. p. 17-59.

RODRIGUEZ, I. L. Women, biches, chickens and vixens: animal metaphors for women in English and Spanish. *Revista de Estudios Culturales de la Universitat Jaume I*, [s. l.], v. 7, p. 77-10, 2009.

SANTOS, C. P. M. *Gramática e cognição: um estudo de construções binominais*. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://ppglinguistica.letas.ufrj.br/images/Linguistica/2-Mestrado/dissertacao/2014/19-SantosCPM.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2020.

SOARES DA SILVA, A. *O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição*. Coimbra: Almedina, 2006.

SOLEDADE, J. Esquemas construcionais no português arcaico: um estudo sobre X-ada1, X-ada2, X-ado, X-do, X-da. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 41-56, 2020.

TAKAHASHI, M. Y. Mudanças semânticas do sufixo -ada. In: VIARO, M. E. (org.). *Morfologia histórica*. São Paulo: Cortez, 2014. p. 335-350.

TALMY, L. Gramatical construal: the relation of grammar to cognition. In: GEERAERTS, D. (ed.). *Cognitive Linguistics: Basic Readings*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006. p. 69-108.

TALMY, L. *Toward a Cognitive Semantics*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 2000. 2 v.

TAVARES DA SILVA, J. C. A abordagem construcional nos estudos da morfologia do português: o modelo boijiano em terras brasílicas. *Macabéa: Revista Eletrônica do Netlli, Crato*, v. 8, n. 2, p. 109-135, jul./dez. 2019.

TAVARES DA SILVA, J. C. *Esquemas de imagem na formação de denominais em português: o caso de -eiro e -ário*. 2017. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

TAVARES DA SILVA, J. C. *A semântica dos sufixos denominais*. Curitiba: Appris, 2020.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Capítulo 4

FORMAÇÕES EM ARQUI-/ARCHI- NO PORTUGUÊS E NO CASTELHANO

uma leitura em perspectiva
histórica e construcional

Mailson Lopes

INTRODUÇÃO

A consideração do fator histórico para uma compreensão atilada do funcionamento e da arquitetura do léxico atual de uma língua é algo consabido e empiricamente inegável, pois o edifício vocabular de qualquer sistema linguístico se erige e se molda serpenteando pelo curso temporal (não raras vezes tortuoso e imprevisível), sob um jogo dinâmico e nunca acabado entre permanência, renovação/ inovação e arcaizamento, no qual têm um papel preponderante as pautas de formação de palavras.

Nas últimas décadas, tem-se observado um franco desenvolvimento quantitativo e qualitativo no campo da morfologia lexical, com abordagens mais aprofundadas e sistemáticas debruçadas sobre unidades e operações atuan-

tes na lexicogênese. Nesse fluxo, observa-se o despontar de uma nova leva de estudos que se voltam à constituição e funcionamento históricos de estruturas morfolexicais das mais variadas, submetendo-as a descrições e análises plasmadas em uma perspectiva de coadunação amalgâmica entre aspectos formais e aspectos semânticos, funcionais e pragmáticos.

Com a coexistência, na atualidade, por um lado, de inúmeras publicações no âmbito da lexicogênese histórica do português e das demais línguas românicas, e, do outro, de várias aplicações semântico-cêntricas e construcionais sobre esquemas morfológicos de tais sistemas linguísticos, pode-se pensar que se encontra hoje em dia sob uma “atmosfera” favorável para uma continuidade e um avanço nas investigações que logrem conjugar um olhar historicocêntrico sobre os fenômenos morfológicos da língua com uma tônica epistemológica voltada à valorização do caráter interfacial, fluido, mutável e dinâmico do arcabouço lexical das línguas naturais.

Apoiando-se em tais postulados, objetiva-se apresentar neste artigo uma síntese histórico-diacrônica do formativo *arqui-/archi-*, do grego ao latim, destes ao galego-português e ao castelhano arcaicos e, destes, por sua vez, às suas sincronias moderna e contemporânea, baseando-se em uma análise morfossemântica dos derivados gerados com o antepositivo. Tal exposição se fundamenta teoricamente em um modelo morfológico holístico (LOPES, 2018), que tenciona conjugar o esteio das propostas da Morfologia Construcional (MC) de Booij (2010, 2012a, 2012b, 2018) à devida apreciação do fator histórico que perpassa todo e qualquer fenômeno linguístico. (GRUPO DE MORFOLOGIA HISTÓRICA DO PORTUGUÊS, 2014; RIO-TORTO, 2014; MARTÍN GARCÍA; VARELA ORTEGA, 2012; VIARO, 2010, 2009) A análise está fincada em dados extraídos de gramáticas históricas, dicionários etimológicos e, sobretudo, de um *corpus* empírico constituído por uma centena de documentos do galego-português e do castelhano medievais e de vários outros de seu período moderno e contemporâneo.

Além desta breve introdução e das considerações finais e referências que rematam o capítulo, estrutura-se ele em três seções: a primeira, dedicada à MC e à sua aplicação a dados históricos da língua; a segunda, concernente ao lastro empírico utilizado no estudo e a questões metodológicas subjacentes ao seu tratamento; a terceira, englobadora da própria análise semântica, etimológica e construcional das formações *arqui-/archi-X* no percurso diacrônico das línguas enfocadas.

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE A MORFOLOGIA CONSTRUCIONAL

A MC insere-se no marco da Gramática das Construções (GC), um dos modelos gramaticais da Linguística Cognitiva (LC), podendo ser considerada, de certo modo, como uma aplicação da gramática das construções de Goldberg (1995) ao domínio da morfologia. (GIL LAFORGA, 2014) Toma como fundamento, portanto, o lastro epistemológico de tal abordagem, com o entendimento da linguagem como fenômeno sociocognitivo e semanticocêntrico, constituído por estruturas e operações não modulares, fincadas no uso e na experiência corporificada. (BASILIO, 2010; EVANS, 2007) Ademais, enfoca a formação de palavras como estruturada em uma organização cognitiva operada paradigmaticamente (RODRIGUES, 2015), no sentido de que é a partir de generalizações feitas sobre um conjunto de palavras pré-existentes que os falantes depreendem padrões léxico-morfológicos abstratos – os esquemas –, que podem ser utilizados para a criação neológica vocabular. (BOOIJ, 2018; GIL LAFORGA, 2014; GONÇALVES; ALMEIDA, 2014)

Os postulados fundamentais da MC seriam os seguintes: (i) pareamento entre forma e conteúdo (BOOIJ, 2018; GONÇALVES; ALMEIDA, 2014); (ii) gradiência nas categorias e operações morfológico-lexicais (GONÇALVES, 2016); (iii) morfologia baseada não no morfema, mas na palavra (BOOIJ, 2018, 2010); (iv) armazenamento das palavras complexas no léxico até que sejam depreendidos os esquemas

por generalização/abstração (SOLEDADE, 2018); (v) dependência das instanciações específicas às construções (FERRARI, 2010), das quais emerge interacionalmente o significado (BOOIJ, 2010, 2017); (vi) relações hierárquicas, radiais e de herança entre construções, esquemas e instanciações. (BOOIJ, 2012a, 2017; GONÇALVES; ALMEIDA, 2014)

Trata-se de um dos modelos mais recentes no âmbito das propostas cognitivistas, com duas décadas de existência, desenvolvido por Geert Booij (2010), linguista holandês. Segundo Cândido, Gonçalves e Almeida (2016, p. 202), é uma proposta teórica que surge para dar conta da análise da semântica de formativos, de compostos, de construções sintáticas, da distinção entre flexão e derivação, bem como de “[...] processos morfológicos instáveis, que não podem ser encaixados perfeitamente nos padrões canônicos da composição e da derivação”.

No modelo, a prefixação é representada pelo esquema geral $[X [Y]_y]_y$, significando que é categoricamente neutra, ou seja, sem efeitos heterocategorizadores (o prefixo não interfere na marcação categorial do produto), de modo que no produto morfolexical refletir-se-á a categoria gramatical de sua respectiva base, como em $[re- [modelar]_v]_v$. Além disso, sinaliza que o prefixo não possui etiqueta lexical, por não corresponder a um lexema, sendo essa a distinção primordial entre prefixação e composição (nessa última, os dois componentes principais do esquema sempre são lexemas: $[[X]_x [Y]_y]_s$, $[[guarda]_s [noturno]_A]_s$).

De acordo com Rodrigues (2015), pautando-se, por sua vez, em Booij (2010), a principal vantagem do modelo consiste no entendimento do léxico como um domínio dotado de uma bem estruturada e sistemática organização (em esquemas, subesquemas e instanciações), não se confundindo com uma mera listagem de vocábulos gerados através de regras estabelecidas em plano sintático. Os esquemas por si mesmos já carregam consigo (assim se poderia dizer) o que se entenderia por pautas ou regras (de formação e de análise de palavras) e o que se entenderia por produtos lexicais, sendo, por conseguinte, estruturas que comportariam tanto a associação concatenativa entre bases e afixos ou

entre bases e bases (*i.e.*, organização sintagmática interna da palavra) quanto a visualização de conjuntos de produtos pertencentes a uma mesma família léxica (*i.e.*, paradigmas morfolexicais).

A decisão de se pautar nesse quadro teórico para se perscrutar o comportamento semântico-morfológico dos derivados em *arqui-/archi* deve-se ao fato de a MC licenciar análises das mais holísticas para fenômenos morfolexicais. (GONÇALVES; ALMEIDA, 2014) Especificamente quanto à prefixação, a vantagem do modelo preconizado por Booij radica-se pelo menos nos seguintes pontos: (i) não fomenta a demarcação rígida entre composição e derivação (por conseguinte, entre compostos e formas prefixadas), mas sim, a sua representação unificada por esquemas gerais, sendo processos semelhantes (GONÇALVES; ALMEIDA, 2014), diferenciáveis apenas em termos de gradação, o que se comprova com a atestação empírica de casos fronteiros e de difícil classificação e descrição em termos discretos; (ii) não considera de todo relevante o estatuto das formas presas atuantes nos procedimentos lexicogênicos, de modo que em algum grau se desbota a obrigatoriedade de uma distinção sob condições necessárias e suficientes entre prefixo, prefixoide, pseudoprefixo, *splinter*, xenoconstituente, radical neoclássico e radical preso (GONÇALVES, 2016), que passam a ser entendidos como dispostos em um *continuum* morfológico de gradações estruturais e semânticas (GONÇALVES; ANDRADE, 2012); (iii) traz um modelo de representação das formações que é útil a uma economia coerente de delineamento da polissemia das construções morfológicas (embora ainda imperfeito, com vários problemas), contemplando também a hierarquia nelas estabelecida e possibilitando a visualização (mais ou menos adequada) da rede polissêmica que delas emerge.

Cabe esclarecer, porém, que o aproveitamento para este artigo de alguns pontos defendidos pela MC de Booij não se confunde com uma filiação incondicional a todas as suas assertivas, mas sim, um intento embrionário de cruzamento de alguns desses princípios ao conjunto de instanciações morfolexicais depreendidas dos *corpora* textuais

analisados, sob uma conjunção dinâmica entre teoria e empiria. (LOPES, 2016)

A decisão de agregar à leitura construcional uma apreciação dos fluxos histórico-diacrônicos na emergência e evolução das construções e dos próprios esquemas – algo não contemplado pela versão clássica do modelo (LOPES, 2016; SIMÕES NETO, 2017), embora se preveja na LC a diluição da fronteira entre sincronia e diacronia¹ –, deve-se à compreensão aqui assumida de que as operações cognitivas se associam a padrões de uso e de que estes necessariamente são processados e atualizados em realidades discursivo-culturais específicas, moldadas na história e pela história, sendo dela devedoras em muitos aspectos. Tem-se, portanto, um cuidado em voltar-se para fases mais remotas da língua, para se tentar melhor captar “[...] dados atestadores de processos de construcionalização, com a criação de novos esquemas, e de processos de mudança construcional, com inovações dentre um dado esquema”. (OLIVEIRA, 2013, p. 160)

A consideração do fluxo diacrônico das línguas na apreciação construcional visada, longe de ocasionar ruídos e dissonâncias na aplicação do modelo, certamente se mostra conveniente, possibilitando uma visão crítica da MC, à luz da “realidade” extraída dos dados linguísticos cientificamente detectados e interpretados. Assim, emerge a pertinência de tal associação (entre empiria, diacronia e teoria morfológica), que passa a subsidiar a devida avaliação crítica do modelo assinalado, seja confirmando seus princípios, métodos e pressupostos, seja evidenciando – através de choques, ruídos e dissonâncias – suas falhas e imprecisões, com a consequente necessidade de aprimoramentos, rearranjos e retificações em suas assunções e análises.

1 “Ao contrário de outros modelos como os estruturalistas, na LC não se entende a sincronia sem a diacronia. Esta ideia é especialmente importante nos estudos sobre a polissemia, pois se assume que as extensões semânticas são motivadas, motivações essas que não raras vezes devem ser buscadas em estágios anteriores da língua”. (IBARRETXE-ANTUÑANO; VALENZUELA, 2016, p. 18, tradução nossa)

SOBRE O LASTRO EMPÍRICO DO ESTUDO: DEPREENSÃO E TRATAMENTO DOS DADOS

A natureza dos dados empregados como fundamento empírico para a descrição do funcionamento morfolexical e da natureza semântica do antepositivo *arqui-/archi-* teve, para este estudo, um caráter dúplice, pois enquanto os relativos às sincronias arcaicas (séculos XIII a XVI) do castelhano e do português foram extraídos unicamente de testemunhos textuais do período, os concernentes ao grego, ao latim e a sincronias vernaculares posteriores à primeira quadra do século XVI foram perscrutados sobretudo em fontes lexicográficas e gramaticais ou em estudos da área da formação de palavras. Essa disparidade, embora pouco desejável, não pareceu trazer, no entanto, prejuízos a uma compreensão geral do funcionamento dos formativos supramencionados no devir histórico das línguas portuguesa e castelhana, principal escopo deste capítulo.

Para o galego-português e castelhano arcaicos, foram examinadas todas as ocorrências de vocábulos em *arqui-/archi-* e variantes (captados via leitura *verbo ad verbum* e com o auxílio da ferramenta WordSmith Tools 4.0) em edições de 50 textos para cada uma das línguas enfocadas, extraídas de dois *corpora* textuais disponíveis em meio digital, o *Corpus Informatizado do Português Medieval* (CIPM)²

2 Foram examinados 5 a 30 fólios de cada um dos 50 registros textuais, sendo 48 destes consultados na página do *Corpus Informatizado do Português Medieval - Textos Notariais in Clíticos na História do Português* (TNC13 – séc. XIII; TNC14 – séc. XIV; TNC15 – séc. XV; TNC16 – séc. XVI), *Textos Notariais in História do Galego-Português* (TNH13 – séc. XIII; TNH14 – séc. XIV; TNH15 – séc. XV; TNH16 – séc. XVI), *Textos Notariais do Arquivo de Textos do Português Antigo* (TNAT13 – séc. XIII; TNAT14 – séc. XIV), *Chancelaria D. Afonso III* (CDA3 – séc. XIII), *Chancelaria D. Afonso IV* (CDA4 – séc. XIV), *Dos Costumes de Santarém* (DCS13 – séc. XIII; DCS14 – séc. XIV), *Foros de Garvão* (FG13 – séc. XIII; FG14 – séc. XIV), *Tempos dos Preitos* (TP – séc. XIII), *Foro Real, de Afonso X* (FR – séc. XIII), *Primeyra Partida, de Afonso X* (PP – séc. XIV), *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense* (VSMA – séc. XIV), *Arte de Trovar* (AT – séc. XIV), *Crônica Geral de Espanha* (CGE – séc. XIV), *Livro de Montaria* (LM – séc. XIV), *Narrativa de livro de linhagens* (NLL – séc. XIV), *Orto do Esposo* (OE – séc. XIV), *Cantigas de Amigo* (CAMI – séc. XIII), *Cantigas de Santa Maria* (CSM

e a *Biblioteca Digital de Textos del Español Antiguo*.³ Para o grego e o latim, foram consultados dicionários dessas línguas (DICIONÁRIO..., 2001; ERNOUT; MEILLET, 1939; GAFFIOT, 2016; PEREIRA, 1984),

– séc. XIII), *Cantigas de Escárnio e Maldizer* (CEM13 – séc. XIII; CEM14 – s. XIV), *Cantigas de Amor* (CA13 – séc. XIII; CA14 – s. XIV), *Crónica de Dom João I* (CDJI – séc. XV), *Crónica de Dom Pedro I* (CDPI – séc. XV), *Leal Conselheiro* (LC – séc. XV), *Demanda do Santo Graal* (DESG – séc. XV), *Livro da Enseñança de Bem Cavalgar Toda Sela* (LEBC – séc. XV), *Carta de Pêro Vaz de Caminha* (CPVC – séc. XV), *História dos Reis de Portugal in Crónica Geral de Espanha* (HRP – séc. XV), *Castelo Perigoso* (CP – séc. XV), *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses* (CCDPM – séc. XV), *Livro das Tres Vertudes* (LTV – séc. XV), *Penitencial de Martim Perez* (PMP – séc. XV), *Sacramental* (SACR – séc. XV), *Tratado de Confissom* (TC – séc. XV), *Vida de D. Telo* (VDT – séc. XV), *Vida de S. Teotónio* (VST – séc. XV), *Catecismo* (CATEC – séc. XVI) e *Crónica dos Reis de Bisnaga* (CRB – séc. XVI). Os dois restantes, *Diálogos de São Gregório* (DSG – séc. XIV) e *Livro dos Usos da Ordem de Cister* (LUOC – séc. XV), foram consultados, respectivamente, nas edições realizadas por Machado Filho (2008) e Sampaio (2013).

- 3 Foram examinados 5 a 30 fólios de cada um dos 50 registros textuais, todos consultados na página da *Biblioteca Digital de Textos del Español Antiguo - Fuero Viejo de Alcalá* (FVA – séc. XIII), *Libro de las leyes* (LEY – séc. XIII), *Fuero Juzgo* (FJZ – séc. XIII), *Espéculo* (SPC – séc. XIV), *Leyes del estilo* (AC3 – séc. XIV), *Fuero Real* (FRL – séc. XIV), *Moamyn - Libro de las animalias* (MOA – séc. XIII), *Judizios de las estrellas* (JUZ – séc. XIII), *Picatrix de Alfonso X* (PIC – séc. XIII), *Libro de las cruces* (CRZ – séc. XIII), *Lapidarios de Alfonso X* (LAP – séc. XIII), *Tablas de Zarquiel* (ZRQ – séc. XIII), *Libro de las formas y de las imágenes* (YMG – séc. XIII), *Libros del saber de astronomía* (AST – séc. XIII), *Libros de ajedrez, dados y tablas* (ACE – séc. XIII), *Estoria de España I* (EE1 – séc. XIII), *La Fazienda de Ultramar* (LFU – séc. XIII), *Biblia romanceada E8* (BRE8 – séc. XIII), *General Estoria* (GGE – séc. XIII), *Poema de Mio Cid* (CID – séc. XIII), *Libro de Apolonio* (APO – séc. XIII), *Libro de Alexandre* (ALX – séc. XIII), *Obras de Gonzalo de Berceo* (BER – séc. XIII), *Fuero de Salamanca* (FSA – séc. XIV), *Ordenamiento de Alcalá* (OA1 – séc. XIV), *Fueros de Castiella* (CAS – séc. XIV), *Visita y consejo de médicos* (VIS – séc. XIV), *Libro de buen amor* (G) (BAG – séc. XIV), *Tesoro de la medicina* (TES – séc. XV), *Menor daño de la medicina* (CHI – séc. XV), *Ordenanzas Reales* (MTV – séc. XV), *Tratado de la generación de la criatura* (GEN – séc. XV), *Libro de Ester* (LDE – séc. XV), *Evangelios y Epístolas paulinas* (EEP – séc. XV), *Comedia de Calisto y Melibea* (CCM – séc. XV), *Guerra Judaica* (JOS – séc. XV), *Conjuración de Catilina* (SLI – séc. XV), *Historia del noble Vespasiano emperador de Roma* (VS1 – séc. XV), *Cancionero de Salvá* (P13 – séc. XV), *Danza de la Muerte* (DAN – séc. XV), *Cancionero de Baena* (Dutton PN1) (BAE – séc. XV), *Cancionero castellano de París* (Dutton PN9) (PN9 – séc. XV), *Coplas y glosas de Mingo Revulgo* (MGO – séc. XV), *Traslación del doctor Chatón* (DC1 – séc. XV), *Cancionero de las obras de Juan del Encina* (ENC – séc. XV), *Leyes de Toro* (LTO – séc. XVI), *Tratado nuevo* (CHA – séc. XVI), *Regimiento contra la peste* (ALV – séc. XVI), *Libro de medecina llamado macer* (M18 – séc. XVI), *Romance «Rey que no hace justicia»* (RHJ – séc. XVI).

dicionários etimológicos (ALONSO PEDRAZ, 1986; COROMINAS, 1987; COROMINAS; PASCUAL, 1991; CUNHA, 2010; GARCÍA DE DIEGO, 1985), gramáticas históricas (COUTINHO, 1976; FERREIRO, 1997; GARCÍA DE DIEGO, 1970; NUNES, 1975) e estudos específicos sobre a prefixação. (DINU, 2012; ROMANELLI, 1964) Já para as duas línguas vernáculas em sua manifestação a partir do século XVI, foram tomados por base, além das referidas gramáticas históricas e dos dicionários etimológicos mencionados, outros gerais próprios ao par de línguas ibéricas em tela (HOUAISS; VILLAR, 2009; REAL ACADEMIA ESPAÑOLA; ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA, [20--]), dados registrados em publicações científicas sobre a prefixação (ALBUQUERQUE, 2010; ALVES, 2000; DEPUYDT, 2009; MARTÍN-GARCÍA, 1998; VARELA ORTEGA; MARTÍN GARCÍA, 1999), assim como dados coletados das ferramentas de busca da internet (sobretudo o Google Livros).

Através das obras selecionadas, obtido o arcabouço lexical para análise, buscou-se realizar a recolha, o mais abrangente possível, de vocábulos constituídos com o elemento mórfico *arqui-/archi-* (e alo-morfes ou alógrafos). Todas as palavras lexicais (substantivos, adjetivos, verbos, advérbios em *-mente*) que apresentaram, em seu processo constitutivo, o morfema lexical subsidiário em questão foram selecionadas e passaram a integrar a base de dados para análise.

Após as etapas aludidas e tendo como ponto de partida sempre o conjunto de dados, lançou-se à descrição e análise do formativo, com o arrolamento de suas características formais, semânticas e funcionais, de sua etimologia, de seu esquema construcional e a apreciação dos conjuntos léxicos que conforma e as relações que mantém com outros segmentos mórficos congêneres.

FORMAÇÕES EM *ARQUI-/ARCHI-*: DO GREGO AO PORTUGUÊS E AO CASTELHANO ATUAIS

O prefixo *arqui-/archi-* já atuava como tal na língua grega (ἀρχι-, *ar-khe, es*), em vocábulos como “arquiteto” (ἀρχιτέκτων), “arquidiácono” (ἀρχιδιάκονος), “arquivo” (ἀρχεῖον), “arqueologia” (ἀρχαιολογία) etc., neles denotando as noções de “ser o primeiro, o que está na frente e, daí, origem, começo, o que manda”, derivadas dos sentidos do termo do qual o dito antepositivo emergiu, o verbo ἀρχεῖν (*árchein*), “ser chefe, mandar, governar, comandar, chefiar”. (COROMINAS; PASCUAL, 1991; CUNHA, 2010; HOUAISS; VILLAR, 2009; REAL ACADEMIA ESPAÑOLA; ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA, [20--]) Tomando por base os registros de Gaffiot (2016), depreende-se que o latim (desde a sua fase clássica, como em obras de Cícero), ao lado de vozes adotadas do grego (como *archipirāta*, -*ae* < ἀρχιπειρατής, “líder pirata”; *archiērōsyna*, -*ae* < ἀρχιερωσύνη, “dignidade do sumo sacerdote”), que constituem a maioria das formações, passa, ainda em sua fase clássica, mas, também (e sobretudo) na medieval (baixo latim), a derivar algumas poucas palavras com o prefixo em tela, como *archigallus*, -*ī* (ἀρχι- + -*gallus*), “chefe dos sacerdotes de Cibele” (séc. I d.C.); *archisynāgōga*, -*ae* (*archi-* + -*synāgōga*), “líder da sinagoga” (séc. IV d.C.), *archigūbernus*, -*ī* (*archi-* + -*gūbernus*), “líder dos pilotos” (séc. VI d.C.); e *archisācerdōs*, -*ōtis* (*archi-* + -*sācerdōs*), “arcebispo” (séc. VI d.C.).⁴ Tanto no latim quanto no grego, atuava, como é possível comprovar, em formações nominais isocategoriais, denotando principalmente os sentidos de “chefe, líder” e, daí, o sentido de “principal, superior, mais importante”, ou seja, “superioridade, preeminência”.

Embora no lastro empírico textual esquadrinhado para o galego-português e castelhano medievais só se tenha detectado uma deriva-

4 Destoando do que parece sugerir Gaffiot (2016), Maurer Júnior (1951) assinala a proveniência grega (e não latina) de muitas dessas formações.

ção propriamente vernacular (castelhana) com o antepositivo – *archiduesa* (LTO – séc. XVI)⁵ –, sendo todas as demais encontradas formas herdadas do grego através do latim,⁶ a partir da consulta ao conjunto lexicográfico levado em consideração neste estudo, foi possível se deparar com alguns raríssimos casos de derivados constituídos especificamente no âmbito vernáculo,⁷ em seu período arcaico, nomeadamente *arquichantre* (séc. XIII, exclusivamente para o GP)⁸ e *arquidue/archidue* (séc. XVI para o português; séc. XV para o castelhano).⁹ O que apontam Corominas e Pascual (1991) para o castelhano, aplica-se também, pelo visto, ao português: é principalmente a partir de fins do século XVI/inícios do século XVII que passam a brotar mais produtivamente novos derivados com tal antepositivo, tendo seu auge a partir do século XIX. Assim, documentam-se em fins do século XVI o vocábulo *archibribón*;¹⁰ no século XVII, formas como

-
- 5 Embora tal vocábulo ocorra no lastro textual apenas em um documento do século XVI, a partir de consultas ao *Corpus Diacrónico del Español* (CORDE), verificou-se que já se registra no castelhano pelo menos desde fins do século precedente. Para o português, segundo Cunha (2010), o primeiro registro é de inícios do século XIX, o que foi corroborado após buscas em *O corpus do português*, de Mark Davies ([20–]).
 - 6 Geralmente ingressantes no galego-português e no castelhano nos primórdios de sua manifestação escrita, como se verifica nas ocorrências listadas no início desta seção; não obstante, há derivados que nelas se registram a partir de sua segunda fase arcaica, como *archimandrita/archimandrita* (século XV para ambas as línguas, de acordo o Real Academia Española ([20–]) e Cunha (2010)).
 - 7 Corroborar também essa rareza o estudo de López Viñas (2012), que, após rastrear a formação de palavras via afixação no galego medieval, não inclui o *arqui-* no rol de seus prefixos, por não haver encontrado no *corpus* textual que perscrutou nenhuma formação estritamente vernácula constituída por tal formante.
 - 8 Segundo Houaiss e Villar (2009). De *arqui-* + *-chantre* < fr. *chantre*, de acordo com os mesmos autores. Cunha (2010) não a registra. Ao que parece, essa voz prefixada não foi nem é corrente no castelhano, para o qual se emprega o corradical primitivo *chantre*.
 - 9 De acordo com Cunha (2010), para o português, e a partir de consultas ao CORDE, para o castelhano. De *arqui-/archi-* + *-duque* < fr. *duc* < lat. *dux, ducis*.
 - 10 Segundo Corominas e Pascual (1991) e o CORDE. Exclusivo para o castelhano, consiste na adjunção do prefixo ao adj. *bribón* < *briba* < *bribia* < *blibia* < *biblia* < lat. tard. *biblia* <

arquimosteiro/archimonasterio,¹¹ *archiprior*,¹² *arqui-irmandade*,¹³
archicofradía,¹⁴ *archipámpano*,¹⁵ *archicantor*, *archiclavo* e *archia-*

gr. βιβλία. (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA; ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA, [20—])

- 11 Conforme Houaiss e Villar (2009). De *arqui-* + *-mosteiro* < lat. tard. *monasterium* < gr. μοναστήριον (*monastérion*, -ou), de acordo com os mesmos autores. Cunha (2010) não o registra; tampouco Corominas e Pascual (1991) ou o CORDE. No entanto, a partir de buscas na internet, detectou-se a forma castelhana no quarto tomo da *Coronica general de la Orden de San Benito, Patriarca de Religiosos*, de Fray Antonio de Yepes, publicada em 1613, obra que traz, inclusive, um interessante comentário morfossemântico a respeito do formativo considerado e alguns de seus derivados: “[...] le han venido á dar este campanudo titulo de Archicenobio, y Archimonasterio, porque aquella palabra Archi Griega, significa excelencia, como el nombre Archipresbytero, quiere dezir el mas principal de los Presbyteros, y Archiepiscopo, el mas principal de los Obispos. Assi auiedo en Francia Monasterios tan grandes, tan calificados, tan poderosos, (como hemos ydo representando en esta larga historia) llamarse esta casa Archicenobio, ò Archimonasterio, como si dixessemos el principal Monasterio, ò el mas auentajado, loa es muy grande, y que supone, que deue de tener mayores calidades, aun de las que yo dexo puestas [...]”. (YEPES, 1613, p. 115) Observe-se no excerto a ocorrência de outro derivado em *archi-*: *archicenobio*, também de cariz vernáculo, registrado, portanto, pelo menos desde o século XVII. Os dicionários etimológicos portugueses não trazem esse vocábulo, que também não aparece em *O corpus do Português*, de Mark Davies. Os primeiros registros indicados na internet para o português são do início do séc. XX, embora seja lícito pensar que sua emergência seja mais remota.
- 12 Vocábulo ausente em Corominas e Pascual (1991), no CORDE e em Cunha (2010), mas documentado na obra *Coronica de la milicia y sagrada religion de San Juan Bautista de Jerusalem* (1626), de Juan A. Funes. Houaiss e Villar (2009) datam-no do séc. XIX. De *arqui-/archi-* + *-prior* < lat. *prior*, -ōris.
- 13 Visto que já aparece em um sermão do Pe. Antonio Vieira, o *Sermão das Chagas de S. Francisco, pregado em Roma na Archi-irmandade das mesmas Chagas, anno de 1672*, que consta do 12º tomo de seu sermônário, publicado em Lisboa no ano de 1699. As demais fontes lexicográficas e textuais consultadas neste estudo ou não a registram ou não a datam.
- 14 Conforme apontam os dados do CORDE. De *archi-/arqui-* + *-cofradía/confraria* < fr. *confrérie*. Para o português, o registro mais antigo captado da internet (os materiais lexicográficos consultados não registram essa palavra) é do séc. XVIII, no *Estatuto da Archiconfraria do Cordam do Seráfico Patriárcha S. Francisco da Cidade de Marianna*.
- 15 Que consta no Real Academia Española e Asociación de Academias de la Lengua Española ([20—]), com o significado de “persona que ejerce gran dignidad o autoridad imaginaria”. O primeiro registro encontrado, via acesso ao CORDE, é do apócrifo *Don Quijote de la Mancha*, de Alonso Fernández de Avellaneda, publicado em 1614.

colyto;¹⁶ no século XVIII, *archinotario* e *arquichanciller*,¹⁷ além de *archienemigo*;¹⁸ no século XIX, *arquibasílica/arquibasílica*,¹⁹ *arquidiocese/archidiócesis*,²⁰ *arquiabade*²¹ e vários outros;²² por fim, no sé-

-
- 16 Essas três últimas formas, datadas do século XVII para o castelhano, encontram correspondências portuguesas oitocentistas, registradas, por exemplo, no *Suplemento ao vocabulário português e latino que acabou de sahir a luz anno de 1721 (1727)*, do Pe. Rafael Bluteau.
- 17 Ambos os vocábulos ausentes em Corominas e Pascual (1991) e no CORDE, mas documentados no *El Gran diccionario histórico* (1753), de Louis Moreri. Houaiss e Villar (2009) datam-nos do séc. XIX. Respectivamente, de *arqui-/archi-* + *-notário/notario* < lat. *notārius* (HOUAISS; VILLAR, 2009; REAL ACADEMIA ESPAÑOLA; ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA, [20–]) e de *arqui-/archi-* + *-chanceler/chanciller* < fr. *chancelier* < lat. tard. *Cancellarius*. (HOUAISS; VILLAR, 2009; REAL ACADEMIA ESPAÑOLA; ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA, [20–])
- 18 A partir de consultas ao CORDE, para o castelhano. Houaiss e Villar (2009) ubicam-no, para o português, sob a grafia “arqui-inimigo”, no século XX. De *arqui-/archi-* + *-inimigo/enemigo* < lat. *inimicus*.
- 19 Detectado em um texto castelhano de 1869, a *Crónica del próximo concilio*, traduzida do *La Civiltà Cattolica* para a *Revista Eclesiástica*.
- 20 Conforme Cunha (2010) e Houaiss e Villar (2009), para o português; e a partir das informações do CORDE, para o castelhano, visto que Corominas e Pascual (1991) não assinalam datações para o vocábulo. De *arqui-/archi-* + *-diocese/diócesis* < lat. tard. *diocēsis* < gr. bizantino *διοικήσις* (*diōikēsis*), de acordo com o Houaiss e Villar (2009) e Real Academia Española e Asociación de Academias de la Lengua Española, ([20–]). Não obstante o que apontam o rol lexicográfico e os *corpora* textuais consultados, é possível cogitar que o dito vocábulo fora cunhado antes da datação assinalada, o que parece corroborar-se pelo registro do derivado “arquidiocesano” já no século XVII. (CUNHA, 2010)
- 21 Datação de Houaiss e Villar (2009), mas que talvez possa ser recuada um ou dois séculos. Nem Cunha (2010) nem o CORDE nem Corominas e Pascual (1991) registram tal palavra, que, no entanto, como se pôde verificar após pesquisas na internet, aparece – sob a forma *Archi-Abad* – já em um documento castelhano do século XVII, o *Montesa ilustrada* (1669), da pena do Doutor Frey Hippolyto de Samper.
- 22 Talvez alguns deles exclusivos ao português e talvez sendo criações *ad hoc* ou que logo tiveram um descenso em seu uso, como *archiacolyto*, *archiapóstata*, *archicadeira*, *archicancellorio*, *archicantor*, *archiflamine*, *archiperbole*, *archiministro*, *archipropheta*, *archiprophetissa* e *archisátrapa*, que constam do *Novo diccionario critico e etymologico da lingua portugueza*, de Francisco Solano Constancio, publicada em 1836. Para o castelhano (e talvez exclusivos dela), os derivados *archicamarero*, *archilevita*, *archilocuo/archilocuo*, *archimágiro*, *archinauta*, *archipocomo*, *archipoeta*, que constam do *Compendio del Diccionario Nacional de la lengua española*, de D. R. J. Domínguez (1852).

culo XX: *arquirrival/archirrival*,²³ *arqui(a)laúde*²⁴ e, ao que indica, exclusivamente ao português, a forma “arquibancada”.²⁵

Como se nota, a emergência propriamente vernácula de derivados com o antepositivo, desde o período medieval até o moderno-contemporâneo, faz-se sempre através de *arqui-/archi-*, não tendo qualquer representatividade os alomorfes *arce-/arci-/arc-/arz-*. Outro aspecto interessante quanto ao formativo enfocado é que, a partir de inícios do século XX,²⁶ passa a perder força geradora o seu sentido prototípico de “superioridade” ou “preeminência” (*i.e.*, o de “mais importante ou destacado”, “superior em hierarquia ou autoridade”), tanto no português quanto no castelhano, a favor de um novo matiz, intensificador, e passando a selecionar quase exclusivamente bases adjetivais: *arquidivertido/archidivertido*, *arquiconhecido/archiconocido*, *arqui-inteligente/archi-inteligente*, *arquifamoso/archifamoso*, *archioriginal/archioriginal*, *arquissabido/archissabido* etc.

Faz-se necessário aclarar que esse novo sentido intensificador não se comporta uniformemente, mas se ramifica em pelo menos quatro matizes hiponímicos: (i) “intensificação dimensional” ou “aumento

23 Datação de Houaiss e Villar (2009). Nem Cunha (2010) nem o CORDE nem Corominas e Pascual (1991) registram tal palavra, que, no entanto, como se pôde verificar após pesquisas na internet, aparece em publicações em castelhano pelo menos desde o último quartel do século XX. De *arqui-/archi-* + *-rival* < lat. *rivālis*.

24 Datação de Houaiss e Villar (2009). Nem Cunha (2010) nem o CORDE nem Corominas e Pascual (1991) registram tal palavra, que, no entanto, como se pôde verificar após pesquisas na internet, aparece em publicações em castelhano pelo menos desde o século XIX (sob a forma *archilaúd*), como no *Compendio del Diccionario Nacional de la lengua española*, de D. R. J. Domínguez (1852). De *arqui-/archi-* + *-laúd(e)* < ár. hisp. *al-haúd*. (HOUAISS; VILLAR, 2009)

25 Para esse último vocábulo, cujo antepositivo possui um sentido lexicalizado, a datação foi extraída de Houaiss e Villar (2009); Cunha (2010) não o registra. A forma castelhana correspondente não aparece no CORDE nem em Corominas e Pascual (1991); não parece ser usada nessa língua.

26 Talvez até mesmo um pouco antes, a partir da última quadra do século precedente.

dimensional”, como em *arqui(a)laúde/archilaúd*²⁷ e *arquiviola*;²⁸ (ii) “intensificação quantitativa” ou “muitas vezes”, como em *arqui-milionário/archimillonario*, *arquissecular*, *arquibilionário*; (iii) “intensificação qualitativa”,²⁹ como em todos os exemplos expostos no parágrafo anterior; (iv) “superlatividade”, “grau extremo” ou “grau máximo”, como em *arqui-inimigo/archienemigo*, *arquirrival/archirrival*, *arquidivino*, *arquilinfático*, *arquipulha*, *arquitol*, *arquivulgar*.³⁰ Talvez a deriva semântica que deu origem aos sentidos de

27 De acordo com informações de Houaiss e Villar (2009) e Real Academia Española e Asociación de Academias de la Lengua Española ([20–]), trata-se de um instrumento musical antigo, desenvolvido no século XVI, da família do alaúde, porém maior, mais volumoso que este.

28 “Antigo instrumento de música constituído pela reunião duma espécie de cravo e dum jogo de viola, que trabalhava por meio de manivela como a sanfona”, segundo a *Grande enciclopédia portuguesa e brasileira* (1936, p. 300).

29 *i.e.*, “intensidade nocional”, “intensidade apreciativa” ou “intensidade avaliativa”, correspondendo ao advérbio intensificador “muito”. Para o castelhano, nessa acepção, o prefixo se inscreve em um domínio mais coloquial (MARTÍN GARCÍA, 1998; VARELA ORTEGA; MARTÍN GARCÍA, 1999), o que também se processa no português.

30 A interpretação semântica do prefixo como “grau extremo” ou “grau sumo”, nos cinco últimos vocábulos, foi tomada de Cândido de Figueiredo, em seu *Novo dicionário da língua portuguesa* (1913), em que são definidos, respectivamente, da seguinte maneira: “arquidivino” adj. Superiormente divino; “arquilinfático” adj. Med. Linfático em alto grau; “arquipotente” adj. Poderosíssimo; “arquipulha” m. Grandíssimo pulha; “arquitol” m. e adj. Tolo no mais alto grau; “arquivulgar” adj. Extremamente vulgar. Da mesma forma que há derivados cujo prefixo claramente indica “grau máximo” ou “extremo” e não “muito” – p. ex., em *arquirrival/archirrival* ou *archidiablo* (DEPUYDT, 2009) –, há alguns casos (tal como é possível notar e como adverte DEPUYDT (2009)) em que é difícil determinar se o prefixo *arqui-/archi-* denota um sentido de “intensificação qualitativa” (*i.e.*, “muito”) ou “grau sumo” (*i.e.*, “o maior X” ou “o que é o mais X”). É o que parece ocorrer com os quatro últimos exemplos listados nesta nota. Disso advém a interrogação se de fato Martín García (1998, p. 108), ao analisar, por exemplo, os vocábulos *archiconvincente*, *archiagradable* e *architípico*, tem razão ao considerar que “Unido a bases adjetivas, el prefijo expresa el grado máximo de la cualidad [...]” e, portanto, que seriam interpretados, necessariamente, como “convincentíssimo”/“convincente ao extremo”, “agradabilíssimo”/“agradável ao extremo” e “tipicíssimo”/“típico ao extremo”. Pensa-se aqui que, além dessa leitura, essas e outras formas adjetivais em *arqui-/archi-* podem ser interpretadas em um grau de intensificação inferior ao máximo, simplesmente como “muito convincente”, “muito agradável” ou “muito típico”.

“intensificação qualitativa” e “superlatividade” (e talvez também ao de “intensificação quantitativa”) tenha sido um fenômeno panromânico, já que, além do castelhano, português e galego, igualmente ocorre no italiano,³¹ no catalão³² e no francês³³ e, provavelmente, em outros sistemas linguísticos desse domínio.

O estabelecimento das subcategorias semânticas anteriormente delineadas fundamentou-se na constatação de que a simples indicação de “intensidade” ou “intensificação” não daria conta de abarcar todo o conjunto multiface de formações com o prefixo *arqui-/archi-*, aproveitando-se também de boa parte das reflexões desenvolvidas por Depuydt (2009) em seu estudo sobre alguns prefixos intensificadores em espanhol, quando estabelece, para o *archi-*, as noções semânticas de: (i) “preeminência ou superioridade”; (ii) “muito”; (iii) “extremamente”; (iv) “intensidade de tamanho”.

Conquanto se tenha absorvido na proposta de delineamento semântico para o prefixo em tela quase tudo o que preconiza Depuydt (2009),³⁴ fez-se necessário um ajuste: levou-se em consideração o fato de que o sentido prototípico de “primazia hierárquica”, “preeminência” ou “superioridade”,³⁵ embora se manifeste em algumas palavras de uso corrente das línguas portuguesa e castelhana, goza de pouca força produtiva, atuando em raríssimos construtos hodiernos e não chegando a ter qualquer impacto ou difusão no léxico comum. Concorde-se com a autora quanto ao fato de que o *archi-* (e também o

31 E.g., *archiconvinto*, “muito convicto” ou *archirrico*, “muito rico”; *arcibeato*, “extremamente beato”, *arcibello*, “extremamente belo”. (ROHLFS, 1969)

32 Por exemplo, *arxifamós*, “muito famoso”.

33 Por exemplo, *archiconnu*, “muito conhecido” (LÜDTKE, 1996), e *archifaux*, “muito falso”. (APOTHÉLOZ, 2002)

34 Exceptuando-se também uma ou outra interpretação semântica do formante em alguns dos vocábulos que distingue, por exemplo, *archimilionario*, para cujo prefixo a autora aponta o sentido de “grau absoluto, extremo”, quando se pensa aqui que corresponderia a um sentido de “intensificação quantitativa”.

35 Ou seja, a expressão do “grau superior numa hierarquia”. (DARDANO; TRIFONE, 1996)

arqui- português) “[...] con el valor de ‘preeminencia’ o superioridad’ no sólo se limita a palabras lexicalizadas, sino que también se encuentra en nuevos derivados que tienen una base semejante” (DEPUYDT, 2009, p. 41), mas com o cuidado de se apontar que tais “novos derivados” ou foram gerados no castelhano e no português em séculos passados, do XIX para trás – situação que contempla a maioria esmagadora dos casos –, ou são de uso muito restrito, muito culto ou criações *ad hoc*,³⁶ fazendo com que se possa afirmar que esse sentido primígeno de “superioridade hierárquica” praticamente caiu no ostracismo no fluxo histórico dessas línguas, pelo menos no seu léxico geral e para o seu utente comum.³⁷

Resumindo-se as considerações morfossemânticas aqui expostas sobre o *archi/arqui-*, pode-se entender que o formativo se apresenta, por um lado, em formações herdadas do latim/grego ou cunhadas no português e/ou castelhano até o século XIX (e só muito extraordinariamente nos dois séculos seguintes), o sentido de “primazia, preeminência, superioridade hierárquica”; por outro lado, passa a funcionar, esporadicamente desde o séc. XVI/XVII, mas maciçamente a partir do século XIX ou XX, como um intensificador (relativo ou absoluto) do grau em que se manifesta uma determinada propriedade da base a que se adjuge (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA; ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA, 2009), seja ela dimensão, quantidade ou qualidade.

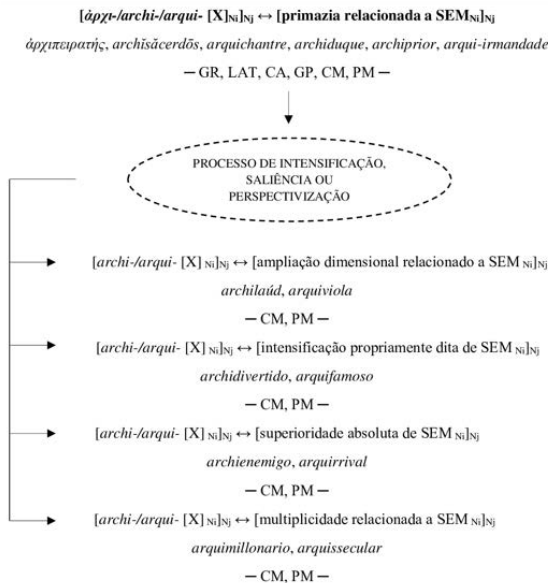
36 Os próprios exemplos elencados por Depuydt (2009) parecem corroborar essa assunção, visto que *archipastor*, *archipoeta*, dentre outros, são todos de constituição bem anterior ao século XX (o primeiro, já presente no *Laurel de Apolo*: con otras rimas, de Lope de Vega, publicado em 1630; o segundo, detectado no CORDE numa obra do mesmo autor, *Rimas*, datada de inícios do século XVII); e de outra, *archiarzobispo* e *archiempresario*, embora sendo mais atuais, são, indubitavelmente, de uso restrito ou mesmo criações *ad hoc*.

37 O que também parece ter ocorrido no italiano, pois assinala Iacobini (2004) que não é produtivo no léxico comum dessa língua.

O sobredito antepositivo não tomava parte no latim ou no castelhano e galego-português arcaicos em esquemas de dupla prefixação, situação que perdura no período moderno-contemporâneo, salvo em hipotéticas criações *ad hoc*, sobretudo com a superposição de outros prefixos escalares (“mega-arquiconhecido”, “super-arquii-nteligente” etc.).

Tendo em vista que o prefixo, em sua rota diacrônica, relaciona tão-somente nomes (substantivos ou adjetivos), nunca verbos ou advérbios, reproduz-se a seguir para ele um único esquema construcional supositício, do grego/latim ao castelhano e português contemporâneos:³⁸

Figura 1 – Esquema construcional das formações substantivas *arqui-/archi-X*, do grego ao latim, e ao português e castelhano contemporâneos



Fonte: elaborada pelo autor.

38 Significado das siglas no esquema construcional: GR (grego), LAT (latim), CA (castelhano arcaico), GP (galego-português arcaico), CM (castelhano moderno), PM (português moderno).

Se se considera a partícula em tela desde a sua origem na língua grega até a sua atuação no latim, vê-se que provavelmente foi alvo de um processo de gramaticalização (desde a sua configuração primeva como forma livre substantiva, no grego, até a sua mutação como um antepositivo nessa última língua), engatilhado pela ativação de metáforas e perspectivizações, tendo como partida uma forma de teor [+ concreto] e [+ específico] e de natureza [+ lexical], que evoluiu, progressivamente, a um elemento portador de noções de teor [+ abstrato] e [+ geral] e de uma natureza [+ gramatical], observável no tentame de reconstrução evolutiva semântica delineado a seguir.

O esquema construcional bosquejado apresenta o prefixo *arqui-/archi-* como formador de nomes a partir de nomes, sendo, destarte, isocategorizante, tanto na matriz grega quanto no latim, no castelhano e no (galego-)português, arcaicos ou modernos. No entanto, embora sempre relacione nomes, algumas de suas construções selecionam (e, por conseguinte, geram) com exclusividade formas substantivas (as que contemplam as acepções “primazia”, “ampliação dimensional” e “superioridade absoluta”), ao passo que outras sempre só selecionam (e, por conseguinte, geram) formas adjetivas (as que contemplam as acepções “intensificação propriamente dita” e “multiplicidade”).

O sentido primitivo e prototípico de “primazia”,³⁹ que constituía a única construção genolexical disponível para *ἀρχι-/archi-* no grego e no latim e que deste último se transpõe às línguas românicas, passa a constituir nestas um esquema polissêmico – possivelmente através de processos de intensificação, saliência ou perspectivização –, devido ao surgimento de quatro veios semânticos, todos eles, de algum modo, consistentes numa intensificação (com saliências e perspectivas próprias) do sentido primevo.⁴⁰

39 Originado, por sua vez, via metaforização (com abstratização e generalização), dos sentidos do verbo grego *ἀρχεῖν* (*árchein*), “ser chefe, mandar, governar, comandar, chefiar”.

40 A resolução de indicar no esquema construcional do antepositivo e na explicação imediata a ele que todos os sentidos inovadores (intensificativos) derivam diretamente do

Sendo assim, de um entendimento de que O QUE TEM PRIMAZIA É DIMENSIONALMENTE MAIOR, ou seja, SER MAIOR EM HIERARQUIA É SER MAIOR EM TAMANHO, surge, metaforicamente, da aceção de “primazia”, o sentido de “ampliação dimensional” (presente em *archi-/archi(a)laúd(e)* e *archiviola*), surpreendentemente não sob um processo de abstratização, mas sim, de concretude.⁴¹ A segunda aceção considerada, a de “intensificação propriamente dita”, parece ter surgido mediante uma leitura generalizadora do matiz prototípico, com o trânsito de um sentido abstrato para outro igualmente abstrato, através de metaforização ou perspectivização: SER UM X PRIMAZ É SER MUITO X, com o surgimento de derivados como *archi-inteligente* ou *archisabido*. Por sua vez, através de uma saliência máxima do caráter de “primazia”, numa espécie de superlativização cabal dessa condição/aceção, emerge um sentido tão abstrato quanto, o de “superioridade absoluta”, fazendo com que um derivado como “archi-inimigo” não seja interpretado simplesmente como “um inimigo importante”, um “grande inimigo” ou um “inimigo superior”, mas sim, “o maior de todos os inimigos”. Por fim, saindo também do cerne semântico prototípico e original de “primazia”, brota um quarto sentido, o de “multiplicidade”, talvez mediante uma perspectivização, pois o que era “superioridade hierárquica” passa a ser compreendido em termos de “superioridade numérica”, de modo que a leitura semântica

prototípico deve-se ao fato de não ter sido possível precisar, em termos certos ou confiáveis, uma cronologia do surgimento de cada aceção inovadora. Na verdade, pelo que aporta o lastro lexicográfico-textual-etimológico considerado, a ideia que se tem é que as novas aceções – salvo um ou outro derivado precursor – parecem ter surgido na mesma época (séculos XIX-XX). No entanto, pela própria diacronia relativa das formações, pode-se ter como certa a proveniência dos sentidos intensificadores a partir do sentido de “preeminência”. Essa ideia é compartilhada por Martín García (1998), quando afirma que, no caso do *archi-* castelhano, o valor intensificativo que denota procede do significado de “superior” no interior de hierarquias sociais, este último detectável em formas como *archiduque* e *archipreste*.

41 Entenda-se: no sentido de que a aceção originada não apresenta um matiz [+ abstrato] que a sua aceção originante, mas sim [+ concreto].

de *arquimilionário/arquimillonario*, por exemplo, não é exatamente a de “grande milionário” ou “milionário de categoria superior”, mas de “indivíduo várias vezes milionário”.

São reproduzidos a seguir dois excertos do estudo de Wang (2013, p. 77 e 85) – fundamentados em contribuições suas e de outros autores –, que trazem alguns aportes sobre a evolução semântica do prefixo no castelhano, vistos como um significativo complemento ao que é apontado nesta seção:

O hispanista Werner Beinhauer (1968:238) confirma também que o prefixo grego *archi-* se difundiu mediante formações originariamente humorísticas (em *Stilstudien*, de Spitzer, I, 141). Beinhauer diz que ‘o prefixo *archi-*, procedente de ambientes eclesiástico-hierárquicos, desenvolveu um matiz paródico, como em *architonto*, *archimalo*, *archifresco*, *archisabido*, como também é possível apreciar em compilações francesas: nous sommes *archiprêts*’. (WANG, 2013, p. 77)

Segundo L. Guilbert e J. Dubois (1961:87-111), *archi-* se difunde a partir da primeira metade do século XVI na França, sobretudo em combinação com substantivos, no âmbito da língua popular e familiar (*archipirate*, *archirenard*). No século XVII continua esse emprego literário de tom cômico e, ao mesmo tempo, os adjetivos tornam-se mais numerosos: *archifou*, *archidêtestable*, etc. Essa tendência a aumentar perdura no século XVIII, no qual os lexicógrafos dão fé de seu emprego eminentemente coloquial. (WANG, 2013, p. 85)⁴²

42 “El hispanista Werner Beinhauer (1968:238) confirma también que el prefijo griego *archi-* se ha difundido mediante formaciones originariamente humorísticas (en *Stilstudien*, de Spitzer, I, 141). Beinhauer dice que ‘el prefijo *archi-*, procedente a su vez de ambientes eclesiástico-jerárquicos, ha desarrollado un matiz paródico, como en *architonto*, *archimalo*, *archifresco*, *archisabido*, como también se puede apreciar en compilaciones francesas: nous sommes *archiprêts*’. (WANG, 2013, p. 77)

“Según L. Guilbert y J. Dubois (1961:87-111), *archi-* se difunde a partir de la primera mitad del siglo XVI en Francia sobre todo en combinación con los sustantivos, en el ámbito de la lengua popular y familiar (*archipirate*, *archirenard*). En el siglo XVII continúa este empleo literario de tono cômico y, al mismo tiempo, los adjetivos se vuelven más numerosos: *archifou*, *archidêtestable*, etc. Esta tendencia a aumentar perdura en el siglo

Como uma retomada sinóptica do que foi exposto nesta seção sobre o antepositivo em tela, pode-se considerar o seu funcionamento diacrônico mediante o seguinte epítome geral:

No grego, a partir do verbo ἄρχειν (*árchein*), “chefiar, comandar” (COROMINAS; PASCUAL, 1991; CUNHA, 2010), origina-se a partícula ἀρχι- (*arkhe, es*), veiculadora dos sentidos “chefe, líder, superior, mais importante” (HOUAISS; VILLAR, 2009; ROHLFS, 1969) em formações nominais isocategoriais.

O latim, em sua manifestação clássica, incorpora ao seu léxico palavras gregas iniciadas em ἀρχι- – *archipirata, archiclinicus* etc. (MAURER JÚNIOR, 1951) –, ao mesmo tempo em que, sobretudo na sua fase medieval (nomeadamente no registro eclesiástico), gera, através de construções morfolexicais isocategoriais, algumas poucas palavras com tal formativo, que segue denotando os sentidos que contemplava na língua originante, ou seja, “superioridade, preeminência”.

No período medieval, a geração propriamente vernacular de derivados com o formante é extremamente escassa (*arquichantre, arquiduque/archiduque, arquiduquesa* foram os únicos espécimes encontrados); a maioria esmagadora das prefixações nele registradas, presentes desde os primórdios da manifestação escrita galego-portuguesa e castelhana, são um legado do latim tardio (moldadas, em geral, no grego): *arcebispo, arcediogo, arcipreste, arcanjo, archipeligo*; nota-se, portanto, que a entrada do antepositivo no vernáculo dá-se, inicialmente, sobretudo a partir das formas de feição popular (por exemplo, *arc-* ~ *arce-* ~ *arci-* ~ *arço-*),⁴³ como observado por

XVIII, en el que los lexicógrafos dan fe de su empleo eminentemente coloquial”. (WANG, 2013, p. 85)

43 O que parece ocorrer é o seguinte: no vernáculo, as formas herdadas geralmente apresentam o antepositivo sob feição popular, enquanto as formas propriamente cunhadas nos sistemas neolatinos apresentam-no sob feição grecizante/latinizante (conforme, por exemplo, *arquichantre* ou *arquiduque/archiduque*), demonstrando o caráter culto das derivações.

Coutinho (1976), em vocábulos do âmbito teológico-eclesiástico, gerados no grego.

Por fim, quanto ao castelhano e português em sua constituição moderno-contemporânea, já em inícios do período moderno dessas línguas (séculos XVI/XVII), continuam ingressando em seu depósito lexical alguns poucos derivados de constituição greco-latina – como *arcangélico*;⁴⁴ século XVII para o castelhano (CORDE), século XIX para o português (CUNHA, 2010) –, *pari passu* à eclosão de várias formações verdadeiramente vernáculas⁴⁵ com o prefixo, cuja produtividade mantém-se ativa e constante desde o século XVII até a contemporaneidade,⁴⁶ se bem que com a ativação preferencial de novos matizes semânticos; diferentemente do que ocorria nas formações medievais, as novas formações privilegiam a forma etimológica grezizante do prefixo (*arqui-/archi-*), e passa a ser ínfima a sua atualização com o sentido de “preeminência”, dando lugar a um rol de novas acepções indicadoras de intensificação (dimensional, quantitativa, qualitativa relativa ou qualitativa absoluta), o que, *ipso facto*, faz com que selecione (embora não exclusivamente) bases adjetivais, em operações homocategorizantes.

À GUIA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de uma observação panorâmica da diacronia do prefixo *arqui-/archi-*, do grego ao português e castelhano contemporâneos, verifica-se que passou por várias alterações importantes, mormente quanto às suas características semânticas, mas também em relação a aspectos funcionais. No latim, seu comportamento semântico era similar ao da matriz geradora grega, aportando aos produtos lexicais o

44 Do grego tardio *arkhaggelikós*. (HOUAISS; VILLAR, 2009)

45 O que é *per se* uma diferença em relação ao período histórico anterior.

46 Não se levando em conta nessa estimativa, obviamente, as formações *ad hoc* ou de uso muito restrito, mas apenas aquelas de alguma fixação e/ou circulação no léxico geral.

conteúdo de “superioridade hierárquica”, quadro que se manterá intocável no período medieval, mas passará por alterações muito significativas a partir do período moderno-contemporâneo, com o surgimento de uma teia polissêmica com novos sentidos, que acabou por desbançar a acepção prototípica, deixando-a em quase absoluto ostracismo, configurando uma situação de inegável mudança linguística. Essa assunção sintoniza-se com o que Lang (1992, p. 234-235) demarca para o *archi-* em sua performance no castelhano atual:

archi-

- a) enemigo → archienemigo
- b) malo → archimalo
- millonario → archimillonario
- estúpido → archiestúpido
- pámpano → archipámpano
- permissivo → archipermissivo

A base analógica para esse tipo de formações está constituída por um termo tradicional como *archiduque* ou *archidiácono*. Na atualidade, são preferidas as formações adjetivais do tipo das de b), em que a função de *archi-* corresponde exatamente à do adverbio *muy* ou ao do sufixo *-ísimo*. a) contempla alguns exemplos de formações denominais. Esse uso é muito popular na linguagem coloquial atual, em que a derivação se encontra fortemente motivada e a união semântica entre base e prefixo não é completamente estável. (LANG, 1992, p. 234-235)⁴⁷

Tal como abaliza Alves (2000, p. 163), “ A esse formante é, em geral, atribuído um caráter prefixal pelos lexicógrafos e gramáticos da

47 “La base analógica para este tipo de formaciones está constituida por un término tradicional como *archiduque* o *archidiácono*. En la actualidad, se prefieren formaciones adjetivas del tipo de las de b), donde la función de *archi-* se corresponde exactamente con la del adverbio *muy* o la del sufijo *-ísimo*. a) recoge algunos ejemplos de formaciones denominales. Este uso es muy popular en el lenguaje coloquial actual, donde la derivación se encuentra fuertemente motivada y la unión semántica entre base y prefijo no es completamente estable”. (LANG, 1992, p. 234-235)

língua portuguesa”, o mesmo ocorrendo para o galego e o castelhano. Isso não deixa de ser curioso, pois conquanto não seja considerado como tal pela tradição greco-latina e tampouco tenha uma origem preposicional (TORRES MARTÍNEZ, 2009), é tomado como prefixo pelos estudos sobre a formação de palavras, mesmo naqueles mais tradicionais. Como se percebe, trata-se de uma postura um tanto quanto contraditória, que escancara a impossibilidade de demarcação fixa dos processos e elementos morfolexicais, muito mais afeitos, portanto, a encaixamentos gradientes, sob a forma de *continuum*.

A vitalidade do formante continua sendo notada nas línguas abordadas, mas, ao que tudo indica, bem modestamente, na fala e escrita coloquiais, com a seleção do rol de sentidos intensificadores – e não mais (ou apenas muito extraordinariamente) o sentido prototípico de “preeminência” – para a geração de novos produtos léxicos, principalmente o de “intensificação qualitativa” (intensificação propriamente dita) e o de “superlatividade”.

Mesmo na língua da publicidade escrita, em geral inovadora e *avant-garde* no manejo de procedimentos morfolexicais, o *arqui-/archi-* não parece ser recorrente, pelo que se pode pensar que fica realmente restrito ao âmbito da fala coloquial. Albuquerque (2010) detecta casos de vocábulos do léxico da publicidade na mídia escrita brasileira constituídos pelos intensificadores *extra-*, *hiper-*, *re-*, *super-* e *ultra-*, mas nenhum sequer com *arqui-*, sendo mais uma prova para se considerar que este último é o menos produtivo entre os prefixos superlativos do português, tal como apontam Wang (2013) e Rodríguez Ponce (2002) para o castelhano. Tampouco parece ser relevante a contribuição de *arqui-/archi-* para a terminologia científica. (MACÍAS, 2013)

Pelo que pôde se constatar a respeito do formativo analisado, assim como de outros estudados por Lopes (2013, 2018), chega-se à conclusão de que os meandros da estruturação vocabular são implexos, com uma essência nem sempre cabalmente apreensível, mostrando-se como um objeto multifacético, escorregadio e proteiforme, mormente

em sincronias recuadas do idioma. Há de se convir que a conjunção entre uma perspectiva de análise histórico-diacrônica e uma leitura construcional, fundamentada em um diálogo pulsante entre teorização e empiria, é um *modus operandi* formidável para se lidar cientificamente com um tema tão desafiador como a formação de palavras, fenômeno de importância fulcral para a compreensão do léxico de uma língua em sua tessitura temporo-espacial-cultural.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, A. F. de. *A prefixação no léxico da publicidade na mídia escrita*. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7664/1/arquivo449_1.pdf. Acesso em: 18 jul. 2018.
- ALONSO PEDRAZ, M. *Diccionario medieval español: desde las Glosas Emilianenses y Silenses (s. X) hasta el siglo XV*. Salamanca: Universidad Pontificia de Salamanca, 1986. 2 v.
- ALVES, I. M. *Um estudo sobre a neologia lexical: os microssistemas prefixais do português contemporâneo*. 2000. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- APOTHÉLOZ, D. *La construction du lexique français: principes de morphologie dérivationnelle*. Paris: Ophrys, 2002.
- BASILIO, M. Abordagem gerativa e abordagem cognitiva na formação de palavras: considerações preliminares. *Linguística Cognitiva*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 1-14, dez. 2010. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/4444/3216>. Acesso em: 18 jul. 2018.
- BLUTEAU, R. *Supplemento ao vocabulario portuguez e latino que acabou de sahir a luz anno de 1721*. Lisboa: Joseph Antonio da Sylva, 1727.
- B00IJ, G. E. The construction of words: Introduction and overview. In: B00IJ, G. E. (ed.). *The construction of words: advances in Construction Morphology*. Berlin: Springer, 2018. p. 3-18.

- B00IJ, G. E. Inheritance and motivation in Construction Morphology. In: GISBORNE, N.; HIPPISEY, A. (ed.). *Defaults in morphological theory*. Oxford: Oxford University Press, 2017. p. 18-39.
- B00IJ, G. E. *Inheritance and Construction Morphology*. Lexington: [s. n.], 2012a. Paper presented at the workshop on 'Default inheritance', University of Kentucky, Lexington KY, 21-22 May 2012.
- B00IJ, G. E. Construction morphology, a brief introduction. *Morphology*, [s. l.], v. 22, p. 343-346, 2012b.
- B00IJ, G. E. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- CÂNDIDO, B. F.; GONÇALVES, C. A.; ALMEIDA, M. L. L. de. De chacretes, ronalde-tes e outros -etes: uma análise morfológica e semântica das construções X-ete no português do Brasil. *Gragoatá*, Niterói, n. 40, p. 197-223, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33381/19368>. Acesso em: 18 jul. 2018.
- COROMINAS, J. *Breve Diccionario etimológico de la lengua castellana*. 3. ed. Madrid: Gredos, 1987.
- COROMINAS, J.; PASCUAL, J. A. *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. Madrid: Gredos, 1991. 6 v.
- COUTINHO, I. de L. *Pontos de gramática histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010.
- DARDANO, M.; TRIFONE, P. *La lingua italiana*. Bologna: Zanichelli, 1996.
- DAVIES, M. *O corpus do português*. [S. l.], [20—]. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org/>. Acesso em: 20 fev. 2018.
- DEPUYDT, E. *Los prefijos de intensificación en español: archi-, extra-, super- y ultra-*. 2009. Dissertação (Master in de Taal – en Letterkunde) – Faculteit Letteren en Wijsbegeerte, Universiteit Gent, Gent, 2009. Disponível em: https://lib.ugent.be/fulltxt/RUG01/001/414/729/RUG01-001414729_2010_0001_AC.pdf. Acesso em: 18 jul. 2018.
- DICIONÁRIO latim-português. 2. ed. Porto: Porto, 2001.

DINU, D. Prefix derivation in latin. *Studii și cercetări de onomástica și lexicologie*, România, ano V, n. 1-2, p. 125-135, 2012. Disponível em: <http://www.diacronia.ro/en/indexing/details/A3868.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2018.

DOMÍNGUEZ, R. J. *Compendio del diccionario nacional de la lengua española*. Madrid: D. F. de P. Mellado, 1852. t. 1.

ERNOU, A.; MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots*. 2. ed. Paris: Klincksieck, 1939.

EVANS, V. *A Glossary of Cognitive Linguistics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2007.

FERRARI, L. Modelos de gramática em linguística cognitiva: princípios convergentes e perspectivas complementares. *Cadernos de Letras da UFF*, Niterói, v. 41, n. 1, p. 149-165, 2010.

FERREIRO, M. *Gramática histórica galega: lexicología*. Santiago de Compostela: Laiovento, 1997.

FIGUEIREDO, C. de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica, 1913.

FUNES, J. A. de. *Coronica de la ilustrissima milicia y sagrada religion de San Juan Bautista de Jerusalem*. Valencia: Miguel Sorolla, 1626.

GAFFIOT, F. *Dictionnaire Latin Français*. [S. l.: s. n.], 2016. Disponível em: http://gerardgreco.free.fr/IMG/pdf/Gaffiot_2016_-_komarov.pdf. Acesso em: 10 maio 2017.

GAGO, F. (dir.). *Hispanic Seminary of Medieval Studies. Biblioteca Digital de Textos del Español Antiguo*. [S. l.: s. n.], c2015. Disponível em: <http://www.hispanicseminary.org/t&c/ac/index-es.htm>. Acesso em: 10 jul. 2017.

GARCÍA DE DIEGO, V. *Diccionario etimológico español e hispánico*. 2. ed. López. Madrid: Espasa-Calpe, 1985.

GARCÍA DE DIEGO, V. *Gramática histórica española*. 3. ed. Madrid: Gredos, 1970.

GIL LAFORGA, I. *La interacción de los componentes gramaticales en la formación de palabras: adjetivos posesivos derivados y compuestos*. 2014. Tese (Doutorado em Linguística Teórica y sus Aplicaciones) – Instituto Universitario de Investigación Ortega y Gasset, Universidad Autónoma de Madrid, Madrid, 2014.

Disponível em: https://repositorio.uam.es/bitstream/handle/10486/663100/gil_Laforga_irene.pdf?sequence=1. Acesso em: 18 jul. 2018.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, C. A. V. *Morfologia construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016.

GONÇALVES, C. A. V.; ALMEIDA, M. L. L. de. Morfologia construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias. *Alfa*, São Paulo, v. 58, n. 1, p. 165-193, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/RFD7h36Ytf-CYfHLhZJ3fvJf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 jul. 2018.

GONÇALVES, C. A. V.; ANDRADE, K. E. O estatuto dos constituintes morfológicos e o *continuum* composição-derivação em português. *Cadernos do NEMP*, Rio de Janeiro, n. 3, v. 1, p. 7-25, 2012. Disponível em: https://www.nemp-rj.com/_files/ugd/7f1076_cbc989def0fa4e7f90b4f365597d2883.pdf. Acesso em: 20 jan. 2018.

GRANDE enciclopédia portuguesa e brasileira. Lisboa: Editorial Enciclopédia, 1936. v. 3.

GRUPO DE MORFOLOGIA HISTÓRICA DO PORTUGUÊS. Em busca de um método de investigação para os fenômenos diacrônicos. In: VIARO, M. E. (org.). *Morfologia histórica*. São Paulo: Cortez, 2014. p. 11-30.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1 CD-ROM.

IACOBINI, C. Prefissazione. In: GROSSMANN, M.; RAINER, F. (ed.). *La formazione delle parole in italiano*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2004. p. 97-163.

IBARRETXE-ANTUÑANO, I.; VALENZUELA, J. Lingüística cognitiva: origen, principios y tendencias. In: IBARRETXE-ANTUÑANO, I.; VALENZUELA, J. (dir.). *Lingüística cognitiva*. Barcelona: Anthropos, 2016. p. 13-38.

LANG, M. F. *Formación de palabras en español: morfología derivativa productiva en el léxico moderno*. Tradução de Alberto Miranda Poza. Madrid: Cátedra, 1992.

LOPES, M. dos S. *Estudo histórico-comparativo da prefixação no galego português e no castelhano arcaicos (séculos XIII a XVI): aspectos morfolexicais, semânticos e etimológicos*. 2018. Tese (Doutorado em Língua e Cultura e em Linguística do Português) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador; Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2018.

Disponível em: http://ppglinc.letras.ufba.br/sites/ppglinc.letras.ufba.br/files/tese_-_mailson_lopes_-_2018_-_versao_definitiva_-_arquivo_dos_5_tomos_unificados.pdf. Acesso em: 3 set. 2019.

LOPES, M. dos S. Um olhar semanticocêntrico sobre a prefixação em um documento português do século XIV. In: ALMEIDA, A. A. D.; SANTOS, E. S. dos (org.). *Linguagens e cognição*. Salvador: Edufba, 2016. p. 229-259. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/33312/1/linguagensecognicao-repositorio.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2018.

LOPES, M. dos S. *A prefixação na primeira fase do português arcaico*: descrição e estudo semântico-morfolexical-etimológico do paradigma prefixal da língua portuguesa nos séculos XII, XIII e XIV. 2013. Dissertação (Mestrado em Língua Histórica) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/15537/1/Mailson%20S.%20Lopes%20-%20Tomo%20I.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2019.

LÓPEZ VIÑAS, X. *A formación de palabras no galego medieval: a afixación*. 2012. Tese (Doutorado em Filologia) – Facultade de Filoloxía, Universidade da Coruña, A Coruña, 2012. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/61906094.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2018.

LÜDTKE, J. *Gemeinromanische Tendenzen IV: Wortbildungslehre*. In: HOLTUS, G.; METZELTIN, M.; SCHMITT, C. *Lexikon der Romanistischen Linguistik*. Tübingen: Niemeyer, 1996. p. 235-272.

MACHADO FILHO, A. V. L. *Diálogos de São Gregório*: edição e estudo de um manuscrito medieval português. Salvador: Edufba: Mosteiro de São Bento da Bahia, 2008.

MACÍAS, C. Contribución del griego y el latín a la creación del léxico científico-técnico del español. *Thamyris*, Málaga, n. 4, p. 167-190, 2013. Disponível em: <https://riuma.uma.es/xmlui/bitstream/handle/10630/6975/MACIAS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 jul. 2018.

MARTÍN GARCÍA, J. Los prefijos intensivos del español: caracterización morfo-semántica. *E.L.U.A.*, Alicante, n. 12, p. 103-116, 1998. Disponível em: https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/6331/1/ELUA_12_07.pdf. Acesso em: 18 jul. 2018.

MARTÍN GARCÍA, J.; VARELA ORTEGA, S. La relevancia de la diacronía para la teoría morfológica. In: CAMPO SOUTO, M. et al. (ed.). *Assi como es de suso dicho*:

- estudios de morfología y léxico en homenaje a Jesús Pena. San Millán de la Cogolla: Cilengua, 2012. p. 323-336.
- MAURER JÚNIOR, T. H. *A unidade da România Ocidental*. São Paulo: [Indústria Gráfica J. Magalhães], 1951.
- NUNES, J. J. *Compêndio de gramática histórica portuguesa: fonética e morfologia*. 8. ed. Lisboa: Clássica, 1975.
- OLIVEIRA, M. R. de. Gramaticalização de construções como tendência atual dos estudos funcionalistas. *Estudos linguísticos*, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 148-162, jan./abr. 2013. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1093/660>. Acesso em: 18 jul. 2018.
- PEREIRA, I. *Dicionário grego-português e português-grego*. 6. ed. Porto: Apostolado da Imprensa, 1984.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Corpus Diacrónico del español - CORDE*. [S. l.], [20—]. Disponível em: <http://corpus.rae.es/cordenet.html>. Acesso em: 7 ago. 2018.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA; ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA. *Diccionario de la lengua española*. Madrid, [20—]. Disponível em: <http://dle.rae.es/?id=DZQewBm>. Acesso em: 12 ago. 2018.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA; ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA. *Nueva gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa, 2009.
- RIO-TORTO, G. M. de O. e S. Desafios em morfologia: história e (re)conhecimento. In: VIARO, M. E. (org.). *Morfologia histórica*. São Paulo: Cortez, 2014. p. 31-57.
- RIO-TORTO, G. M. de O. e S. *Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português*. Porto: Porto, 1998.
- RODRIGUES, A. F. S. *A gramática do léxico: morfologia derivacional e o léxico mental*. München: LINCOM, 2015.
- RODRÍGUEZ PONCE, M. I. *La prefijación apreciativa en español*. Cáceres: Universidad de Extremadura, 2002.
- ROHLFS, G. *Grammatica storica della lingua italiana e dei suoi dialetti: sintassi e formazione delle parole*. Tradução de Temistocle Franceschi e Maria Caciagli Fancelli. Torino: Einaudi, 1969. v. 3.

ROMANELLI, R. C. *Os prefixos latinos: da composição verbal e nominal, em seus aspectos fonético, morfológico e semântico*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1964.

SAMPAIO, L. R. T. *Edições e estudo do Livro dos usos da Ordem de Cister, de 1415*. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em: [https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/27928/1/disserta%
c3%a7%c3%a3o.LISANA.FF.pdf](https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/27928/1/disserta%c3%a7%c3%a3o.LISANA.FF.pdf). Acesso em: 18 jul. 2018.

SIMÕES NETO, N. A. Morfologia Construcional e alguns desafios para a análise de dados históricos da língua portuguesa. *Domínios de Lingu@gem*, Uberlândia, v. 11, n. 3, p. 468-501, jul./set. 2017. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/36837>. Acesso em: 18 jul. 2018.

SOLEDADE, J. Por uma abordagem cognitiva da morfologia: revisando a morfologia construcional. In: ALMEIDA, A. A. D.; SANTOS, E. S. dos (org.). *Linguística cognitiva: redes de conhecimento d'aquém e d'além mar*. Salvador: Eudfba, 2018. p. 225-258.

TORRES MARTÍNEZ, M. *La prefijación en gramáticas y diccionarios del español: siglos XVIII-XX*. 2009. Tese (Doctorado en Filología Española) – Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad de Jaén, Jaén, 2009. Disponível em: <https://ruja.ujaen.es/jspui/bitstream/10953/450/1/9788484397113.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2018.

VARELA ORTEGA, S.; MARTÍN GARCÍA, J. La prefijación. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (org.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa, 1999. p. 4993-5040.

VEJA, L. de. *Laurel de Apolo: con otras rimas*. Madrid: Iuan Gonçalez, 1630.

VIARO, M. E. Buscando um novo método para seleção e interpretação de dados em morfologia histórica. In: ALVES, I. M. et al. (org.). *Os estudos lexicais em diferentes perspectivas*. São Paulo: FFLCH/USP, 2009. p. 39-61.

VIARO, M. E. Sobre a inclusão do elemento diacrônico na teoria morfológica: uma abordagem epistemológica. *Estudos de Lingüística Galega*, Santiago de compostela, n. 2, p. 173-190, 2010. Disponível em: <https://revistas.usc.gal/index.php/elg/article/view/1513>. Acesso em: 18 jul. 2018.

WANG, C. *Las fórmulas superlativas en el español de los siglos XVIII y XIX*. 2013. Tese (Doctorado en Filología Española) – Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Autónoma de Madrid, Madrid, 2013. Disponível em: https://repositorio.uam.es/bitstream/handle/10486/660732/wang_chao_fang.pdf?sequence=1. Acesso em: 18 jul. 2018.

XAVIER, M. F. (dir.). *Corpus Informatizado do Português Medieval*. [S. l.], [20—]. Disponível em: <http://cipm.fcsh.unl.pt/>. Acesso em: 10 abr. 2014 a 24 set. 2018.

YEPES, A. de. *Coronica general de la Orden de San Benito, Patriarca de Religiosos*. [S. l.]: Fra[n]cisco Ferna[n]dez de Cordoua, 1613.

Capítulo 5

AS CONSTRUÇÕES NÃO-X NO PORTUGUÊS ARCAICO

Pâmella Alves Pereira

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, apresentamos um estudo das construções não-X no português arcaico, isto é, das formas em que há a anteposição do elemento “não” a uma base nominal considerando dados da língua portuguesa dos séculos XIV, XV e XVI. Nossa proposta é analisar essas construções a partir do modelo da Morfologia Construcional (MC) (BOOIJ, 2005, 2007, 2010) e, para isso, utilizamos o banco de dados *on-line* de Davies e Ferreira (2006), *O corpus do português: Historical Genres*.

O instrumental teórico da MC se mostra pertinente quando estamos diante de formações que exibem características tanto da derivação quanto da composição, conforme nos mostram diferentes estudos sobre o “não” anteposto a nomes no português: Alves (1992, 1993); Basilio (2000); Campos (2002, 2004); Pante e Menezes (2003); Jacob (2010) analisam esse “não” como prefixo; Sandmann (1989) e Lopes (2013, 2018) falam em prefi-

xóide; Pereira (2006, 2012) entende esse “não” como membro de uma formação composta; já Silva e Mioto (2009) e Pereira (2012) o analisam como membro de uma composição sintática. De fato, o “não” nas construções não-X apresenta características que não permitem uma classificação imediata de seu estatuto gramatical, pois é uma forma livre no português, mas bastante recorrente na formação de palavras. Nesse sentido, a abordagem da MC nos parece apropriada, já que, nessa proposta teórica, deixa de ser importante a caracterização dos processos morfológicos como composição ou derivação, e torna-se mais interessante a descrição dos esquemas relacionados às construções, bem como das peças que os compõem.

Para esta análise, lançamos mão do *O corpus do português: Historical Genres* (DAVIES; FERREIRA, 2006), disponível em *corpusdoportugues.org*. Trata-se de um banco de dados que compila textos de diferentes épocas da história da língua, do século XIII ao XX. Do português arcaico, integra *O corpus do português* cerca de 190 textos extraídos, entre outros lugares, do *Corpus Informatizado de Textos Portugueses Medievais* (CIPM). Optamos por esse banco de dados pois nosso objetivo, aqui, é ampliar parte da análise feita em Pereira (2012), que utilizou tal *corpus* em sua pesquisa. E o recorte dos séculos XIII ao XVI se justifica por se tratar de um período fundamental para entendimento da formação da língua portuguesa como a conhecemos hoje.

Assim, nosso intuito é realizar uma análise mais detalhada sobre as formações não-X no português arcaico, observando as características desse tipo de construção e apontando as transformações pelas quais o “não” passou ao longo desse período histórico da língua. Para isso, organizamos este texto da seguinte maneira: na próxima seção, discorreremos brevemente sobre o modelo teórico da MC; na seção seguinte, fizemos uma revisão de outros estudos sobre as formações não-X no período arcaico da língua portuguesa; na quarta seção, descrevemos os dados encontrados nos séculos XIII a XVI e aplicamos o

modelo da MC na análise desses dados e, por fim, apresentamos, na última seção, nossas considerações finais.

O MODELO TEÓRICO DA MORFOLOGIA CONSTRUCIONAL

A MC (BOOIJ, 2005, 2007, 2010) trata da noção de esquemas morfológicos abstratos, interpretados como padrões sintáticos gramaticais ou expressões idiomáticas no nível da palavra. Esses esquemas são generalizações sobre um conjunto de palavras relacionadas paradigmaticamente, ou seja, a partir de um conjunto de palavras como “infeliz”, “incapaz”, “infiel”, por exemplo, pode-se depreender um esquema abstrato que, no caso das palavras com o prefixo *in-* listadas aqui, seria:

$$(1) \langle [in- [X]_A]_A \leftrightarrow [não \acute{e} X_A] \rangle$$

O esquema de que participa o prefixo negativo *in-*, em (1) acima, é abstraído das palavras em uso na língua e significa, genericamente, “não é X”, sendo [X] um adjetivo. Esse esquema abstrato pareceia forma – informações fonológicas e morfossintáticas – e significado e pode funcionar como ponto de partida para a criação de novas palavras.

Assim, na proposta da MC, não há diferença significativa entre padrões regulares, como “vou fazer” e “estou fazendo”, expressões idiomáticas, como “dei uma lida” e palavras morfológicamente complexas, sejam derivadas ou compostas. Em todos esses casos, fala-se em esquemas morfológicos com uma posição fixa, lexicalmente preenchida, e outra(s) aberta(s), representada(s) por variáveis. Sobre os padrões morfológicos, especificamente – composição, sufixação e prefixação – do português, Gonçalves e Almeida (2012 apud GONÇALVES, 2016, p. 18) adaptaram a representação original de Booij (2005) da seguinte maneira:

- (2) a. Composição: $[[X]_x[Y]_y]_s$
 b. Sufixação: $[[X]_xY]_y$
 c. Prefixação: $[X[Y]_y]_y$

Nesses esquemas, X e Y são variáveis que representam sequências fonológicas, e os subscritos $_x$ e $_y$ representam as categorias lexicais. No esquema geral das palavras compostas no português, cada constituinte apresenta uma etiquetagem lexical e, independente da categoria lexical de cada item, o composto será um substantivo, como $[[guarda]_v [chuva]_s]_s$, $[[cachorro]_s [quente]_A]_s$. No esquema da prefixação, observamos que a classe gramatical da palavra prefixada é idêntica à da sua base, como em $[in- [feliz]_A]_A$, $[re- [fazer]_v]_v$. Para Booij (2005, p. 13, tradução nossa), “[a] diferença entre composição e derivação é que na derivação um dos constituintes não tem etiqueta lexical pois não corresponde a uma lexema”.¹

O esquema construcional de derivação prefixal, considerando a relação forma e significado, pode ser assim representado:

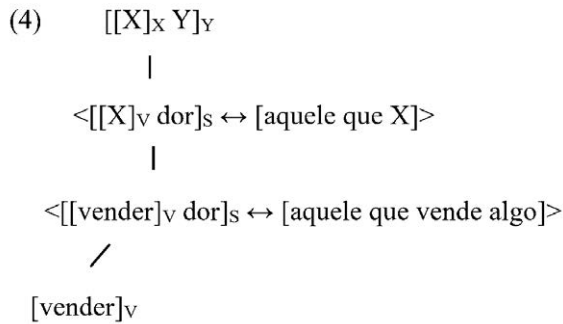
$$(3) \langle [X [Y]_{y_i}]_{y_j} \leftrightarrow [SEM_i \text{ relacionado ao significado de } X] \rangle$$

Na representação (3), [Y] é a parte variável do esquema, delimitado por < >, e X é a parte fixa, o prefixo, no caso. A seta dupla (\leftrightarrow) é utilizada para estabelecer o pareamento entre a parte formal e a parte semântico-funcional. O significado “SEM” das palavras de base é especificado no léxico, e “a contribuição do significado fornecida pelos afixos é especificada nos esquemas de construção, uma vez que seus significados não são acessíveis fora da estrutura morfológica em que

1 “[t]he difference between compounding and derivation is that in derivation one of the constituents does not have a lexical label since it does not correspond to a lexeme”.

eles ocorrem”. (SOLEDADE, 2018, p. 239) O significado da construção também é especificado no esquema, ou seja, trata-se de uma propriedade holística da construção como um todo, e não de cada um de seus constituintes separadamente.

A relação entre os esquemas de construções morfológicas é representada por meio de uma árvore, com diferentes níveis de abstração. Os esquemas se organizam hierarquicamente do nível mais abstrato até chegar à palavra individual. Assim, nessa rede de relações, cada esquema herda propriedades morfossintáticas e semânticas de um esquema em nível imediatamente superior. Tomemos como exemplo a árvore a seguir:



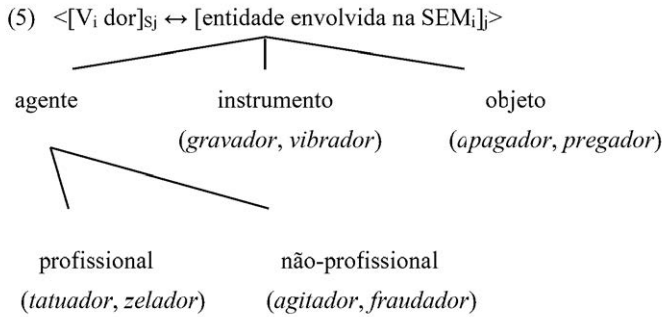
Em (4), o esquema $\langle [[X]_v \text{dor}]_s \leftrightarrow [\text{aquele que X}] \rangle$ une-se à palavra “vender” para formar “vendedor”, ou seja, ocorre o que Booij chama de *Unification*. Gonçalves e Almeida (2014, p. 176) preferem chamar esse mecanismo de “compatibilização”, pois o termo ressalta o fato de o item lexical combinar suas propriedades lexicais com as propriedades semânticogramaticais da construção, instaurando “[...] uma relação bidirecional da construção para o item e do item para a construção”. (GONÇALVES; ALMEIDA, 2014, p. 176)

Sobre o mecanismo da herança nesse modelo da MC, Gonçalves e Almeida (2014) explicam que se trata de “[...] qualquer característica formal ou semântica que esteja na construção básica e se transfira para a construção decorrente”. (GONÇALVES; ALMEIDA, 2014,

p. 178) Dessa maneira, o polo semântico das construções hierarquicamente superiores deve ser o mais abrangente possível, a ponto de abarcar todas as acepções hierarquicamente subordinadas.

Segundo a proposta de Goldberg (1995), Gonçalves e Almeida (2014, p. 178) propõem quatro tipos de herança para construções morfológicas: por polissemia, por extensão metafórica, por subparte e por instanciação. Como exemplo de herança por polissemia, vejamos o caso das formações X-dor: o significado prototípico de “agente” é normalmente usado para seres humanos (tratador, comedor, ligador), mas também pode ser aplicado a objetivos (nebulizador, apagador, liquidificador). “Nesse caso, a interpretação metafórica da noção de agente modifica esse significado primário e desenvolve um subesquema instrumental, caracterizando uma ligação por polissemia”. (GONÇALVES; ALMEIDA, 2014, p. 179) Segundo Booij (2010), uma abordagem polissêmica deve partir de um significado prototípico para os demais significados existentes. Assim, há o esquema geral e, abaixo dele, na representação arbórea, há os subesquemas, cada um com uma semântica distinta, mas relacionada.

Em Booij (2010), a representação do componente semântico das construções morfológicas é descrita de maneira vaga. Gonçalves e Almeida (2014), então, apresentam uma proposta em que o *frame* (FILLMORE; ATKINS, 1992, p. 76) da palavra-fonte é considerado para se entender os subesquemas com semânticas distintas. Os autores apresentam a seguinte formalização desses casos considerando as formações em X-dor:



A herança por metáfora aparece em formações do tipo X-inho, como “casinha” e “casadinho”, em que a transferência de imagem do domínio-fonte é mantida no domínio-alvo. Na herança por subparte, uma construção corresponde a um pedaço da outra, constituindo uma porção independente da que se origina, como é o caso do radical neoclássico *homo-*, em “homossexual”, por exemplo, que se ressemantiza por metonímia, em referência a uma construção de que era constituinte, como em “homofobia” e “homoafetivo”. Por fim, na herança por instanciamento, subesquemas diferentes são instanciados de um esquema mais básico, como, por exemplo, “iogurteira” $[S_i \text{ eira}]_{sj}$ e “batedeira” $[V_i \text{ deira}]_{sj}$, que são formações a partir do esquema $\langle [[X]_i \text{ eira}]_{sj} \leftrightarrow [\text{entidade que (faz) SEM}_i]_{sj} \rangle$, a diferença entre elas é a classe da palavra-base: substantivo em “iogurteira” e verbo em “batedeira”.

Sobre esses casos de herança por instanciamento, Booij (2010) fala em herança *default*. Nas palavras desse autor: “[a] especificação de uma palavra para uma propriedade particular é herdada do nó dominante, a menos que a entrada lexical real tenha outra especificação para aquela propriedade”. (BOOIJ, 2010, p. 27) Ele entende esse mecanismo de herança *default* como necessário para explicar casos de palavras que, embora tenham uma propriedade excepcional, são regulares em muitos aspectos.

O modelo teórico da MC mostra-se, portanto, pertinente para a análise das formações do tipo não-X tendo em vista o fato de representarem um conjunto grande de palavras concretas em uso na língua com propriedades similares em um esquema morfológico abstrato. Quando percebemos, na literatura das formações não-X, a dificuldade para classificar esse “não” como palavra ou prefixo e, ainda, a opção por identificá-lo como prefixóide (conferir a próxima seção deste trabalho), entendemos que a fronteira entre composição e derivação nesses casos não é tão rígida. A existência de afixóides, inclusive, foi o que levou Booij (2005) a propor que composição e derivação recebam o mesmo tipo de tratamento, lançando, assim, as bases do modelo de análise da MC.

“NÃO” EM FORMAÇÕES NOMINAIS NO PORTUGUÊS

A construção do tipo não-X, na contemporaneidade, apresenta o “não” como elemento fixo à esquerda de uma base, seja esta adjetiva ou substantiva, como “não verbal”, “não alinhado”, “não sócio”, “não pagamento”. Embora possamos observar que o número de registros dessas formações em dicionários aumentou de edições mais antigas para outras mais atuais (CAMPOS, 2002), e que, em diversos estudos (CAMPOS, 2002; JACOB, 2010; PANTE; MENEZES, 2003; PEREIRA, 2012), se verifica uma crescente produção das formas não-X na contemporaneidade, não se trata de uma construção recente no português. Campos (2004) e Lopes (2013, 2018) estudaram construções prefixais em textos do português arcaico e analisaram, entre outras formas, o “não” em formações nominais.

Campos (2004) tratou especificamente da negação prefixal na história da língua portuguesa a partir de um *corpus* constituído por obras do período entre os séculos XIII e XVI. Entre as formas analisadas no trabalho de Campos está a partícula “não”. O autor afirma que o “não” em formações nominais, analisado como prefixo, teria origem no português arcaico: seu primeiro emprego teria se dado no século

XV, na Crônica de D. Pedro. Em seus dados, Campos encontrou duas palavras com o “não”: “nam cabado”, no século XVI, que teria o valor semântico de “inconcluso”; e *nom animado*, no século XV, que teria o valor de “sem vida”, e o “não”, em ambas as construções, teria o sentido de “privação/falta de”, assim como o prefixo *in-*, em “infiel”, e o prefixo *des-* em “desigualdade”, por exemplo, conforme aponta Campos (2004).

Entendemos, porém, que o valor semântico do “não” em palavras como “nam cabado” e “nom animado” é de “negação”. Em nossa avaliação, o “não” com valor semântico de “falta” aparece em palavras como “não pagamento” e “não familiaridade”, por exemplo: nesses casos, não temos a negação do pagamento ou da familiaridade, mas sua falta/ausência: “não pagamento” é o fato de não haver pagamento, “não familiaridade” é o fato de não haver familiaridade.

Lopes (2013, 2018) também trata da construção não-X tanto em sua dissertação, em 2013, quando estudou a prefixação na primeira fase do (galego-)português arcaico (séculos XII a XIV), quanto em sua tese, em 2018, quando o autor estudou a prefixação nos séculos XIII a XVI. Nesse primeiro trabalho, Lopes (2013) encontrou três ocorrências de “não”, analisado como prefixóide, anteposto a nomes no século XIV: “nõ digno”, atestado no manuscrito *Vida de Santos de um Manuscrito Alcobacense*; “nõ mortal”, atestado no *Flos Sanctorum* e “nõ mouil”, atestado no Foro Real. Ele mostra, portanto, que formações do tipo não-X existem na língua desde o século XIV, mas que, possivelmente, essa estrutura já existia no português trecentista. No trabalho de 2018, isso se confirma: Lopes encontrou cinco casos de não-X na primeira fase do galego-português medieval e sete na segunda fase, e as primeiras ocorrências datam já no século XIII. O autor afirma que o “não”, analisado como prefixóide, atua no português arcaico em bases adjetivais, em formações de natureza isocategorial, em que há, portanto, a formação de derivados também adjetivais. Quanto à semântica das formações, Lopes fala de um significado generalizante do “não”, denotando uma ideia de “negação” às bases nominais a que se agre-

gam, “[...] além de ser um recurso alternativo para os utentes, que em vez de utilizar prefixos negativos tradicionais (como in-, a-, des- etc.), optam por fazer uso do prefixoide *não*”. (LOPES, 2013, p. 324)

Embora Lopes (2013, 2018) não fale em formações em que o “*não*” se adjuge a bases substantivas, encontramos nos séculos XV e XVI exemplos como “nom vizinhos”, “*não* lealdade”, entre outros, como mostraremos na próxima seção.

A proposta deste trabalho é ampliar parte da análise feita em Pereira (2012), considerando especificamente o português dos séculos XIII ao XVI. Nesse trabalho, Pereira, no âmbito da Morfologia e Fonologia Lexical (KIPARSKY, 1982), estuda as formações não-X em sua trajetória em várias etapas da língua portuguesa, com dados dos séculos XIV ao XX, coletados do *O corpus do português: Historical Genres*. (DAVIES; FERREIRA, 2006) Foram analisados os casos de “*não*” anteposto a um particípio, a um adjetivo e a um substantivo, e constatou-se que as formas com substantivo apresentaram, proporcionalmente, maior crescimento no século XX. As formações em análise foram divididas em dois grupos: de um lado, aquelas em que é possível inserir os verbos “*ser/estar*” entre o “*não*” e o nome (“*não alinhado*” - *não é/está alinhado*, “*não verbal*” - *não é verbal*, “*não sócio*” - *não é sócio*); de outro lado, as formações que permitem uma paráfrase com o verbo “*haver*” elíptico entre o “*não*” e o nome (“*não pagamento*” - o fato de não haver pagamento, “*não homogeneidade*” - o fato de não haver homogeneidade). Pereira (2012) conclui que apenas determinadas formações de “*não*” anteposto a substantivos podem ser enquadradas nesse segundo grupo e que as estruturas que permitem a paráfrase com o verbo “*haver*” foram as que tiveram um aumento mais significativo no século XX.

Assim, valendo-me dos mesmos dados de Pereira (2012), proponho aqui uma análise das formações não-X dos séculos XIII a XVI considerando a abordagem teórica da MC.

FORMAS NÃO-X NO PORTUGUÊS ARCAICO: ANÁLISE NA PERSPECTIVA CONSTRUCIONAL

Para a análise das construções não-X no português arcaico, utilizamos dados do *O corpus do português: Historical Genres* (DAVIES; FERREIRA, 2006) dos séculos XIII ao XVI. Foram coletadas as ocorrências de “não” e suas variações gráficas – “nom”, “nõ”, “nam”, “nãõ”, “non”, “nao” e “nã” – seguido de participio de caráter adjetival (VILLALVA, 2009), adjetivo e substantivo. Aos dados organizados por Pereira (2012), acrescentamos para este trabalho dados do século XIII. Assim, compõem o *corpus* analisado aqui 647 ocorrências de não-X, sendo 20 no século XIII, 28 no século XIV, 303 no século XV e 296 no século XVI.

No século XIII, verificamos cinco ocorrências de “não” seguido de um participio adjetival e todas elas são bases léxicas diferentes. Encontramos 15 ocorrências de “não” seguido de um adjetivo em seis bases léxicas diferentes, sendo a forma “nom mortal”² a mais comum, com três casos. Na análise do sentido das construções não-X nesse século, entendemos que o “não” adiciona à base a que se junta o sentido de “negação”. Assim, “nom mortal”, por exemplo, significa que não é mortal.

No século XIV, foram encontradas 18 ocorrências de “não” seguido de um participio adjetival em 11 bases léxicas diferentes, e a forma mais frequente foi “nõ cõtados”,³ com cinco ocorrências. De não seguido de adjetivo foram verificadas dez ocorrências em oito bases léxicas diferentes, sendo a mais frequente a formação “nõ presente”,⁴

2 [Texto: Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense. Data: 1200s-1300s][...] asy como tu resuscitaste incorrutibile e inpasibile e *nom mortal* e nós asy resuscitaremos polo teu grande poderío. Oo senhor poderoso aos [...]

3 [Texto: Textos Notariais. História do galego-português. Data: 1301-1399][...] e dos dyneyros *nõ cõtados* & a terza das nouidades de deryto & de feyto & [...]

4 [Texto: Textos Notariais. Clíticos na História do Português. Data: 1304-1397][...] ha na freiguesia de Sancta Ouaya de barrosas a domingos andre presente e a ssa mulher Margarida martjnz *nõ presente* e a hũa pessoa depos elles qual o que delles mais uiuer. [...]

com três casos. A análise semântica das construções nesse século seguiu a mesma observação feita no século XIII, isto é, o “não” apresenta o valor de “negação” em todos os casos.

No século XV, verificamos 120 ocorrências de “não” seguido de um participío adjetival em 60 bases léxicas diferentes. A mais frequente foi a formação “nõ criado”,⁵ com 14 casos. Foram observados 173 casos de “não” seguido de um adjetivo, sendo 29 ocorrências de “nom boo”⁶ e 18 casos de “nom mortal”.⁷ No século XV, registramos a primeira ocorrência de “não” seguido de um substantivo: foram dez ocorrências e todas em bases léxicas diferentes. Percebemos tipos diferentes de substantivo: não derivado, como “não espiritos”,⁸ “nom deus”,⁹ “nom homem”¹⁰ e “nom vizinhos”;¹¹ substantivo derivado não

-
- 5 [Texto: Livro de solilóquio de Sancto Agostinho. Data: 1400-1500][...] lume *nõ criado*, lume verdadeyro que alumeea os olhos dos angeos, que alegra a mancebia dos sanctos [...]
- 6 [Texto: Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sela. Data: 1400-1500][...] como a esperiencia bem ensyna, ainda que per fantasia e *nom boo* costume muytos assy as tragam.
- 7 [Texto: Leal Conselheiro. Data: 1437-1438][...] como quer que algũas vezes parece que a fortuna mortal pelleja com a natureza *nom mortal*.
- 8 [Texto: Cronica de Portugal. Data: 1419][...] aos conselhos e a todo povo e relegiosos e clerezia do dito regno todos bõos costumes e foros espiritos e *não espiritos*.
- 9 [Texto: Livro de Christi. Data: 1446][...] porque nom se diga seer em Deus e *nom Deus*, porque nom ha hi cousa em Deus que nom seja Deus.
- 10 [Texto: Livro dos Oficios, de Marco Tulio Ciceram. Data: 1430] Empero isto se faça com modo deuydo, por que a obra parece de homem duro, ou mais de *nom homem*, de trazer muytos a perigo de morte.
- 11 [Texto: Cronica de D. Duarte, de Rui de Pina][...] mas os Mouros, como incostantes e nom verdadeiros, principalmente os *nom vizinhos*, nem comarquaaõs a Cepta, nom qui-seram esperar pela concurusam dele [...]

deverbal, como “nõ prudência”,¹² “nom sabedoria”,¹³ “nom-piedade”,¹⁴ “nõ-bondade”¹⁵ e “nõ-justiça”,¹⁶ e um caso de substantivo verbal – “non mereçimëto”.¹⁷ Quanto ao sentido das construções não-X nesse século, entendemos que, para os casos de “nã” seguido de uma base adjetival, o “nã” agrega à base um sentido de “negação”. Já nos casos de “nã” seguido de substantivo, parece haver outro sentido do “nã” em formações como “nom mereçimëto”, “nõ prudência”, “nom sabedoria”, “nom-piedade”, “nõ-bondade” e “nõ-justiça”: nesses casos, o valor é de “falta/ausência”, e não exatamente a mesma negação presente nos casos de base adjetival ou com substantivos não derivados, como “nã esritos”, “nom deus” e “nom vizinhos”. Já a formação “nom homem”, conforme o contexto em que ela ocorre, não pode ser interpretada como alguém que não é homem, literalmente, mas parece se referir a um homem com características sobre-humanas, com uma força além dos homens comuns.

No século XVI, encontramos 195 ocorrências de “nã” seguido de um particípio adjetival em 76 bases léxicas diferentes. As formações

12 [Texto: Sam Bernardo] Estas cousas eu cômigo cuidando e revolvendo temo asi como ayo de reprender a *nõ prudência* de muitos [...]

13 [Texto: Sam Bernardo][...] e o desejo da obediência excusara o exalçamento da *nom sabedoria*.

14 [Texto: Sam Bernardo][...] toda sanctidade se alegra, toda *nom-piedade* ha vergonha.

15 [Texto: Sam Bernardo] Certamente maravilhava-se da *nõ-bondade* daquelles homêes [...]

16 [Texto: Sam Bernardo][...] o prudête leedor pësara cõ que fervor de spiritu toda justiça amou e como ouve ã odyo toda *nõ-justiça*.

17 [Texto: Euangelhos e epistolas con suas exposições en romãce, de Gonçalo Garcia de Santa Maria. Data: 1497][...] repêdendose antre sy empero sem fruyto assy porque non fora do estado do mereçimento ou non *mereçimëto*.

mais comuns foram “não conhecido”¹⁸ e “nam sabido”¹⁹ (21 casos de cada), “nom acabado”²⁰ (14 casos), “não cuidado”²¹ (13 casos) e “não visto”²² (12 casos). Sobre os casos de “não” seguido de um adjetivo, verificamos 98 ocorrências em 47 bases léxicas distintas. A forma mais frequente foi “não pequeno”,²³ com 25 casos. No século XVI, foram três ocorrências de “não” seguido de substantivo: um caso com substantivo não derivado “nã vizinhos”;²⁴ um caso de substantivo derivado não deverbal “naõ lealdade”;²⁵ e um caso de substantivo deverbal “nã aspiração”.²⁶ A análise semântica observada nesse século XVI segue as mesmas observações apresentadas sobre o século XV.

Entendendo as construções com “não” referente a nomes no português arcaico na representação proposta por Booij (2005), e considerando os padrões morfológicos esquematizados em (2), questiona-

-
- 18 [Texto: Décadas da Asia (Década Primeira, Livros I-X), de João de Barros] [...] entre os quais dous termos oriental e occidental, fica o grande e ilustre Cabo de Boa Esperança, tantos mil anos *não conhecido* no Mundo.
- 19 [Texto: Vida e feitos d'el-rey Dom João Segundo, de Garcia de Resende. Data: 1533] [...] e com hum muyto suave cheyro *nam sabido* que cheirava muito bem [...]
- 20 [Texto: Cancioneiro de Resende, de Garcia de Resende. Data: 1516] Ser fortuna tam ouzada he poder nom comparado nom devendo ser forçada vyda de todos louuada de louuor *nom acabado*.
- 21 [Texto: Obras, de Camões] [...] assi dizia: “Ó caso grande, estranho e *não cuidado!* Ó milagre claríssimo e evidente [...]”.
- 22 [Texto: Obras, de Camões] [...] por vós use as partes da divina, por vós levantarei *não visto* canto, que o Bétis me ouça, e o Tibre me levante; [...]
- 23 [Texto: Historia do Japam 1, de Frois. Data: 1560-1580] [...] encomendendo-lhe que fosse sua hida mui secreta porque, se o sabia o Fixu, corria *não pequeno* perigo.
- 24 [Texto: Forais manuelinos, de Notarios. Data: 1496-1520] Posto que sejam pera vender. Asi vizinhos como *nã vizinhos* Nem se paguara das cousas nossas nã das que quaees+quer pessoas trouxerem [...]
- 25 [Texto: Sentenças, de André Eborense (Rodrigues). Data: 1554] Naturalmente aborem, hos príncipes a os desleais, ainda que *naõ lealdade* mereça ha pessoa a que se [...]
- 26 [Texto: Gramática da linguagem portuguesa, Fernão de Oliveira. Data: 1536] [...] a qual se fosse necessária tâbê teriamos nota ou sinal de *não aspiração*: & aulo gellio quasi o mesmo sinte [...]

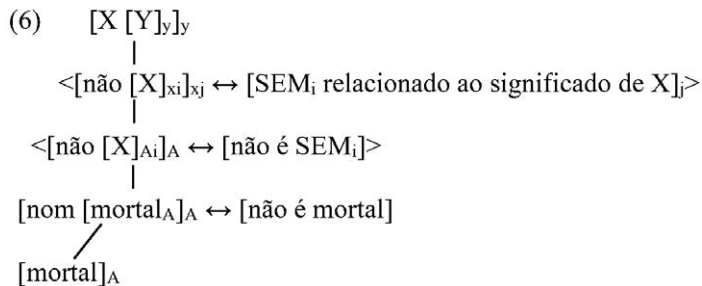
mos, inicialmente, se o esquema das formas não-X seria [não [X]_x]_x ou [[não]_{adv} [X]_x]_x, isto é, o “não”, nessa construção, seria um radical ou um prefixo? Sabemos que o “não” é uma forma livre, o que o distancia dos prefixos prototípicos, mas também sabemos que essa construção é produtiva e recorrente no português e que o “não”, advérbio que expressa uma circunstância de negação, tem similaridades com prefixos na língua. Assim, diante do que já se tem na literatura sobre as formações do tipo não-X, acreditamos que o “não” está, em um *continuum* radical-afixo Baker (2000 apud GONÇALVES; ANDRADE, 2016, p. 274), mais próximo de um prefixo. Sobre os dados do português arcaico, podemos fazer a mesma observação e posicionar o “não”, elemento que aparece em construções morfológicas em uma posição fixa à esquerda de uma base, mais próximo a um prefixo, embora não seja um prefixo prototípico da língua.

No modelo da MC, as formas não-X podem ser modeladas, inicialmente, nos séculos XIII e XIV, no seguinte esquema:

$$(5) \langle [\text{não } [X]_{Ai}]_A \leftrightarrow [\text{não é SEM}_i] \rangle$$

Nesse esquema (5), o elemento “não” à esquerda aparece fixo, sem etiquetagem lexical e antepõe-se a uma base adjetival, [X], indexada no léxico, e que, por isso, recebe o símbolo _i subscrito. A esse significado _i acrescenta-se o valor “não é” da partícula “não” nessa construção, chegando-se a um produto que será, nesse período da história da língua, sempre um adjetivo com o sentido de negação associado ao significado da base [X]. Assim, “nom mortal” é o mesmo que não é mortal e “nõ cõtado” é o mesmo que não é contado.

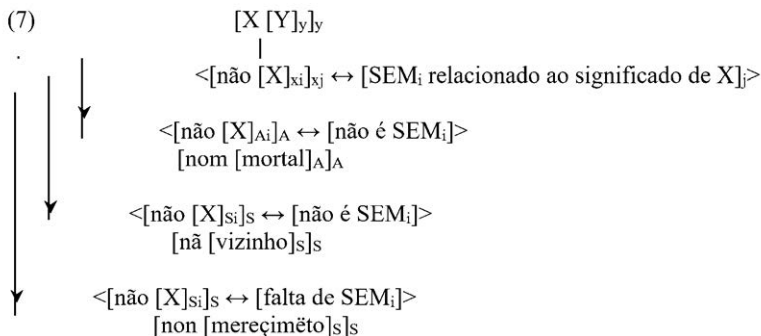
Vejam agora a representação em árvore desde o nível mais abstrato até uma instanciação individual:



Observa-se em (6) que a formação não-X representada na terceira linha da árvore herda características do esquema mais abstrato da prefixação. A palavra “não mortal” herda propriedades do nó imediatamente dominante a semântica “não é”, e também herda as propriedades de sua base, o adjetivo “mortal”.

Vale ressaltar que o sentido do “não” na construção não-X não é exatamente o mesmo da negação adverbial em estruturas sintáticas. Nestas, o valor de negação do “não” se relaciona ao verbo a que ele se refere, já nas construções morfológicas de bases adjetivais, o valor do “não” se relaciona à negação especificamente do verbo “ser”. Dessa forma, como se observa nos esquemas (5) e (6), na contraparte semântica da construção, temos a noção genérica de “não é SEM_i” associada à partícula “não” das formações não-X.

A partir do século XV, o esquema das estruturas em análise se altera da seguinte forma:



Como exemplificado em (7), nos séculos XV e XVI, os esquemas [não [X]_{Ai}]_A e [não [X]_{Si}]_S são instanciações do esquema mais básico <[não [X]_{Xi}]_X, atualizando a posição de [X] com informações sobre a classe da base: em um, temos uma base adjetiva; e, em outro, uma base substantiva. Observa-se, nesses casos, uma herança por instanciação (GOLDBERG, 1995), ou, na proposta de Booij (2005), uma herança *default*.

Há, ainda, o esquema <[não [X]_{Si}]_S ↔ [falta de SEM_i]_S>, que atualiza a contraparte semântica da construção para “falta de SEM_i”. Em formações com bases adjetivais, e também naquelas em que o substantivo se relaciona a um ser, animado ou inanimado, como “nã vizinho” ou “não esprito”, o sentido da construção é associado à ideia de não ter/apresentar/existir as características da palavra-base, já nas construções com base substantiva, em que a palavra-base se relaciona a um processo ou a outra noção abstrata, como em “non mereçimêto” e “nõ-justiça”, a noção de não ter/apresentar/existir as características da palavra-base não se aplica exatamente. Nesses casos, o sentido se relaciona a não ter/apresentar/existir a própria palavra-base. Dessa maneira, “non mereçimêto” não poderia ser interpretado como não é merecimento, da mesma forma “nõ-justiça” não poderia ser não é justiça, mas teríamos falta/ausência de merecimento e falta/ausência de justiça. Ocorre, portanto, uma extensão do sentido do “nã” nessas construções.

Assim, o “nã” referente a nomes no português mostra-se, inicialmente, com o mesmo valor de negação do advérbio “nã”. Mas, no percurso da história da língua, observa-se, no século XV, uma mudança formal e semântica nas construções não-X: de bases adjetivais com valor de “negação”, o “nã” passa a se referir, também, a substantivos, e, anteposto a substantivos abstratos, o sentido do “nã” se estende para “falta/ausência”. A partir do século XV, portanto, temos o “nã” polissêmico referente a nomes adjetivais e substantivais no português.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi apresentado ao longo deste trabalho, vimos que as construções não-X existem em português desde o século XIII, assim como atesta Lopes (2013). Com um número de ocorrências de não-X bastante expressivo em nosso *corpus*, que abrange textos dos séculos XIII a XVI, encontramos casos não apenas de “não” seguido de uma base adjetiva, mas também formas com base substantiva. A primeira ocorrência de “não” seguido de um substantivo aparece no século XV.

Na aplicação do modelo construcional aos dados de não-X do português arcaico, selecionamos o esquema geral da prefixação $[X[Y]_y]_y$ por entendermos as formas não-X como construções morfológicas que apresentam um elemento fixo à esquerda de uma base sem etiquetagem lexical. O “não”, nessas formações, considerando um *continuum* radical-afixo, estaria mais próximo a um prefixo, embora não possamos considerá-lo um prefixo prototípico no português.

Em todos os dados analisados, as formações não-X podem ser representadas pelo esquema mais básico $\langle [\text{não } [X]_{x_i}]_{x_j} \leftrightarrow [\text{SEM}_i \text{ relacionado ao significado de } X]_j \rangle$. Nos dados dos séculos XIII e XIV, verificamos que o $[X]$ é uma base sempre adjetiva, e o produto é, assim como a palavra-base, um adjetivo. A partir do século XV, esse elemento $[X]$ passa a estar relacionado a dois diferentes tipos de base: adjetiva $\langle [\text{não } [X]_{A_i}]_A \rangle$ e substantiva $\langle [\text{não } [X]_{S_i}]_S \rangle$.

Quanto ao polo semântico, observamos que, inicialmente, nos séculos XIII e XIV, o sentido de “não é” está relacionado ao *frame* (SEM) projetado pela palavra-base adjetiva: $\langle [\text{não } [X]_{A_i}]_A \leftrightarrow [\text{não é SEM}_i]_A \rangle$. Nos séculos XV e XVI, quando verificamos a ocorrência de “não” referente a um substantivo, esse mesmo sentido se aplica aos casos em que o substantivo se refere a um ser, animado ou inanimado. Nesse período, também ocorrem casos de “não” seguido de substantivos abstratos que podem ser representados da seguinte maneira: $\langle [\text{não } [X]_{S_i}]_S \leftrightarrow [\text{falta de SEM}_i]_S \rangle$, ou seja, o “não”, nessa construção, assume o valor semântico de “falta/ausência”.

Assim, consideramos que houve uma mudança formal e semântica nas construções não-X a partir do século XV, que passaram a atualizar a posição de [X] com duas classes de palavras-base distintas e, a partir daí, o sentido do “não” na construção expandiu para dois valores diferentes, a saber “negação” e “falta/ausência”.

REFERÊNCIAS

- B00IJ, G. E. Compounding and derivation: evidence for construction morphology. In: DRESSLER, W. U. et. al. (ed.). *Morphology and its demarcations*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2005. p. 109-131.
- B00IJ, G. E. Construction Morphology and the Lexicon. In: MONTERMINI, F.; BOYÉ, G.; HATHOUT, N. (ed.). *Selected proceedings of the 5th Décembrettes: Morphology in Toulouse*. Somerville: Cascadilla Press, 2007. p. 34-44.
- B00IJ, G. E. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- ALVES, I. M. Prefixos negativos do português falado. In: ILARI, R. (org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1992. v. 2, p.101-109.
- ALVES, I. M. Formações prefixais no português falado. In: CASTILHO, A. T. de (org.). *Gramática do português falado*. São Paulo: Ed. UNICAMP/FAPESP. 1993. v. 3, p. 383-398.
- BASILIO, M. Em torno da palavra como unidade lexical: palavras e composições. *Veredas, Juiz de Fora*, v. 4, n. 2, p. 9-18, jul./dez. 2000.
- CAMPOS, L. S. *A gramaticalização do “não” como prefixo no português brasileiro contemporâneo*. 2002. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.
- CAMPOS, L. S. *A negação prefixal na história da língua portuguesa*. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.
- DAVIES, M.; FERREIRA, M. *O corpus do português: Historical Genres*. [S. l.], 2006. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/>. Acesso em: 19 dez. 2020.

FILLMORE, C. J.; ATKINS, B. Toward a Frame-Based Lexicon: the Semantics of RISK and Its Neighbors. In: LEHRER, A.; KITTAY, E. *Frames, Fields and Contrasts*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1992. p. 72-102.

GOLDBERG, A. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, C. A. V.; ALMEIDA, M. L. L. Por uma Ciber morfologia: abordagem morfossemântica dos xenoconstituintes em português. In: MOLICA, M. C.; GONZALES, M. (org.). *Linguística e ciência da informação: diálogos possíveis*. Curitiba: Appris, 2012. p. 105-127.

GONÇALVES, C. A. V.; ALMEIDA, M. L. L. de. Morfologia construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias. *Alfa*, São Paulo, v. 58, n. 1, p. 165-193, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/RFD7h36Ytf-CYfHLhZJ3fvJf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 dez. 2020.

GONÇALVES, C. A.; ANDRADE, K. E. A instabilidade categoria dos constituintes morfológicos: evidência a favor do continuum composição-derivação. *DELTA*, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 261-294, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/8390/22209>. Acesso em: 20 dez. 2020.

JACOB, L. P. *Novas formações a partir do não-anteposto a nomes e suas controvérsias*. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

KIPARSKY, P. Lexical Morphology and Phonology. In: YANG, I.-S. (ed.). *Linguistics in the Morning Calm*. Hanshin: Seoul, 1982. p. 3-91.

LOPES, M. dos S. *A prefixação na primeira fase do português arcaico: descrição e estudo semântico-morfolexical-etimológico do paradigma prefixal da língua portuguesa nos séculos XII, XIII e XIV*. 2013. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. 2 v.

LOPES, M. dos S. *Estudo histórico-comparativo da prefixação no galego-português e no castelhano arcaicos (séculos XIII a XVI): aspectos morfolexicais, semânticos e etimológicos*. 2018. Tese (Doutorado em Língua e Cultura e em Linguística do Português) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador; Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2018. Disponível em: <http://ppglingc.lettras.ufba.br/sites/ppglingc.lettras.ufba.br/files/>

tese_-_mailson_lopes_-_2018_-_versao_definitiva_-_arquivo_dos_5_tomos_unificados.pdf. Acesso em: 8 out. 2020.

PANTE, M. R.; MENEZES, A. C. O prefixo “não-”: polissemia e produtividade no processo de formação de palavras. *Acta Scientiarum: human and social sciences*, Maringá, v. 25, n. 1, p. 51-57, 2003.

PEREIRA, P. A. *Para uma distinção entre radical e prefixo: será “não-composto” um composto ou um derivado?* 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

PEREIRA, P. A. Não em formações nominais no português: morfologização e gramaticalização. 2012. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

SANDMANN, A. J. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor; São Paulo: Ícone, 1989.

SILVA, M. C. F.; MIOTO, C. Considerações sobre a prefixação. *ReVEL*, [s. l.], v. 7, n. 12, 2009. Disponível em: http://revel.inf.br/files/artigos/revel_12_consideracoes_sobre_a_prefixacao.pdf. Acesso em: 21 jun. 2010.

SOLEDADE, J. Por uma abordagem cognitiva da morfologia: revisando a morfologia construcional. In: ALMEIDA, A. A. D.; SANTOS, E. S dos. (org.). *Linguística cognitiva: redes de conhecimento d’aquem e d’além-mar*. Salvador: Edufba, 2018. p. 225-258.

VILLALVA, A. A categoria “participio” e questões adjacentes. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 6., 2009, João Pessoa. *Anais [...]*. João Pessoa: [s. n.], 2009.

Capítulo 6

COMPOSTOS DO PORTUGUÊS EM UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL

perspectivas de análise
e desafios teóricos

Natival Simões Neto

PALAVRAS INICIAIS

Neste texto, serão discutidas questões relacionadas ao estudo dos compostos do português, na perspectiva da Morfologia Construcional (MC). (BOOIJ, 2010, 2017; GONÇALVES, 2016; SIMÕES NETO, 2017; SOLEDADE, 2018; TAVARES DA SILVA, 2019) Para isso, serão apresentados os trabalhos que já foram feitos no âmbito desse quadro descritivo, destacando-se as perspectivas de análise e os desafios teóricos que os compostos demandam.

O conceito de composição que subsidiará este capítulo é o de Ribeiro e Rio-Torto (2016). Para essas autoras, os compostos são estruturas multilexicais que devem atender aos critérios que estão reproduzidos no Quadro 1.

Quadro 1 – Critérios para a identificação de palavras compostas

- são constituídas por um conjunto fixo de palavras e/ou de radicais;
- assentam numa forte coesão formal interna (ordem imutável, opacidade interna acentuada, total ou intensa, com grande dificuldade de inserção de novas unidades no seu interior, escassa possibilidade de extensão ou de redução do conjunto);
- exibem forte unicidade semântica, sendo tipicamente portadoras de um sentido unitário/holístico, umas vezes composicional, outras lexicalizado/cristalizado em graus variáveis.

Fonte: Ribeiro e Rio-Torto (2016, p. 462).

Ribeiro e Rio-Torto (2016) não estão inseridas no paradigma da MC, arcabouço teórico-metodológico explorado neste capítulo e em todo o livro. Ainda assim, o tratamento que essas autoras dão às palavras compostas se alinha devidamente com perspectivas defendidas no âmbito da Gramática de Construções (GC) e da Linguística Cognitiva (LC).

Igualmente útil para as análises a serem apresentadas neste texto é a noção de chunking, como trabalhado por Bybee (2016). No excerto a seguir, a autora explica tal conceito:

A principal experiência que aciona o *chunking* é a repetição. Se dois ou mais *chunks* menores ocorrem juntos com certa frequência, um *chunk* maior contendo os menores se forma. É uma propriedade tanto da produção quanto da percepção e contribui significativamente para a fluência e a desenvoltura nas duas modalidades. Quanto mais a sequência puder ser acessada junta, tanto mais fluente a execução, e a compreensão ocorrerá mais facilmente. (BYBEE, 2016, p. 65, grifo do autor)

O *chunk* é entendido por Bybee (2016) como um elemento mnemônico que pode integrar vários sistemas cognitivos humanos, incluindo a linguagem. O *chunking* diz respeito à elaboração de *chunks* mais complexos a partir de *chunks* menores. Nesse sentido, os com-

postos, de qualquer natureza, podem ser explicados cognitivamente pelo fenômeno de *chunking*, uma vez que são estruturas realizadas frequentemente de maneira conjunta.

Quando se alinha o conceito proposto por Bybee (2016) com o entendimento de Ribeiro e Rio-Torto (2016) sobre a composição, pode-se assumir que os compostos, tendo sido elaborados por meio de *chunkings*, adquirem as seguintes propriedades: (a) regularização estrutural, identificada na impossibilidade de inversão da ordem, de substituição dos elementos e de inserção de outros *chunks* na estrutura compositiva; (b) particularização semântica, identificada na elaboração de um significado que só acontece na realização conjunta dos elementos integrantes.

Feitas essas considerações iniciais, este capítulo traz uma discussão acerca da composição nos estudos morfológicos, apresentando conceitos, critérios e classificações diferentes dos compostos. Adotando a classificação de Ribeiro e Rio-Torto (2016), que abordam compostos morfológicos, morfossintáticos e sintagmáticos, são apresentadas e discutidas as aplicações já feitas desses tipos de compostos no âmbito da MC. Por fim, são feitas as considerações finais.

A COMPOSIÇÃO NOS ESTUDOS MORFOLÓGICOS

De um ponto de vista descritivo, quando se analisa a história dos estudos de formação de palavras em língua portuguesa, é possível notar que a composição foi um alvo menor de explicações, principalmente, se comparada à derivação. De um ponto de vista teórico, é notável também que os proponentes de modelos de análise morfológica, em geral, privilegiaram a derivação sufixal, nas suas explanações. Toda a tentativa de se determinar o porquê de haver essa menor atenção para a composição é perigosa, mas podem ser suscitadas algumas explicações.

Uma dessas possíveis razões é a dificuldade de se especificarem o conceito e o escopo da composição. Bisetto e Scalise (1997 apud SANTOS, 2009) sugerem que a composição possa ser compreendida como

a área mais sintática da morfologia, demandando, assim, uma maior interação entre os níveis morfológico e sintático. Sobre essa questão, Santos (2009) explica que:

Buscou-se, durante um longo período, o reconhecimento da morfologia como uma disciplina autônoma da lingüística. Dotada, portanto, de suas próprias regras para o tratamento de fenômenos morfológicos – da mesma forma que a sintaxe possuía suas regras de transformação –, a morfologia adquiriu estatuto de componente autônoma da gramática (BISETTO; SCALISE, 1997). Como consequência, adveio a separação categórica entre processos morfológicos e processos sintáticos, tornada ‘necessária’ para uma efetiva liberdade de atuação da morfologia. (SANTOS, 2009, p. 46)

Com base no excerto de Santos (2009), é possível supor o porquê de as teorias morfológicas, nomeadamente formalistas, terem investido menos esforços na análise de palavras compostas. No momento em que se buscava uma morfologia autônoma, o estudo de palavras derivadas era mais apropriado, uma vez que o estudo da derivação requeria uma mínima integração entre morfologia e sintaxe. Nos modelos gerativos de Aronoff (1976) e Basilio (1980), por exemplo, o tratamento de palavras derivadas só demanda da sintaxe a etiquetagem categorial de *inputs* e *outputs*. Para as palavras compostas, a exigência é maior.

“Por que *feijão tropeiro* é um composto, mas *feijão estragado* não?”, “quais os critérios para se estabelecer quando se trata de um composto e quando se trata de uma estrutura sintática não analisável como composto?”. Questões dessa natureza, embora já tenham sido debatidas satisfatoriamente, volta e meia, inquietam os morfólogos que se dedicam às palavras compostas. Além disso, mostram como a interface entre sintaxe e morfologia é produtiva e necessária no tratamento dos compostos.

A classificação tipológica das palavras compostas é bastante diversificada, pois a compreensão sobre o que vem a ser um composto é igualmente variável. Para a tradição gramatical portuguesa (CUNHA; CINTRA, 2001; ROCHA LIMA, 2010), “[o] que caracteriza, em última análise, a *composição*, é além da *unidade de significação*, a existência de *mais de um radical*”. (ROCHA LIMA, 2010, p. 279, grifo do autor) É comum, nessa tradição, o contraste entre compostos justapostos (“pombo-correio”, “corre-corre”, “mandachuva” e “pé de cabra”) e compostos aglutinados (“boquiaberto”, “planalto”, “pernilongo”, “aguardente”, “pontigudo”). Nos compostos justapostos, as bases se preservam integralmente, enquanto, nos compostos aglutinados, há algum tipo de perda fonológica, a partir de crase e haplogia.

Bauer (1983), em uma perspectiva que integra morfologia e semântica, apresenta as categorias compostos exocêntricos e compostos endocêntricos. Essas categorias foram retomadas por Sandmann (1988, 1997a, 1997b), em seus trabalhos sobre os compostos no português. Nos termos de todos esses autores, os compostos endocêntricos são aqueles cujo núcleo da composição é o hiperônimo do hipônimo designado pela palavra composta em sua integridade. Por exemplo, em “cadeira de rodas”, “cadeira” é um hiperônimo, “cadeira de rodas” é um hipônimo, pois a “cadeira de rodas” é um tipo de “cadeira”. Nos compostos endocêntricos, os elementos a ser especificados sempre aparecem na estrutura. Outros dados do português são “cadeira de rodas”, “guarda-florestal”, “máquina de lavar”, “álcool em gel” e “peixe-agulha”. Nos compostos exocêntricos, não se vê a relação de hiperonímia-hiponímia que se viu no primeiro tipo. Casos dessa segunda categoria são “amor-perfeito” e “lava-cu”. Os hiperônimos relacionados a esses dois compostos são respectivamente “flor” e “inseto”. Nenhum deles está na estrutura interna. Isso caracteriza os compostos exocêntricos. Outros dados do português são “louva-a-deus”, “enxuga-gelo”, “barata tonta”, “baba de moça”, “mão-de-vaca”.

Sandmann (1988, 1997a, 1997b) apresenta uma classificação dos compostos em copulativos ou determinativos, trazendo uma perspec-

tiva mais alinhada com a sintaxe, embora a semântica seja também relevante. Sobre a diferença entre essas duas categorias, o autor explica que um “[...] composto copulativo ou coordenativo rotula algum ser que reúne em si, em igualdade de condições, rótulos menores ou mais específicos. Assim, alguém pode ser simultaneamente cantora e compositor, sendo, então um ‘cantor-compositor’”. (SANDMANN, 1997a, p. 62) Em relação à visão de Sandmann (1997a), acerca dos compostos determinativos, Santos (2009) esclarece que estes “[...] pressupõem uma relação sintática subordinativa, ou seja, há uma relação de dependência entre os constituintes do composto, marcada pela presença de um elemento nuclear (ou determinado) e de um elemento não nuclear (ou determinante)”. (SANTOS, 2009, p. 33) Exemplos desse segundo tipo são “trem-bala” e “samba-enredo”.

Por último, cabe mencionar uma segunda classificação feita por Sandmann (1997b). O autor parte das considerações de Basilio (1987), que trata das designações metafóricas, de caráter imaginativo e associativo, e das designações descritivas, de caráter mais prático e que se baseia nos aspectos mais relevantes da entidade a ser nomeada, e transpõe tal discussão para o contexto dos compostos, definindo a existência de compostos metafóricos e compostos metonímicos. Os compostos metafóricos são aqueles cuja motivação se dá por relações de associação ou semelhança, como “copo-de-leite”, “louva-a-deus”, “peixe-espada”, “couve-flor” e “nariz de tucano”. Os compostos metonímicos são aqueles em que a relação entre os elementos é de contiguidade. Nessa segunda categoria, as formações tendem a focalizar um aspecto prático ou relevante da entidade nomeada. Alguns dados do português são “cadeira de rodas”, “pano de prato”, “limpa-vidros”, “saca-rolhas” e “goma de mascar”.

As classificações apresentadas não são excludentes; ao contrário, são complementares. Como já dito, são apenas perspectivas diferentes que elegem critérios diferentes e podem também partir de compreensões diferentes do que sejam os compostos. Como já dito na seção inicial, este trabalho analisa a composição nos termos de Ribeiro e

Rio-Torto (2016). Essas autoras sugerem que os compostos possam ser divididos em três grupos: morfológicos, morfossintáticos e sintagmáticos. Nas próximas seções, essas categorias serão mais bem detalhadas. Junto a essa explicação, será feita a apresentação de alguns trabalhos já desenvolvidos em que os compostos dos três tipos foram analisados com base nos pressupostos da MC.

ESTUDOS SOBRE COMPOSTOS MORFOLÓGICOS

Os compostos morfológicos, segundo Ribeiro e Rio-Torto (2016), “[...] incluem pelo menos um radical não autónomo, frequentemente de origem grega ou latina, e caracterizam-se pela presença de uma vogal de ligação [...] entre os respetivos elementos compositivos”. (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016, p. 476) As autoras apresentam possíveis padrões de estruturação dos compostos morfológicos do português. Essas possibilidades estão reproduzidas no Quadro 2.

Quadro 2 – Compostos morfológicos do português

Esquema compositivo	Exemplos
Radical erudito + VL + radical erudito	cardiopatia, nefrectomia, quiromancia
Radical erudito + VL + palavra vernácula	hidroavião, hidromassagem, vinoterapia
Radical vernáculo + VL + radical erudito	parquímetro, sambódromo
Radical vernáculo + VL + palavra vernácula	austro-húngaro, franco-alemão

Fonte: Ribeiro e Rio-Torto (2016, p. 476).

Dada a origem erudita desse padrão composicional, alguns morfólogos procuram destacar esse aspecto e se referem a essas formações como compostos neoclássicos, como um termo relacionado, não como sinônimo. No Brasil, Carlos Alexandre Gonçalves faz uso da nomen-

clatura “composto neoclássico”. Ele e a sua equipe do Núcleo de Estudos Morfológicos do Português (NEMP) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) têm sido os principais pesquisadores dos compostos morfológicos na perspectiva construcional. Entre as questões que sobressaem nessas investigações, estão:

- (a) as fronteiras entre composição e derivação, visto que a integração morfológica desses compostos pode levá-los a ser interpretados como derivados;
- (b) o estatuto morfológico desses radicais eruditos: alguns são interpretados como radicais, outros, como prefixos ou sufixos, a depender da posição em que ocorrem;
- (c) a participação dos compostos morfológicos em outros processos relacionados, tais como a recomposição: alguns radicais de origem erudita são reanalisados semântica e morfológicamente, o que demanda mudanças na representação esquemático-construcional.

Feitas essas considerações, serão retomados os trabalhos de Gonçalves e Pires (2016), sobre as construções X-dromo, e de Gonçalves e Oliveira (2016), sobre a recomposição na MC, a partir das construções eco-X e homo-X.

As construções X-dromo

Gonçalves e Pires (2016), em artigo sobre as construções X-dromo no português, têm os seguintes objetivos:

- (a) realizar uma análise mais detalhada sobre as transformações e os desdobramentos pelos quais o formativo passou no português; (b) checar a produtividade do mesmo nos dias de hoje; (c) observar as diferenças entre as construções mais antigas em relação às mais novas; e (d) conferir se as formações ainda devem ser consideradas casos de composição neoclássica. (GONÇALVES; PIRES, 2016, p. 107)

No levantamento do que já foi dito sobre o formativo -dromo, Gonçalves e Pires (2016) mencionam questões de origem e classificação. Do ponto de vista da origem, as fontes consultadas são categóricas em dizer que o -dromo é oriundo do grego antigo *drómos*, que significava “ação de correr, lugar para corrida, corrida”. (HOUAISS; VILLAR, 2009) Exemplos de formações com esse significado são “aeródromo”, “autódromo”, “cartódromo”, “hipódromo”, “tauródromo” e “velódromo”, palavras datadas dos séculos XVII, XVIII e XIX.

Quanto à classificação, nas gramáticas tradicionais, como a de Cunha e Cintra (2001), o -dromo é apresentado como um radical erudito que aparece na margem esquerda dos compostos. Diferentes leituras são feitas por Sandmann (1988) e Laroca (2005), como se pode ver nos excertos a seguir:

Sandmann (1988) descreve o formativo não mais como elemento de composição e sequer como *-dromo*, mas como elemento de derivação e *-ódromo*. Justifica tal transição relacionando-o a um sufixo em razão de ‘se prestar à formação de novas palavras em série e porque não ocorre livremente na frase’ (SANDMANN, 1988: 47). Com essa visão diferenciada, o autor pondera que o significado inicial – ‘ação de correr, corrida, lugar de corrida’ – não pode ser relacionado diretamente com o significado atual das novas formações. Tal é o caso de ‘camelódromo’, que se refere, no Município do Rio de Janeiro (Centro da Cidade), a um lugar de concentração de comércio popular, e ‘amoródromo’, ‘lugar para a prática do amor livre’. Nessas novas formações, a ideia de locativo se mantém, sem, entretanto, fazer referência à corrida.

[...]

Laroca (2005) aborda o elemento *-dromo* como um *neossufixo*, isto é, um novo elemento derivacional do português. Mantém, todavia a estrutura -dromo, diferentemente de Sandmann, que já incorpora a vogal <ó> ao formativo. À semelhança do autor, Laroca também constata a transformação no sentido: de ‘curso, corrida, marcha, condutibilidade, passou a designar o local

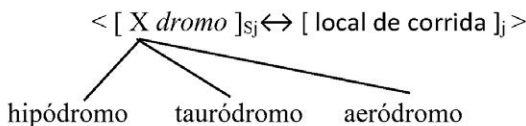
(apropriado) para acontecer determinado fato ou evento' (LA-ROCA, 2005: 75), como em 'namoródromo', 'papódromo' e 'beijódromo'. (GONÇALVES; PIRES, 2016, p. 109, grifo do autor)

Cientes dessas divergências, Gonçalves e Pires (2016) apresentam uma análise processual dos compostos X-dromo, considerando os seus estágios na história da língua. O primeiro ponto levantado pelos autores é a esquematização das composições neoclássicas. No entendimento de Gonçalves e Pires (2016), esse esquema pode ser representado como em (1).

[X Y]S. (GONÇALVES; PIRES, 2016, p. 117)

Note-se que os autores optam por não etiquetar sintaticamente os *inputs* X e Y. Tal opção se deve ao entendimento de que, entre os compostos neoclássicos, como “aeródromo”, “autódromo”, “hipódromo” e “tauródromo”, os *inputs* envolvidos são radicais presos, ou seja, não existem como palavras na língua e não devem receber uma etiqueta desse tipo. O *output*, no entanto, recebe a etiqueta “S”, pois as formações são substantivas.¹ Do ponto de vista semântico, considerando o significado original, Gonçalves e Pires (2016) propõem o esquema da Figura 1:

Figura 1 - Esquema do composto neoclássico x-dromo



Fonte: Gonçalves e Pires (2016, p. 117).

1 Sobre esse aspecto, cabe mencionar que, para Booij (2010), entre as propriedades obrigatórias do esquema, está a expressão da categoria do *output*. A categoria dos *inputs*, segundo o autor, pode ser omitida, quando não for relevante para a formação. Essa abordagem é diferente da feita por Aronoff (1976), em um paradigma gerativo. Para Aronoff (1976), uma regra de formação deve expressar tanto a categoria do *input* quanto a do *output*.

Gonçalves e Pires (2016) notam que, nos séculos XX e XXI, surgiram novas palavras X-dromo que parecem começar a se desvencilhar do padrão esquemático apresentado na Figura 1. Alguns desses casos são: “jegódromo” (de jegue), “bodódromo” (de bode), “cavalódromo” (de cavalo), “burródromo” (de burro) e “boiódromo” (de boi). Esses exemplos são bem menos eruditos que os tradicionais, não são usuais no jargão científico, operam sobre *inputs* transparentes morfológica e semanticamente, mas ainda preservam o significado de original de “lugar para corrida”.

Também nos séculos XX e XXI, aparecem outras formações em que o significado “lugar para corrida” já não se verifica. O significado genérico das construções, segundo os autores, está mais relacionado a “lugar onde se realiza uma determinada ação”. Alguns desses exemplos são explicados por Gonçalves e Pires (2016, p. 119, *grifo nosso*):

Fumódromo – área destinada exclusivamente ao uso de cigarros, cigarrilhas, charutos, cachimbos ou de qualquer outro produto fumífero, derivado ou não do tabaco, devidamente isolada e com arejamento conveniente.

Alcoódromo – lugar destinado para a cura de ressacas provenientes de mal-estar causado pela ingestão de bebidas alcoólicas.

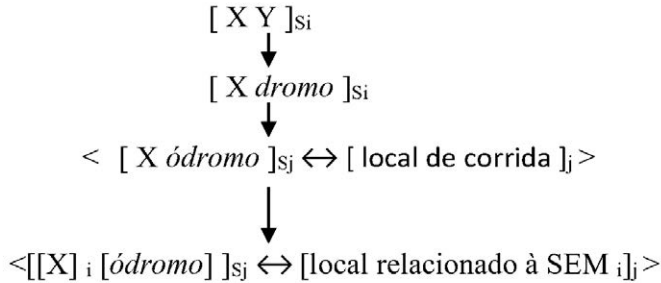
Mamódromo – Local que se encontra, em alguns shoppings no Rio e em São Paulo, reservados para quem está amamentando o bebê.

Urinódromo – muro de azulejo, com água e algum tipo de detergente escorrendo o tempo todo, onde os homens podem urinar protegidos por uma tapadeira (espécie de biombo, que deixa à mostra apenas cabeças e pés).

Os exemplos desse último excerto mostram que: (a) o “ó” já está sistematicamente incorporado ao formativo -dromo; (b) os *inputs* das formações são transparentes semântica e morfológicamente, podendo e devendo receber etiquetas de categoria lexical; (c) o significado

é uma extensão metonímica do significado original. Gonçalves e Pires (2016) sugerem sistematizar o desenvolvimento de X-dromo a X-ódromo como na Figura 2, a seguir.

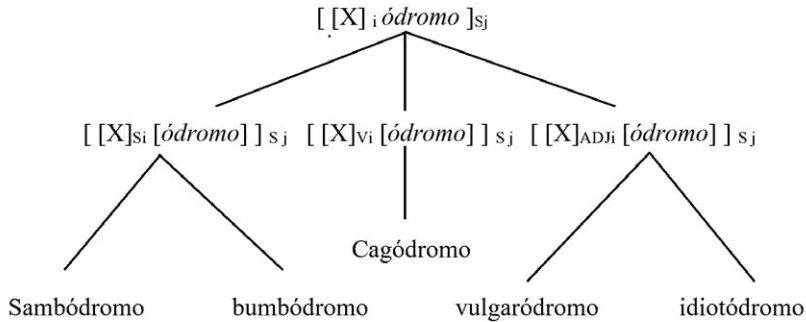
Figura 2 – Desenvolvimento de x-dromo a x-ódromo



Fonte: Gonçalves e Pires (2016, p. 120).

Note-se que, no último estágio, os autores, embora reconheçam um *input* autônomo, com a representação do *slot* Xi, preferem não etiquetá-lo lexicalmente. Essa escolha se deve ao fato de os autores não considerarem que a categoria morfossintática do *input* seja relevante para esse esquema. São admitidos como *inputs* substantivos, adjetivos e verbos, como se pode ver na Figura 3.

Figura 3 – Esquema construcional Xi-ódromo



Fonte: Gonçalves e Pires (2016, p. 121).

Ao final, Gonçalves e Pires (2016) reconhecem que houve mudança tanto no polo formal quanto semântico dessas construções, “[...] que passaram de compostas e opacas (X-dromo, em que o elemento à esquerda não constitui palavra) a derivadas e transparentes ([X-ódromo, com X recebendo, agora, etiqueta lexical e se atualizando como palavra]”. (GONÇALVES; PIRES, 2016, p. 124)

Nos termos de Traugott e Trousdale (2013), que trabalham com aspectos diacrônicos na GC, pode-se dizer que houve uma construcionalização, pois a mudança aconteceu nos dois polos. A dimensão diacrônica nos estudos da MC é um desafio que merece se destacar.

A recomposição na morfologia construcional: os casos de Foto-, Eco- e Homo-

Gonçalves e Oliveira (2016) definem a recomposição como “o processo pelo qual há um encurtamento de uma palavra, outrora composta, em um formativo que adquire o significado de todo o composto. O radical encurtado não preserva o sentido etimológico da forma-gatilho de onde se desprende”. (GONÇALVES; OLIVEIRA, 2016, p. 72)

Em geral, a recomposição está associada a uma reanálise semântica e morfológica de compostos morfológicos e/ou neoclássicos, mas não da maneira como se viu com X-dromo, pois, nesse caso, houve mudança de estatuto morfológico: o radical grego deu lugar a um novo sufixo da língua. Na recomposição, o radical original não deixa de ser visto como radical, e as novas palavras não passam a ser vistas como derivadas. Vejam-se os exemplos de Gonçalves e Oliveira (2016, p. 72), com os constituintes foto-, eco- e homo-:

fotojornalismo: ‘jornalismo à base de fotografias’

fotoensaio: ‘ensaio fotográfico’

fotoestúdio: ‘estúdio fotográfico’

fotomontagem: ‘montagem de fotografias’

ecoturismo: ‘turismo ecológico’

ecovia: 'rodovia verde'

ecoproduto: 'produto ecológico'

ecopicareta: 'picareta que ludibria com produtos falsamente recicláveis'

homoagressor: 'agressor de homossexuais'

homoviolência: 'violência contra gays'

homoafetividade: 'relação afetiva entre homossexuais'

homoescândalo: 'escândalo envolvendo gays'.

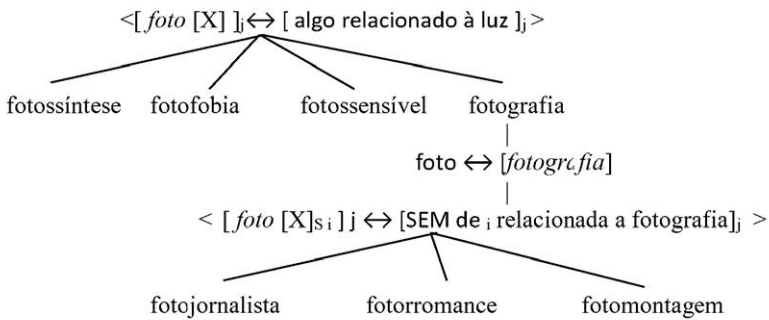
A recomposição acontece no momento em que, com base em compostos, como “fotografia”, “ecologia” e “homossexual”, em que os formativos foto-, eco- e homo- significam “luz”, “casa, habitat” e “semelhante, igual”, novas palavras compostas se formam, preservando a identidade morfológica original, mas destoando semanticamente. Nos novos compostos formados por recomposição, como os exemplificados por Gonçalves e Oliveira (2016), foto-, eco- e homo- significam “fotografia”, “ecologia” e “homossexual”, ou seja, carregam todo o significado das palavras-matrizes.

Em uma abordagem construcional, Gonçalves e Oliveira (2016) procuram explicar o esquema original, com o contexto formativo e o significado, dar o destaque à palavra-gatilho para a recomposição e apresentar o novo esquema. Veja-se a Figura 4, sobre as formações com foto-.

Na Figura 4, no esquema original, “foto” é o elemento fixo recorrente cujo significado está relacionado à “luz”. O *slot*, a parte variável do esquema, é acategorial, como se sugere para os compostos neoclássicos. Uma das instanciações desse esquema é “fotografia”, palavra que será comprimida no formativo “foto” e servirá de gatilho para novas formações, por meio do processo de recomposição. No novo esquema, a contraparte semântica está relacionada à “fotografia”, não mais à “luz”. O *slot*, agora, recebe a etiqueta categorial de substantivo.

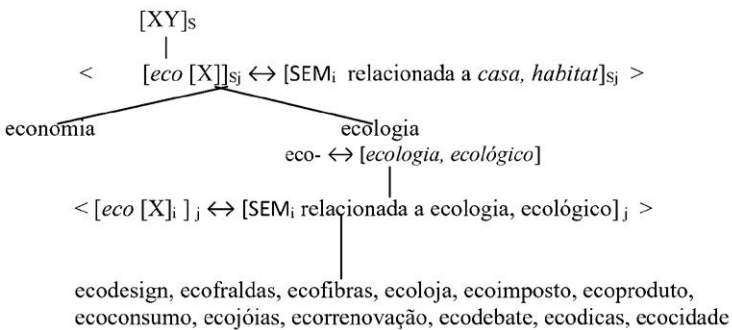
Caminho parecido é visto no esquema eco-X, reproduzido na Figura 5, a seguir. Uma diferença que precisa ser pontuada entre eco- e foto- é que “foto” ganhou o estatuto de forma livre na língua, sendo uma forma abreviada de se referir a fotografias.

Figura 4 – Esquema construcional Foto-x



Fonte: Gonçalves e Oliveira (2016, p. 76).

Figura 5 – Esquema construcional Eco-x

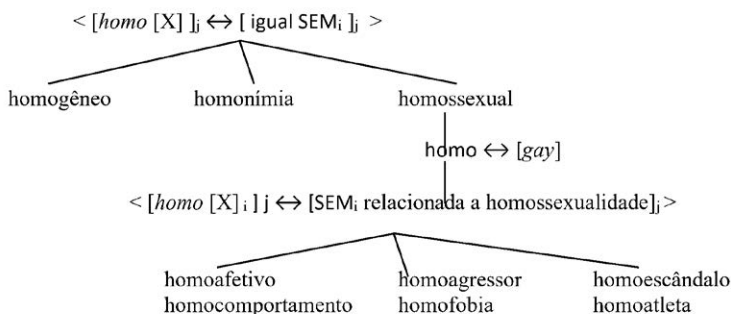


Fonte: Gonçalves e Oliveira (2016, p. 77).

O esquema apresentado na Figura 5 destaca a origem neoclássica do formativo eco-, o significado original “casa, habitat” e a instanciação-gatilho “ecologia”, que dará origem às novas formas encontradas

na língua, em que eco- remete à “ecologia”, palavra que se comprimiu no formativo. Por último, seja visto o esquema relacionado a homo-.

Figura 6 – Esquema construcional Homo-x



Fonte: Gonçalves e Oliveira (2016, p. 80).

Sobre o formativo homo-, cujo esquema está reproduzido na Figura 6, Gonçalves e Oliveira (2016) comentam que ele adquiriu o estatuto de afixoide, de caráter prefixal, uma vez que se realiza sempre à margem esquerda dos formativos, mantendo a categoria lexical do input. O homo-, inicialmente, tinha o significado “igual, semelhante”. Essa noção aparece em “homogêneo”, “homonímia” e “homossexual”, sendo esta última a palavra-gatilho que motivará a reanálise morfológica e semântica e servirá de norte para novas formações em que homo- está relacionado a homossexual, homossexualidade.

Os trabalhos de Gonçalves e Pires (2016) e de Gonçalves e Oliveira (2016) sintetizam os principais aspectos atinentes aos compostos morfológicos: a mudança de estatuto morfológico e a recomposição. Esses dois aspectos podem ser descritos de maneira satisfatória no âmbito da MC. O modelo consegue abarcar as questões fonológicas, morfológicas e semânticas atinentes a essas construções. Além disso, o estudo dos compostos morfológicos é um caminho produtivo para a investigação diacrônica no âmbito do modelo.

PESQUISAS SOBRE COMPOSTOS MORFOSSINTÁTICOS

Os compostos morfofossintáticos, segundo Ribeiro e Rio-Torto (2016), são aqueles que “[...] resultam da reanálise de uma estrutura sintática numa palavra, envolvem a combinação de duas palavras ([*beija-mão*], [*surdo-mudo*], [*via láctea*]) e caracterizam-se por algum grau de atipicidade relativamente aos padrões sintagmáticos do português”. (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016, p. 484, grifo do autor) Os esquemas de compostos morfofossintáticos identificados pelas autoras são: $[NN]_N$, $[AA]_A^3$, $[VV]_N$ e $[VN]_N$. No Quadro 3, apresentam-se a sistematização e os exemplos desses esquemas.

Quadro 3 – Padrões de compostos morfofossintáticos em português²

Esquema compositivo	Exemplos
$[NN]_N$	bebé-proveta, cheque-saúde, couve-flor, outono-inverno
$[AA]_A^3$	claro-escuro, morto-vivo, nado-morto, surdo-mudo
$[VV]_N$	pára-arranca, vaivém
$[VN]_N$	beija-mão, finca-pé, limpa-vidros

Fonte: elaborado pelo autor a partir dos exemplos de Ribeiro e Rio-Torto (2016, p. 484-485).

- 2 Destaque-se que o texto de Ribeiro e Rio-Torto (2016) se compromete com a variedade europeia do português. No caso dos compostos, as justificativas de classificação são feitas com base na gramática do português europeu. Como a gramática derivacional do português brasileiro não é substancialmente diferente da do europeu, os padrões atestados, bem como os exemplos (na maioria dos casos), são compartilhados pelas duas variedades da língua portuguesa.
- 3 Com base nos exemplos apresentados pela autora, parece equivocado considerar que a categoria desses *outputs* seja um adjetivo. Os compostos “claro-escuro” (estilo de pintura que mexe com o contraste entre tons claros e tons escuros) e “morto-vivo” (pessoa em vias de morrer) são substantivos. Os exemplos “nado-morto” e “surdo-mudo” flutuam entre as categorias de substantivos e adjetivos. Por tudo isso, parece mais razoável considerar que o padrão seja $[AA]_N$. Isso é feito no Quadro 4.

Em relação ao Quadro 3, é importante explicar por que esses compostos são classificados como morfossintáticos e em quais aspectos apresentam uma atipicidade em relação aos padrões sintagmáticos do português. Para dar conta daqueles compostos em que os inputs são homocategoriais, foi elaborado o Quadro 4, a seguir.

Quadro 4 – Compostos morfossintáticos e estruturas sintáticas

Esquemas	Exemplos	Inputs	Estruturas sintáticas relacionadas
$[\text{NN}]_N$	$[\text{cantor-compositor}]_N$	$[\text{cantor}]_N$ $[\text{compositor}]_N$	<p>“O cantor e compositor Pedro Luís se reinventa no palco on-line”. (GOMES, 2020, grifo nosso)</p> <p>“Este blog foi escrito pelo TuneCore Artist e pelo cantor-compositor Uri Grey, de Los Angeles”. (TUNECORE; GREY, 2017, grifo nosso)</p>
$[\text{NN}]_N$	$[\text{auxílio aluguel}]_N$	$[\text{auxílio}]_N$ $[\text{aluguel}]_N$	<p>“Miramar oferece <i>auxílio para aluguel</i> e contas utilitárias a partir da sexta-feira”. (GAZETA NEWS, 2020, grifo nosso)</p> <p>“Prefeitura de Salvador inicia recadastramento de <i>auxílio aluguel</i>”. (PREFEITURA..., 2013, grifo nosso)</p>

Esquemas	Exemplos	Inputs	Estruturas sintáticas relacionadas
[AA] _N	[quente-frio] _N	[quente] _A [frio] _A	<p>“Banho <i>quente ou frio</i>: quais os benefícios de cada um?”. (TORRES, 2020, grifo nosso)</p> <p>“E me lembro como hoje quando mãe fez farofa de ovo, e botou café no <i>quente-frio</i>”. (PÓVOA, 2017, grifo nosso)</p>
[VV] _N	[morde-asso- pra] _N	[morde] _V [asso- pra] _V	<p>“Trump <i>morde e asso- pra</i>, e bolsas tentam subir”. (TARABORELLI, 2020, grifo nosso)</p> <p>“Era domingo’ traz o compositor em forma, em seu típico estilo <i>morde-asso- pra</i>””. (ZECA..., 2016)</p>

Fonte: elaborado pelo autor.

Em relação aos dados trazidos no Quadro 4, que aborda os compostos morfossintáticos em que os inputs são da mesma categoria lexical, pode-se notar que a atipicidade sintática, destacada por Ribeiro e Rio-Torto (2016), tem a ver com a ausência de conectivos que, na estrutura sintagmática, servem para estabelecer as relações sintáticas de coordenação ou subordinação.

O único esquema de compostos morfossintáticos em que os inputs são de categorias diferentes é o [VN]_N. No entendimento de Ribeiro e Rio-Torto (2016), a atipicidade sintática está na ausência dos determinantes. Esse é um aspecto controverso, pois, no português brasileiro, há o licenciamento de estruturas com os chamados nomes nus (sem determinantes) em posições argumentais. No português europeu, va-

riedade explorada pelas autoras, o sintagma canônico apresenta um determinante, e estruturas sem esse elemento são agramaticais. Por isso, Ribeiro e Rio-Torto (2016) chamam compostos, como “guarda-roupa”, “porta-voz” e “puxa-saco” de compostos morfossintáticos.

Com o intuito de apresentar análises de compostos morfossintáticos⁴ na perspectiva construcional, foram selecionados os trabalhos de Faria (2009), sobre compostos $[NN]_N$ com “bolsa”, “vale”, “auxílio” e “seguro” (“bolsa-alimentação”, “vale-transporte”, “auxílio-funeral” e “seguro condomínio”), e de Simões Neto e Santos (2020), sobre a categoria semântica de agente humano em compostos $[VN]_N$.

O padrão $[NN]_N$ em compostos com bolsa, vale, auxílio e seguro

A pesquisa de Faria (2009) não se desenvolve em uma perspectiva construcional, mas sim cognitivista. Uma vez que a GC e a MC estão inseridas no paradigma maior da LC, é possível estabelecer diálogos profícuos com o trabalho feito por Faria (2009). O autor analisou os compostos $[NN]_N$ encabeçados por “bolsa”, “vale”, “auxílio” e “seguro”, no português brasileiro. No seu entendimento, tais compostos surgiram da necessidade expressiva e comunicativa dos falantes de designarem um novo benefício. O atendimento a essa demanda, no entanto, não acontece de maneira caótica e assistemática. Na verdade, nota-se um padrão formal recorrente que se associa a um significado igualmente recorrente. Exemplos de Faria (2009) estão apresentados no Quadro 5.

4 Ainda que não tenhamos o intuito de discutir o fenômeno da reduplicação, é possível considerar como abordagem de compostos morfossintáticos os compostos reduplicativos do tipo $[V_1V_1]_N$, como “bate-bate”, “agarra-agarra”, “corre-corre”, “pega-pega”, “lambe-lambe”, “mata-mata”, “mija-mija” entre outros. Esse padrão foi estudado, na perspectiva construcional, por Gonçalves e Vialli (2017).

Quadro 5 – Semântica dos compostos que designam benefícios

Relações semânticas	Exemplos	Paráfrases
Finalidade	auxílio-maternidade	auxílio para maternidade
	auxílio-funeral	auxílio para funeral
	bolsa-alimentação	bolsa para alimentação
	bolsa-atleta	bolsa para atletas
	seguro condomínio	seguro para condomínio
	seguro residencial	seguro para residências
	vale-refeição	vale para refeição
	vale-transporte	vale para transporte
Causa	auxílio-desemprego	auxílio pelo desemprego
	auxílio invalidez	auxílio por invalidez
	bolsa dedicação	bolsa por dedicação
	bolsa miséria	bolsa por miséria
	seguro-desemprego	seguro por desemprego

Fonte: elaborado por Simões Neto (2019, p. 273), com base em Faria (2009, p. 209-210).

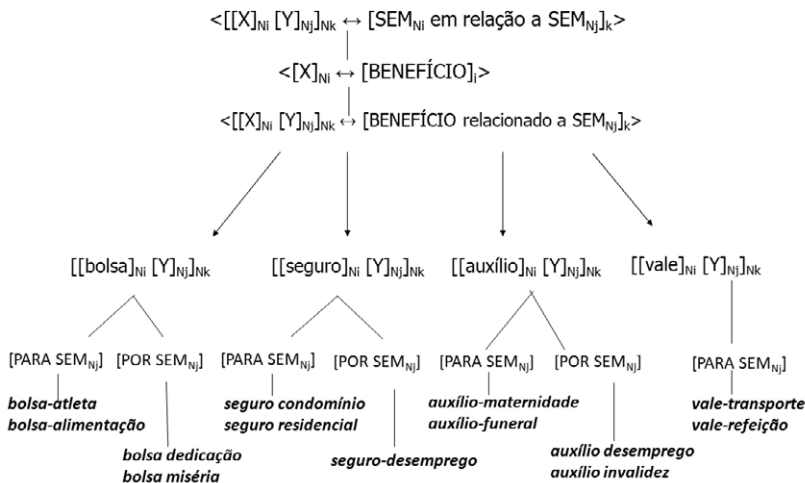
Apesar de todos os dados reproduzidos no Quadro 5 designarem benefícios, Faria (2009), na tentativa de sistematizá-los, aponta aspectos outros semânticos distintivos, para além da classificação sobre relações de causa ou finalidade. Segundo o autor:

- (a) o conjunto de palavras que é encabeçado por *auxílio* indica ocorrência factual e com duração mais ou menos definida; (b) o grupo de *bolsa* apresenta duração mais definida; (c) em relação a *seguro*, identifica-se uma espécie de ‘garantia’, caso ocorra algum problema; funciona, assim, como uma espécie de

prevenção; (d) acerca de *vale*, com exceção de *vale tudo* e *vale presente*, identificaram-se compensadores (benefícios básicos à manutenção do corpo e ‘eficiência’ do trabalho). (FARIA, 2009, p. 215, grifo do autor)

Dessa caracterização, é possível propor uma construcional rede para dar conta de abordar todos esses compostos que designam benefícios (Figura 7).

Figura 7 – Rede de compostos $[NN]_N$ que designam benefícios



Fonte: elaborada pelo autor.

Na representação da Figura 7, o nó mais alto representa o esquema abstrato de compostos $[NN]_N$ com qualquer categorização semântica. Abaixo desse, há uma notação de que o primeiro nome da estrutura $[NN]_N$ caracterizará semanticamente um benefício. A partir desse momento, vê-se um esquema geral $[NN]_N$ associado ao significado “benefício”. Esse esquema geral se ramifica em esquemas dominantes que passam a especificar o primeiro nome, que será o núcleo desses compostos. As quatro possibilidades de núcleo são: “bolsa”, “seguro”,

“auxílio” e “vale”. Em nível de subesquemas, todos apresentam, subespecificam se o benefício se caracteriza por uma relação de finalidade (PARA) ou de causa (POR CONTA DE). Os compostos encabeçados por “vale” só apresentam relação de finalidade. No nível mais baixo, estão as instanciações dos subesquemas.

A categoria semântica de agente humano em compostos [VN]_N

Simões Neto e Santos (2020) analisaram compostos [VN]N. Esses compostos são muito produtivos no português e apresentam uma extensa rede polissêmica. Retomando o trabalho de Santos (2020), sobre esse mesmo padrão de compostos no vocabulário latino-português de Raphael Bluteau (século XVIII), os autores destacam as categorias semânticas encontradas com o esquema compositivo [VN]_N. Veja-se a citação a seguir:

Em relação às categorias semânticas, destacam-se as denominações de espécies zoológicas e botânicas (*brita-ossos, cortapao, espantalobos, estanca-cavillos*), de objetos/instrumentos (*catavento, mataborrão, passamuros, portacollo*) e de humanos, categoria em que se distinguem, principalmente, as subcategorias dos agentes profissionais (*batefolha, cresta-colmeas, guarda joyas, guardaroupa*) e dos indivíduos caracterizados pelo seu caráter e/ou comportamento (*arrebata punhadas, cagarôla, cortabolsas, espirracanivetes*). Também foram registradas categorias como evento (*botasela, lavapés*), ação (*alçaperna, volta cara*), locativo (*guardaroupa, valhacouto*), abstrato (*esfolagato, lavadente*) e designação de vento (*esfolavaca*). Os compostos [VN]_N também integram locuções, adverbiais ou adjetivas ([a] *arripiacabello*, [de] *enchemam*, [a] *escachapernas*). Bluteau atribui, para alguns dos compostos [VN]_N, um determinado domínio de especialidade, como em *cortamão* (termo de carpintaria), *formaflanco* (termo da fortificação), *matacão* (termo de pedreiro) e *talhamár*. (termo náutico). (SIMÕES NETO; SANTOS, 2020, p. 322, grifo do autor)

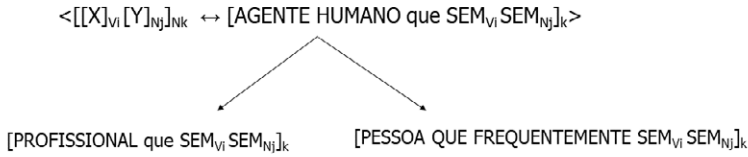
Essa prolífica gama de significados encontrados com o esquema [VN]_N continua no português contemporâneo. Ainda que reconheçam a polissemia do esquema, Simões Neto e Santos (2020) se voltam exclusivamente àqueles compostos que designam agentes humanos. Os 165 dados analisados foram extraídos do dicionário eletrônico de Houaiss e Villar (2009). Com tal recorte, os autores intentaram analisar como o comportamento da categoria “agente” nos [VN]_N dialoga com o que se vê em outros padrões construcionais, como X-eiro e X-dor, por exemplo.

Sobre o esquema “agente” entre os compostos [VN]_N, Simões Neto e Santos (2020) esclarecem que:

Por esse mesmo esquema, agentes profissionais, como *salva-vidas* (profissional treinado para evitar afogamentos de banhistas nas praias), *limpa-botas* (engraxate), *papa-defunto* (agente funerário) e *pela-porco* (barbeiro que trabalha em feiras livres), e agentes caracterizados pela alta frequência dos seus (maus) hábitos, o que é comumente chamado de agentes habituais, como *baba-ovo* (bajulador), *chupa-sangue* (pessoa que vive à custa do esforço alheio), *mata-borrão* (pessoa que bebe demais) e *papa-hóstias* (pessoa que frequenta muito as igrejas). (SIMÕES NETO; SANTOS, 2020, p. 324, grifo do autor)

Com base nesse último excerto, nota-se que a divisão “agente profissional” e “agente habitual”, comum aos agentivos derivados, aparece também entre os [VN]_N. Do total de 165 dados, Simões Neto e Santos (2020) analisaram que 50 designavam profissionais e 115, não profissionais, sendo, quase sempre, habituais. Essa distribuição de frequência é diferente da que, comumente, se vê estudos dos mencionados padrões sufixais X-eiro e X-dor. Entre esses, os agentes profissionais tendem a se mostram mais frequentes. Considerando a polissemia atestada, Simões Neto e Santos (2020) propuseram a representação esquemática a seguir:

Figura 8 – Compostos [VN]_N do português: agentes humanos



Fonte: elaborada pelo autor, com base em Simões Neto e Santos (2020, p. 324).

Outros aspectos discutidos por Simões Neto e Santos foram os níveis de semantismo, composicionalidade e idiomaticidade dos agentes [VN]_N no português. Partindo das discussões de Booij (2010, 2017), sobre padrões de herança nas construções morfológicas, e o entendimento cognitivista sobre metáforas e metonímias, os autores propuseram uma sistematização, reproduzida no Quadro 6.

Quadro 6 – Níveis de semantismo de compostos [VN]_N: agentes humanos

Níveis de semantismo	Conceitos	Exemplos
Totalmente composicionais	O conteúdo semântico do [VN] _N é a soma dos conteúdos dos <i>inputs</i> . Ou seja, as duas palavras-base são tomadas de maneira literal.	porta-bandeira, salva-vidas, guarda-roupa, enxota-cães, guarda-rede, guarda-joias, limpa-botas, mata-mosquito, pula-ventana, espanta-tesão, borra-tintas, papa-gente, tira-dentes, rapa-queixos.

Níveis de semantismo	Conceitos	Exemplos
Parcialmente composicionais	O conteúdo semântico do $[VN]_N$ reflete parcialmente o conteúdo dos <i>inputs</i> . Nesse grupo, apenas uma das palavras-base é tomada literalmente. A outra, seja o verbo, seja o nome, é tomada metafórica ou metonimicamente.	caga-regras, empatafoda, fura-greve, guarda-costas, papa-defunto, papa-missas, porta-voz, papa-mel.
Não composicionais	O conteúdo semântico do $[VN]_N$ não reflete o conteúdo dos <i>inputs</i> de forma literal. Tanto o verbo quanto o nome são herdados metafórica ou metonimicamente. Não raramente, esses $[VN]_N$ são tomados como idiomatismos.	baba-ovo, puxa-saco, quebra-galho, pegamasso, lambe-cu, enxuga-gelo, vira-casaca, pica-milhos, mandachuva, acaba-novenas, acalenta-menino, caga-sebo, cata-vento, come-santo, desmancha-sambas, espanta-lobos, fecha-bodegas, fura-paredes, papa-açordas, pela-porco, tapa-missa.

Fonte: Simões Neto e Santos (2020, p. 326).

Sobre as classificações apresentadas no Quadro 6, cabe mencionar as considerações feitas pelos próprios autores. Em relação àqueles compostos rotulados como “totalmente composicionais”, Simões Neto e Santos (2020, p. 327) comentam:

Os compostos classificados como ‘totalmente composicionais’ podem ser enquadrados como exemplos de herança-padrão, uma vez que permitem a leitura orientada completamente pelo esquema que os instancia. Assim, *porta-bandeira*, *guarda-roupa* e *espanta-tesão* admitem, em alguma medida, as respecti-

vas leituras [PROFISSIONAL QUE [PORTA]_V A [BANDEIRA]_N]_N,
 [PROFISSIONAL QUE [GUARDA]_V A [ROUPA]_N]_N e [PESSOA QUE
 FREQUENTEMENTE [ESPANTA]_V O [TESÃO]_N]_N.

Quanto aos compostos “parcialmente composicionais”, a opinião dos autores é:

No caso dos compostos ditos parcialmente composicionais, pode-se dizer que há uma herança metafórica ou metonímica em apenas um dos elementos integrantes. Por exemplo, em *papa-mel* ‘pessoa com preferência acentuada por alimentos açucarados’, o verbo *papar* é tomado de maneira mais literal, com o significado de *comer*, enquanto *mel* reflete uma metonímia do tipo PARTE/TODO (mel/ todos os doces). O mesmo pode se dizer de *empata-foda* ‘indivíduo que atrapalha o andamento de algum processo ou a realização de qualquer intento alheio’, em que o verbo *empatar* é tomado literalmente com o significado de atrapalhar ou incomodar, e o substantivo *foda* é tomado metonimicamente no mesmo esquema PARTE/TODO (atividade sexual/ qualquer atividade humana). Em *papa-missas* (pessoa que frequenta demasiadamente as missas) e *caga-regras* (pessoa que tem o hábito de ditar regras), são os verbos *papar* e *caçar* que são tomados metaforicamente. (SIMÕES NETO; SANTOS, 2020, p. 327)

Por fim, em relação aos compostos não composicionais, como “puxa-saco”, “quebra-galho”, “lambe-cu”, “baba-ovo”, “enxuga-gelo”, “desmancha-sambas” e “fecha-bodegas”, Simões Neto e Santos (2020) discutem se eles, de fato, podem ser classificados como instanciações de um esquema como aquele apresentado na Figura 8. O entendimento dos autores é que, por mais “[...] que pareçam mais arbitrários, os compostos desse último grupo preservam ainda a característica genérica que engloba a questão frequência, devendo, portanto, ser categorizados como instanciações do referido esquema”. (SIMÕES NETO; SANTOS, 2020, p. 328)

Em linhas gerais, as pesquisas sobre os compostos morfossintáticos parecem explorar, com mais afinco, as questões de significado na formação de palavras. Com isso, não se quer dizer que os estudos de compostos morfológicos não enveredam por tais questões. Porém, normalmente, os trabalhos com os morfológicos lidam com significados de nível mais genérico. Os morfossintáticos dão mais abertura à investigação de outros aspectos semânticos, tais como herança, composicionalidade, idiomaticidade e semantismo. A discussão acerca desses aspectos é, certamente, o principal desafio nesse tipo de pesquisa.

PESQUISAS SOBRE COMPOSTOS SINTAGMÁTICOS

Os compostos sintagmáticos se diferenciam dos morfossintáticos, pelo fato de não apresentarem qualquer atipicidade em relação ao padrão sintagmático canônico da língua. No Quadro 7, apresentam-se os possíveis esquemas desse tipo de compostos, conforme Ribeiro e Rio-Torto (2016).

Quadro 7 – Esquemas de compostos sintagmáticos no português

Esquema compositivo	Exemplos
$[N_{prep}N]_N$	água-de-colônia, computador de bordo, ferro a vapor, processador de texto
$[NA]_N$	mesa redonda, sangue frio, turismo rural, via verde
$[AN]_N$	alto-relevo, grande área, puro-sangue
$[N_{prep}V]_N$	máquina de lavar, ferro de engomar, máquina de barbear, porta de correr
$[NumN]_N$	mil-folhas, primeiro-ministro, segunda via, terceira idade

Fonte: elaborado pelo autor, com base em Ribeiro e Rio-Torto (2016, p. 488).

Em relação aos compostos sintagmáticos, serão retomados, nesta seção, dois artigos de Simões Neto (2018, 2019), sobre compostos do tipo [NprepN]_N: o primeiro trata das construções [síndrome de X_N]_N e [complexo de XN]_N; e o segundo, da construção [X_N de Taubaté]_N e a sua relação com outras construções, como. [X_N de Itu]_N e [X_N do Paraguai]_N. Retoma-se também o trabalho de Santos e Simões Neto (2020), sobre o padrão [NA]_N, com base na construção [X_N-mor]_N, na história da língua portuguesa.

As construções [síndrome de X_N]_N e [complexo de X_N]_N

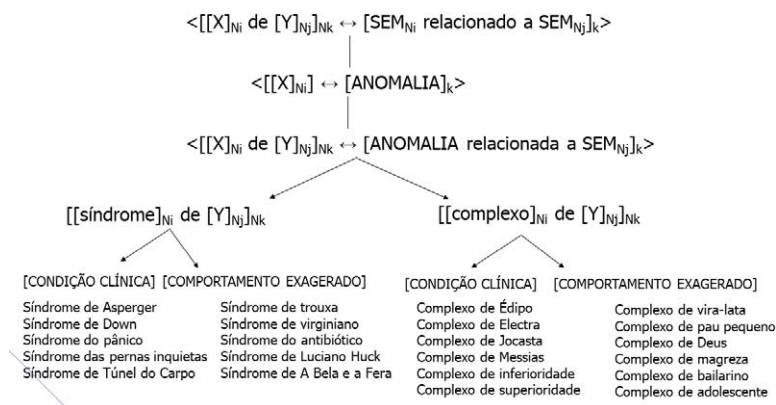
Os termos “síndrome” e “complexo”, usados nos compostos analisados por Simões Neto (2018), são oriundos da medicina e da psicanálise, respectivamente. Exemplos são: “síndrome de Down”, “síndrome de Asperger”, “complexo de Édipo”, “complexo de Electra” etc. Desses termos comuns à linguagem técnica, os mais difundidos, como os citados, parecem ter servido de gatilho para novas formações que designam, não mais uma condição clínica, mas um comportamento visto como anormal. É o caso de “síndrome de Peterpan”, usado para se referir a um homem que nunca amadurece, tal como o personagem Peterpan, que não queria crescer. O termo “síndrome de Peterpan” é cunhado em um ambiente não especializado e passa a ser usado no ambiente técnico-científico.

Cabe ressaltar que algumas designações populares não migram para o jargão técnico, como “síndrome de Dona Florinda” (comportamento da pessoa pobre que se julga rica e distinta dos demais pobres) e “complexo de vira-lata” (comportamento de subserviência, sobretudo, em relação a elementos de origem não nacional). Vale também comentar que o falante comum, em muitos casos, não faz distinção entre os conceitos de “síndrome” e “complexo”, havendo muita variação, como em “síndrome de Dona Florinda”/“complexo de Dona Florinda”, “complexo de vira-lata”/“síndrome de vira-lata”.

Com base nesses aspectos, Simões Neto (2018) propõe esquemas separados de “síndrome” e “complexo”, ainda que não deixe de re-

conhecer que essas construções estão intimamente ligadas. A fim de refletir acerca da complexidade das redes construcionais, propõe-se aqui uma representação que reúne os dois padrões esquemáticos. Veja-se a Figura 9, a seguir.

Figura 9 – Compostos [síndrome de X]_N e [complexo de X]_N



Fonte: elaborada pelo autor.

Na Figura 9, o nó mais alto representa o esquema abstrato para todos os compostos do tipo [NprepN]_N. Abaixo, há a notação de que o primeiro nome, que funcionará como núcleo do composto, aciona o significado de “anomalia”. Depois, propõe-se o esquema geral de compostos [NprepN]_N com significado de anomalia. O primeiro nome, o N_i, desse esquema geral é, agora, especificado, como síndrome ou complexo. Esses dois esquemas apresentam uma polissemia que se especifica por meio de subesquemas cujos significados são CONDIÇÃO CLÍNICA, para se referir aos usos do jargão técnico-científico, e COMPORTAMENTO, para se referir a usos generalizados, não especializados.

Outro aspecto discutido por Simões Neto (2018) foi a múltipla herança. Os compostos por herdar informações semânticas, metafóricas ou metonímicas, dos nomes que preenchem o *slot* X das construções.

Uma análise desse aspecto está no Quadro 8, adaptado de Simões Neto (2018).

Quadro 8 – Herança semântica nos compostos síndrome/complexo

Construções	Contextos	Comentários
Síndrome de índio	“Dormi de casaco, calça e meia. Acordei sem nada! N sei q <i>síndrome de índio</i> é essa q eu tenho q n consigo dormir de roupa”. (ABRRT, 2017)	Nessa construção, trabalha-se com um modelo cognitivo idealizado de “índio”, bastante ligado aos povos originários. A partir desse modelo, seleciona-se o aspecto da nudez na construção. O elemento <i>índio</i> , portanto, é tomado metonimicamente.
Síndrome de cirurgião	“Gente assim deve ter <i>'síndrome d cirurgião'</i> : quer meter a mão nas partes internas interiores dos recônditos + profundos da condição humana”. (MADUREIRA, 2017)	No contexto em questão, os falantes falavam da prática sexual <i>fist-fucking</i> , em que uma pessoa insere a mão ou o punho no ânus ou na vagina da outra. A prática é conceptualizada como uma cirurgia, e a pessoa praticante ativa (aquela que penetra a mão ou punho) é tomada metaforicamente como o cirurgião.
Síndrome de antibiótico	“Conversar com pessoas que tem <i>síndrome de antibiótico</i> te responde de 8 em 8 horas”. (TALIRA, 2017)	O antibiótico é aqui tomado metonimicamente, pelo fato de muitos remédios dessa especificidade serem usados de 8 em 8 horas.

Construções	Contextos	Comentários
Síndrome de Luciano Huck	<i>“Síndrome de Luciano Huck: Gabeira apaga fotos com os amigos do MBL”. (DIÁRIO DO CENTRO DO MUNDO, 2017)</i>	Outro antropônimo tomado metonimicamente, remetendo à situação em que o apresentador Luciano Huck apagou as suas fotos com o seu amigo, o senador Aécio Neves, após este ser denunciado em um escândalo de corrupção.
Complexo de Wendy	<i>“Se aquela fdp tivesse o <i>complexo de wendy</i> talvez soubesse o quão frustrante é querer ser responsável o tempo todo por tudo”. (RAFAELA, 2017)</i>	A construção remonta à personagem Wendy, da história de Peter Pan. É uma personagem que se preocupa excessivamente com o protagonista e com os demais. Por isso, o “complexo de Wendy” caracteriza um comportamento em que a pessoa assume a responsabilidade por tudo e por todos. Significado metonímico.

Fonte: elaborado pelo autor, com base em Simões Neto (2018, p. 3388-3389).

O Quadro 8 detalha as análises acerca das heranças metafórica e/ou metonímica nos compostos. Essa discussão, ainda pouco explorada nos estudos morfológicos, quando feita, volta-se para as palavras derivadas. O estudo de Simões Neto (2018), então, fornece um caminho possível de análise para o trabalho com os compostos.

O padrão [X_N de taubaté] $_N$

O padrão [[X] $_N$ de Taubaté] $_N$, estudado por Simões Neto (2019), se origina em 2012, quando se tornou conhecido o evento envolvendo a grávida de Taubaté. M.V.A.V., uma mulher de 25 anos na época, habitante da cidade de Taubaté, no interior do estado de São Paulo, ficou famosa

por uma suposta gravidez múltipla de quadrigêmeos, que teria acontecido naturalmente, sem nenhum recurso ou tratamento especial, como inseminação artificial. A gravidez foi divulgada nos principais veículos de comunicação brasileiros, mas começou a gerar suspeitas.

Depois de algumas investigações, confirmou-se a farsa, e M.V.A.V. virou motivo de deboche e alvo de memes em programas de humor e variados sites da internet. A repercussão da história se tornou tão grande, sobretudo na internet, que os falantes lançaram mão de uma série de criações que fazem referência a esse evento. Algumas dessas expressões podem ser vistas, a seguir, nas duas levadas de exemplos extraídos do trabalho de Simões Neto (2019).

- a. Hoje, o *solteiro de Taubaté* vai dormir agarradinho com o *travesteiro* com o cheiro da amiga (Twitter).
- b. Diz que é solteiro mas só se for *solteiro de Taubaté* (Twitter).
- c. Taylor não se mistura com a grossa falsa *ativista de Taubaté* aka Demi Lovato (Twitter).
- d. Parem de ser *ativistas de Taubaté* (Twitter).
- e. Eu só observo a *hetero de Taubaté* da minha faculdade que bebeu hoje e me implorou um beijo (Twitter).
- f. Amados, deixa eu te falar uma coisinha; se o homem ou mulher fica com pessoas do mesmo sexo, eles não são heteros incubados, eles são bissexuais. Vcs e esse tesão por *heteros de Taubaté* (Twitter).
- g. Até o Poncho que nem brasileiro é se posiciona contra Bozoro e a Anira LGBT de Taubaté nada (Twitter).
- h. A síndrome de vira lata é tão grande que quando artistas de fora fazem algo apoiando os LGBTs é hino e quando é brasileiro tão querendo biscoito e são *lgbt de Taubaté* (Twitter).
- [...]
- i. Essa é a época que uns *crente de Taubaté* vão pro retiro pra fazer coisa errada no retiro ao invés de fazer no carnaval? (Twitter)
- j. Aricia se faz de santa *crente de taubate* aquilo ali. (Twitter).

k. Bolsonaro defensor da família tradicional, conservador, mas assisti porno gay e compartilha com seus fãs. Tá de parabéns *conservador de Taubaté* #goldenshowerpresident (Twitter).

l. Ela só posta uma foto com uma amiga e os idiotas já vem com comentários homofobicos. A Silvia posta o que QUISER se ela for lésbica qual o problema? Ninguém tá pagando as contas dela. Joga essa gente no lixo bando de '*conservadores de Taubaté*' (Twitter).

m. Isso não é justiça. Isso é justiça seletiva. Se o problema realmente fosse impunidade, o próprio excelentíssimo *presidente de Taubaté* já estaria preso. Mas naoooo, a justiça só existe quando é alguém do PT, né???(Twitter).

n. Chamando o povo que luta pela educação de imbecis e burros. Nos poupe *presidente de Taubaté*. #todospelaeducacao. (Twitter).

o. No Brasil tem grávida de Taubaté, tem feminista de Taubaté, agora tem *facada de Taubaté*, e cirurgia de Taubaté (Twitter).

p. Bando de idiota falando q Bolsonaro levou a *facada de Taubaté*. Primeiramente. Nem td q vem de Taubaté é mentira tá!? ... Em segundo, agora todo mundo é CSI pra analisar as cenas da agressão... AAAAH Me poupem!!! Vão é se tratar, bando de alucinados esquerdotapas! (Twitter). (SIMÕES NETO, 2019, p. 280, grifo do autor)

No entendimento de Simões Neto (2019), $[[X]_N$ de Taubaté] $_N$ é inicialmente um sintagma nominal que marca relação de origem, localização ou proveniência, como, por exemplo, “o povo de Belo Horizonte”, “a comida de Curitiba” e “a cantora de Salvador”. A “grávida de Taubaté” é proveniente de Taubaté, uma cidadã taubateana. Assim, esse sintagma é totalmente composicional. A partir do momento em que a grávida é desmascarada, e a farsa se torna conhecida por todo o Brasil, o $[[X]_N$ de Taubaté] $_N$ passa a ser conceptualizado com base nesse evento, gerando novas formações. No entendimento de Simões Neto (2019), o [de Taubaté] se tornou um *chunk* cujo significado de

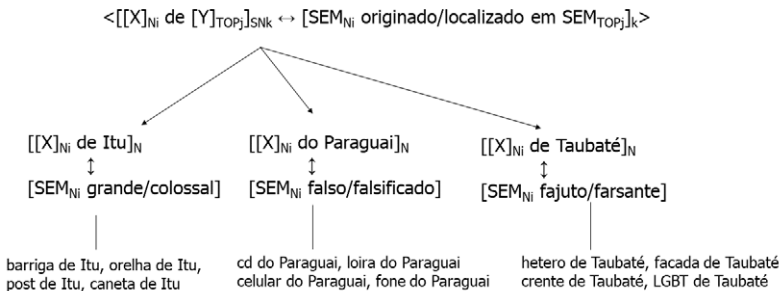
“falso” ou “fajuto” só se veicula com essa configuração, não podendo ser substituído por “taubateano”, por exemplo.

Simões Neto (2019) observa que, no português brasileiro, já foram vistas outras construções com caminhos parecidos. São os casos dos padrões $[[X]_{N'} \text{ de Itu}]_N$, para coisas muito grandes, e $[[X]_{N'} \text{ do Paraguai}]_N$, com significado de “falso”, porém mais aplicados a produtos. Alguns exemplos identificados pelo autor estão listados a seguir:

- q. Meu *celular do Paraguai* foi um MP9 tbm kkkk (Site Pandlr).
- r. Sempre achei ele ridículo dinheiro meu ele não tem nem com *cd do Paraguai* isso aí quero ver ele qnd tiver na lama igual muitos por aí é coisa feia o que fizeram com o amigo do Exaltasamba em caloteiro (Site R7, comentário de leitor).
- s. Comprei um Motorola e veio com um *fone do Paraguai* (Site Reclame Aqui).
- t. Você é uma loira oxigenada, de farmácia, *loira do Paraguai*, barbie, princesa das bombas, puta do Sasori, viada, desgraçada, maldita (Site Spirit Fanction). (SIMÕES NETO, 2019, p. 280, grifo do autor)

A fim de resumir a sua proposta de análise, Simões Neto (2019) apresenta um esquema que parte de um sintagma nominal aos compostos $[N_{prep}_N]$ instanciados pelos padrões construcionais $[[X]_{N'} \text{ de Itu}]_N$, $[[X]_{N'} \text{ do Paraguai}]_N$ e $[[X]_{N'} \text{ de Taubaté}]_N$. Veja-se a Figura 10.

Figura 10 – Os padrões $[[X]_{N'} \text{ de Itu}]_N$, $[[X]_{N'} \text{ do Paraguai}]_N$ e $[[X]_{N'} \text{ de Taubaté}]_N$,



Fonte: elaborada pelo autor, com base em Simões Neto (2019, p. 286).

A construção $[X_N - \text{Mor}]_N$ na história da língua portuguesa

O formativo “mor” origina-se do adjetivo “maior”. O seu desenvolvimento, como explicam Santos e Simões Neto (2020, p. 130), é “maior > maior > maor > moor > mor”. No português arcaico, período estudado por Santos (2009), é possível se detectar várias das etapas desse desenvolvimento, o que inclui a concorrência entre “mor” e “maior” (como em *altar-mor* e *altar mayor* ou *mordomo mayor* e *mordomo-mor*) e a realização do *moor* (*alcaide-moor* e *capela-moor*), forma que sofreu crase e se transformou em “mor”. Os exemplos do português arcaico analisados por Santos e Simões Neto (2020) estão expressos no Quadro 9.

Quadro 9 – Construções $[[X_N - [\text{Mor}]\text{A}]_N$ no português arcaico

alcaydaria-moor
 alcaide(s)-mor(es) ~ alcayde(s)-mor(es) ~ alcaide-moor ~ alcayde-moor ~
 alcaide mayor ~ alcayde mayor
 alferes-mor
 altar-mor ~ altar mayor
 beesteiro-mor
 camareira-mor
 capela-moor ~ capella-moor ~ capella mayor
 capelão-mor ~ capelão-moor ~ capelam-mor ~ capellam moor
 capitão-mor ~ capitão-moor ~ capitam-mor ~ capitam moor ~ capitã moor
 chanceler-mor ~ chanceler-moor ~ chancellor-moor ~ chançarel-mor
 comendador-mor ~ cōmendador-mor ~ comendador-moor
 contador mor ~ contador-mor ~ contador moor
 copeiro-moor
 coronista-moor
 missa maior ~ missa mayor
 mordomo-mor ~ mordomo-moor ~ moordomo mayor
 oficiaes-mores ~ oficiaes-moores ~ officiaes-mores
 porteiro(s)-mor(es) ~ porteiro-moor ~ porteyro(s)-mor(es)
 reposteiro-moor ~ rreposteiro-moor
 sororgiam-mor
 tesoureiro-moor ~ thesoureiro-moor

Fonte: Santos e Simões Neto (2020, p. 131).

Entre os pontos considerados relevantes por Santos e Simões Neto (2020, p. 132), acerca desse primeiro momento, estão: (a) “o formativo se adjungia sempre a bases substantivas para formar novos substantivos”; (b) “do ponto de vista semântico, o *mor* parece selecionar, preferencialmente, bases de significado agentivo-profissional”; (c) “a adjunção do formativo *mor* [...] não promove deslocamento de categoria semântica; [...] se a base for um agentivo a forma complexa $[[X]_N - [mor]_A]_N$ também será [...]. Isso aproxima o *mor* de sufixos avaliativos, como *-inho*, *-ão*, *-íssimo* e *-érrimo*”; (d) a variação entre “*mor*”, “*moor*” e “*maior*” permite entender a trajetória fonética de “*maior*” até “*mor*”; (e) “os exemplos *alcaide(s)-mor(es)*, *oficiaes-mores* e *porteiro(s)-mor(es)* sugerem que havia a concordância sistemática entre o substantivo e o adjetivo *mor*”. O esquema construcional de $[X_N - mor]_N$ no português arcaico é proposto pelos autores da seguinte maneira:

$$\langle [[X]_{N_i} - [mor]_{A_{N_j}}]_{N_i} \leftrightarrow [O \text{ MAIS IMPORTANTE da categoria SEM}_{N_i}]_{N_j} \rangle. \text{ (SANTOS; SIMÕES NETO, 2020, p. 132)}$$

Depois do português arcaico, os autores fazem ligeiros comentários sobre o uso do *mor* em obras lexicográficas dos séculos XVI, XVII e XIX. Por último, investigam o comportamento dos compostos com “*mor*” nos séculos XX e XXI, a partir de duas bases de dados:

A primeira fonte foi a Linguateca, mais precisamente os corpora CETENFolha e o CETEMPúblico, que disponibilizam, respectivamente, cerca de 24 milhões de palavras do português brasileiro e 180 milhões do português europeu, oriundas de edições do século XX dos jornais Folha de São Paulo e Público. A segunda fonte foi o Twitter, que nos forneceu dados com *mor*, *mores*, *maior* e *maiores*, a partir da utilização da ferramenta de busca dessa rede. (SANTOS; SIMÕES NETO, 2020, p. 133, grifo do autor)

Com os dados coletados nessas fontes, Santos e Simões Neto (2020) observaram não só questões semânticas e morfológicas atinentes ao esquema construcional $[X_N\text{-mor}]_N$, como também morfosintáticas, mais especificamente a concordância entre os substantivos e o adjetivo envolvidos na construção. Em relação ao aspecto semântico do esquema, os autores notam uma importante diferença entre os usos do português arcaico e o português dos séculos XX e XXI:

Se, no português arcaico, os principais grupos semânticos das palavras às quais o *mor* se adjungia eram agentes profissionais e locativos, no português brasileiro do século XX, vê-se uma proeminência de agentes caracterizados com base em qualidades, atributos e hábitos, como *pessimista-mor*, *serelepe-mor*, *supersticioso-mor*, *enganadores-mor*; *cinico-mor*, *vilão-mor*, *explorador-mor* e *folião-mor*. Na literatura morfológica, esses agentes são chamados de habituais. Outro grupo proeminente foi o de bases abstratas que designam sentimentos, eventos e ações, como em *fetiche-mor*, *jargão-mor*, *virtuose-mor*, *objetivo-mor*, *sentido-mor*, *pecado-mor*, *gaffe-mor*, *boato-mor*, *asunto-mor* e *disparate-mor*. (SANTOS; SIMÕES NETO, 2020, p. 134, grifo do autor)

Tendo em vista esses usos, Santos e Simões Neto (2020) sugerem uma nova esquematização:

$$\langle [X]_{N_i} - [mor]_{A \rightarrow N_j} \leftrightarrow [O \text{ MAIOR/O MAIS PROEMINENTE DE SEM}_{N_i}]_{N_j} \rangle. \text{(SANTOS; SIMÕES NETO, 2020, p. 134)}$$

O aspecto da concordância é observado por Santos e Simões Neto (2020). Como se vê no Quadro 10, a seguir, feito a partir de dados extraídos de jornais renomados disponíveis no acervo da Linguatca, há uma predominância da não concordância entre nome e adjetivo. A expectativa de que, em contextos mais formais, a concordância seja predominante, não se confirma.

Nos dados do século XXI, extraídos do Twitter, a não concordância é categórica, não aparecendo, entre os dados coletados, qualquer

realização de composto com concordância de número entre as bases. Isso pode ser observado no Quadro 11, extraído de Santos e Simões Neto (2020).

Quadro 10 – Plural nas construções $[[X]_N\text{-Mor}]_N$ do século XX

$[N_{pl} + \text{mores}_{pl}]$	$[N_{pl} + \text{mor}_{sg}]$
capelas-mores correios-mores monteiros-mores retábulos-mores sargentos-mores	capitães-mor correios-mor enganadores-mor mecenas-mor peregrinos-mor perseguidores-mor responsáveis-mor sacerdotes-mor sargentos-mor

Fonte: Santos e Simões Neto (2020, p. 134).

Quadro 11 – Plural nas construções $[[X]_N\text{-Mor}]_N$ do século XXI

Forma $[[X]_N\text{-mor}]_{Nsg}$	$[N_{pl} + \text{mores}_{pl}]$	$[N_{pl} + \text{mor}_{sg}]$
breguice-mor	sem ocorrência	breguices-mor
defensora-mor	sem ocorrência	defensoras-mor
diva-mor	sem ocorrência	divas-mor
falsiane-mor	sem ocorrência	falsianes-mor
ídola-mor	sem ocorrência	íдолas-mor
ladrão-mor	sem ocorrência	ladrões-mor
palhaço-mor	sem ocorrência	palhaços-mor

Forma $[[X]_N\text{-mor}]_{\text{Nsg}}$	$[N_{\text{pl}} + \text{mores}_{\text{pl}}]$	$[N_{\text{pl}} + \text{mor}_{\text{sg}}]$
pegação-mor	sem ocorrência	sem ocorrência
presidenta-mor	sem ocorrência	sem ocorrência
presidente-mor	sem ocorrência	presidentes-mor
puteiro-mor	sem ocorrência	sem ocorrência
sapatão-mor	sem ocorrência	sapatões-mor
viado-mor	sem ocorrência	viados-mor

Fonte: Santos e Simões Neto (2020, p. 135).

Santos e Simões Neto (2020) abordam ainda as realizações correlatas com “maior”, como “ladrão maior” e “palhaço maior”, e observam que o padrão $[X_N\text{-maior}]_N$ é mais susceptível à concordância. Isso certamente se deve ao fato de “maior” ser um adjetivo de amplo uso no português. Definir o estatuto morfológico de “mor” é uma tarefa que demanda mais investigações, mas, ao que tudo indica, não se trata de um adjetivo pleno, ao mesmo tempo que não parece ser um sufixo.

Em linhas gerais, o trabalho com os compostos sintagmáticos não se diferencia, em termos de abordagem, com o que se vê com os morfosintáticos. A novidade que se viu aqui foi a possibilidade de se discutir, a partir de um composto $[NA]_N$, questões ligadas à morfossintaxe do português e ao estatuto morfológico dos elementos compositivos.

PALAVRAS FINAIS

Este texto teve a intenção de apresentar um panorama do que já foi feito sobre a composição em língua portuguesa na perspectiva da MC, salientando os principais debates, e como tal arcabouço pode oferecer soluções elegantes e interessantes, para que sejam discutidos aspectos

fonológicos, morfológicos, morfossintáticos e semânticos atinentes aos diferentes esquemas compositivos. Espera-se que tal intenção tenha se cumprido com este texto, e que esse empreendimento motive novas investigações de compostos nesse enquadramento teórico.

REFERÊNCIAS

ARONOFF, M. *Word formation in generative grammar*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology Press, 1976.

BASILIO, M. *Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1980.

BASILIO, M. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.

BAUER, L. *English word-formation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

AS BESTAGENS que nos ensinaram a ser espertos. *Diário da Manhã*, [s. l.], 16 mar. 2017. Disponível em: <https://www.dm.jor.br/opiniaio/2017/03/as-besta-gens-que-nos-ensinaram-ser-espertos/>. Acesso em: 17 out. 2020.

B00IJ, G. E. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

B00IJ, G. E. Inheritance and motivation in Construction Morphology. In: GISBORNE, N.; HIPPISEY, A. (ed.). *Defaults in morphological theory*. Oxford: Oxford University Press, 2017, p. 18-39.

BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FARIA, A. L. Formação de compostos nominais de base livre do PB. In: ALMEIDA, M. L. L. et al. (org.). *Linguística cognitiva em foco: morfologia e semântica do português*. Rio de Janeiro: Publit, 2009. p. 205-218.

GAZETA NEWS. Miramar oferece auxílio para aluguel e contas utilitárias a partir de sexta. 2020. Disponível em: <https://www.gazetanews.com/miramar-oferece-auxilio-para-aluguel-e-contas-utilitarias-a-partir-de-sexta/index.html>. Acesso em: 17 de out. 2020.

GOMES, F. O cantor e compositor Pedro Luís se reinventa no palco on-line. Estado de Minas, Belo Horizonte, 30 ago. 2020. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2020/08/30/interna_cultura,1180868/o-cantor-e-compositor-pedro-luis-se-reinventa-no-palco-on-line.shtml. Acesso em: 17 out. 2020.

GONÇALVES, C. A. *Morfologia construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016.

GONÇALVES, C. A.; OLIVEIRA, P. A. Morfologia construcional aplicada à recomposição. In: GONÇALVES, C. A. *Morfologia construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 71-81.

GONÇALVES, C. A.; PIRES, J. A. de O. Uma abordagem construcional para as formações X-dromo do português brasileiro. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 106-126, jan. 2016.

GONÇALVES, C. A.; VIALLI, L. A. D. Abordagem construcional da reduplicação verbal em português. *Acta Semiotica et Lingvistica*, João Pessoa, v. 22, p. 115-138, 2017.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss eletrônico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LAROCA, M. N. de C. *Manual de morfologia do português*. 4. ed. Campinas: Pontes; Juiz de Fora: EdUFJF, 2005.

PÓVOA, L. As bestagens que nos ensinaram a ser espertos. *Diário da Manhã*. Góias, 16 mar. 2017. Disponível em: <https://www.dm.com.br/opiniao/2017/03/as-bestagens-que-nos-ensinaram-ser-espertos/>. Acesso em: 17 out. 2020.

PREFEITURA de Salvador inicia cadastramento de auxílio aluguel. *G1 BAHIA*, Salvador, 25 nov. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/bahia/noticia/2013/11/prefeitura-de-salvador-inicia-recadastramento-de-auxilio-aluguel.html>. Acesso em: 17 out. 2020.

RIBEIRO, S.; RIO-TORTO, G. Composição. In: RIO-TORTO, G. et al. (Eds.). *Gramática derivacional do português*. 2. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016. p. 385-431.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 48. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

SANDMANN, A. J. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor; São Paulo: Ícone, 1988.

SANDMANN, A. J. *Morfologia geral*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1997a.

SANDMANN, A. J. *Morfologia lexical*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997b.

SANTOS, A. V. dos. Compostos $[VN]_N$ no Vocabulário português, e latino de Bluteau (séc. XVIII). *Todas as Letras*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 1-17, jan./abr. 2020.

SANTOS, A. V. dos. Compostos sintagmáticos nominais VN, NN, NA, AN e NprepN no português arcaico (sécs. XIII-XVI). 2009. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/11221/1/Tese_Antonia%20dos%20Santos%20v1.pdf. Acesso em: 17 out. 2020.

SANTOS, A. V.; SIMÕES NETO, N. A. O esquema construcional $[[X]-[mor]]_N$ na história da língua portuguesa. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 18, p. 125-140, 2020.

SIMÕES NETO, N. A. Compostos com síndrome e complexo no português brasileiro: uma abordagem construcional. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 3373-3394, 2018.

SIMÕES NETO, N. A. Morfologia Construcional e alguns desafios para a análise de dados históricos da língua portuguesa. *Domínios de lingu@agem*, Uberlândia, v. 11, n. 3, p. 468-501, 2017.

SIMÕES NETO, N. A. O padrão $[[X]_N$ de Taubaté] no português brasileiro: um estudo sobre compostos sintagmáticos em perspectiva construcional. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 265-290, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/24366/17779>. Acesso em: 17 out. 2020.

SIMÕES NETO, N. A.; SANTOS, A. V. dos. A categoria semântica de agente humano em compostos $[VN]_N$ do português: uma leitura orientada pela morfologia construcional. In: FIGUEIREDO, C. et al. (org.). *Língua em movimento: história e funcionamento das línguas naturais*. Salvador: Edufba, 2020, p. 313-330.

SOLEDADE, J. Por uma abordagem cognitiva da morfologia construcional. In: ALMEIDA, A. A. D.; SANTOS, E. S. dos (org.). *Linguística Cognitiva: redes do conhecimento d'aquém e d'além mar*. Salvador: Edufba, 2018, p. 345-378.

TARABORELLI, A. Trump morde e assopra, e bolsas tentam subir. In: CAPITALIST. Goiânia: [s. n.], 2020. Disponível em: <https://capitalist.com.br/trump-morde-e-assobra-e-bolsas-tentam-subir/>. Acesso em: 17 out. 2020.

TAVARES DA SILVA, J. C. A abordagem construcional nos estudos da morfologia do português: o modelo booiijano em terras brasílicas. *Macabéa*: Revista Eletrônica do Netlli, Crato, v. 8, n. 2, p. 109-135, jul./dez. 2019.

TORRES, T. Banho quente ou frio: quais os benefícios de cada um? In: Carrefour. Cajamar: [s. n.], 2020. Disponível em: <https://www.carrefour.com.br/blog/dica-amiga/post/banho-quente-ou-frio-quais-os-beneficios-de-cada-um>. Acesso em: 17 out. 2020.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Change*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TUNECORE; GREY, U. The Perks of living in L.A. as a singer-songwriter. In: Tunecore. [S. l.], 3 Jan. 2017. Disponível em: <https://www.tunecore.com/pt/blog/2017/01/perks-living-l-singer-songwriter.html>. Acesso em: 17 out. 2020.

ZECA Baleiro lança novo CD; ouça a faixa “Era domingo”. *Cidadeverde.com*. [S. l.], 31 maio 2016. Disponível em: <https://cidadeverde.com/noticias/221022/zeca-baleiro-lanca-novo-cd-ouca-a-faixa-era-domingo>. Acesso em: 21 ago. 2022.

Capítulo 7

DAS CAIPIVODCAS ÀS CAIPITOURS

um estudo sobre o *splinter caipi-* à luz da Morfologia Construcional

*Carlos Alexandre Gonçalves
e Marcelo Rodrigues Affonso Júnior*

PALAVRAS INICIAIS

O presente capítulo tem o objetivo de analisar a consolidação do formativo caipi- como *splinter* produtivo no português brasileiro contemporâneo. Para tanto, passamos, em primeiro lugar, por uma revisão do que a literatura recente em morfologia interpreta e classifica como *splinter*. Depois de revisitar alguns autores que abordam a unidade morfológica em questão, pretendemos descrever a partícula caipi-, trazendo, antes, um breve registro de sua etimologia. Na sequência, justificamos que essa unidade constitui herança por subparte (GOLDBERG, 1995) da matriz lexical “caipirinha”, compactando, na forma, o significado da base. Logo após, observando os usos de caipi-, propomos o esquema relevante e o tipo de

relação com suas instâncias específicas, bem ao estilo da Morfologia Construcional (MC). (BOOIJ, 2005, 2010)

O texto intenta apontar as particularidades das combinações com o formativo em questão, pois os produtos podem remeter a um ingrediente diferente do usual, seja a bebida alcoólica (“caipi-saquê”, “caipi-vodka”), seja a fruta (“caipi-morango”, “caipi-kiwi”),¹ o que ativa um *frame* diferente do de “caipirinha”, cujos ingredientes são, originalmente, cachaça, açúcar e limão. Além disso, podem evocar uma cena de que da bebida faz parte, como em “caipi-tour”, *drink* geralmente servido nos passeios (*tours*) de barco pela Região dos Lagos, no estado do Rio de Janeiro (por exemplo, em Búzios e Arraial do Cabo). Para concluir, observamos que, na análise de caipi-X, é fundamental a noção de ajuste focal (LANGACKER, 1987), o que, no nosso entendimento, constitui mais uma noção da Linguística Cognitiva (LC) que pode ser explorada pela MC no polo semântico das formações lexicais.

Os dados aqui apresentados foram cooptados a partir de duas redes sociais: o Twitter e o Facebook. Também foram rastreados de notícias publicadas em formato digital em *blogs*. Ao todo, contamos com 32 dados, sendo 24 retirados do Twitter, seis trazidos do Facebook e outros dois de manchetes de notícias ou *blogs* (de que trataremos por “retirados de *blogs*” apenas para fins de simplificação da referência).

Para recolher os dados nas redes sociais Twitter e Facebook, digitamos, na barra de buscas, o *splinter* caipi-. A partir daí, o trabalho consistiu em recrutar cada ocorrência que se mostrasse compatível com o formato aqui investigado, isto é, que apresentasse a partícula caipi-, em sua construção, acrescida de outro elemento. Ao digitar, por exemplo, “caipi” na barra de buscas do Twitter, se nos deparamos com um dado como “caipi-uva”, coletamos essa forma, tirando uma captura de tela da postagem e guardamos o *link* através do qual poderíamos

1 Os hífens, aqui, representam fronteira morfológica, independentemente de as palavras serem atualmente escritas sem esse sinal gráfico. Fazemos isso não apenas com caipi-, mas com outras formações que eventualmente aparecem no texto.

posteriormente acessá-lo. Quanto aos dados retirados de *blogs*, explicitamos ter havido recolha randômica para agregar tais ocorrências, ou seja, os dois dados retirados dessas fontes foram encontrados enquanto líamos determinada matéria ou notícia. Foram, então, recrutados por atenderem às demandas da construção em análise.

SOBRE A NATUREZA DOS *SPLINTERS*

A fim de propor uma definição das unidades morfológicas denominadas *splinters*, esta parte do trabalho é dedicada à revisão do que os autores entendem como membro de tal categoria. Justamente porque há, entre os linguistas, alguma divergência na classificação dos processos de formação de palavras envolvendo essas partículas (TOMASZEWICZ, 2008), pretendemos dar o devido enfoque às propostas que concebem os *splinters* como unidades com estatuto próprio nas línguas naturais, não considerando instanciações como “caipi-fruta” ou “caipi-lima” como cruzamentos de cruzamentos, mas como criações em série da forma inicial, já morfologizada,² caipi-

De Berman (1961) a Adams (1973), o termo *splinter* foi inicialmente atribuído a partes arbitrárias, sobretudo de cruzamentos vocabulares, como “brasi-guaio”, com um *splinter* final e um inicial, embora truncamentos não morfêmicos³ também pudessem receber esse rótulo (FANDRICH, 2008), a exemplo dos nossos “refri” (de “refrigerante”) e “biju” (de “bijuteria”).

Gonçalves (2013, p. 141) nos mostra que até a década de 1990, “[...] a maior parte da literatura sobre os *blends* apresenta uma concepção linear das representações morfológicas e, por isso mesmo, interpreta

2 Definimos morfologização como o processo pelo qual estruturas linguísticas, antes pertencentes a outro domínio da gramática, neste caso o léxico, tornam-se parte do sistema morfológico da língua. (JOSEPH, 2003, p. 472)

3 Encurtamentos efetuados sobre sequências fônicas que não correspondem a unidades da Morfologia, como prefixos e radicais presos.

construções como ‘chafé’ como constituídas da combinação da palavra ‘chá’ com a parte final da palavra ‘café’”. Da mesma maneira, “boilarina” é vista como composta da base “boi” seguida de -larina, uma parte não morfêmica da palavra “bailarina”, como descreve Sandmann (1989).⁴ A esse respeito, vale a pena destacar, em (01), a seguir, alguns excertos reunidos em Gonçalves (2013, p. 141) sobre essa concepção aglutinativa dos cruzamentos na literatura fora da esfera não concatenativa:

(01) “Às palavras que contêm splinters chamarei de blends”.
(ADAMS, 1973, p. 142)

“Blends combinam dois splinters ou um splinter e uma palavra”.
(ALGEO, 1991, p. 56)

Essa situação não modificou muito até o final do século passado, época em que os processos não concatenativos começaram a ganhar destaque nas abordagens em *Prosodic Morphology* (MCCARTHY; PRINCE, 1986) e na Teoria da Otimalidade (TO), mais especificamente na chamada Teoria da Correspondência (MCCARTHY; PRINCE, 1995), extensão necessária da TO para o tratamento de fenômenos de interface morfologia-fonologia. No entanto, sem medo de errar, podemos atribuir a Laurie Bauer, eminente morfólogo neozelandês, a concepção que hoje se tem dos *splinters*. Num texto de 1999, ao analisar as restrições à produtividade lexical dos sufixos em inglês, ele já emprega o tempo com esse sentido (BAUER, 1988) e retoma no trabalho de 1998. No seu *Glossary of morphology*, oferece a definição hoje clássica, pois, ao assumir o mecanismo de reanálise – reestruturação da palavra devido a mecanismos de várias naturezas –, mostra que é a

4 Com todos os méritos possíveis, esse autor foi o primeiro, no Brasil, a chamar atenção para o fenômeno do cruzamento vocabular, dedicando a ele bom espaço em seu clássico *Morfologia derivacional* (1989), mas também no resultado de sua tese, publicado em 1985. (SANDMANN, 1989)

recorrência que faz de partes de cruzamentos e truncamentos “morfemas de direito”. (BAUER, 2004, p. 77)

No texto de 2005, volta a enfatizar que “por splinter entendo um fragmento de palavra usado *repetidamente* na formação de novas palavras”. (BAUER, 2005, p. 105, grifo nosso) Vários autores seguem a orientação de Bauer e empregam o termo com o mesmo valor. Dentre eles, destacamos Booij (2005), Chung (2009) e Fandrich (2008). O próprio Bauer ganha um capítulo no conceituadíssimo periódico *Encyclopedia of Language and Linguistics* para descrever exclusivamente essa unidade. Volta a se posicionar sobre tal constituinte morfológico usando os seguintes termos:

Um splinter é uma parte de uma palavra que, devido a alguma reanálise da estrutura da palavra original, é interpretada como significativa e, posteriormente, usada na criação de novas palavras. O *búrguer* em *cheese-búrguer*, o *-aholic* em *spendaholic*, os *-(n)omics* em *Reaga-nomics* e até mesmo o *-x* final em *Kleenex* podem ser vistos como splinters. (BAUER, 2007, p. 77, grifos do autor)

Como a ciência não se faz de crenças, alguns autores não concordaram com Bauer e seus discípulos e procuraram demonstrar que *splinter* não constitui um primitivo morfológico, sendo tão somente encontrado em cruzamentos de cruzamentos. (TOMAZEWICZ, 2008) Embora a autora consiga comprovar a tese para os dados do inglês que analisou, Gonçalves, Carvalho e Andrade (2016) se valem da mesma base teórica – a TO – e chegam a um resultado totalmente contrário ao de Tomazewicz (2008): a hierarquia de restrições válida para cruzamentos (ANDRADE, 2008; GONÇALVES, 2003) não consegue acolher formações com os *splinters* piri- (“piri-prima”, “piri-crente”) e -guete (“vovó-guete”, “coro-guete”). Concluem os autores que, pelo menos em português, deve ser mantida a diferença entre cruzamentos vocabulares e formações com *splinters*, pois as primeiras são criações mais isoladas, ao contrário das últimas, que apresentam uma unidade

recorrente numa das margens da palavra. Fora da esfera da TO, muitos autores também defendem a existência de *splinters*.

De acordo com Bauer, Lieber e Plag (2013, p. 519), *splinters* pertencem à morfologia paradigmática, em que são usados para formar novas palavras que têm algum tipo de ressonância ou semelhança com outras palavras no léxico. Como lembra Mattiello (2016), esses autores definem *splinters* como “porções originalmente (principalmente) não morfêmicas de uma palavra que foram separadas e usadas na formação de novas palavras com um novo significado específico”. (BAUER; LIEBER; PLAG, 2013, p. 525) Segundo Mattiello (2017), o processo que ocorre nesse tipo de formação de palavras é uma “substituição paradigmática”. Em outras palavras, “Monicagate originou-se da substituição de um primeiro nome na proporção analógica Billy (Carter): Billygate = Monica (Lewinsky): X (X = Monicagate)”. (MATTIELO, 2017, p. 10) Como esses autores, assumimos que a analogia não é um fenômeno estritamente local, mas pode dar origem a séries produtivas e, quando pedaços de palavras se tornam recorrentes na criação de novas palavras, não há nada que possa retirar deles o estatuto de morfema.

Na próxima seção, abordamos a forma “caipirinha” desde sua entrada na língua, analisando sua estrutura interna e seus significados. Na sequência, passamos à análise construcional das formas complexas com caipi- na primeira posição.

CAIPIRINHA É CAIPIRA NO DIMINUTIVO?

Para tentarmos compreender a extração de caipi- da formação original, voltar-nos-emos à investigação da origem de tal formação, “caipirinha”. Recorrendo a dicionários etimológicos – como o *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, de A. G. Cunha, 2010 –, podemos encontrar explicações interessantes para o surgimento dessa construção morfológica com sufixo de grau diminutivo. Além das obras de natureza etimológica, foram consultadas fontes populares para rastreamos a possível origem do termo. Uma delas, a Bebida Express

(CONHEÇA..., 2013), afirma que o *drink* foi uma encomenda de fazendeiros do interior do estado de São Paulo para substituir as bebidas ordinariamente consumidas. O mesmo *site* sugere, ainda, que a bebida surgiu de uma combinação antes utilizada como remédio para tratar a gripe espanhola (na receita, estariam os ingredientes limão, mel e alho). A introdução da cachaça deu-se justamente por conta de um hábito da época: era bastante comum colocar um pouquinho de álcool em todo remédio caseiro, a fim de acelerar o efeito terapêutico. (BEAUREPAIRE-ROHAN, 1889, p. 120) A partir daí, acredita-se na popularização do que antes era bebida medicinal em bebida comum.

No *Dicionário de vocábulos brasileiros*, publicado pelo Visconde de Beaurepaire-Rohan em 1889, “caipira” “era o termo paulista que designava ‘habitante do campo’ e mesmo a origem desta palavra [...] sendo obscura [...] aparentemente originou-se do Tupi de ‘caipora’ ou ‘curupira’”. (BEAUREPAIRE-ROHAN, 1889, p. 123) Hoje, os chamados “caipiras”, isentando-nos de qualquer acepção preconceituosa que essa forma linguística possa apresentar, concentram-se numa área geográfica que compreende o sul de Minas Gerais, o interior de São Paulo, o sul de Goiás e o norte do Paraná. (CAIPIRA, [2020] Outra hipótese para a origem da bebida, também levantada pelo Bebida Express, é o nome “caipirinha” estar relacionado com os consumidores. Se provavelmente eram pessoas do interior que consumiam a bebida, podemos assumir, segundo a fonte em questão, que a “caipirinha” era sua bebida, a dos chamados “caipiras”.

A formação com o diminutivo feminino é particularidade de -inho, em detrimento de -zinho, que preserva a vogal temática da base, embora tanto base como produtos sejam formas sem gênero inerente (ou comuns de dois, na tradição gramatical). Considerando o complexo morfológico “caipirinha”, resultado da adjunção do sufixo diminutivo ao nome “caipira”, “caipir+inha”, em que a base é caipir-, percebe-se de imediato a modificação no sentido original, já que essa formação destoa do significado dos demais itens lexicais com caipir-, ainda que possa ser utilizada expressivamente, ainda hoje, em relação aos mora-

dores do interior. Em todos os casos, a função primordial é a atitudinal, nos termos de Gonçalves (2003), uma vez que há um claro juízo de valor por parte do emissor:

(02)	capir+ão	“muito caipira”
	capir+ada	“grupo de caipiras”
	capir+ice	“qualidade de quem age como caipira”
	capir+íssimo	“caipira ao extremo”

Considerando o nome da bebida, há um claro caso de lexicalização da palavra original, muito embora Basilio (2004) admita que os afixos de grau também tenham função de rotulação/nomeação. Ela, no entanto, se refere a casos como “tesourinha” e “docinho”, para diminutivos, e “calçadão” e “empadão”, para aumentativos, em que a relação com a base é bem mais óbvia. De acordo com Gonçalves (2011, p. 41), na lexicalização semântica, complexos morfológicos deixam de ser “[...] interpretados pela soma dos significados de suas partes, uma vez que o acréscimo de um afixo pode levar a opacificações de sentido e em proveito da nomeação/rotulação”.

“Caipirinha” deixa de designar “[p]essoa que nasceu ou mora na roça ou em ambientes rurais e que comumente trabalha em serviços de lavoura de subsistência no Sudeste ou Centro-Oeste brasileiros, em especial no interior de São Paulo [...]” (CAIPIRA, 2016), para ser usada em referência a uma “[b]ebida muito popular em todo o Brasil, feita com rodela de limão galego com casca, maceradas, misturadas ou batidas com aguardente de cana, açúcar e gelo” (CAIPIRINHA, 2016), ou, ainda, a “qualquer outra bebida preparada de modo semelhante, substituindo-se o limão por outra fruta, como maracujá, pêssego, laranja etc., e a aguardente por rum, saquê ou vodca”. (CAIPIRINHA, 2016)

A partir do momento em que constatamos que a formação, antes sufixada, passou por mudança de sentido, confirmamos o processo de lexicalização. Desse modo, “caipirinha” se desvencilha de “caipira”,

assumindo um significado mais holístico, não composicional, cuja interpretação não necessariamente perpassa pela base. A metonímia é certamente a habilidade cognitiva ora em jogo, pois o nativo passa a designar o usuário/consumidor para, posteriormente, nomear o objeto consumido, como na Figura 1, a seguir:

Figura 1 – A metonímia nas extensões semânticas de “caipirinha”

Natural ou morador de ambientes rurais ROCEIRO	▼→	Aquele que bebe cachaça mistura com limão CONSUMIDOR	▼→	Bebida feita de limão com cachaça DRINK
---	----	---	----	--

Fonte: elaborada pelos autores.

Depois desse processo, a bebida se popularizou no Brasil, sendo um dos coquetéis mais consumidos no país. Caiu tanto no gosto popular que ganhou projeção no mundo, como mostra a matéria a seguir, do jornal *Globo Rural*, cujo título é “Brasil, o país da caipirinha”. Na matéria, ressalta-se que, em 2003, a caipirinha completou 100 anos e só então foi reconhecida como patrimônio brasileiro:

Quadro 1 – País da caipirinha, Brasil exportou mais limão e cachaça em 2017

País da caipirinha, Brasil exportou mais limão e cachaça em 2017

Bebida que segundo historiadores completa 100 anos este ano só foi reconhecida como patrimônio brasileiro em 2003

[...] O volume de limão exportado pelo Brasil cresceu 30% em 2017 em relação a 2016. A grande maioria vai para a União Europeia. Das 9,7 mil toneladas exportadas pelo Brasil no ano passado, cerca de 8,8 mil toneladas, ou 90%, foram para países europeus. Somente para o continente europeu, a exportação aumentou 39% em 2017 em relação a 2016. O faturamento total das vendas externas brasileiras com a fruta foi de cerca de US\$ 7 milhões.

A exportação de cachaça também tem aumentado. Foram 8,961 milhões de litros em 2017. O faturamento de US\$ 15,8 milhões representa um aumento de 13% em relação ano anterior. A Alemanha foi o principal mercado, com cerca de 1,8 milhão de litros (20% do total). Os dados são da Secretaria de Comércio Exterior (Secex).

Fonte: (PAÍS..., 2018).

Nessa mesma matéria, cogita-se a hipótese de a caipirinha ter surgido em Piracicaba. As histórias que explicam a origem do *drink*, porém, variam bastante, como vimos: desde remédio a consumidores interioranos desse composto à base de aguardente e limão. O consumo de cachaça é tão comum no interior que nomeia uma tradicional marca de aguardente: “caninha caipirense”.

Outra explicação, desta feita mais glamorosa, sugere que os fazendeiros da região de Piracicaba (SIMÕES, 2002)

[...] buscavam um drinque para suas festas e eventos que pudesse representar a cultura canavieira do local. Segundo essa versão, a caipirinha era vista, na época, como uma bebida de boa qualidade que tinha potencial para substituir os uísques e vinhos importados.

Em resumo, qualquer que seja a origem do termo, tem-se uma metonímia atuando na formação diminutiva, pois a palavra original, “caipirinha”, não foi primeiramente usada em referência à bebida. Passemos, a seguir, a focalizar as novas criações lexicais a partir do nome da bebida.

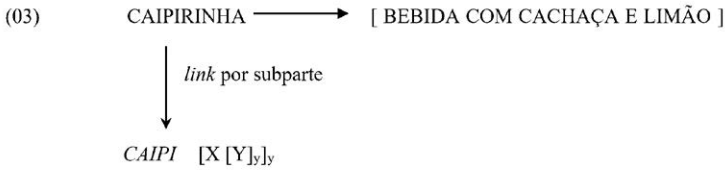
NOVOS USOS ASSOCIADOS À “CAIPIRINHA”

Formações complexas menos interessantes para nós são aquelas que se valem da base caipir- como um todo, a exemplo de “caipiríssima”, em princípio um superlativo. Também chamada de “rumpirão” (CAIPIRISSIMA, 2020), “caipiríssima” é um coquetel variante da tradicional caipirinha feita com rum em vez de cachaça. Talvez essa tenha sido uma das primeiras modificações nos ingredientes desse “drink made in Brazil”.

Novas formações surgiram em função da combinação da típica caipirinha com outras frutas, em variação face ao limão, ingrediente típico do *drink*. A partir daí, podem ter sido criadas construções com caipi-, parte da raiz original caipir-. Aberta essa possibilidade, com o

não aproveitamento do rótico, [r] cunham-se bebidas semelhantes à tradicional “caipirinha”, mas com um ou outro ingrediente diferente.

Do ponto de vista construcional, temos uma construção por subparte, representada conforme em (03), a seguir:



Caipi- é, literalmente, uma porção (não morfêmica) da palavra “caipirinha” e herda da construção-mãe não apenas o significado, como, também, sua representação fonológica, compactando a forma original. De acordo com Gonçalves e Almeida (2014, p. 178, grifo nosso), em morfologia, uma herança por subparte

ocorre quando uma construção é parte constituinte de outra, como em ‘homo’, ressemantizada a partir de ‘homossexual’, passando essa informação em ‘homofobia’ e ‘homoafetivo’, diferente do significado do nó mais alto – *igual, o mesmo*.

Essa compactação permite aos falantes reconhecer, sem dificuldade, a construção caipi-X como ativadora de algum um *frame* relacionado à típica bebida brasileira, pois preserva uma porção prosódica bastante saliente do ponto de vista da percepção linguística (BECKMANN, 1998): a borda esquerda da palavra. Ao não preservar o rótico, marca-se a diferença entre a unidade recém-criada e o radical de “caipira”, já bastante dissociado do nome da bebida. Desse modo, caipi- se conforma à estrutura morfoprosódica dos demais *splinters* do português brasileiro: um troqueu silábico, como se vê em (04), representação na qual o asterisco marca a sílaba dominante e o ponto, a dominada. Os exemplos a seguir confirmam que os *splinters*

são maciçamente dissílabos paroxítonos (ANDRADE, 2013), quer se posicionem à esquerda (04a), quer à direita (04b):

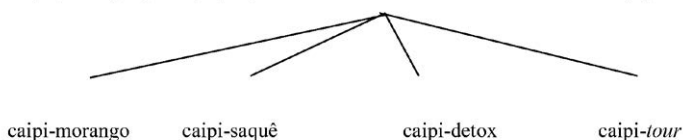
(04)	a.	(* .)	b.	(* .)
		choco-		-drasta
		info-		-nejo
		euro-		-nese
		piri-		-guete

Resumindo, a trajetória de morfologização de caipi- passou pelos seguintes estágios: (a) reanálise de uma parte não morfêmica da palavra original lexicalizada por metonímia; (b) atribuição de significado a essa parte via herança por subparte; (c) recorrência na criação de novas palavras (o que implica produtividade). A formação em série é característica dos afixos, embora haja padrões de composição tão bem estabelecidos como os da derivação. (BOOIJ, 2007; SIMÕES NETO, 2019) Em primeiro lugar, julgamos mais prudente inserir as formações caipi-X no esquema da prefixação (BOOIJ, 2005), como fizemos em (03). Tal escolha se deveu ao fato de, aproveitando as palavras da *Concise Encyclopedia of Semantics* (2009), extraídas de Nordquist (2020), *splinters* serem “[...] formalmente idênticos a truncamentos, mas os truncamentos funcionam como palavras inteiras, enquanto os splinters não”. (NORDQUIST, 2020, p. 1) Dito de outra maneira, caipi- não constitui forma livre, pois não é pronunciado em isolamento. No entanto, ao instanciar novas unidades, a formação caipi- não se ajusta muito bem ao esquema da prefixação, pois, nesse caso, Y tem de ser categorialmente etiquetado, mas nem sempre responde pela classe do produto (na prefixação base e produto são da mesma classe). Desse modo, as novas construções *caipi-X* conformam-se mais ao esquema da composição, em que a cabeça fica à esquerda e atribui gênero. Essa imprecisão mostra o quão difícil é categorizar os processos de

formação de palavras, uma vez que são tênues as fronteiras entre eles. (GONÇALVES, 2011)

De fato, os dados em (05), a seguir, evidenciam que caipi- é sempre cabeça semântica porque ativa o *frame* do *drink*, ainda que esse *drink* não seja mais “caipirinha”, pois, para os especialistas no assunto, caipirinha mesmo “é feita com cachaça, limão taiti (aquele verdinho e que não se descasca), açúcar e gelo”. Como vimos, em 2003, a presidência da República baixou um decreto para assim definir tecnicamente a mais genuína bebida alcoólica brasileira: “caipirinha é a bebida típica brasileira, com graduação alcoólica de quinze a trinta e seis por cento em volume, a vinte graus Celsius, obtida exclusivamente com cachaça, acrescida de limão e açúcar”. O esquema a seguir representa as novas formações caipi-X:

(05) < [caipi X_N] N_j ↔ [SEM DE X ENVOLVIDA NA SEM DE caipi(rinha)]_j >



As formações em (05) de algum modo evocam a tradicional “caipirinha”, mas fazem um ajuste focal (LANGACKER, 1987) no *drink*, ao alterar, sobretudo, a cor, em função da troca da fruta, pois, por exemplo, uma “caipi-melancia” pode ser feita com vodka. Desse modo, o primeiro grupo instanciado pelo esquema em (05) focaliza a fruta utilizada e o coquetel é alterado em seu aspecto quase sempre pela cor, como se vê na Figura 3, seguinte aos exemplos. Outros dados são listados em (06), a seguir, ainda que a lista não seja exaustiva:

(06) Caipi-uva⁵

5 Disponível em: <https://twitter.com/papiatadiniz/status/1315068875667574785?s=19>. Acesso em: 25 set. 2019.

Caipi-kiwi⁶Caipi-siriguela⁷Caipi-morango⁸Caipi-lima da Pérsia⁹Caipi-fruta¹⁰

O grupo mais aberto de instâncias é o segundo no esquema em (05). Nesse caso, altera-se a bebida alcoólica, preservando-se o aspecto original da “caipirinha”, ilustrado logo a seguir, mas a focalização passa a ser no ingrediente alcoólico do *drink*. Em todos os casos aqui analisados, a função dominante é a rotulação, pois se cria um novo nome para se referir a uma entidade que mescla propriedades de pelo menos duas outras. A base à direita guia a interpretação, fazendo com que o produto tenha leitura mais composicional:

(07) Caipi-vodka¹¹Caipi-whisky¹²

6 Disponível em: <https://twitter.com/JuMGarcia/status/4761231898?s=19>. Acesso em: 25 set. 2019.

7 Disponível em: <https://twitter.com/ManoJuOliveira1/status/1311833229247348739?s=19>. Acesso em: 20 nov. 2020.

8 Disponível em: <https://twitter.com/jonesdrinks/status/805978373042237440?s=19>. Acesso em: 25 set. 2020.

9 Disponível em: <https://twitter.com/CaicaraRest/status/592116524841832448?s=19>. Acesso em: 25 set. 2019.

10 Disponível em: <https://twitter.com/RaaySouza99/status/1329619415508377602?s=20>. Acesso em: 20 nov. 2020.

11 Disponível em: <https://twitter.com/heysilvahh/status/1328326086393032705?s=20>. Acesso em: 20 nov. 2020.

12 Disponível em: <https://twitter.com/transfono/status/1032778452141785088?s=19>. Acesso em: 25 set. 2019.

Caipi-sakê¹³

Caipi-vinho¹⁴

Caipi-Orloff¹⁵

Caipi-suco¹⁶

O terceiro grupo de formações sinalizado na representação em (05) altera bem mais as propriedades da tradicional “caipirinha”, deixando os produtos menos composicionais por requererem um contexto maior para sua interpretação. A bebida, nesses casos, fica mais descaracterizada, ainda que a ela se evoque por conta da alta transparência de caipi-:

- | | | |
|------|-------------|--|
| (08) | caipi-hot | “caipirinha feita com algum ingrediente ao qual se atribui uma característica tropical, quente”. ¹⁷ |
| | caipi-black | “caipirinha de cor escura”. ¹⁸ |

13 Disponível em: <https://www.facebook.com/yakanbh/photos/a.269548183152208/1385465781560437/>. Acesso em: 25 set. 2019.

14 Disponível em: <https://twitter.com/brusssouza/status/1308231740406878209?s=19>. Acesso em: 20 nov. 2020.

15 Disponível em: <https://twitter.com/iwanttorockBH/status/24707091214?s=19>. Acesso em: 25 set. 2019.

16 Disponível em: <https://twitter.com/Vitorhugo0203/status/978973387900022789?s=19>. Acesso em: 25 set. 2019.

17 Disponível em: <https://twitter.com/manekinekosushi/status/99560828117848064?s=19>. Acesso em: 25 set. 2019.

18 Disponível em: <https://twitter.com/blackjackbarvv/status/1322560448496099330?s=19>. Acesso em: 20 nov. 2020.

caipi-silvestre	“caipirinha cuja cor é diferenciada da comum e cujos ingredientes, principalmente as frutas, são consideradas mais exóticos”. ¹⁹
caipi-detox	“caipirinha cuja função seria assemelhada a de uma receita desintoxicante”. ²⁰

Tomemos como exemplo “caipi-detox”. Falantes do português sabem que a palavra “detox” remete a algo que serve para desintoxicar o organismo, fazendo, por exemplo, com que o metabolismo acelere e se perca peso mais rapidamente. Não é por acaso que essa forma recém-emprestada do inglês se combine com palavras relacionadas a dietas: “sopa-detox”, “suco-detox”, “vitamina-detox” etc. A adjunção a caipi-, por outro lado, parece contraditória, uma vez que nosso conhecimento de mundo abarca a ideia de que essa bebida é bastante calórica, sobretudo porque leva açúcar e álcool. O uso de “detox” minimiza o valor calórico do *drink* ao associá-lo a ingredientes com propriedades antioxidantes e diuréticas (couve, aipo, gengibre etc.). Novamente há um ajuste focal na interpretação dos produtos:

Um último conjunto de formas caipi-X diz respeito aos locais/eventos com que a “caipirinha” está associada: ora são nomes comerciais especializados na venda da bebida (“caipi-Rick”), ora festas tradicionais para apreciadores do *drink* (“caipi-One”), ora aos amantes do coquetel (“caipi-lovers”). Novamente aqui, a composicionalidade não é tão clara, sobretudo para os que não estão familiarizados com esse domínio conceptual:

19 Disponível em: <https://www.facebook.com/aquelebar/posts/1736654309975609>. Acesso em: 25 set. 2019.

20 Disponível em: <https://www.caipirinhaprendada.com.br/receita/caip-detox/>. Acesso em: 25 set. 2019.

(09)	caipi-Rick	“caipirinha associada ao estabelecimento em que é servida, <i>Rick</i> ”. ²¹
	Caipi-One	“caipirinha associada à festa em que é servida”. ²²
	Caipi-lovers	“nome dado àqueles que se identificam como grandes consumidores do <i>drink</i> ”. ²³
	Caipi-tour	“caipirinha associada ao passeio de barco na Região dos Lagos do Rio de Janeiro, durante o qual é servida”. ²⁴

Os dados em (09) pressupõem metonímia: a “caipirinha”, tradicional ou modificada, é a parte de um todo. A título de exemplificação, considere-se a formação “caipi-tour”, um *tour* – passeio turístico – em que a bebida é oferecida livremente aos turistas. Essa construção é muito comum na Região dos Lagos do estado do Rio de Janeiro, pois os passeios de barco tradicionalmente servem o coquetel à vontade aos passageiros.

Não foi proposital deixarmos para o final uma das mais antigas formações lexicais advindas do outrora diminutivo de “caipira”: “caipirosca”.

HIPÓTESES SOBRE A CRIAÇÃO “CAIPIROSKA”: PALAVRAS FINAIS

Para além das formações apresentadas, a busca pelos dados revelou, como acabamos de apontar, um dado que em princípio foge aos pro-

21 Disponível em: <https://www.facebook.com/caipirick/photos/a.1228746687145347/3321778087842186/?type=3&scmts=scwspsdd>. Acesso em: 25 set. 2019.

22 Disponível em: <https://www.facebook.com/984853298217743/photos/a.984865841549822/1263668987002838/>. Acesso em: 25 set. 2019.

23 Disponível em: <https://twitter.com/lullilucena/status/711586019691331585?s=19>. Acesso em: 25 set. 2019.

24 Disponível em: https://twitter.com/hgo_skt/status/968120333315297281?s=19. Acesso em: 25 set. 2019.

cessos descritos. Na contramão das novas formações com caipi-, caipi-roska/caipi-rosca preserva o rótico ou agrega uma forma, -roska, que se inicia por [r]. Essa formação não é tão transparente do ponto de vista de uma análise composicional, já que -oska não traz consigo algum significado que leve o usuário da língua à compreensão de toda a formação.

Tais características despertaram algumas hipóteses para a formação “caipir-oska”. Partido da ideia de que o ingrediente diferente da receita pode ter inspirado o nome da bebida, descobrimos que a “caipi-roska” é, na verdade, uma “caipi-vodka” (é a vodka que substitui a cachaça). Reconhecendo, também, a vodka como uma tradicional bebida polonesa e russa, podemos inferir que essa formação substitui o diminutivo português -inho pelo diminutivo russo -oska, numa clara analogia com outras palavras dessa língua, a exemplo de “matrioska” (“mãezinha”). Se assim o for, o conceptualizador realmente fez uma belíssima reanálise morfológica, criando uma forma híbrida que remete à Rússia e, por sua vez, à bebida alcoólica mais tradicional do país, numa clara metonímia.

Essa reunião de informações leva-nos a concluir que a hipótese mais forte para a formação “caipi-roska” tenha sido o aproveitamento de -oska como forma de evocar a Rússia (CAIPIROSKA, 2020) e, conseqüentemente, a vodka. Por outro lado, -roska, pronunciada com o tepe, [r], no início de palavra e violando uma regra fonotática da língua, vem sendo empregado como forma livre, o que se observa numa breve busca no Google, que retorna aproximadamente 2.760.000, a maioria de receitas dessa bebida. Em vídeos, confirmamos a produção com o tepe inicial, mas isso é assunto para outras conversas, preferencialmente regadas à caipirinha, caipi-saquê ou caipiroska.

REFERÊNCIAS

ADAMS, V. *An Introduction to Modern English Word-Formation*. London: Longman, 1973.

- ALGEO, J. (ed.). *Fifty years among the new words: a dictionary of neologisms*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- ANDRADE, K. E. *Proposta de continuum composição-derivação para o português do Brasil*. 2013. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- ANDRADE, K. E. *Uma análise otimalista unificada para mesclas lexicais do português do Brasil*. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- BASILIO, M. *Formação e classe de palavras*. São Paulo: Contexto, 2004.
- BAUER, L. The borderline between derivation and compounding. In: DRESSLER, W. U. et al. (ed.). *Morphology and its demarcations*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2005. p. 79-93.
- BAUER, L. Is there a class of neoclassical compounds, and if so, is it productive? *Linguistics*, [s. l.], v. 36, n. 3, p. 403-422, 1998.
- BAUER, L. *A Glossary of Morphology*. Washington: Georgetown University Press, 2004.
- BAUER, L. *Introducing Linguistic Morphology*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1988.
- BAUER, L. Splinters. In: BROWN, K. (ed.). *Encyclopedia of Language and Linguistics*. Amsterdam: Elsevier, 2007, v. 12, p. 77-78.
- BAUER, L.; LIEBER, R.; PLAG, I. *The Oxford reference guide to English morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- BEAUREPAIRE-ROHAN, H. de. *Dicionário de vocábulos brasileiros*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1889.
- BECKMAN, J. N. *Positional faithfulness*. 1998. Dissertação (Doutorado em Filosofia) – Graduate School of the University of Massachusetts, Amherst, 1998.
- BERMAN, J. M. Contribution on Blending. *Zeitschrift für Anglistik und Amerikanistik*, Germanh, ano 9, p. 278-281, 1961.
- BOOIJ, G. E. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BOOIJ, G. E. *The Grammar of Words: An Introduction to Linguistic Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

CAIPIRA. In: MICHAELIS. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/caipira>. Acesso em: 20 nov. 2020.

CAIPIRA. In: WIKIPEDIA: the free encyclopedia. [San Francisco: Wikimedia Foundation, 2020]. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Caipira>. Acesso em: 20 nov. 2020.

CAIPIRINHA. In: MICHAELIS. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/caipirinha>. Acesso em: 20 nov. 2020.

CAIPIRISSIMA. In: WIKIPEDIA: the free encyclopedia. [San Francisco: Wikimedia Foundation, 2020]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Caipirissima#cite_note-1. Acesso em: 20 nov. 2020.

CAIPIROSKA. In: *Educalingo*. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://educalingo.com/pt/dic-en/caipiroska>. Acesso em: 20 nov. 2020.

CHUNG, K. S. *Putting Blends in their Place*. Slovakia: Universidade P. J. Šafárik, Košice, 2009.

CONHEÇA a origem da nossa amada caipirinha. In: *Bebida Express*. [S. l.], 2013. Disponível em: <http://www.bebidaexpressblog.com.br/cachacas/conheca-origem-amada-caipirinha>. Acesso em: 20 set. 2019.

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

FANDRYCH, I. Submorphemic Elements in the Formation of Acronyms, Blends and Clippings. *Lexis: Journal in English Lexicology*, Lyon, v. 2, p. 132-147, 2008.

GOLDBERG, A. E. *A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, C. A. "Na sextaneja com a caipifruta da mãedrastra": o estatuto morfológico dos splinters no português brasileiro contemporâneo. *Diadorim*, Rio de Janeiro, p. 139-158, 2013. Número especial.

GONÇALVES, C. A. Atuais tendências em formação de palavras no português brasileiro. *SIGNUM: Estudos da Linguagem*, Londrina, v. 15, n. 1, p. 169-199, jun. 2012.

GONÇALVES, C. A. Paitrocínio, tecno-macumba, maridoteca: o comportamento das formas combinatórias no português do Brasil. *Revista da ABRALIN*, Curitiba, v. 10, n. 2, p. 67-90, jul./dez. 2011.

GONÇALVES, C. A. Blends lexicais em português: não-concatenatividade e correspondência. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 7, n. 1, p. 149-167, 2003.

GONÇALVES, C. A. V.; ALMEIDA, M. L. L. de. Morfologia construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias. *Alfa*, São Paulo, v. 58, n. 1, p. 165-193, 2014.

GONÇALVES, C. A.; CARVALHO, W. B. de; ANDRADE, K. E. Splinters são cruzamentos de cruzamentos? Repensando o estatuto desse constituinte em português. *Revista do GEL*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 132-156, 2016.

JOSEPH, B. D. Morphologization from syntax. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (ed.). *Handbook of Historical Linguistics*. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2003.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

MATTIELLO, E. Analogical neologisms in English. *Italian Journal of Linguistics*, [s. l.], v. 28, n. 2, p. 103-142, 2016.

MATTIELLO, E. *Analogy in word-formation: a study of English neologisms and occasionalisms*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2017.

McCARTHY, J. J.; PRINCE, A. S. *Faithfulness and reduplicative identity*. Rutgers: Rutgers University, 1995.

McCARTHY, J. J.; PRINCE, A. S. *Prosodic Morphology*. Amherst: University of Massachusetts: Brandeis University, 1986.

MICHAELIS. *Dicionário brasileiro da língua portuguesa*. [S. l.: s. n.], 2016.

NORDQUIST, R. *Understanding Splinter Words in English Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2020.

PAÍS da caipirinha, Brasil exportou mais limão e cachaça em 2017. In: Gobo-Rural. [S. l.], 29 jan. 2018. Disponível em: <https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Cultura/noticia/2018/01/pais-da-caipirinha-brasil-exportou-mais-li-mao-e-cachaca-em-2017.html>. Acesso em: 20 nov. 2020

PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. *Optimality Theory: constraints and interaction in Generative Grammar*. Boulder: University of Colorado: Rutgers University, 1993.

SANDMNANN, A. J. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1989.

SIMÕES, S. *Breve história da caipirinha*. 2002. Disponível em: <http://budapestupiniqum.blogspot.com/2008/09/caipirinha.html?m=0>. Acesso em: 29 ago. 2022.

SIMÕES NETO, N. A. O padrão $[[x]n$ de Taubaté] n no português brasileiro: um estudo sobre compostos sintagmáticos em perspectiva construcional. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 265-290, 2019.

TOMASZEWICZ, E. Novel words with final combining forms in English: a case for blends in word formation. *Poznań Studies in Contemporary Linguistics*, Poznan, v. 44, n. 3, p. 363-378, 2008.

Capítulo 8

A MORFOLOGIA CONSTRUCIONAL NA INOVAÇÃO ANTROPONÍMICA

depreendendo esquemas

Letícia Santos Rodrigues

INTRODUÇÃO

Os nomes próprios, em suas diversas naturezas, são itens que integram o léxico das línguas e remetem a diferentes tempos, lugares, costumes, culturas e religiões. Diante de tanta representatividade, a Onomástica é a ciência linguística que se ocupa do estudo desses nomes, “[...] quer se direcionem para as suas origens, quer para os seus processos de formação, quer para a sua organização no léxico das línguas e também no meio social”. (RODRIGUES, 2016, p. 13) Devido à pluralidade de objetos de análise, a Onomástica está organizada em muitas vertentes, tendo como principais a Toponímia (referente aos nomes de lugares, os topônimos) e a Antroponímia (referente aos nomes de pessoas, os antropônimos) – foco da nossa investigação.

Esta pesquisa se dedica, em específico, aos prenomes – itens que, na tradição da língua portuguesa, precedem os sobrenomes – inovadores que integram o léxico onomástico brasileiro. Mais detidamente, ao considerarmos determinados aspectos históricos que remontam à Península Ibérica e que serão mais bem abordados no decorrer deste artigo, voltamo-nos para os prenomes inovadores que apresentam, em suas construções, formativos vinculados parcial ou integralmente a uma origem germânica. Assim, a partir dos dados recolhidos por Rodrigues (2016, 2019), escolhemos dois formativos presentes em ambos os trabalhos: GIL- e -MAR.

Diante das nossas análises, e segundo os preceitos da Linguística Cognitiva (LC), buscamos reafirmar, em consonância com Rodrigues (2016, 2019), a hipótese de que os indivíduos, ao serem expostos a um dado conjunto de antropônimos ou a um antropônimo muito produtivo em sua língua, são capazes de depreender, por meio da analogia, esquemas construcionais que instanciam a criação de novos prenomes na língua seguindo o modelo biformativo.

Nesse intuito, será preciso galgar por alguns conceitos pertinentes à nossa proposta. Na seção “Os formativos germânicos”, apresentaremos um breve resumo histórico acerca da influência germânica legada à Península Ibérica e que, muitos séculos depois, ainda é relevante no quadro antroponímico brasileiro hodierno. Na seção “O papel da Linguística Cognitiva e do modelo da Morfologia Construcional”, passaremos ao entendimento de considerações atinentes a esses modelos teóricos, que embasarão o tratamento dos dados. A exposição dos *corpora* analisados se dará na seção “Apresentação dos *corpora* e métodos”, seguida da “(Re)análise dos dados”, considerando aspectos etimológicos e a aplicação da teoria para, assim, propormos esquemas construcionais que instanciem a formação dos prenomes apurados. Para concluir, nossas considerações finais.

OS FORMATIVOS “GERMÂNICOS”

Ao nos voltarmos para formativos antroponímicos vinculados parcial ou integralmente a uma origem germânica, estamos tratando não só de aspectos linguísticos, mas também situando este trabalho num dado contexto histórico, pois só olhando para o passado é que poderemos remontar e compreender aspectos do presente. Quando falamos de Onomástica, isso fica muito claro, pois se trata de uma ciência interdisciplinar por natureza, relacionada de maneira intrínseca a fatores linguísticos, históricos, geográficos, sociológicos, políticos, antropológicos, filosóficos etc. Contudo, antes de apresentarmos um pouco do recorte histórico que nos interessa, será preciso salientar dois pontos importantes: o primeiro quanto ao uso do termo “formativo” e, o segundo, quanto às menções que fazemos a uma “origem germânica”.

Assim, embasados pelos pressupostos da LC (conforme seção 2), e tendo atenção especial reservada ao nível morfológico, sobrelevamos que neste estudo optamos por utilizar o termo “formativo” em detrimento do termo “morfema”. Um dos motivos que justifica essa opção é que, assim como Rodrigues (2016, 2019), não nos comprometamos com um paradigma teórico defasado e divergente do que preceitua a LC. Ademais, ao considerarmos as diferenças que, naturalmente, existem quando comparamos os itens que compõem o rol do léxico dos nomes comuns e do léxico dos nomes próprios, não podemos nos valer do conceito de morfema que, em sua tradição, pressupõe uma carga significativa, quase sempre opaca nos constituintes que integram os nomes próprios. Logo, o termo “formativo” é utilizado neste trabalho em consonância com outros autores, como Soledade e Lopes (2015), Gonçalves (2016a, 2016b), Rodrigues (2016, 2019, 2020a, 2020b) e Simões Neto e Soledade (2018). Gonçalves (2016b), citando Booij (2010), complementa que os morfemas não integram um pareamento entre forma e significado independente, enquanto os formativos atuam em “[...] esquemas morfológicos e sua contribuição significati-

va é acessível apenas por meio do significado da construção morfológica como um todo”. (GONÇALVES, 2016b, p. 22)

Será preciso relativizar também o que chamamos de “origem germânica”. Isso porque se trata de um conceito generalizante, que pressupõe que os “germânicos” seriam um só povo, desconsiderando a vasta heterogeneidade que os atinge – inclusive, temos em conta mais especificamente os povos suevos e os visigodos, por terem sido os que mais influências nos deixaram, principalmente na antroponímia. Da mesma forma, é falsa a ideia de que existiria, em dado momento histórico, uma só língua germânica. Logo, diante da insuficiência de documentação, só poderíamos falar de um protogermânico quando nos valermos de reconstruções obtidas a partir do método histórico-comparativo da linguística indo-europeia (e sujeita a revisões de tempos em tempos). Assim, usamos o termo “germânico” apenas para fins didáticos, mas sugerimos a consulta a Rodrigues (2019) para esclarecer tais lacunas.

Tomaremos como ponto de partida, então, uma breve análise territorial e linguística da Península Ibérica, uma vez que “as circunstâncias históricas, em que se criou e desenvolveu o nosso idioma, estão intimamente ligadas a fatos que pertencem à história geral da Península”. (COUTINHO, 1976, p. 46) Para tanto, nossa história começa no século V, que remonta ao estabelecimento¹ desses povos germânicos no território. Após a queda do Império Romano, os germânicos, já tendo instituído relações comerciais e convivido com os romanos por um longo período, passam a engendrar a população conhecida como “hispano-goda”, consolidada depois da conversão de Recaredo, rei visigodo, ao catolicismo,² o que fortaleceu os laços entre a realeza e

1 Determinamos o século V como o ponto inicial para nossas análises, mas entendemos que já desde o século II havia germânicos estabelecidos na Península, inclusive integrando o exército romano na condição de *foederati*, no século III.

2 Os visigodos não eram católicos, mas arianos, que é uma interpretação do cristianismo que negava a consubstancialidade entre Jesus e Deus, admitindo Jesus como seu filho,

a Igreja e encerrou a proibição de casamentos entre pessoas de uma raça e outra.

Essa população hispano-goda viveu na Península até que dificuldades de todas as ordens fragilizaram o Império Visigótico, o que dificultou sua resistência à chegada dos muçulmanos que, em 711, ali desembarcaram, tomando o território. Ainda que esses recém-chegados tenham proposto relações relativamente razoáveis com os hispano-godos, ao interromperem o reino cristão com a inserção do islamismo, eles fazem com que parte dessa população hispano-goda se refugie no norte da Península, uma região isolada por cadeias de montanhas, onde essa parcela começou a se organizar a fim de retomar suas terras, num longo processo que durou mais de 700 anos e ficou conhecido como “Reconquista”.³

Dentre os reflexos deixados na antroponímia está o fato de que, ao se rebelarem contra os árabes, essa população, que em mais de sete séculos se perpetuou em gerações e gerações, naturalmente continuou a atribuir nomes aos seus recém-nascidos. Ao escolher esses nomes, os indivíduos optavam pelos de origem germânica, como forma de se solidarizar com a causa política que viviam, pois de acordo com Piel (1989, p. 130), “para a germanização do onomástico peninsular, contribuiu certamente o prestígio de que gozavam os novos senhores da Hispânia [à época da Reconquista] junto da população hispano-românica, a qual passaria a identificar o seu destino com o do reino visigodo”. É por esse motivo, conforme Teyssier (1998, p. 17), que “[...] grande número de nomes de pessoas (Fernando, Rodrigo, Álvaro, Gonçalo, Afonso, etc.),

mas não o próprio Deus encarnado. O catolicismo, por outro lado, via Jesus como o próprio Deus reencarnado na terra.

3 Rodrigues (2019) explica que apesar do que algumas obras históricas portuguesas e espanholas transmitem, até mesmo de forma romântica, não é possível acreditarmos que havia uma plena consciência de fé cristã nesses refugiados devido aos mais de 700 anos de resistência. Contudo, não será possível nos aprofundarmos nesses aspectos.

assim como de topônimos (Guitiriz, Gomesende, Gondomar, Sendim, Guimarães, etc.) remontam aos Suevos e aos Visigodos”.

Essa retrospectiva histórica nos auxilia no entendimento das heranças onomásticas que figuram até hoje no nosso léxico personativo, trazidas via Portugal e consolidadas no território brasileiro. O que nos interessa, da perspectiva linguística, é que, como esclarece Piel (1989), entre os germânicos, assim como entre os gregos ou antes, no período indo-europeu, a nomeação se estruturava seguindo o modelo bitemático – que neste trabalho chamamos de “modelo biformativo” –, no qual os compostos personativos eram formados por meio da união de dois vocábulos do léxico comum. Mattos e Silva (2003), citando Piel (1960), cita como exemplo desse modelo o caso de “Teodorico”, que resulta da união de *Teodo* “povo” a *rikus* “rico, poderoso”.

Tendo tais considerações bem estabelecidas, passaremos à próxima seção, que aborda o aporte teórico da LC, bem como o modelo da Morfologia Construcional (MC), que atuarão fornecendo as bases para o tratamento dos nossos dados.

O PAPEL DA LINGUÍSTICA COGNITIVA E DO MODELO DA MORFOLOGIA CONSTRUCIONAL

A abordagem teórica da LC surge no final da década de 1970. O mérito da fundação dessa teoria é repartido entre os linguistas norte-americanos Ronald Langacker, George Lakoff e Leonard Talmy. Tomando como princípio a relação entre linguagem e cognição, ela situa o indivíduo como um elemento inseparável do seu meio social, dotado de experiências próprias e, por conseguinte, de uma visão de mundo particular. Nesse sentido, a linguagem se fundamenta “[...] em processos cognitivos, sócio-interacionais e culturais e deve ser estudada no seu uso (orientação baseada no uso) e no contexto da conceptualização, da categorização, do processamento mental, da interação e da experiência individual, social e cultural”. (SILVA, 2008, p. 190)

No liame da LC, a MC,⁴ como “[...] um novo modelo teórico para o tratamento de palavras complexas que os falantes abstraem dos esquemas apreendidos com o uso da linguagem” (GONÇALVES, 2016b, p. 9-10), foi idealizado e desenvolvido por Booij em três trabalhos. (BOOIJ, 2005, 2007, 2010) Neles, o autor estabelece suas bases, dando atenção para o papel do léxico e para o processo de formação de novas palavras, incluindo a adaptação das ideias de Jackendoff (1997), com a Teoria da Entrada Plena (Full Entry Theory), e de Goldberg (1995), a respeito da Gramática de Construções (GC), segundo a qual não haveria separação entre os componentes da gramática.

Seguindo as ideias de Bybee (2016), ao pautarmos o processo de formação de novas palavras no uso, observamos que o falante, exposto a um dado modelo recorrente, consegue depreender padrões em vigor na sua língua aplicando esse conhecimento na formação de novos itens lexicais, sobretudo por meio do mecanismo cognitivo da analogia, entendido como o “[...] processo pelo qual enunciados novos são criados com base em enunciados de experiências prévias. A analogia também requer categorização; as partes de ocorrências anteriormente produzidas podem ser segmentadas em unidades que são alinhadas e categorizadas antes que novos enunciados possam ser formados com elas”. (BYBEE, 2016, p. 27)

Desse modo, “a mudança é uma janela para representações cognitivas e um criador de padrões linguísticos”. (BYBEE, 2016, p. 167) Essa ideia pode, então, ser evidenciada a partir da formulação de esquemas construcionais (conforme seção 4), entendendo que, nas palavras de Booij (2007, p. 34, tradução nossa):⁵ “os padrões de formação

4 Salientamos, a fim de evitar quaisquer confusões terminológicas, que essa expressão foi cunhada em 1987 por Danielle Corbin. Contudo, a abordagem dessa autora está imbricada na teoria gerativa e, por esse motivo, não corresponde ao modelo teórico adotado neste trabalho.

5 “Word formation patterns can be seen as abstract schemas that generalize over sets of existing complex words with a systematic correlation between form and meaning”. (BOOIJ, 2007, p. 34)

de palavras podem ser vistos como esquemas abstratos que generalizam conjuntos de palavras complexas existentes com uma correlação sistemática entre forma e significado” e, ainda, que “esquemas morfológicos, portanto, possuem duas funções: eles expressam propriedades previsíveis de palavras complexas existentes e indicam como novas podem ser cunhadas”. (BOOIJ, 2010, p. 2, tradução nossa)⁶ Ao considerar esse pareamento entre forma e conteúdo, vemos um dos diferenciais da LC e também uma de suas maiores contribuições para os estudos linguísticos, que é o lugar de destaque oferecido à Semântica, visto que esse sempre foi um domínio relegado nas teorias anteriores. Aplicando à perspectiva onomástica, portanto, temos “[...] o processamento analógico como um recurso da cognição humana para a depreensão e, por conseguinte, criação de novos prenomes a partir de prenomes tradicionais, entendidos como os modelos. Contudo, para alcançarem essa condição de modelo, esses prenomes precisam apresentar frequência na língua”. (RODRIGUES, 2020b, p. 112)

Ainda, no que tange à estruturação dos prenomes inovadores, pontuamos a proposta de Soledade (2018a) em substituir o termo “bitemático”, como empregado outrora nos trabalhos de Rodrigues (2016, 2019, 2020a, 2020b) e Rodrigues e Soledade (2016), por “biformativo”. Dentre os motivos, a autora aponta que nem sempre é possível encontrar, nessas construções, um tema, ou seja, uma forma livre na língua, visto que, muitas vezes, o que se tem são formas presas, em posições mais ou menos fixas e recorrentes no sistema de nomeação personativo. Além disso, Soledade (2018a, p. 37) explica que “[...] é importante considerar que a terminologia empregada pela morfologia lexical tradicional não parece se encaixar, de forma elegante e eficiente, aos pressupostos teóricos/descritivos da morfologia construcional aplicada aos antropônimos”.

6 “Morphological schemas therefore have two functions: they express predictable properties of existing complex words and indicate how new ones can be coined”. (BOOIJ, 2010, p. 2)

Após essa nota referente à terminologia adotada, observaremos, na próxima seção, como funciona essa proposição de esquemas construcionais, na prática, quanto aos formativos selecionados.

APRESENTAÇÃO DOS *CORPORA* E MÉTODOS

Os *corpora* analisados neste trabalho se referem aos dados recolhidos por Rodrigues (2016, 2019). Em Rodrigues (2016), a autora investigou a lista de aprovados no processo seletivo para ingresso na Universidade Federal da Bahia (UFBA) no ano de 2005, contendo, no total, 3.986 prenomes. Da letra B⁷ a Z, foram arrolados 897 prenomes inovadores, dos quais 96 evidenciaram, em sua constituição, ao menos um formativo vinculado parcial ou integralmente a uma origem germânica, o que correspondeu a 10,7% do *corpus* analisado. Essa pesquisa, que resultou no trabalho de conclusão de curso da autora, foi uma ramificação do “Projeto Todos os Nomes: análise sócio-histórica, etimológica e mórfica da antroponímia baiana”, coordenado pelas professoras doutoras Ariadne Almeida, Juliana Soledade e Tânia Lobo, entre os anos de 2007 e 2009, no âmbito do Programa para a História da Língua Portuguesa (Prohpor).

Dentre os 897 prenomes inovadores já mencionados, perscrutaremos neste estudo apenas aqueles que apresentaram, em suas composições, os formativos germânicos GIL- e -MAR, resultando em 22 ocorrências, a saber: “Damares”, “Edmara”, “Eliomar”, “Gilcimar”, “Gilmar” (cinco ocorrências), “Gilmara”, “Gilneia”, “Gilsie”, “Gilsimar”, “Gilza”, “Josimara”, “Lindomar”, “Lucimar”, “Lucimara” (duas ocorrências), “Neomar”, “Neumar” e “Nilmara”.

Já em Rodrigues (2019), trabalho que corresponde à sua dissertação de mestrado, o *corpus* se volta para os arquivos da Ordem Terceira

7 Pois, à época, a letra A já havia sido estudada por Priscila Possidônio (2007), em seu trabalho “A criação de nomes próprios no português brasileiro: aspectos mórficos da neologia antroponímica”.

do Carmo, localizada no Centro Histórico da cidade de Salvador, Bahia. Essa documentação é uma fonte histórica composta pelos Livros dos Termos dos Irmãos (números 7, 8, 9 e 10), que são compostos pelas fichas de registro dos novos ingressantes da Ordem. O percurso temporal dessa documentação abrangeu fins do século XIX até o início do século XXI. Cada livro possui, integral e respectivamente, 796, 500, 500 e 164 fichas, totalizando 1960 antropônimos, dos quais 46 figuraram enquanto prenomes inovadores constituídos por um ou mais formativos vinculados parcial ou integralmente a uma origem germânica. Também considerando apenas os formativos GIL- e -MAR, apresentamos para esta análise os prenomes “Deuzimar” e “Gilton”.

Para melhor ilustrar, indicamos no Quadro 1 os 24 prenomes analisados, seu formativo correspondente, bem como o seu trabalho de origem.

Quadro 1 – Reunião dos prenomes analisados e demais características

Prenome	Formativo correspondente	Corpus de origem
Damares	-mar	Rodrigues (2016)
Deuzimar	-mar	Rodrigues (2019)
Edmara	-mar	Rodrigues (2016)
Eliomar	-mar	Rodrigues (2016)
Gilcimar	Gil- e -mar	Rodrigues (2016)
Gilmar (cinco ocorrências)	Gil- e -mar	Rodrigues (2016)
Gilmara	Gil- e -mar	Rodrigues (2016)
Gilneia	Gil-	Rodrigues (2016)

Prenome	Formativo correspondente	Corpus de origem
Gilsie	Gil-	Rodrigues (2016)
Gilsimar	Gil- e -mar	Rodrigues (2016)
Gilton	Gil-	Rodrigues (2019)
Gilza	Gil-	Rodrigues (2016)
Josimara	-mar	Rodrigues (2016)
Lindomar	-mar	Rodrigues (2016)
Lucimar	-mar	Rodrigues (2016)
Lucimara (duas ocorrências)	-mar	Rodrigues (2016)
Neomar	-mar	Rodrigues (2016)
Neumar	-mar	Rodrigues (2016)
Nilmara	-mar	Rodrigues (2016)

Fonte: elaborado pela autora.

O critério adotado em ambos os trabalhos para a caracterização de um prenome com o *status* de inovador, em consonância com o já citado Projeto Todos os Nomes e recuperado por meio desta proposta, foi o de que esse prenome não constasse em nenhum dos principais dicionários etimológicos portugueses, a saber: o *Dicionário etimológico da língua portuguesa* - Tomo II, de Antenor Nascentes (1952); o *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*, de Mansur Guérios (1981); e o *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*, de José Pedro Machado (2003). *A posteriori*, foram selecionados ape-

nas os prenomes inovadores que apresentassem um ou mais formativos vinculados parcial ou integralmente a uma origem germânica em sua construção. Depois de detectar tais formativos, os prenomes passaram por uma segmentação mórfica, a fim de identificar o possível uso do modelo biformativo e a posição ocupada por cada formativo – se mais à esquerda/em posição inicial ou se mais à direita/em posição final –, de modo a depreender possíveis esquemas associados a essas novas construções.

Para auxiliar na depreensão dos esquemas, também nos valem de consultas a dicionários etimológicos em outras línguas, destacando as obras *Altdeutsches namenbuch* (1900), de Ernst Förstemann, e *A gothic etymological dictionary* (1986), de Winfred Lehmann, para melhor observarmos a posição que esses formativos prototipicamente ocupam também nos prenomes tradicionais. Outro recurso utilizado é a página Nomes no Brasil, referente ao Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a partir da qual tivemos acesso aos dados relativos à frequência de uso dos prenomes inovadores brasileiros, à década de sua inserção no nosso quadro onomástico – indo desde o período anterior à década de 1930 até os anos 2000 –, ao percentual de uso no país etc. Essa ferramenta possibilitou que fizéssemos testes a partir de prenomes e formativos para descobrirmos se, por ventura, eles faziam parte do léxico personativo e seguindo quais modelos.

Após essa breve exposição dos *corpora* e dos métodos envolvidos neste estudo, passaremos a uma reanálise dos prenomes já selecionados a partir de Rodrigues (2016, 2019), abordando, inclusive, alguns aspectos que, à época, não foram mencionados.

(RE)ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, (re)analisaremos os formativos GIL- e -MAR, vinculados parcial ou integralmente a uma origem germânica. Apresentaremos, para tanto, os dois formativos de acordo com os seus possíveis signi-

ficados etimológicos, os nomes tradicionais em que aparecem – a fim auxiliar na depreensão dos modelos –, as propostas de segmentação mórfica referentes aos 24 prenomes selecionados e os esquemas construcionais acionados, considerando a posição ocupada e a contraparte semântica.

Ao indicarmos os étimos apontados por Nascentes (1952), Guérios (1981) ou Machado (2003), salientamos, porém, que autores que não tiveram uma formação indo-europeísta arriscaram atribuir a seus étimos simplesmente o rótulo “germânico”, apresentando como propostas etimológicas algumas palavras de difícil localização, pois remetiam a vocábulos (quando muito) vinculados a “línguas germânicas antigas específicas”, como o gótico, o antigo alto alemão, o antigo saxão, o antigo nórdico ou o anglo-saxão, sem especificá-las. Para tanto, e não retirando o mérito dessas obras tão importantes sobre a onomástica portuguesa, é necessária uma revisão das suas sugestões etimológicas, mediante os avanços atuais da linguística indo-europeia, como explicado por Rodrigues (2019).

O formativo GIL-

A priori, reforçamos a dificuldade em obter uma etimologia seguramente comprovada para esse formativo, pois como afirma Viaro (2014, p. 102), “[...] não basta abrir um dicionário etimológico e ler as propostas oferecidas pelos autores como ‘verdade acabada’. As respostas não estão prontas: os autores discordam entre si, propõem várias soluções, elegem esta ou aquela solução e, não raro, erram”. Em Nascentes (1952), referente ao prenome “Gilberto”, encontramos:

Nome de homem. Do germânico. O primeiro elemento é duvidoso. O livro *Unsere Taufnamen* tem *gil* por forma encurtada de *gisal*, do ant. alto al. e significando ‘refém’ (al. mod. Geissel). Tetzner vê em *gil* um divergente de *ger*, lança, sendo *Gilberto* o mesmo que *Gerberto*. F. Khull, partindo do ant. alto al. *Gilaberto*, vê um tema *gila* que coincide talvez com o irlandês *gael* (paren-

tesco) através da raiz básica *ghoil*; neste caso, *gil* se relacionaria com o adjetivo *geil* (sadio, forte, exuberante) e o substantivo norueguês *gil* (fermentação). (NASCENTES, 1952, p. 125, grifo do autor)

A mesma dificuldade é apontada por Machado (2003, p. 715, grifo do autor) também para o prenome “Gilberto”: “Do fr. *Gilbert*, este de origem germânica, de *gil-*, radical de origem obscura (de *gisil*, ‘penhor’) [...]”.

Quanto à posição ocupada, em Förstemann (1900), encontramos esse formativo nas seguintes ocorrências: “Gilabert”, “Gilbald”, “Gilmarmar”, “Gilo”, “Giltrada” e outras. A partir dos dados recolhidos por Rodrigues (2016; 2019), temos um total de 12 prenomes, que são: “Gilcimar”, “Gilmar” (em cinco ocorrências), “Gilmara”, “Gilneia”, “Gilsie”, “Gilsimar”, “Gilton” e “Gilza”. Assim, podemos concluir que em todas as ocorrências apresentadas, tanto em prenomes tradicionais quanto nos prenomes inovadores retirados de Rodrigues (2016, 2019), o formativo GIL- ocupou a posição inicial ou a base mais à esquerda⁸ Para tanto, no que se refere à estrutura dos prenomes inovadores, elaboramos a seguinte proposta de segmentação mórfica:

Quadro 2 – Segmentação mórfica para os prenomes inovadores com o formativo GIL-

Prenome	Proposta de segmentação mórfica
Gilcimar	[GIL(CI)- + -MAR] ou [GIL- + -(CI)MAR] ou [GIL- + -CI- + -MAR]

8 Entendemos, contudo, que tais posições não são fixas e que certos formativos podem ocupar tanto a posição inicial ou base mais à esquerda quanto a posição final ou base mais à direita, como é o caso do formativo val-/val-, em prenomes como Valmiro ou Ederval, encontrados em Rodrigues (2019). Nesse caso, então, seria preciso postular um esquema específico para cada caso.

Prenome	Proposta de segmentação mórfica
Gilmar	[GIL- + -MAR]
Gilmara	[GIL- + -MARA]
Gilneia	[GIL- + -NEIA]
Gilsie	[GIL- + -SIE]
Gilsimar	[GIL(SI)- + -MAR] ou [GIL- + -(SI)MAR] ou [GIL- + -SI- + -MAR]
Gilton	[GIL- + -TON]
Gilza	[GIL- + -(IL)ZA]

Fonte: elaborado pela autora.

Conforme o Quadro 2, a grande maioria dos prenomes apresentam em suas estruturas o padrão associado ao modelo biformativo. Chamamos a atenção, contudo, para os prenomes “Gilcimar” e “Gilsimar”. No Quadro 2, estão três propostas de segmentação para tais prenomes, correspondendo, respectivamente, a três hipóteses de construção: a) a primeira é que ao formativo GIL- se adjuge com relativa frequência as partículas -ci-/-si- (divergentes na grafia, mas iguais na pronúncia), dando a entender que haveria, em paralelo, um formativo GILCI- ou GILSI-, como é possível observar nos prenomes “Gilciane” (898⁹), “Gilcicleia” (71), “Gilcie” (28), “Gilcileide” (120), “Gilcinara” (55), “Gilsiane” (540), “Gilsicleia” (31), “Gilsileide” (53) e “Gilsinara” (20); b) a segunda hipótese é a de que a partícula -ci-/-si- apareceria também com relativa frequência em associação ao formativo -MAR,

9 Os números indicados dentro dos parênteses se referem à ocorrência de cada prenome no quadro onomástico brasileiro, de acordo com a página Nomes no Brasil, do Censo 2010 do IBGE.

como verificamos nos prenomes “Adalcimar” (68), “Leucimar” (210), “Leusimar” (143), “Neucimar” (426), “Neusimar” (477) e “Valcimar” (1.172), sendo possível a existência de formativos -CIMAR ou -SIMAR; c) por fim, a terceira hipótese propõe que os prenomes “Gilcimar” e “Gilsimar” não seguem o modelo biformativo, sendo o -ci-/-si- elementos que atuam como formativos isolados, que poderiam ocorrer também nos prenomes “Dalcilene” (563), “Dalsilene” (51), “Delcilene” (642), “Delsilene” (255), “Dulcilene” (4.151) e “Valcineia” (607), mas seria preciso buscar na etimologia alguma explicação nesse sentido.

Determinar qual é a hipótese correta não é tão simples em se tratando de elementos dessa natureza, principalmente com a pouca informação que frequentemente há quanto ao momento da criação de um prenome (e quanto à intenção do nomeador). Ressaltamos, porém, que a consideração dessa terceira hipótese não é suficiente para invalidar a proposta da forte influência do modelo biformativo na criação de prenomes brasileiros, uma vez que a análise de *corpora* quantitativamente maiores já foi capaz de confirmar essa herança, como vemos nos próprios trabalhos de Rodrigues (2016, 2019). Logo, diante das dificuldades verificadas no âmbito dos estudos onomásticos, principalmente ao nos voltarmos para os prenomes inovadores, incentivamos a realização de outras pesquisas que se debrucem sobre o tema, a fim de colaborar com os avanços já observados a nível de estudo.

Quanto ao gênero¹⁰ relacionado aos prenomes inovadores com o formativo GIL-, verificamos que, por ele ter ocupado, em todas as ocorrências, a posição inicial ou com base mais à esquerda, não foi possível fazer essa identificação. Assim, após tais considerações, depreendemos o seguinte esquema construcional:

$$\langle [[\text{Gil-}]_{F_1} [X]_{F_2}]_{NP} \leftrightarrow [\text{nome de pessoa associado ao formativo X}]_{NP} \rangle$$

10 Sempre que utilizarmos a palavra “gênero”, estaremos nos referindo ao gênero gramatical, respeitando todas as questões mais complexas de cunho sociopsicológico que envolvem os nomes de pessoas e o próprio termo em questão.

O formativo -MAR

Segundo Nascentes (1952), o formativo -MAR remonta ao germânico *mar*, como está indicado para o prenome “Ademar”: “do germânico, ant. alto al. *adal*, *adel*, al mod. *edel*, nobre, e *mar*, glória; afamado ou ilustre por nobreza”. (NASCENTES, 1952, p. 4, grifo do autor) Ao consultarmos Piel (1933), entretanto, a situação se complica. Em referência ao prenome “Armamar”, esse autor aponta a proposição de dois étimos, a saber: a) de acordo com Meyer-Lübke, uma forma reconstruída do gótico **marha*, que significa “cavalo”; e b) **mêreis*, quando explica que “[...] há outros factores que falam em favor da explicação dêle [Sachs], que vê em -*mâr* a forma germânica ocidental do gótico **mêreis* ‘celebre’”. (PIEL, 1933, p. 137)

Exemplos de prenomes dicionarizados verificados em Nascentes (1952) com esse formativo são: “Adelmar”, “Ademar”, “Dagmar”, “Edmar”, “Guiomar”, “Hilmar”, “Oldemar”, “Osmar”, “Valdemar” e “Vilmar”. Nos dados reunidos neste trabalho, referentes aos trabalhos de Rodrigues (2016, 2019), temos: “Damares”, “Deuzimar”, “Edmara”, “Eliomar”, “Gilcimar”, “Gilmar” (cinco ocorrências), “Gilmara”, “Gilsimar”, “Josimara”, “Lindomar”, “Lucimar”, “Lucimara” (duas ocorrências), “Neomar”, “Neumar” e “Nilmara”.

Após observarmos o comportamento que o formativo -MAR assume nos prenomes aqui aventados, propomos as seguintes segmentações mórficas:

Quadro 3 – Segmentação mórfica para os prenomes inovadores com o formativo -MAR

Prenome	Proposta de segmentação mórfica
Damares	[DA- + -MAR(ES)]
Deuzimar	[DEUZ(I)- + -MAR]

Prenome	Proposta de segmentação mórfica
Edmara	[ED- + -MAR(A)]
Eliomar	[ELIO- + -MAR]
Gilcimar	[GIL(CI)- + -MAR] ou [GIL- + -(CI)MAR] ou [GIL- + -CI- + -MAR]
Gilmar	[GIL- + -MAR]
Gilmara	[GIL- + -MAR(A)]
Gilsimar	[GIL(SI)- + -MAR] ou [GIL- + -(SI)MAR] ou [GIL- + -SI- + -MAR]
Josimara	[JOSI- + -MAR(A)]
Lindomar	[LIND(O)- + -MAR]
Lucimar	[LUCI- + -MAR]
Lucimara	[LUCI- + -MAR(A)]
Neomar	[NEO- + -MAR]
Neumar	[NEU- + -MAR]
Nilmara	[NIL- + -MAR(A)]

Fonte: elaborado pela autora.

Quanto ao gênero dos prenomes utilizando o formativo -MAR, verificamos, tanto nos inovadores quanto nos tradicionais, a ocorrência de prenomes femininos e masculinos. Contudo, por terem aparecido sempre ocupando a posição final ou a base mais à direita, o formativo -MAR, quando se referindo a prenomes femininos, pode passar a

-MARA (“Gilmara”, “Lucimara”) ou -MARES (“Damares”), de modo que apenas o formativo -MAR resulta em uma indeterminação do gênero, de forma que prenomes como “Gilcimar” ou “Deuzimar” podem ser masculinos ou femininos,¹¹ o que ocorre devido à “[...] terminação em ‘r’ que, até mesmo no léxico comum, pode se referir a substantivos de ambos os gêneros (como em ‘o mar’, ‘o amor’, ‘a mulher’, ‘a colher’)”. (RODRIGUES, 2016, p. 52)

Logo, ao considerarmos que todas as ocorrências reunidas neste trabalho apontaram para o uso do formativo -MAR em posição final ou com base mais à direita, e também pontuando as formas em -MARA e -MARES, propomos os seguintes esquemas construcionais:

$$\langle [X]_{F_1} [-mar]_{F_2} \rangle_{NP} \leftrightarrow [\text{nome de pessoa associado ao formativo } X]_{NP}$$

$$\langle [X]_{F_1} [-mar(a/es)]_{F_2} \rangle_{NP} \leftrightarrow [\text{nome de pessoa associado ao formativo } X]_{NP}$$

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo se baseou nas considerações advindas não só da Onomástica, mesmo enquanto ciência interdisciplinar, mas também da Etimologia e da Linguística Histórica. Assim, ao investigarmos o atual quadro antroponímico brasileiro, é possível desvelar aspectos da sociedade pertinentes à esfera política, cultural, histórica e outras. Por esse motivo, incentivamos que novos trabalhos se debruçem sobre essas questões, como as que foram aqui expostas.

Especificamente a nível linguístico, após retomar as análises envolvendo os formativos GIL- e -MAR referentes aos trabalhos de Rodrigues (2016, 2019), foi possível confirmar a hipótese já levantada pela autora – e também por outros estudos, como os de Rodrigues e Soledade (2016), Simões Neto e Soledade (2018), Soledade (2018a) – de

11 Segundo a página Nomes no Brasil, do Censo 2010 do IBGE.

que a inovação antroponímica brasileira, no que tange aos prenomes, se vale em larga medida do modelo biformativo, como demonstramos a partir das segmentações mórficas. Para tanto, de acordo com os preceitos teóricos da LC, entendemos que o falante, ao ser exposto a um amplo conjunto de prenomes ou a um prenome muito produtivo na língua, consegue depreender, por analogia, o modelo vigente na sua língua e aplicá-lo ao criar novos prenomes, o que pode ser demonstrado a partir de esquemas construcionais. Tais esquemas indicam, então, as generalizações depreendidas a partir do uso e se organizam por meio do pareamento entre forma e conteúdo, dando à Semântica um lugar de destaque.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. A. D.; LOBO, T. C. F.; SOLEDADE, J. *Projeto todos os nomes: análise sócio-histórica, mórfico-semântica e etimológica da antroponímia baiana*. Salvador: UFBA, 2007.

AMARAL, E. T. R. Contribuições para uma tipologia de antropônimos do português brasileiro. *Alfa*, São Paulo, v. 55, n. 1, p. 63-82, 2011. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4168/3766>. Acesso em: 20 out. 2019.

BOOIJ, G. E. Compounding and derivation: evidence for construction morphology. In: DRESSLER, W. U. et al. (ed.). *Morphology and its demarcations*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2005. p. 109-131.

BOOIJ, G. E. Construction morphology. *Language and Linguistics Compass*, United Kingdom, v. 3, n. 1, p. 1-13, 2010. Disponível em: <https://geertbooij.files.wordpress.com/2014/02/booij-2010-construction-morphology-lg-linguistics-compass.pdf>. Acesso em: 20 out. 2019.

BOOIJ, G. E. Construction Morphology and the Lexicon. In: MONTERMINI, F.; BOYÉ, G.; HATHOUT, N. (ed.). *Selected Proceedings of the 5th Décembrettes: Morphology in Toulouse*. Somerville: Cascadilla Press, 2007. p. 34-44.

BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

- CARVALHINHOS, P. de J.; ANTUNES, A. M. Princípios teóricos de toponímia e antroponímia: a questão do nome próprio. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 2007, Rio de Janeiro. *Livro dos minicursos* [...]. Rio de Janeiro: Cifefil, 2007. p. 108-121.
- COUTINHO, I. de L. *Pontos de gramática histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- DICK, M. V. de P. do A. *Toponímia e antroponímia no Brasil: coletânea de estudos*. 3. ed. São Paulo: Arquivo do Estado, 1992.
- FERRARI, L. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2014.
- FÖRSTEMANN, E. W. *Altdeutsches namenbuch*. Bonn: P. Hanstein, 1900.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions: A Construction Grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GONÇALVES, C. A. V. *Atuais tendências em formação de palavras*. São Paulo: Contexto, 2016a.
- GONÇALVES, C. A. V. *Morfologia construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016b.
- GUÉRIOS, R. F. M. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 3. ed. São Paulo: Ave Maria, 1981.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Nomes do Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/nomes/#/search>. Acesso em: 20 out. 2019.
- JACKENDOFF, R. *The architecture of the language faculty*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology Press, 1997.
- LEHMANN, W. P. *A gothic etymological dictionary*. Leiden: E. J. Brill, 1986.
- MACHADO, J. P. *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Horizonte: Confluência, 2003. v. 2.
- MATTOS E SILVA, R. V. Germanismos e arabismos no período formativo da língua. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS MEDIEVAIS DA ABREM, 5., 2003, Salvador. *Anais* [...]. Salvador: ABREM/UFBA, 2003.
- NASCENTES, A. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1952.

PIEL, J. M. *Estudos de linguística histórica galego-portuguesa*. Lisboa: INCM, 1989.

PIEL, J. M. *Os nomes germânicos na toponímia portuguesa*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1933.

POSSIDÔNIO, P. M. de O. A criação de nomes próprios no português brasileiro: aspectos mórficos da neologia antroponímica. In: SEMINÁRIO ESTUDANTIL DE PESQUISA, 2007, Salvador. *Anais [...]*. Salvador: UFBA, 2007. p. 1-11.

RODRIGUES, L. S. Antroponímia neológica e os esquemas construcionais. In: CONGRESSO NACIONAL EM ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA LINGUAGEM, 1., 2020, Campina Grande. *Anais [...]*. Campina Grande: Ed. Realize, 2020a, p. 1-10. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/72034>. Acesso em: 28 nov. 2020.

RODRIGUES, L. S. *Neologia antroponímica: o que os nomes de origem germânica têm a nos dizer?* 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

RODRIGUES, L. S. *Neologismos antroponímicos com base na utilização de formativos germânicos no Brasil*. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

RODRIGUES, L. S. O papel da morfologia construcional na formação de antroponímicos neológicos. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 108-123, jan./maio 2020b. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/31661/20600>. Acesso em: 26 out. 2020.

RODRIGUES, L. S.; SOLEDADE, J. Germanismos e a contribuição para a antroponímia brasileira. *Revista Hyperion*, Salvador, n. 8, p. 75-90, 2016. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistahyperion/article/view/17018/11379>. Acesso em: 18 out. 2019.

SANDMANN, A. J. *Morfologia geral*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

SANDMANN, A. J. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.

SILVA, A. S. da. Os estudos de Linguística Cognitiva do português. *Revista Portuguesa de Humanidades*, Braga, v. 12, p. 189-221, 2008.

SIMÕES NETO, N. A. *Um enfoque construcional sobre as formações X-eir-: da origem latina ao português arcaico*. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística

Histórica) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/30404/1/TOMO%20I%20MERGED.pdf>. Acesso em: 20 out. 2019.

SIMÕES NETO, N. A.; SOLEDADE, J. Nomes masculinos X-son na antroponímia brasileira: uma abordagem morfológica, histórica e construcional. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 1295-1350, 2018.

SOLEDADE, J. A hipótese da prevalência de construções biformativas em processos concatenativos e não concatenativos na formação de antropônimos neológicos no Brasil. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 61, p. 30-48, 2018a.

SOLEDADE, J. Por uma abordagem cognitiva da morfologia: revisando a morfologia construcional. In: ALMEIDA, A. A. D.; SANTOS, E. S. dos (org.). *Linguística cognitiva: redes de conhecimento d'aquém e d'além-mar*. Salvador: Edufba, 2018b. p. 225-258.

SOLEDADE, J.; LOPES, M. Uma proposta de revisão do conceito de morfema. In: ALMEIDA, A. A. D.; SANTOS, E. S. dos; SOLEDADE, J. (org.). *Saberes lexicais: mundos, mentes e usos*. Salvador: Edufba, 2015. p. 429-461.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. Tradução de Celso Ferreira da Cunha. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.

ULLMANN, S. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Tradução de Mateus, J. A. Osorio. 2. ed. Lisboa: Calouste-Gulbenkian, 1967.

VIARO, M. E. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2014.

Capítulo 9

PARA UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL DA TOPONÍMIA BRASILEIRA

um estudo dos padrões [Beco
de X_i]_{TOPj} e [Alto de X_i]_{TOPj}
em Salvador (BA)

*Letícia Santos Rodrigues
e Natival Simões Neto*

INTRODUÇÃO

Nos termos do que se conhece por Onomástica enquanto ciência linguística que “[...] que se dedica ao estudo dos nomes próprios, quer se direcionem para as suas origens, quer para os seus processos de formação, quer para a sua organização no léxico das línguas e também no meio social” (RODRIGUES, 2016, p. 13), sobrelevamos suas mais variadas facetas no que tange aos seus objetos de estudo, que podem perpassar nomes de santos, marcas comerciais, personagens literários etc. Destes, os mais estudados são os nomes de pessoas, ou antropônimos, e os nomes de lugares, ou topô-

nimos, abarcando, respectivamente, as vertentes conhecidas como Antroponímia e Toponímia.

O presente estudo se circunscreve no âmbito toponímico, com suas análises referentes aos espaços públicos da cidade de Salvador, capital do estado da Bahia e também a primeira capital do Brasil. Seguindo os pressupostos da Linguística Cognitiva (LC) (LAKOFF; JOHNSON, 2002) e da Morfologia Construcional (MC) (BOOIJ, 2010; GONÇALVES, 2016; SOLEDADE, 2018b), o estudo se dedicará à análise de topônimos soteropolitanos instanciados pelos padrões construcionais [Beco de X]_{TOP} e [Alto de X]_{TOP}, como “Beco do Mingau”, “Alto do Cabrito”, “Beco de São Carlos” e “Alto do Peru”. A partir da leitura desses dados, então, conseguiremos depreender esquemas construcionais associados à formação desses topônimos.

Para além disso, levando em conta a abordagem sociocognitiva do presente estudo, pretendemos também analisar como aspectos não somente linguísticos, mas também culturais, sociais e históricos, são capturados e comprimidos nas estruturas toponímicas, por meio de heranças metafóricas e metonímicas. Assim, de maneira mais específica, interessa-nos descrever como o elemento que integra o *slot* X, a parte variável dos padrões [Beco de X]_{TOP} e [Alto de X]_{TOP}, contribui, do ponto de vista do significado e da motivação, para os construtos analisados.

Para melhor embasar a pesquisa desenvolvida, organizamos este capítulo da seguinte maneira: (a) uma seção dedicada às questões básicas da Toponímia; (b) uma breve explicação acerca dos fundamentos teóricos e metodológicos da LC e da MC; (c) uma seção de apresentação e análise dos dados. Essas três seções são seguidas das considerações finais e das referências.

TOPONÍMIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Apesar das antiquíssimas elucubrações que perpassam o conceito de nome próprio e nome comum, encontradas já desde o século II a.C.

com o gramático Dionísio¹ – ainda que sem os termos ou os aspectos utilizados e definidos hodiernamente –, é só no século XIX, com Auguste Longnon, que a Toponímia ganha ares de disciplina científica, com a sistematização de seus estudos. (CARVALHINHOS, 2008) No Brasil, os estudos em Toponímia começam voltados principalmente para o estudo etimológico dos topônimos tupis, portanto, de natureza ameríndia, seguindo os modelos propostos pelo que se conhecia por Onomástica na Europa. (DICK, 1994)

Tendo a Toponímia como nosso foco, precisamos entender, de antemão, que:

[...] o topônimo não pode ser considerado uma palavra comum – e, portanto, não se circunscreve unicamente numa análise lexicológica – mas sim um nome comum que se tornou próprio, devemos ter como parâmetro que um topônimo designa, dentro de certo grupo humano, determinado acidente (físico ou antrópico) e não outro qualquer [...]. (CARVALHINHOS, 2004, p. 274, grifo do autor)

Nos termos deste trabalho, nos deteremos à toponímia referente à cidade de Salvador, fundada em 29 de março de 1549 – com a chegada de Tomé de Sousa – e primeira sede da administração colonial portuguesa do Brasil, tendo sido capital do país no período compreendido entre 1549 e 1763. Estudar o aspecto toponímico dessa cidade é ainda mais interessante ao se considerar a perspectiva histórica em razão da espontaneidade nas nomeações de seus espaços públicos. Isso porque Salvador – planejada pelo arquiteto Luís Dias para ser a fortaleza de Portugal – nasceu e se expandiu, a princípio, sem tanta preocupação quanto à sua organização “urbana”, tendo em seus registros um grande número de nomes espontâneos, populares, demonstrando um forte componente cognitivo, como veremos adiante. Assim, considerando

1 Considerado o responsável pela primeira gramática ocidental.

toda uma gama de elementos culturais, sociais, históricos, político etc., concordamos com Carvalhinhos (2008, p. 1) ao dizer que:

[...] o interesse em se descobrir o significado de determinado nome de lugar pode ser a pedra de toque para que se inicie uma pesquisa, mas acreditar que toponímia é apenas e tão somente resgatar a etimologia de uma lista de nomes é amesquinhar e diminuir a importância cultural que ela encerra.

Do viés toponímico é possível observar que, na cidade de Salvador, muitas vezes, há o que se conhece, em termos técnicos, por denominação “espontânea”, ou seja, aquela que surgiu por meio da própria população e que pode ou não estar registrada nos documentos oficiais – fenômeno saliente em razão da época em que esses topônimos foram cunhados, portanto, quando a ação dos cartórios se mostrava menos influente, tendo alguns desses itens onomásticos sobrevivido até hoje no cotidiano dos baianos. Sobre esse aspecto, menciona Dick (1992, p. 49, grifo do autor):

É certo que, ao longo da heterogeneidade dos motivos designativos, uns surgem com maior insistência ou frequência que outros e que alguns mecanismos de nomeação são bem mais comuns em determinados estágios ou períodos da vida coletiva, como é o caso dos nomes descritivos, que retratam o lugar em si, pelas suas próprias dimensões caracterizadoras. Por isso mesmo há um consenso unânime entre os toponimistas de pesquisar as origens da denominação em duas fontes principais, uma, reputada *espontânea* ou popular, sem uma autoria identificável à primeira vista, porque nascida no seio da população e não individualizada; e, outra, conhecida como *sistemática* ou oficial, atribuída aos descobridores, aos dirigentes ou ao poder de mando, legitimamente constituído, ou não.

Dentre as motivações que envolvem a escolha de um topônimo, podemos citar a ocorrência de um fato histórico de relevância para a região – ou não tão relevante, às vezes mesmo um acontecimento do

cotidiano dos moradores –, a homenagem a santos, políticos, pessoas ilustres ou personagens históricos – que podem ou não estar diretamente envolvidos com o local ao qual emprestam seus nomes – etc. Justamente esse leque tão variado de opções é o que dificulta o rastreamento da origem do topônimo, levando, não raro, a etimologias fantasiosas.

Neste trabalho, não intentamos questionar a confiabilidade de uma etimologia, tampouco propor novos étimos. Tentaremos entender, com base nos pressupostos da LC e da MC, como as experiências sociais, históricas e culturais motivaram a criação de topônimos de Salvador (BA), engendrando-se na construção morfológica, por meio dos mecanismos cognitivos de metáfora e metonímia.

LINGUÍSTICA COGNITIVA E MORFOLOGIA CONSTRUCIONAL

A LC é um modelo teórico que começa a ser pensado no final dos anos 1970 e tem como um dos principais marcos inaugurais a publicação do livro *Metaphors We Live By* (1980), de George e Lakoff e Mark Johnson, traduzido para o português em 2002, como *Metáforas da vida cotidiana*. Entre os principais contributos dessa teoria para os estudos linguísticos, está o entendimento de que a metáfora e a metonímia não são figuras de linguagem ou ornamentos do uso literário da língua, sendo consideradas como mecanismos básicos da compreensão humana. Para Lakoff e Johnson (2002), o nosso sistema conceptual, aquele pelo qual compreendemos as nossas experiências, é fundamentalmente metafórico, e não literal, como se pensou por séculos na tradição ocidental.

Com o intuito de evidenciar que a metáfora não é um fenômeno de ordem estritamente linguística, Lakoff e Johnson (2002) mostram como nós podemos conceptualizar novas experiências a partir de outras mais antigas, ou ainda conceptualizar conceitos abstratos a partir de experiências mais concretas. Assim, fazemos quando organizamos o conceito de discussão a partir da noção de guerra, ou como organiza-

mos o nosso tempo nos moldes com que administramos o dinheiro. A maneira como experienciamos esses conceitos extrapola a linguagem, mas esta é capaz de capturar esses mecanismos de conceptualizamos. Por isso, não raramente, dizemos ou ouvimos expressões como: “não vou gastar meu tempo com você”; “reserve umas horas para o lazer”; “ele atacou a minha teoria”; e “eu vou destruir os argumentos dele”. Essas expressões revelam que podemos entender o tempo em termos de dinheiro e a discussão em termos da guerra. Isso é metáfora nos termos da LC: um mecanismo de compreensão em que usamos uma experiência para entender outra.

A metonímia, por sua vez, diz respeito à capacidade de focalizarmos um aspecto da experiência e usá-lo para entendê-la na sua integridade. Se alguém diz “eu comi um prato de comida”, não está se referindo ao tamanho do prato, e sim ao conteúdo. A metonímia, nesse caso, é do tipo CONTINENTE/CONTEÚDO. Há uma vasta quantidade de padrões metonímicos e metafóricos nas línguas naturais. É nossa tarefa, enquanto linguistas cognitivos, descrevê-los.

A LC, recorrentemente, é apresentada como um arquipélago de propostas teóricas que compartilham dos mesmos princípios. Alguns desses são: (a) a não separação entre mente e corpo; (b) a visão não modular da linguagem; (c) a relevância da semântica nos processos linguísticos; (d) o potencial metafórico e metonímico das línguas; (e) a língua como uma rede de construções que se conectam por *links* metafóricos e metonímicos.

O tratamento das construções na perspectiva cognitivista fica a cargo de propostas como a Gramática de Construções (GC), de Goldberg (1995, 2006), que se dedica principalmente às construções sintáticas, e a MC, de Booij (2005, 2007, 2010, 2017), voltada para as construções morfológicas. Tanto a GC quanto a MC defendem que a construção é um pareamento de forma e significado, abrangendo construções morfológicas, como N-ista (“dentista”, “taxista”), e construções sintáticas, como o padrão oracional transitivo direto SVO (Saulo chutou a bola). As abordagens construcionais da linguagem podem se debruçar sobre

padrões completamente fechados, como idiomatismos do tipo “bater as botas”, ou completamente abertos, como a construção dativa S-V-OD-OI (João deu flores a Maria), ou, ainda, as construções semiabertas/semifixas, como as derivações V-dor (“vendedor”, “comprador”, “entregador”) e os compostos N-mor (“capitão-mor”, “capela-mor”, “alcaide-mor”).

Uma noção central nas abordagens construcionais é a de esquema. O esquema é o mecanismo utilizado para capturar as relações entre forma e significado tanto na GC quanto na MC. No que toca às construções morfológicas, um esquema deve trazer conteúdos formais, como forma fonológica recorrente, se houver, e categorias lexicais envolvidas nos processos morfológicos, quando relevantes. Deve apresentar também informações semânticas de nível básico. Um exemplo de um esquema morfológico pode ser dado com o padrão construcional N-ista, a seguir:

$$\langle [X_{Si} -ista]_{Sj} \leftrightarrow [PROFISSIONAL ESPECIALIZADO/DEDICADO A SEM_{Si}] \rangle$$

Nessa representação, os símbolos “< >” servem para delimitar a construção, ao passo que a seta dupla “↔” serve para indicar a coindexação entre o polo formal e o polo semântico. Do lado esquerdo, no polo formal, vê-se que há uma forma fonológica recorrente correspondente ao sufixo -ista e a sinalização de que o *input*, o *slot* variável X, é sempre um substantivo, como também o derivado. Trata-se, portanto, da formação de substantivos a partir de outros substantivos. No polo semântico, é dito que há um significado de nível básico, PROFISSIO-NAL, e a atuação desse profissional está relacionada ao conteúdo do *input*.

Na MC, o entendimento é de que, a partir de eventos de usos, como “taxista”, “dentista”, “lojista”, “musicista” e “nutricionista”, o falante seja capaz de abstrair um esquema como o representado. Esse esquema permite que ele sintetize o padrão e gere ou compreenda novas for-

mas que nunca tenha ouvido. Assim, tendo esse esquema abstraído, o falante se torna capaz de deduzir que neologismos como “trancista” e “megarrista” sejam profissionais especializados em “trança” e “mega hair”, respectivamente.

A MC, no Brasil, como observa Tavares da Silva (2019), tem conduzido uma gama de diversificada de temáticas, dando suporte para o estudo de variados fenômenos. Nas palavras do autor:

Em suma, os trabalhos de Booij que instituem a Morfologia Construcional versam sobre padrões derivacionais, sobre composição, sobre os limites entre compostos e sintagmas (ou seja, entre morfologia e sintaxe), e sobre flexão. No Brasil, diversos trabalhos podem ser encontrados nessa linha, tais como Gonçalves & Almeida (2014), Gonçalves & Carvalho (2016), Tavares da Silva (2017) e Simões Neto (2019), apenas para citar alguns. Mas o modelo também tem se mostrado promissor na análise de outros processos morfológicos como os compostos neoclássicos (GONÇALVES & PIRES, 2016), a recomposição (GONÇALVES & OLIVEIRA, 2016), a reduplicação (VIALLI, 2013; GONÇALVES & VIALLI, 2016 e 2017), o cruzamento vocabular e as formações com splinters (GONÇALVES, 2016; ANDRADE & RONDININI, 2016; ROSITO DE OLIVEIRA, 2017; PIRES, 2018), além de ter embasado trabalhos sobre antroponímia (ANDRADE & RONDININI, 2016; SIMÕES NETO & SOLEDADE, 2018) e morfologia histórica (SOLEDADE & SIMÕES NETO, 2015; SIMÕES NETO, 2016, 2017a e 2017b). (TAVARES DA SILVA, 2019, p. 118-119)

Conforme o excerto de Tavares da Silva (2019), não se pode negar que a MC tem sido aplicada a vários fenômenos morfológicos do português. Entretanto, ainda são poucos os trabalhos voltados para fenômenos onomásticos de ordem morfológica. Em relação aos estudos de nomes de pessoas, a Antroponímia, são vistos os trabalhos de Rodrigues (2016, 2019, 2020), Soledade (2018a), Simões Neto e Soledade (2018) e Soledade, Rodrigues e Simões Neto (2021), que utilizam a MC para descrever antropônimos brasileiros ditos inovadores. Em re-

lação à Toponímia, não foram vistos, ainda, trabalhos que se orientem pela abordagem construcional, ainda que a caracterização morfológica seja um procedimento recorrente desse tipo de pesquisa. É nesse sentido, portanto, que este artigo visa a contribuir para os estudos da Toponímia e da MC.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

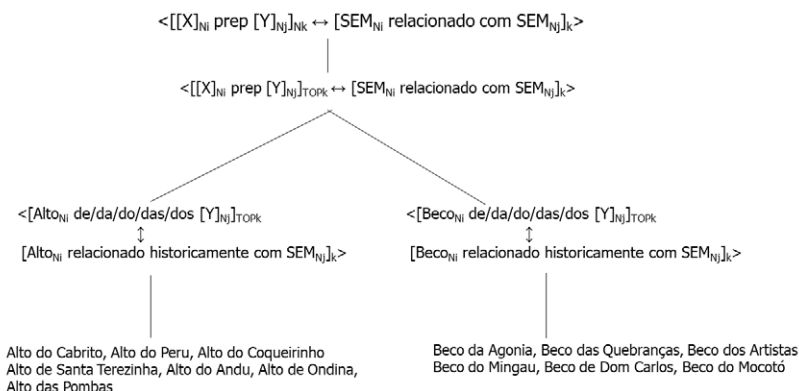
Os dados analisados neste trabalho foram parcialmente retirados do livro *História de Salvador nos nomes das suas ruas*, de Dorea (2006). Outros dados advieram do conhecimento dos autores em relação à toponímia soteropolitana, tendo estes sido atestados em outras fontes. Em relação aos padrões “Alto de X” e “Beco de X”, verificados na cidade de Salvador, Dorea (2006) menciona os seguintes exemplos: “Alto do Cabrito”, “Beco Açouguinto”, “Beco da Agonia”, “Beco da Água de Gasto”, “Beco dos Barbeiros”, “Beco da Bomba”, “Beco dos Calafates”, “Beco de Dom Carlos”, “Beco do Funil”, “Beco de Maria Paz”, “Beco do Mingau”, “Beco do Mocotó”, “Beco das Quebranças”, “Beco da Rua da Vala”, “Beco do Xegais”.

O que se observa, com base nos dados extraídos de Dorea (2006) e de outras fontes, é que as nomeações de “Altos” e “Becos”, em Salvador (BA), seguem sempre o padrão [NprepN]_N. Esses topônimos podem ser considerados como compostos sintagmáticos. (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016) Os autores entendem que os compostos sintagmáticos advêm de uma lexicalização de uma estrutura sintagmática usual na língua. Ainda que as autoras abordem a formação de nomes comuns, nada impede que a classificação se aplique aos nomes próprios. Essa distinção nos produtos/*outputs* está no nível pragmático, que deverá ser contemplado no polo semântico dos esquemas.

Estudos sobre compostos sintagmáticos [NprepN]_N na perspectiva construcional foram feitos por Simões Neto (2018, 2019). No primeiro, o autor analisou os padrões síndrome de X (“síndrome de Peterpan”,

“síndrome de índio”, “síndrome de Luciano Huck”) e complexo de X² (“complexo de vira-lata”, “complexo de Cinderela”, “complexo de inferioridade”). No segundo, o autor investigou os padrões X de Taubaté (“hetero de Taubaté”, “crente de Taubaté”, “fachada de Taubaté”), X de Itu (“picolé de Itu”, “caneta de Itu”, “orelha de Itu”), X do Paraguai (“cd do Paraguai”, “celular do Paraguai”, “loira do Paraguai”). Não se veem diferenças significativas entre esses padrões construcionais e aqueles dos topônimos encabeçados por “Alto” e “Beco”. Dito isso, podemos propor uma rede construcional como na Figura 1, a seguir.

Figura 1 – Rede construcional [Alto de X]_N e [Beco de X]_N



Fonte: elaborada pelos autores.

Na Figura 1, o nó mais alto é um padrão aberto que abarca todos os compostos sintagmáticos do tipo [NprepN]_N, podendo formar nomes comuns ou próprios. O nó imediatamente abaixo especifica que o produto é um nome próprio do tipo topônimo -TOP. Desse esquema for-

-
- 2 Importa-nos destacar que Simões Neto (2018), ao tratar do padrão [complexo de X], menciona o uso na formação de topônimos, como “Complexo do Alemão” e “Complexo de Bangu”. Isso ressalta a indistinção do padrão para a formação de nomes comuns e nomes próprios.

mador de topônimos [NprepN]_{TOP}, desenvolvem-se dois grupos parcialmente especificados: [Alto de/da/do/das/dos N]_{TOP} e [Beco de/da/do/das/dos N]_{TOP}. Em ambos os subpadrões, especifica-se o primeiro nome da estrutura composta, que serve de núcleo das construções. O segundo nome corresponde às partes variáveis dos construtos. Desses dois esquemas semifixos, instanciam-se os topônimos soteropolitanos “Alto do Peru”, “Alto do Cabrito”, “Beco das Quebranças” e “Beco do Mocotó”, que estão na parte mais baixa da Figura 1.

Vale ressaltar que, na polo semântico do esquema, optou-se por colocar “relacionado historicamente”, não apenas “relacionado”. Isso se deveu ao fato de nem sempre o elemento variável da construção ser transparente sincronicamente, no que toca à motivação. Muitas vezes, esses elementos são opacos, cabendo à investigação histórica explicá-los. A LC, à sua maneira de abordar a metáfora e a metonímia, tem dado contribuições valiosas para os estudos toponímicos. Tendo em vista esse diálogo, selecionamos seis topônimos soteropolitanos dos tipos [Alto de/da/do/das/dos N]_{TOP} e [Beco de/da/do/das/dos N]_{TOP} para explicar questões de herança e motivação nas construções morfológicas. Os topônimos selecionados foram: “Alto do Cabrito”, “Alto do Peru”, “Alto do Coqueirinho”, “Beco da Agonia”, “Beco do Mingau” e “Beco de Dom Carlos”.

ALTO DO CABRITO

Alto do Cabrito é um bairro de Salvador, atualmente circunscrito na região administrativa de Valéria. Faz fronteira com os bairros de Pirajá, Lobato e Marechal Rondon. É uma das regiões mais antigas da cidade, tendo sido um dos cenários das batalhas travadas pela Independência da Bahia. Segundo Sampaio (2002), a denominação “Alto do Cabrito” não é, contudo, a primeira do local, tendo atendido pelo nome oficial de “Getúlio Vargas”. O povoamento da região começou a se dar na década de 1950, mas o topônimo, segundo Dorea (2006) e Simas (2018), descende ainda da época colonial e se deve à existência

de um engenho de cana-de-açúcar com o nome Cabrito. Há, ainda, a possibilidade de o nome “Alto do Cabrito” se dar por extensão do “Dique do Cabrito”, também chamado de “Dique de Campinas”. Sem entrar no mérito de definir a motivação correta, interessa-nos observar que, qual seja a história, “Cabrito” comprime metonimicamente o dique ou o engenho, sendo uma metonímia do tipo PARTE PELO TODO.

Alto do Peru

Alto do Peru é um subdistrito do bairro Fazenda Grande do Retiro, sendo vizinho ao Largo do Tanque. Uma possível motivação para o topônimo “Alto do Peru” foi dada em uma reportagem do programa de televisão *Mosaico Baiano*, de 2016. No *site* desse programa, vê-se o seguinte excerto:

A apresentadora do *Mapas Urbanos* passeia pelo bairro e conhece a história do local com o músico Wladd, da banda Plano B. ‘Foi uma das entradas de Salvador. ‘Alto’ porque os portugueses ficavam vigiando as invasões que tinham. E ‘Peru’ porque as primeiras pessoas a morar aqui foi um grupo de índios peruanos’, explica, antes de dar uma palinha. (MOSAICO BAIANO, 2016, grifo do autor)

Como podemos ver, a palavra “Peru”, em “Alto do Peru”, não remonta ao animal, e sim ao país. O país Peru é usado para metonimicamente representar uma parcela dos seus nativos. Esse uso metonímico em nada se difere de expressões como: “O Brasil ainda não aprendeu a votar” e “O Brasil lê muito pouco”. Nesses exemplos, Brasil (todo) representa os nativos (parte). Como uma nação não é apenas o seu povo, temos, tanto nesses casos de Brasil quanto em Alto do Peru, uma metonímia do tipo TODO PELA PARTE.

Alto do Coqueirinho

Alto do Coqueirinho surgiu, nos anos 1980, como um subdistrito do bairro de Itapuã. Atualmente, é reconhecido como bairro e integra a região administrativa de Itapuã. Sobre a história do Coqueirinho, Miguez (2013) explica:

Nascido na década de 1980 com a ocupação da fazenda São Francisco, o Alto do Coqueirinho guarda um capítulo recente da história de luta da nossa cidade. O movimento que originou o bairro é talvez um dos últimos do tipo em ambiente urbano no nosso estado. No Alto do Coqueirinho ainda se mantêm algumas características das comunidades tipicamente rurais, como a comercialização de produtos agrícolas – muitas vezes plantados pelos próprios moradores – em pequenas bancas nas portas das casas. O que mostra que o povo que ocupou a fazenda São Francisco deixou plantado no lugar um modo. de viver.

A motivação para o topônimo “Alto do Coqueirinho”, segundo Miguez (2013), está relacionada à caracterização rural/agrícola da localidade em seus momentos primeiros. O autor explica que, na ocupação, havia muitos pés de licuris e coqueiros. Assim, o “Coqueirinho”, no construto “Alto do Coqueirinho”, comprime metonimicamente toda a área tipicamente rural do lugar, sendo, então, uma metonímia do tipo PARTE PELO TODO.

Beco do Mingau

O Beco do Mingau é localizado na região do Dois de Julho, recentemente reconhecida como bairro de Salvador (BA). Sobre a origem desse topônimo “Beco do Mingau”, Dorea (2006, p. 68) comenta:

É impossível de ser fixada no tempo, a origem desse batismo de fácil hipótese para ser explicado: no local, houve, em algum período da vida da cidade, algum ponto de venda de mingau, essa ‘iguaria de consistência pastosa’, feita geralmente de lei-

te açucarado e engrossado com farinha de trigo, de mandioca, fubá de milho etc. O nome popular foi restaurado através da Lei Municipal nº 487, datada de 09 de julho de 1954.

Com base em Dorea (2006), podemos sugerir que tenha havido, na nomeação Beco do Mingau, uma metonímica em que o espaço foi designado com uma atividade que nele acontece. O mingau comprime a cena de venda da iguaria, e essa comercialização é focalizada para caracterizar o beco nomeado. Há, portanto, uma metonímia do tipo LUGAR PELA ATIVIDADE/EVENTO.

Beco das Quebranças

O Beco das Quebranças se situa atualmente na região central de Salvador, mais precisamente na famosa Avenida Sete de Setembro. Esse topônimo designava, segundo Dorea (2006), outra localidade sotopolitana. Sobre isso, Dorea (2006, p. 69, grifo do autor) comenta:

Na *História da Fundação da Cidade do Salvador*, está registrado que em área fronteira ao Largo da Mariquita, pela parte do mar, havia um recife que veio a dar origem a esse batismo 'por causa dos vagalhões que se 'quebravam' em sua roda. Num mapa da Cidade do Salvador, desenhado pelo engenheiro Adolfo Morales de Los Rios e datado de 30 de março de 1894, pode-se identificar, na área do Rio Vermelho, a Rua e o Beco das Quebranças.

Assim como aconteceu com o Beco do Mingau, em relação ao antigo Beco das Quebranças, aconteceu o mesmo processo metonímico em que um evento notório é focalizado para designar todo o lugar. Porém, esse evento não aconteceu exatamente no lugar, e sim em uma região próxima. Assim, notamos uma metonímia LUGAR PELO EVENTO, em que o Beco é designado pelo evento das quebradas dos vagalhões (grandes ondas), e uma metonímia do tipo PARTE PELA PARTE, que se dá pela força de contato, uma vez que o lugar onde as “quebranças”

dos vagalhões aconteciam era próximo ao beco, e o beco passou a ser nomeado por conta desse outro local.

Beco de Dom Carlos

O Beco de Dom Carlos, segundo Dorea (2006, p. 67), recebe esse nome por “[...] ter nele morado – na casa que faz quina com o beco – o Coronel Dom Carlos Baltazar da Silveira”. Aqui há também um processo metonímico em que um morador da localidade é focalizado em relação aos outros, na designação toponímica. Em outros estados brasileiros, esse processo também se mostra produtivo. Por exemplo, no Rio de Janeiro, uma determinada parte da praia de Ipanema ficou conhecida como as Dunas da Gal. Essa região ficava próxima do Píer de Ipanema, frequentado por surfistas e jovens alternativos dos anos 1970. Uma formação natural na areia da praia recebeu o nome de “Dunas da Gal”, como relata Gomide (2019). Isso se deveu, segundo o autor, porque o público que ali frequentava, após o dia de praia, costuma ir ver, no Teatro Tereza Raquel, a cantora Gal Costa, com o emblemático *show Fa-Tal: a todo vapor* (1971). Gal era também uma frequentadora da praia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, intentamos mostrar como as bases teórico-metodológicas da LCe da MC podem ser atrativas para os estudos sobre a toponímia das línguas. No Brasil, a Semântica Cognitiva já tem sido bastante acionada nos trabalhos de Onomástica – Toponímia e Antroponímia –, para melhor explicar questões relacionadas à motivação do signo onomástico. A abordagem construcionista, no entanto, por meio de modelos como a GC e a MC, ainda tem sido explorada nos estudos toponímicos e antroponímicos.

Por meio da MC, pudemos pensar a organização esquemática dos padrões de criação de topônimos, aliando sempre as dimensões for-

mal e semântica. A rede construcional proposta na Figura 1 permitiu que visualizássemos a aproximação entre as construções atinentes à formação de nomes comuns e de nomes próprios, o que possibilita dissolver a categorização rígida que separa o léxico comum do onomástico.

A construção [NprepN]_N, totalmente aberta, se mostra como o nível mais geral e esquemático de um determinado tipo de composto sintagmático. Essa construção esquemática servirá de modelo tanto para a formação de nomes comuns, como “complexo de vira-lata” e “síndrome de Peterpan”, quanto para a formação de nomes próprios, como “Alto do Peru” e “Beco do Mingau”, que são instanciações das construções [Beco de X]_{TOP} e [Alto de X]_{TOP}, analisadas neste capítulo.

A partir dos postulados da LC, foi possível que descrevêssemos os padrões de herança semântica relacionados aos itens lexicais que preenchem a posição variável nos esquemas [Beco de X]_{TOP} e [Alto de X]_{TOP}. Em linhas gerais, observamos que há uma predominância de herança metonímica desses elementos que integram os *slots* X dos esquemas. Tal fato não chega a surpreender, considerando que estudos da mesma linha teórica, em relação aos nomes ditos comuns, apontam para a mesma direção. Espera-se que este trabalho possa servir para empreender novos debates que associem os conhecimentos da Toponímia, da LC e, principalmente, da MC.

REFERÊNCIAS

- BOOIJ, G. E. Compounding and derivation: evidence for construction morphology. In: DRESSLER, W. U. et al. (ed.). *Morphology and its demarcations*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2005. p. 109-131.
- BOOIJ, G. E. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BOOIJ, G. E. Construction Morphology and the Lexicon. In: MONTERMINI, F.; BOYÉ, G.; HATHOUT, N. (ed.). *Selected proceedings of the 5th Décembrettes: Morphology in Toulouse*. Somerville: Cascadilla Press, 2007. p. 34-44.

BOOIJ, G. E. Inheritance and motivation in Construction Morphology. In: GISBORNE, N.; HIPPISEY, A. (ed.). *Defaults in morphological theory*. Oxford: Oxford University Press, 2017. p. 18-39.

CARVALHINHOS, P. de J. Estudos de Onomástica em língua portuguesa no Brasil: perspectivas para inserção mundial. In: SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2008, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: FFLCH/USP, 2008. p. 1-20. Disponível em: http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/01_10.pdf. Acesso em: 16 dez. 2020.

CARVALHINHOS, P. de J. A onomástica e o resgate semântico: as antas. *Estudos Lingüísticos XXXIII*, São Paulo, p. 274-279, 2004. Disponível em: http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2004/4publica-estudos2004-pdfs-comunic/a_onomastica.pdf. Acesso em: 19 jan. 2021.

DICK, M. V. de P. do A. Toponímia e Línguas Indígenas do Brasil. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 8, n. 22, p. 435-436, 1994. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/VND5RCxT94ttCbfKYSm8Dbx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 jan. 2021.

DICK, M. V. de P. do A. *Toponímia e antroponímia no Brasil: coletânea de estudos*. 3. ed. São Paulo: Arquivo do Estado, 1992.

DOREA, L. E. *História de Salvador nos nomes das suas ruas*. Salvador: Edufba, 2006.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a Construction Grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: The nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOMIDE, T. "Dunas da Gal": ponto de encontro dos descolados em 1972. *O Dia*, Rio de Janeiro, 16 jun. 2019. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/colunas/coisas-do-rio/2019/06/5654058--dunas-da-gal--ponto-de-encontro-dos-descolados-em-1972.html>. Acesso em: 19 jan. 2021.

GONÇALVES, C. A. V. *Morfologia construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016.

GONÇALVES, C. A. V.; ALMEIDA, M. L. L. de. *Morfologia construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias*. Alfa, São Paulo, v. 58,

n. 1, p. 165-193, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/RFD7h36Ytf-CYfHLhZJ3fvJf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 jan. 2021.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Educ, 2002.

MIGUEZ, S. Um bairro dentro do bairro. Itapuacity. [Salvador], 6 ago. 2013. Disponível em: <https://www.itapuacity.com.br/um-bairro-dentro-do-bairro/>. Acesso em: 19 jan. 2021.

MOSAICO BAIANO. *No Alto do Peru, Maria Menezes pede trenó de gente pitoresca*. [S. l.], 26 dez. 2016. Disponível em: <http://gshow.globo.com/Rede-Bahia/Mosaico-Baiano/noticia/2016/12/no-alto-do-peru-maria-menezes-pede-treno-de-gente-pitoresca.html>. Acesso em: 19 jan. 2021.

RIBEIRO, S.; RIO-TORTO, G. Composição. In: RIO-TORTO, G. et al. (ed.). *Gramática derivacional do português*. 2 ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016. p. 385-431.

RODRIGUES, L. S. *Neologia antroponímica: o que os nomes de origem germânica têm a nos dizer?* 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-09092019-175043/publico/2019_LeticiaSantosRodrigues_VCorr.pdf. Acesso em: 19 jan. 2021.

RODRIGUES, L. S. *Neologismos antroponímicos com base na utilização de formativos germânicos no Brasil*. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/19485/3/Neologismos%20antropo%20n%C3%ADmicas%20com%20base%20na%20utiliza%C3%A7%C3%A3o%20de%20formativos%20germ%C3%A2nicos%20no%20Brasil.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2021.

RODRIGUES, L. S. O papel da morfologia construcional na formação de antropônimos neológicos. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 108-123, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/31661/20600>. Acesso em: 26 out. 2020.

RODRIGUES, L. S. Topônimos latino-americanos: um estudo etimológico. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 1031-1055,

2018. Disponível em: http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/12812/pdf_1. Acesso em: 10 maio 2019.

SAMPAIO, M. Décadas de problemas no Alto do Cabrito. *A Tarde*, Salvador, 9 fev. 2002. Disponível em: <http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/doc-polo/decadasdeproblemasnoaltodocabrito.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2021.

SIMAS, A. Feira em história: curiosidades sobre alguns nomes das ruas de Salvador. *Blog Santanópolis*. Feira de Santana, 11 set. 2018. Disponível em: <http://www.feiradesantana.ba.gov.br/secom/noticias.asp?idn=20360>. Acesso em: 19 jan. 2021.

SIMÕES NETO, N. A. Compostos com síndrome e complexo no português brasileiro: uma abordagem construcional. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 3373-3394, 2018.

SIMÕES NETO, N. A. Morfologia Construcional e alguns desafios para a análise de dados históricos da língua portuguesa. *Domínios de Lingu@agem*, Uberlândia, v. 11, n. 3, p. 468-501, 2017.

SIMÕES NETO, N. A. O padrão $[[X]_N$ de Taubaté] $_N$ no português brasileiro: um estudo sobre compostos sintagmáticos em perspectiva construcional. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 265-290, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/24366/17779>. Acesso em: 19 jan. 2021.

SIMÕES NETO, N. A.; SOLEDADE, J. Nomes masculinos X-son na antroponímia brasileira: uma abordagem morfológica, histórica e construcional. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 1295-1350, 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/12678/pdf>. Acesso em: 23 out. 2019.

SOLEDADE, J. A hipótese da prevalência de construções biformativas em processos concatenativos e não concatenativos na formação de antropônimos neológicos no Brasil. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 61, p. 30-48, 2018a.

SOLEDADE, J. Por uma abordagem cognitiva da morfologia construcional. In: ALMEIDA, A. A. D.; SANTOS, E. S. dos (org.). *Linguística cognitiva: redes do conhecimento d'aquém e d'além mar*. Salvador: Edufba, 2018b. p. 345-378.

SOLEDADE, J.; RODRIGUES, L. S.; SIMÕES NETO, N. A. A inovação antroponímica na Bahia dos séculos XIX, XX e XXI: uma interface entre antroponomástica e

morfologia histórica. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 15, n. 2, p. 1-33, abr./jun. 2021. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosde-linguagem/article/view/57065/30691>. Acesso em: 19 jan. 2021.

TAVARES DA SILVA, J. C. A abordagem construcional nos estudos da morfologia do português: o modelo booiijano em terras brasílicas. *Macabéa: Revista Eletrônica do Netlli, Crato*, v. 8, n. 2, p. 109-135, 2019.

Capítulo 10

NARRATIVAS SOCIOCOGNITIVAS

um caminho para a
interpretação da mudança
semântica em construções
morfológicas do português

*Juliana Soledade, Natival Simões Neto
e Mailson Lopes*

INTRODUÇÃO

Neste capítulo, apresentam-se reflexões acerca da narrativa, mecanismo cognitivo por meio do qual os falantes de uma língua constroem sentidos, criando pequenas histórias que explicam determinados percursos semânticos. As chamadas “etimologias populares” podem ser encaradas como exemplos dessas narrativas sociocognitivas, no momento em que os falantes elaboram essas pequenas histórias originárias e míticas, com a intenção de explicar significados contemporâneos.

Ainda que as etimologias populares sejam muito ricas em se tratando de narrativas, elas não constituem o objeto de análise deste trabalho. Serão observadas estratégias de compreensão e mudança semântica atinentes a pa-

lavras derivadas no português arcaico, período da língua que, segundo Mattos e Silva (2008), começa em fins do século XII/inícios do século XIII e finda antes de se encerrar a primeira metade do século XVI. As análises se debruçarão sobre palavras derivadas com os sufixos -dor e -eiro e com os prefixos com- e pro-.

O alicerce teórico a ser utilizado é o da Linguística Cognitiva (LC), em suas várias facetas. São aproveitadas, neste trabalho, as contribuições de: Lakoff e Johnson (2002); Fillmore (2009); Lakoff (1987); Langacker (1987); Booij (2010); Tomasello (2003); Salomão (2009); Botelho (2009); Carmo (2009); Santos (2009); Castro da Silva (2012); Lopes (2016, 2018); Simões Neto (2016); e Soledade (2018, 2019).

Em relação à estruturação do capítulo, incluem-se seções relacionadas a: (i) fundamentos teóricos e metodológicos da abordagem sociocognitiva da linguagem; (ii) uso do modelo da LC para a interpretação semântica de construções morfológicas; (iii) apresentação e análises dos dados; (iv) considerações finais; (v) referências.

A ABORDAGEM SOCIOCOGNITIVA DA LINGUAGEM

Em *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*, Tomasello (2003) apresentará a tese de que a linguagem, mais especificamente a língua, irá ser um operador fundamental para a compreensão da evolução da espécie humana. Através de pesquisas com grandes primatas e crianças humanas, o autor vai defender que o que nos distingue, essencialmente, é a capacidade de reconhecer os nossos coespecíficos como seres mentais e intencionais e é esse mesmo processo que permitiu, há pelo menos 40 mil anos, que os *hominens sapiens* desenvolvessem linguagem.

A partir daí, é preciso compreender que as línguas naturais são fenômenos sociais simbolicamente incorporados que surgiram historicamente de atividades sociocomunicativas preexistentes. Uma vez que o homem se viu dotado, através da evolução biológica, das capacidades de compartilhar atenção conjunta, compreender os coespecí-

ficos como seres dotados de intenção, entender relações causais entre objetos e eventos e se perceberem como sujeitos partícipes de uma cena, veio a ser propícia a aquisição da linguagem, pois se havia desenvolvido a capacidade de entender as intenções comunicativas por meio de gestos, símbolos e construções linguísticas. Desde então, as necessidades interativas se tornaram cada vez mais complexas. Ao longo do tempo histórico, surgem novas práticas sociais, bem como se desenvolvem as instituições e novas habilidades tecnológicas e disso decorre a complexificação das línguas naturais, como a emergência de elementos gramaticais a partir do léxico.

Dessa compreensão, nasce a hipótese de herança dual – cultural e biológica – do pensamento humano e das línguas naturais, em que as línguas passam a assumir o importante papel de transmitir conhecimento através das gerações, uma vez que o domínio de conhecimentos específicos depende do conhecimento acumulado pela cultura e sua transmissão através da linguagem.

Para Tomasello (2003, p. 235), a função estruturante da linguagem passa pelo fato de que as categorias e os esquemas linguísticos permitem que o falante adote múltiplas perspectivas em relação a uma mesma cena comunicativa. Embora a categorização e a perspectivação não sejam processos cognitivos exclusivos da linguagem, as línguas acionam esses processos de modo muito próprio e eficaz para efetivar a comunicação humana.

Assim, na história da humanidade, criamos, interpretamos, categorizamos e perspectivamos, em colaboração uns com os outros humanos, um conjunto complexo de conhecimento e categorizações sobre objetos, eventos e relações e incorporamos, ao longo do tempo histórico, esses modos de ver o mundo no modo como dizemos do mundo através das nossas línguas naturais.

Em relação à proposta de análise trazida neste estudo, é importante compreender que se se pergunta por que uma palavra possui a forma que tem hoje e expressa os sentidos que apresenta hoje, deve-se levar em consideração que isso também decorre de narrativas que

se desenvolveram em vários pontos diferentes no trajeto histórico de uma língua.

Nesse ponto, é relevante destacar o papel das analogias e das metáforas para emergência de categorizações e generalizações esquemáticas que estão imbricadas na organização das línguas de um modo geral. Sobre esse aspecto, Tomasello (2003, p. 236, grifo do autor) dirá:

Com vários tipos de propósitos comunicativos e expressivos, ao longo do tempo histórico pessoas de todas as culturas aplicaram essas categorias e esquemas de modo inovador exigindo, para sua compreensão, a interpretação metafórica e analógica de aspectos da realidade (Lakoff, 1987; Johnson 1987; Gentner e Markman, 1997). Nisso se inclui desde o processo derivacional, por meio do qual eventos são interpretados como objetos [*Skiing is fun (esquiar é divertido)*] e objetos como eventos [*They tabled the motion (Apresentaram a moção)*], até metáforas explícitas como pessoas ‘perdendo a cabeça’ ou ‘transbordando de raiva’.

Do ponto de vista da análise morfológica de unidades lexicais, quer se trate de uma abordagem de dados atuais ou pretéritos de uma língua, deve-se sempre levar em consideração que todo estágio sincrônico de uma língua é consequência de estágios anteriores ao momento pesquisado. O efeito catraca, de que nos fala Tomasello (2003, p. 50-51), não atinge apenas a evolução cultural humana, permitindo um efeito inovador e cumulativo sobre o conhecimento culturalmente armazenado, ele também atinge de forma contundente as línguas naturais e disso decorre uma compreensão da história das línguas dentro daquilo que chama de “sociogênese”.

Dessa forma, ao se tentar capturar algumas das narrativas geradoras de itens lexicais em seu processo derivacional primitivo, se está, por um lado, evidenciando o papel relevante das metáforas, metonímias e analogias dentro de um processo de categorização; por outro lado, destaca-se a temporalidade das línguas, pois a modelagem inicial dessas categorizações dará margem, em etapas posteriores do proces-

so histórico de constituição da língua, a efeitos de transmissão e inovação que permitirão o movimento da catraca em termos de acumulação e inovação de sentidos.

PROCESSOS SOCIOCOGNITIVOS ATINENTES À FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Botelho (2004, 2009), ao descrever a rede construcional de X-eiro no português brasileiro, menciona que, em processos lexicais, há a possibilidade de uma base comprimir todo um evento, daí uma análise composicional se tornar ineficaz para dar conta da complexidade de alguns significados de palavras derivadas. Nas palavras da autora, “[...] ‘processos de formação lexical são, de fato, compressões de diferentes ‘historinhas’” (BOTELHO, 2004, p. 98). Essas historinhas ou micronarrativas são muitas vezes construídas através de processos metafóricos que incidem sobre a base e/ou sobre os afixos, e, também, sobre as próprias instanciações.

Para explicar tal fenômeno, os exemplos de Botelho (2009) são as palavras “mochileiro” e “sacoleira”, cujas respectivas bases, “mochila” e “sacola”, conseguem comprimir, metonimicamente, toda a história cognitiva, sociocultural e cotidiana. Seguindo os mesmos princípios, Santos (2009) e Carmo (2009) refletiram, respectivamente, sobre as construções X-nte e X-ista.

Lopes (2016), seguindo o mesmo caminho teórico, aplica esse molde de análise a palavras prefixadas do português arcaico. Segundo o autor, tais formas construídas via prefixação

[...] se destacam pela força dessa capacidade de compressão semântica dos prefixos, de tal modo que uma simples palavra, formada por um item prefixal associado a uma base léxica, compacta em si uma espécie de micronarrativa, que é mais completa e específica que a paráfrase em geral apontada para a dita formação. O prefixo *com-* serve muito bem para exemplificar essa hipótese. Ao se verificar a etimologia e o percur-

so diacrônico do verbo *concordar*, constata-se que é fruto de um processo parassintético *lato sensu* (*cum-* + *cord(is)* + vogal temática verbal + morfemas flexivos verbais), apresentando o significado de ‘pôr-se ou estar de acordo’. Esse significado mais geral e mais abstrato parece originar-se, metonímica ou metaforicamente, da micronarrativa original (etimológica) que a formação parece ter contido: ‘ter o coração com o outro; estar com o coração lado a lado do outro; pôr o coração próximo ao do outro’. (LOPES, 2016, p. 244, grifo do autor)

Diante desses fatos, Lopes (2016) observa que, mesmo para as formações ditas estruturalmente opacas do ponto de vista sincrônico, ou seja, aquelas em que o sentido já não é apreendido composicionalmente, a abordagem histórica pode fornecer uma direção interpretativa, com a construção de uma narrativa. Um exemplo do autor é “derubar”, “deixar ou fazer cair”, que tem como étimo a forma “*diripāre*, de *de-* + *-rip(a)-* (‘ribanceira, margens’) + *-āre*”, do latim medieval lusitano. Tomando como norte o conhecimento etimológico, Lopes (2016) propõe uma micronarrativa de base mais concreta, decorrente da experiência de “lançar ribanceira abaixo”. Outros casos explicados pelo autor aparecem no Quadro 1, a seguir.

Quadro 1 – narrativas de prefixados do português arcaico¹

Vocábulo	Etimologia	Micronarrativa	Paráfrase
<i>enveja</i>	Do lat. <i>īnvidīa</i> < <i>invī-</i> <i>-dus</i> , <i>-a</i> , <i>-um</i> < <i>invidēre</i>	‘olhar insistentemente para algo ou alguém; maus olhares para algo ou alguém’	‘desgosto provocado pela felicidade ou prosperidade alheia ou vontade irrefreável de possui-los’

1 Segundo Lopes (2016), as principais características dos sentidos que primeiro emergem nos derivados, em seu fluxo diacrônico constitutivo, próprios às compressões de significado/cena, soem ser a concretude, a especificidade e a “primitividade” (caráter etimológico). No quadro em questão, aparecem na coluna correspondente à rubrica “micronarrativa”. Já na última coluna, sob a rubrica “paráfrase” (LOPES, 2016), registra-se o sentido do vocábulo na sincronia e no documento sob análise.

Vocábulo	Etimologia	Micronarrativa	Paráfrase
<i>escaeceu</i>	Do lat. * <i>excadescere</i> , frequ. de <i>excadēre</i>	‘cair para fora (da memória)’	‘perder a lembrança de algo; deixar de pensar em algo’
<i>enpeecer</i>	Do lat. * <i>impediscēre</i> , incoativo de <i>impedire</i> < <i>in-</i> + <i>pēs</i> , <i>pēdis</i>	‘não deixar andar com os seus pés’	‘dificultar ou tornar impraticável determinada ação’
<i>obediēte</i>	Do lat. * <i>obediscēre</i> , incoativo de <i>obedire</i> (<i>ob-</i> + <i>audire</i>),	‘que põe os ouvidos a escutar outrem que fala ou instruí’	‘que se submete à vontade de outrem’
<i>posfaça</i>	Do lat. * <i>postfaciare</i> < lat. <i>post faciem</i>	‘estar atrás da face’	‘injuriar, caluniar, dizer mal de alguém’
<i>resurreycō</i>	Do lat. <i>ressurrēctiō</i> , -ōnis < lat. <i>resurgere</i> < <i>subrigere</i> < <i>sub-</i> + <i>-regere</i>	‘ato de mostrar-se novamente, conduzindo (-se) de baixo para cima’	‘retorno da morte à vida’
<i>substāça</i>	Do lat. <i>substantia</i> , -ae < <i>substāre</i> < <i>sub-</i> + <i>-stāre</i>	‘o que está por debaixo de’	‘natureza’
<i>trabalhey</i>	Do lat. vulg. * <i>tripāliāre</i> , derivado de <i>tripālium</i>	‘torturar com instrumento de tortura composto de três paus’	‘empenhar forças físicas ou cognitivas para executar algo’

Fonte: Lopes (2016, p. 245).

A partir de Botelho (2004, 2009) e Lopes (2016), é possível compreender que palavras derivadas podem apresentar variadas compressões de narrativas. De um ponto de vista histórico, é notável que, em muitos casos, a motivação semântica engendrada em contextos mais concretos, geralmente relacionados à experiência corpórea, em estágios posteriores, assume sentidos mais gerais, por meio de mecanismos metafóricos e/ou metonímicos.

UM OLHAR SOCIOCOGNITIVO PARA CONSTRUÇÕES DERIVADAS DO PORTUGUÊS ARCAICO

Os dados trazidos para a análise nesta seção são oriundos de duas teses de doutoramento e uma dissertação de mestrado. Todos esses trabalhos versaram sobre a derivação no português arcaico. Seguindo a ordem temporal, da tese de Soledade (2005), são extraídos os derivados com o sufixo -dor; da dissertação de Simões Neto (2016), extraem-se os derivados com -eir-; da tese de Lopes (2018), são obtidas as palavras formadas com os prefixos com- e pro-.

Sufixo -dor

Quadro 2 – Construções com -dor no português arcaico

Derivado	Etimologia/ Morfologia	Significado do derivado
atalayador	PA: atalayar + -dor	Que vigia na atalaya ou em outro lugar alto, sentinela
chufador	PA: chufar + -dor	Que diz chufas, mentiroso, embusteiro
fornigador	Do lat. <i>fornicator</i> , -oris	Que tem relações sexuais fora do casamento
pecador	Do lat. <i>peccator</i> , -oris	Que comete pecados, que peca
sabedor	PA: saber + -dor	Que sabe, que tem instrução e conhecimento

Fonte: elaborado pelos autores.

A instanciação “atalayador”, gerada no período arcaico, tem por base o verbo *atalayar*, que significa “vigiar”; por sua vez, o verbo se

origina de *atalaya* do ár. *at-tala'ī'a*, “lugar elevado a partir do qual é possível vigiar ou observar; guarida ou torre construída para vigiar ou observar”. A noção agentiva, nesse caso, toma por base o local onde a atividade se realiza. O “atalayador” não é, pois, aquele que constrói “atalayas”, o que seria uma leitura composicional mais direta, mas sim, aquele que atua no local. Há, portanto, uma projeção de natureza metonímica em que a função do lugar passa para o agente humano que ali exerce a atividade de sentinela. Essa transmissão é claramente evidenciada pelos sentidos atribuídos ao termo “atalaia” pelo *Dicionário Houaiss de língua portuguesa* (2001), quando se tem o sentido agentivo “1. Aquele que vigia, que observa, sentinela”, e os sentidos locativos “2. lugar elevado de onde se observa ou se vigia; 3. guarita construída em lugar elevado para vigiar o inimigo”.

Já em “chufador”, há uma construção também oriunda do período arcaico da língua portuguesa, cujo sentido seria “mentiroso, embusteiro”. O verbo “chufar” tem origem no verbo do latim vulgar *sufilare*, este por sua vez viria do latim clássico *sibilo*, *as*, *āre*, “produzir um sibilo, sibilar, assobiar”. A projeção de natureza metafórica que dá origem a “chufador” como “aquele que mente, que diz embustes” perpassa a compreensão de uma narrativa em que se associa o som do sibilo ao som emitido pelas cobras e serpentes, categorizadas como animais traiçoeiros e perigosos. Encontra-se, nesse caso, a metáfora **HOMEM É ANIMAL**.

Em “fornigador”, ocorre uma projeção metonímica em que ação é tomada pelo lugar, semelhante ao caso de “atalayador”, só que com uma compressão mais complexa do evento. Essa instanciação parece ter-se dado no latim, uma vez que encontramos registros da forma *fornicator*, *-oris* em dicionários da língua latina, em que a compatibilização do esquema se dá com o verbo intransitivo *fornicare* “ter coito, prostituir-se”. Chama a atenção a relação semântica do verbo com o substantivo que lhe deu origem. Segundo historiadores e etimólogos, o verbo *fornicare* teria sido formado no século III d.C, com base no nome *fornix*, *icis* “abóbada, arco”. Assim, a relação de sentido entre a

base nominal e o verbo será enviesada por um aspecto sócio-histórico-cultural relevante, uma vez que as prostitutas romanas costumavam se posicionar para fora das casas, sob os arcos ou abóbadas destas entradas (*fornix*). Desse modo, a narrativa atravessa a referência a um local relacionado à prática da prostituição, que dará base para a formação de um verbo designador da ação, que, por sua vez, originará o agente “fornigador” como “aquele que tem relações sexuais fora do casamento”.

A narrativa que comprime os sentidos de “pecador” remonta ao latim, uma vez que a forma derivada foi instanciada nessa língua (*peccator, oris*). “Pecador” toma por base o verbo *peccāre*, que assumia os sentidos de: “1) dar um passo em falso, tropeçar; 2) cometer uma falta, cometer um erro, proceder mal; 3) ser defeituoso, pecar por”. (HOUAISS; VILLAR, 2001) Observa-se uma evidente relação do primeiro sentido destacado com a lexia *pes, pedis* “pé”. Aventa-se a possibilidade de que o verbo *peccāre* esteja relacionado a uma forma hipotética **ped-cus*, que, por assimilação regressiva, daria origem a **peccus*, “perneta, manco”, donde viria **peccare*, “mancar” e, posteriormente, “tropeçar”, sendo, nesse caso, a experiência física concreta a base para a projeção do evento em seu sentido abstrato. O equilíbrio, experiência física básica na vivência humana, está na origem dessa categorização; assim, TROPEÇAR FÍSICAMENTE É TROPEÇAR MORALMENTE.

A origem da instanciação “sabedor” remonta ao período arcaico da língua portuguesa, não havendo formação de agentivo com o sufixo -tor para o verbo latino *sapĕre*; um sentido aproximado se poderia encontrar em *sapiens, -entis* “1) sensato, prudente; 2) inteligente, que conhece, que tem experiência, experiente; 3) [poét.] que tem bom paladar”. (HOUAISS; VILLAR, 2001) O verbo-base, por sua vez, apresenta sentidos, a princípio, bastante diversos: como intransitivo: “1) ter gosto, ter sabor de; 2) rescender, exalar um perfume; 3) ter gosto; 4) ter conhecimento, ter inteligência, ser prudente, ser sensato”; como transitivo: “1) saber, conhecer, compreender”. (HOUAISS; VILLAR, 2001) Diferentemente do que acontece com o verbo “saber” no por-

tuguês do Brasil, em que os sentidos relacionados ao “conhecimento, inteligência e cultura” são os primeiros a serem relacionados entre os atestados no Houaiss e Villar (2001) – estando o sentido “ter gosto, ter sabor” apenas na décima quinta posição entre as acepções –, a forma latina revela o caminho inverso: do sentido original ligado ao paladar, passou-se ao sentido figurado ligado ao cérebro; assim, há uma metáfora na relação entre os dois sentidos de saber, que pode ser compreendida como uma relação entre ter um paladar apurado e, portanto, ter gostos cultivados – como se diz hoje, “saber das coisas” – e ter conhecimentos específicos e/ou gerais sobre todas as outras coisas: SABER COM O PALADAR É SABER COM A MENTE.

Sufixo -eir-

Quadro 3 – Construções com -eir- no português arcaico

Derivado	Etimologia/ Morfologia	Significado do derivado
braceiro	PA: braço + -eiro	Que tem força ou agilidade nos braços; quem trabalha com os braços
çaquiteyro	PA: saquito + -eiro	O que tem ao seu cargo providenciar o pão para a mesa real
carneçeiro	PA: carniça + -eiro	Açougueiro; que faz grande matança e ataca para matar
carneiro	Do latim <i>*carnāriu</i>	Mamífero reduzido à domesticidade como gado lanígero
chameira	PA: chama+ -eiro	Quem leva o pão para o forno e o leva cozido para casa
praceiro	PA: praça + -eiro	Boa-praça; agradável

Derivado	Etimologia/ Morfologia	Significado do derivado
romeiros	PA: Roma + -eiro	Aquele que faz peregrinação

Fonte: elaborado pelos autores.

A forma derivada “braceiro” tem como base a palavra “braço”. Nesse sentido, a forma é morfológicamente transparente. No entanto, no plano semântico, “braceiro” não admite uma leitura composicional, uma vez que não se trata de uma pessoa que atua sobre a base “braço”. Nesse caso, a base é tomada metonimicamente para designar uma pessoa forte, e isso decorre da compreensão metonímica de que a evidência da força está concentrada nos braços.

Os significados dos derivados “*çaquiteiros*” e “chameira” envolvem também padrões de compreensão metonímica. Ao que parece, é uma metonímia do tipo CONTENTOR/CONTEÚDO. No caso de “*çaquiteiro*”, a designação do entregador de pão tem como base o contentor (*saquito*), provavelmente decorrente da experiência diária de se colocar o pão no saco. Em “chameira”, por outro lado, há a designação da mulher que leva o pão ao forno, baseando-se na “chama” do forno, ou seja, foca-se no conteúdo, não no continente.

As redes morfológicas/etimológicas de “carneiro” e “carneçeiro” passam pela base “carne”. Apesar da mesma base, os derivados estabelecem relações distintas com ela. Em se tratando de “carneiro”, o étimo **carnariu* aponta para o animal que fora assim, por conta da utilidade da sua carne como alimento, nesse caso, focalização metonímica de um aspecto. Esse significado não é mais transparente, uma vez que o falante do português contemporâneo já não é capaz de produzir tal paráfrase. No entanto, de um ponto de vista histórico, é válido ressaltar esse processo, não só pela focalização metonímica, como também pelo fato de, em um dado momento, o animal propício para

a alimentação humana ter sido categorizado separadamente daquele que era usado para a reprodução com as ovelhas, o *arřes*.

O “carneçeiro”, no cenário medieval, era o açougueiro, aquele que matava o animal para vender a carne. No português brasileiro contemporâneo, esse significado em “carneiro” já não é muito usual, mas ainda se vê presente, de alguma forma, por meio das chamadas “carnicerias”. Nessa narrativa, o foco é dado ao ato de matar os animais. Essa ação é metaforizada, daí há a transferência de “aquele que mata os animais, com o intuito de vender a carne” para “aquele que promove matanças de qualquer pessoa; sanguinário”.

Em “praceiro”, a base “praça” comprime o ato de socialização, entendendo que a praça seja o ambiente propício para tal ação. Assim, aquele que poderia, em tese, ser entendido como “aquele que frequenta a praça” é conceptualizado como uma pessoa agradável, boa praça, de fácil socialização. Nesse sentido, foca-se o local/espço de socialização, para se construir a ideia de quem habitualmente o frequenta, estendendo, ainda, para a ideia de sociabilidade.

Por último, os “romeiros” designam os peregrinadores, tomando como motivação as cenas das peregrinações romanas. Assim, os “romeiros” eram aqueles que iam para Roma, base dessa formação. Esse significado mais específico se estende para a experiência geral de peregrinação, que se mantém na conceptualização tanto de “romeiro” como de “romaria”.

Prefixo com-

Quadro 4 – Construções com com- no português arcaico

Derivado	Etimologia/ Morfologia	Significado do derivado
compilar	Do lat. <i>compilāre</i>	Reunir num texto trechos, ideias ou conteúdo tomados de outro(s)

Derivado	Etimologia/ Morfologia	Significado do derivado
confundir	Do lat. <i>confundĕre</i>	Enganar, embaraçar; condenar, destruir; perturbar, atordoar
consentir	Do lat. <i>consentĭre</i>	Anuir, permitir, aceitar, não pôr obstáculo, não impedir, aquiescer, aprovar
costranger	Do lat. <i>constrĭngĕre</i>	Forçar, obrigar por força, coagir
converter	Do lat. <i>convĕrtĕre</i>	Fazer com que alguém passe a professar determinada religião ou que a pratique ou que mude de costumes

Fonte: elaborado pelos autores.

O verbo “compilar” remete à forma latina *compilāre*, que podia significar tanto “pilhar, roubar, saquear” quanto “plagiar”. Segundo Corominas e Pascual (1991), é na Baixa Idade Média que passa a significar “reunir, juntar leis ou demais textos em compêndio”. Destarte, vê-se que do latim ao romance o verbo passou a apresentar uma nova acepção, baseada, primeiramente, numa projeção de cunho metafórico, abstratizante e generalizante ocorrida ainda no latim (APROPRIAR-SE DE OBJETOS DE OUTREM/REUNIR DESPOJOS DE GUERRA É APROPRIAR-SE DE IDEIAS OU TEXTOS ALHEIOS) e, em seguida, passando por nova mutação semântica – igualmente metafórica e generalizante – no vernáculo: APROPRIAR-SE DE TEXTOS/IDEIAS DE OUTREM → REUNIR TEXTOS/IDEIAS DE OUTREM.

A instanciação “confundir”, do lat. *confundĕre*, possuía como sentido primitivo na matriz genoloxical o de “derramar juntamente (duas ou mais coisas), mesclar, misturar uma coisa com a outra”, portanto, um sentido formal e semanticamente transparente no latim. Através de generalizações e projeções metafóricas (MISTURAR DUAS COISAS

É TORNÁ-LAS IRRECONHECÍVEIS → ALGO IRRECONHECÍVEL TRAZ CONFUSÃO E ENGANO), surge, ainda nessa língua, o sentido mais abstrato e mais geral de “tornar irreconhecível” e deste, no vernáculo (talvez já no latim vulgar), os sentidos de “enganar, embaraçar, equivocar, fazer confusão”, dentre outros. Nota-se, assim, no derivado, a aplicação de um fluxo comum na emergência da polissemia em português: o trânsito de sentidos dotados de maior concretude e maior especificidade para outros dotados de maior abstratização e generalização.

Ainda a respeito desse verbo, cabe apontar que tanto em Lopes (2018) quanto no *DDGM – Diccionario de dictionarios do galego medieval* (GONZÁLEZ SEOANE; ÁLVAREZ DE LA

GRANJA; BOULLÓN AGRELO, [20--]), é possível comprovar a existência de averbações em que tal vocábulo não parece veicular nenhum dos sentidos supramencionados, mas sim, os de “abater, arruinar, destruir, condenar, humilhar, envergonhar”, sentidos que respeitados dicionários de latim ou com informação etimológica (COROMINAS; PASCUAL, 1991; ERNOUT; MEILLET, 1951; GAFFIOT, 2016) não registram para essa matriz genolexical. Sendo assim, seriam, provavelmente, noções próprias ao vernáculo, que nele emergiram em seu período arcaico – Corominas e Pascual (1991) indicam que os sentidos de “destruir, pôr a perder” ocorrem na língua medieval –, sob um enfoque metafórico: CONFUSÃO É DESORDEM → DESORDEM É RUÍNA, É VEXAÇÃO, É VERGONHA, É ALGO CONDENÁVEL, PORTANTO, PASSÍVEL DE SER DESTRUÍDO.

Em “consentir”, de um sentido primitivo de “sentir com”, no latim, mediante perspectivizações e projeções metafóricas (SENTIR ALGO COM ALGUÉM É ESTAR DE ACORDO, QUIESCER), surgem, ainda nessa língua, os sentidos de “anuir, permitir, aceitar, não pôr obstáculo, não impedir”, dentre outros. Não parece dar-se, neste caso, o processo de abstratização, mas sim, a emergência de sentidos tão abstratos e específicos quanto o primitivo, com uma única mudança: a passagem de uma esfera emocional (compartilhar o sentimento,

sentir com o outro) para outra essencialmente nocional (inclinação favorável à ideia ou à intenção de alguém).

O verbo “constranger” advém do latim *constrīngĕre* (*cum-* + *-stringĕre*). Dos sentidos de “ligar estreitamente com, apertar, atar; acorrentar, reprimir, conter” (dotados de concretude e especificidade), através da projeção metafórica ATAR/LIGAR ESTREITAMENTE COM ALGO É TOLHER A LIBERDADE, surge, no latim tardio, o sentido de “coagir, forçar”, mais abstrato e geral. Além disso, do sentido inicial, prototípico, e mais concreto de “apertar com, ligar com, acorrentar” origina-se no vernáculo – ao que parece não no período arcaico, mas apenas no moderno –, o sentido de “tornar ou ficar embaraçado/envergonhado”, provavelmente através da projeção metafórica ATAR FISICAMENTE COM ALGO É CAUSAR EMBARAÇO, bem como o sentido de “incomodar-se, fazer perder ou perder o bom humor”, mediante a projeção metonímica ou metaftonímica (ESTAR LIGADO ESTREITAMENTE COM ALGO → SENTIR INCÔMODO), em que se toma a ação (ESTAR ATADO) pelo seu resultado (SENTIR-SE INCOMODADO).

Quanto ao verbo “converter”, do latim *convĕrtĕre*, possuía nessa língua as seguintes acepções: “voltar(-se), fazer voltar, retroceder, voltar para trás; transformar(-se), alterar, mudar”. Já nos dados do português arcaico analisados por Lopes (2018), o verbo sempre significava “mudar de vida, abandonar hábitos pregressos, passar a professar a fé e os costumes do Cristianismo”, o que parece exemplificar uma mudança semântica pautada numa passagem, metafórica, de um sentido que remete ao mundo físico, corporal, mais concreto (“voltar atrás, retroceder”) a um sentido mais nocional, ligado à moralidade e à espiritualidade (“abraçar uma prática religiosa, abandonar pecados e vícios e cultivar virtudes”).

Prefixo pro-

Quadro 5 – Construções com pro- no português arcaico

Derivado	Etimologia/ Morfologia	Significado do derivado
propor	Do lat. <i>prōpōnĕre</i>	Apresentar proposta, sugerir, submeter a apreciação, indicar
prometer	Do lat. <i>prōmittĕre</i>	Comprometer-se a; garantir, assegurar, declarar de antemão
procurar	Do lat. <i>prōcūrāre</i>	Executar as ações necessárias para encontrar ou descobrir; tentar conseguir, ir à busca de
proueyto	Do lat. <i>profectu</i> , -ūs	Benefício, utilidade, vantagem

Fonte: elaborado pelos autores.

No período arcaico, o vocábulo “propor” veiculava os sentidos de “sugerir, indicar, submeter à apreciação, apresentar proposta”. Seu étimo, latino, é a forma *prōpōnĕre*, que tanto denotava “colocar diante, expor à vista; arvorar um estandarte; pôr na mesa, servir à mesa, expor uma coisa à venda” (sentidos mais concretos e mais específicos) quanto “oferecer como opção, apresentar proposta, submeter à apreciação” (sentidos mais abstratos e gerais), sendo que os primeiros se arcaizaram no vernáculo, pelo visto já em sua sincronia medieval. Pode-se cogitar que os sentidos mais abstratos tenham sido gerados a partir dos mais concretos, mediante projeções metafóricas do tipo PÔR ALGO FISICAMENTE À FRENTE DE ALGUÉM É SUGERIR-LHE ALGO, seguindo uma rota usual na língua: da concretude à abstratização.

O verbo “prometer”, nos dados do período arcaico, significava “garantir, assegurar, comprometer-se a, declarar de antemão”, sentidos que também ocorriam no latim, ao lado de outros como “enviar para diante, lançar, deixar ir adiante”, que são formal e semanticamente transparentes e próprios a essa matriz. Desses sentidos de natureza mais concreta e específica, via uma leitura metafórica como LANÇAR PARA FRENTE/PROJETAR É ASSEGURAR, surgiram os sentidos mais abstratos e gerais elencados no início deste parágrafo.

O vocábulo “procurar” tem sua origem em *prōcūrāre*, que denotava no latim “ocupar-se de, velar por, administrar” e que, a partir do século XV, no português – em sua segunda sincronia arcaica, portanto –, passa a veicular os sentidos de “buscar, esforçar-se por encontrar ou descobrir”, gerados, possivelmente, a partir da projeção metafórica SE VELO POR ALGO/ADMINISTRO ALGO, CASO O PERCA, TENHO QUE IR À BUSCA DESSE ALGO.

Como último exemplo: é frequente no português arcaico o substantivo *proueyto*, com as mesmas acepções encontradas hodiernamente: “benefício, utilidade, vantagem”. Em latim, sob a forma *profectu*, -ūs, denotava as noções de “avanço, progresso, sucesso, êxito”, captadas transparentemente do significante do verbo que originou tal substantivo (*profacere*, “fazer progressos, progredir, avançar”). Provavelmente, a transformação semântica que experimentou também se deu a partir de uma projeção metafórica: AVANÇAR/IR ADIANTE É ALGO BOM, É ALGO VANTAJOSO.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma vez que as práticas sociais levaram o *homo sapiens* a interagir, colaborativamente, em situações cada vez mais complexas, pode-se dizer que o desenvolvimento da linguagem foi um evento muito bem-sucedido. No entanto, nenhuma língua hoje observada possui a forma que tinha primitivamente – o fato de que as línguas mudam no tempo tem evidências científicas irrefutáveis. Essas mudanças decorrem da

ação de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos em tempos variados do decurso histórico dessas línguas.

O estudo de algumas poucas formas derivadas desenvolvido neste artigo vem ao encontro desse pensamento. Muitas dessas formações encontram dificuldade de serem analisadas do ponto de vista composicional e isso decorre de fatores variados, mas, sobretudo, de processos de categorização, analogização, metaforização e metonimização que foram empreendidos em momentos recuados da história das línguas.

No caso da língua portuguesa, voltar ao latim, mas também ao período arcaico, para tentar compreender alguns desses processos, revela-se uma ferramenta importante para dar visibilidade àquilo que se entende como processos cognitivos basilares na constituição das línguas.

REFERÊNCIAS

- BOOIJ, G. E. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BOTELHO, L. S. Uma abordagem sociocognitiva das construções agentivas em X-eiro. In: MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M. M. M. (org.). *Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009. p. 178-201.
- BOTELHO, L. S. *As construções agentivas em X-EIRO: uma abordagem socio-cognitiva*. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2004. Disponível em: https://www2.ufjf.br/ppglinguistica/wp-content/uploads/sites/119/2009/12/BOTELHO_Laura-Silveira-2004-Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 23 mar. 2020.
- CARMO, C. B. da S. A configuração da rede de construções agentivas denominais X-ista. In: MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M. M. M. (org.). *Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009. p. 202-228.
- CASTRO DA SILVA, C. C. *A parassíntese em português: as relações entre cultura, léxico e frequência na linguística cognitiva*. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

- COROMINAS, J.; PASCUAL, J. A. *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. Madrid: Gredos, 1991. 6 v.
- ERNOU, A.; MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots*. 3. ed. Paris: Klincksieck, 1951.
- FILLMORE, C. Semântica de frames. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 25, p. 25-54, jul./dez. 2009.
- GAFFIOT, F. *Dictionnaire Latin Français*. [S. l.: s. n.], 2016. Disponível em: http://gerardgreco.free.fr/IMG/pdf/Gaffiot_2016_-_komarov.pdf. Acesso em: 23 mar. 2020.
- GONZÁLEZ SEOANE, E.; ÁLVAREZ DE LA GRANJA, M.; BOULLÓN AGRELO, A. I. (org.). *DDGM – Diccionario de diccionarios do galego medieval*. [S. l.: s. n.], [20–].
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things: What categories reveal about the mind*. Chicago: Chicago University Press, 1987.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Educ, 2002.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- LOPES, M. dos S. *Estudo histórico-comparativo da prefixação no galego-português e no castelhano arcaicos (séculos XIII a XVI): aspectos morfolexicais, semânticos e etimológicos*. 2018. Tese (Doutorado em Língua e Cultura e em Linguística do Português) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador; Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2018. Disponível em: http://ppglinc.letas.ufba.br/sites/ppglinc.letas.ufba.br/files/tese_-_mailson_lopes_-_2018_-_versao_definitiva_-_arquivo_dos_5_tomos_unificados.pdf. Acesso em: 23 mar. 2020.
- LOPES, M. dos S. Um olhar semanticocêntrico sobre a prefixação em um documento português do século XIV. In: ALMEIDA, A. A. D.; SANTOS, E. S. dos (org.). *Linguagens e cognição*. Salvador: Edufba, 2016. p. 229-259. Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/33312/1/linguagensecognicao-repositorio.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2020.

MATTOS E SILVA, R. V. *O português arcaico: uma aproximação*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2008. v. 1.

SALOMÃO, M. M. M. Teorias da linguagem: a perspectiva sociocognitiva. In: MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M. M. M. (org.). *Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009. p. 20-32.

SANTOS, A. M. T. A rede de construções agentivas deverbais X-nte: estudante, governante, hidratante, absorvente. In: MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M. M. M. (org.). *Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009. p. 229-257.

SIMÕES NETO, N. A. *Um enfoque construcional sobre as formas X-eir-: da origem latina ao português arcaico*. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística Histórica) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. 2. t.

SOLEDADE, J. A morfologia histórica e a morfologia construcional: encontros e desencontros. In: SANTOS, E. S.; ALMEIDA, A. A. D.; SIMÕES NETO, N. A. (org.). *Dez leituras sobre o léxico*. Salvador: EdUNEB, 2019. p. 172-202.

SOLEDADE, J. Por uma abordagem cognitiva da morfologia: revisando a morfologia construcional. In: ALMEIDA, A. A. D.; SANTOS, E. S. dos (org.). *Linguística cognitiva: redes do conhecimento d'aquém e d'além mar*. Salvador: Edufba, 2018. p. 225-258.

SOLEDADE, J. *Semântica morfolexical: contribuições para a descrição do paradigma sufixal do português arcaico*. 2005. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

TOMASELLO, M. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Capítulo 11

**A CONSTRUÇÃO N_xPN_x
EM PORTUGUÊS**

uma abordagem a partir da
Morfologia Relacional

Antonia Vieira dos Santos

PALAVRAS INICIAIS

Este trabalho se centra nas propriedades formais de sequências N_xaN_x em português (“cara a cara”, “corpo a corpo”, “gota a gota” etc.), a partir do enfoque da Morfologia Relacional (MR). (JACKENDOFF; AUDRING, 2020a, 2020b) A MR é baseada na Arquitetura Paralela (JACKENDOFF, 1997, 2002), que, além de considerar a linguagem como um fenômeno mental, compreende que a estrutura linguística é determinada por três sistemas formais independentes – fonologia, sintaxe e semântica – e pelas relações de correspondência ou interface entre eles. (JACKENDOFF; AUDRING, 2019) A Arquitetura Paralela instancia os princípios da sintaxe frasal e da morfologia como esquemas. (JACKENDOFF; AUDRING, 2020a) A MR concebe que esquemas, ou seja, “padrões abstratos que expressam generalizações sobre conjuntos de expressões linguísticas listadas”

(BOOIJ, 2009, p. 235, tradução nossa), possam ser utilizados não apenas com função gerativa, criando, nesse caso, novas estruturas na língua, mas também com função relacional, motivando itens lexicais armazenados, ao mesmo tempo em que expressam generalizações restritas dentro do léxico. (JACKENDOFF; AUDRING, 2020a) A motivação é aqui entendida como a capacidade de uma construção herdar, de uma construção mais geral, propriedades de sua estrutura. O uso relacional de esquemas constitui, na verdade, a “noção absolutamente central” da teoria, aplicando-se tanto à morfologia quanto à sintaxe (JACKENDOFF; AUDRING, 2020a, p. 54), tendo em vista que todo esquema pode ser usado relacionalmente. Considerada a prima próxima da Gramática de Construções (GC) e da Morfologia Construcional (MC) (JACKENDOFF; AUDRING, 2020b, p. 1), a MR partilha com elas algumas propriedades, como:

- (i) a noção de construção como o pareamento entre forma e significado;
- (ii) a não divisão estrita entre léxico e sintaxe: palavras e regras são partes da estrutura linguística armazenada;
- (iii) são construções morfemas, palavras, padrões linguísticos gerais, preenchidos parcial ou totalmente com itens lexicais, o que indica que o léxico é um espaço multidimensional (JACKENDOFF; AUDRING, 2020a, p. 12);
- (iv) regras são substituídas por esquemas, também considerados itens lexicais.

Assume-se a ideia de que uma teoria do conhecimento linguístico responsável não pode se ater apenas a padrões produtivos, devendo incluir fenômenos periféricos, idiossincráticos, com vistas a observar algum tipo de regularidade e descobrir generalizações. (JACKENDOFF; AUDRING, 2020a, p. 27) Nesse sentido, importa estudar também construções não produtivas (ou semiprodutivas), como idiomatismos e colocações, diferentemente da perspectiva gerativa, que enfatiza regras produtivas na língua. Com o objetivo de capturar tam-

bém esses padrões, Jackendoff e Audring (2020a, p. 36) introduzem a noção de esquemas não produtivos, que, de modo relacional, expressam semelhanças entre itens do léxico. A respeito dessa abordagem, escrevem os autores: “[...] a hipótese relacional abre todo o domínio dos padrões não produtivos para a investigação sistemática e baseada em princípios, totalmente integrada com os fenômenos produtivos. Consideramos isso um progresso”. (JACKENDOFF; AUDRING, 2020a, p. 53, tradução nossa) Parte-se, assim, da ideia de construção, definida como a associação convencionalizada entre forma e significado. (GOLDBERG, 1995) Nessa perspectiva, a divisão entre itens lexicais e estruturas sintáticas é dispensável, pois tanto frases quanto palavras – ou mesmo morfemas – são construções, sendo armazenados em nosso léxico mental, o *construction*. (GOLDBERG, 1995) Tendo em vista que “qualquer descrição de uma linguagem deve levar em conta o fato de que existem expressões armazenadas (lexicais) que consistem em mais de uma palavra” (CULICOVER; JACKENDOFF; AUDRING, 2017, p. 552), e que “[a]s formas fixas [...] são tão numerosas em qualquer tipo de texto, não podendo ser ignoradas” (RANCHODD, 2003, p. 240), são também incluídas, no âmbito das construções, as chamadas construções multilexicais, como colocações (*take a walk* “caminhar”), compostos (*dog person* “pessoa que gosta de cães”) e expressões idiomáticas (*kick the bucket* “morrer”), armazenadas no léxico com sua estrutura sintática interna. (CULICOVER; JACKENDOFF; AUDRING, 2017, p. 554)¹

Para Jackendoff (1997), a abordagem de construções idiomáticas e suas especializações semânticas é possível apenas numa teoria do léxico que permita itens lexicais frasais, isto é, na Teoria do Licenciamento Lexical, que refuta a ideia de que o léxico mental é composto, em

1 Segundo Nascimento (2013, p. 246), “as unidades lexicais não são casos marginais, antes constituem uma parte importante da produção lexical, como diversos estudos sobre corpora têm demonstrado: não só são muito recorrentes no discurso, mas também é linguisticamente significativo o seu estatuto na gramática e no léxico mental dos falantes [...]”.

essência, por palavras simples, aproximando-se, esse enfoque, da GC. Dessa maneira, as regras da gramática, aplicadas tanto a itens lexicais armazenados quanto a estruturas construídas *on-line*, são utilizadas no licenciamento de construções multilexicais convencionizadas, armazenadas como itens lexicais, e construções novas. (CULICOVER; JACKENDOFF; AUDRING, 2017, p. 554)

Essas construções são, em geral, não composicionais, isto é, não derivam o seu significado a partir do significado individual dos seus elementos constituintes, devendo ser listadas no léxico. Já se havia chamado a atenção, na GC, para as propriedades semânticas holísticas de construções sintáticas, estendendo-se essa observação para as construções morfológicas. Há, sem dúvida, uma proximidade entre as expressões multilexicais e as palavras morfológicamente complexas, principalmente no que tange ao seu armazenamento no léxico e à sua motivação por meio de esquemas estruturais. Palavras complexas podem apresentar papel puramente relacional, como no caso de *bebum*, exemplo extraído de Gonçalves (2021, p. 302):

(10)	SEMÂNTICA:	a. [BEBER ₁] ₂	b. [QUEM[BEBE] ₁ MUITO] ₃
	MORFOSSINTAXE	[V ₁] ₂	[V ₁ aff ₄] ₃
	FONOLOGIA	/ 'bɛbl ₁ / ₂	/be'buN/ ₃

Nessa representação, estão explicitados, por meio de coíndices ou subscritos, os *links* de interface de “beber” e *bebum* (subscritos 1 e 3, respectivamente) e o *link* relacional (subscrito 1) entre essas duas formas. O *link* relacional, além de evidenciar que uma forma não deriva da outra, indica o que ambas as formas compartilham, tornando *bebum* parcialmente motivado.

CONSTRUÇÕES NPN E N_xPN_x : CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS

Como já referido anteriormente, Jackendoff e Audring (2020a, p. 36) introduzem a noção de esquemas não produtivos, responsáveis por expressar semelhanças entre itens armazenados no léxico. Nessa

situação, eles funcionam relacionalmente, pois não são usados para instanciar novas construções na língua, mas apenas para motivar as existentes. O esquema NPN, armazenado no léxico, pode ser usado gerativamente e relacionalmente. Na sintaxe, a sequência NPN, exemplificada por sintagmas como “café sem açúcar”, “carta para Elisa”, “críticas ao sistema”, “garrafa de plástico” e “medo de cobra”, é produtiva, estendendo-se, essa produtividade, para combinações com função denominativa como “moinho de vento”, “carteira de motorista”, “cadeira de balanço”, “roupa de cama”, “toalha de banho”, “ferro a vapor”, “fogão a lenha”, “fogão a gás” e “bife a cavalo”, por exemplo, consideradas, nesse caso, compostos sintagmáticos. (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016)

Relacionada com o padrão geral NPN, encontra-se a construção N_xPN_x , abordada nos trabalhos de Williams (1994), Jackendoff (2008) e Jackendoff e Audring (2020a). Williams (1994) refere-se ao padrão abstrato N_xPN_x como instanciador de uma série de idiomatismos do inglês, como *day by day*, *week after week*, *inch by inch*, *piece by piece*, *bit by bit*, *cheek to cheek* e *hand over hand*, referidos, de uma forma geral, como semiprodutivos, o que significa dizer que os casos aceitáveis precisam ser aprendidos. (JACKENDOFF, 2008) Constituem instanciações mais imediatas, no entanto, formas como N_x by N_x (*minute by minute*), N_x to N_x (*door to door*), N_x on N_x (*layer on layer*), N_x for N_x (*dollar for dollar*) e N_x from N_x (*limb from limb*). Para Williams (1994), apesar da dificuldade de identificar de quais estruturas essas são instâncias, o candidato mais provável são as frases preposicionais compostas do tipo *from ... to*, como na frase *John went [from a to b]*. Se N_xPN_x herda propriedades desse tipo de construção, pode ser um indício da presença de uma preposição inicial com função de transpositor, permitindo que a expressão atue como adjunto adverbial, por exemplo, como veremos mais adiante neste trabalho.

Jackendoff (1997) faz referência ao trabalho de Williams (1994) no seu livro *The Architecture of the Language Faculty*, no capítulo sobre idiomatismos e outras expressões fixas. Lá, questiona se essas estrutu-

ras não seriam compostos, tendo em vista que são formas refratárias a qualquer modificação. Em trabalho de 2008, intitulado “Construction after construction and its theoretical challenges”, e ainda inspirado pela discussão introduzida por Williams (1994), o autor investiga as construções NPN do inglês, atribuindo-lhes o termo “syntactic nut” (“noz sintática”) – “uma estrutura não-canônica incrustada” (“an entrenched noncanonical structure”) –, utilizada por Culicover (1999). Isso significa que a construção NPN constitui um caso especial na gramática do inglês (JACKENDOFF, 2008, p. 27), apresentando algumas dificuldades de análise quanto à sua estrutura interna, à sua categoria sintática e ao estabelecimento da regra que a produz. Para o autor, a construção é produtiva no caso de cinco preposições – *by*, *for*, *to*, *after*, *upon* –, que apresentam significados variados, sendo a escolha do nome praticamente livre. No entanto, a construção impõe algumas restrições:

- (1) os nomes não podem ser nomes de massa (**dust for dust*);
- (2) determinantes não são permitidos (**a day after a day*);
- (3) não ocorrem plurais (**weeks by weeks*);
- (4) não são permitidos modificadores pós-nominais, exceto com *after* e *upon* (**day of rain to day of rain*).

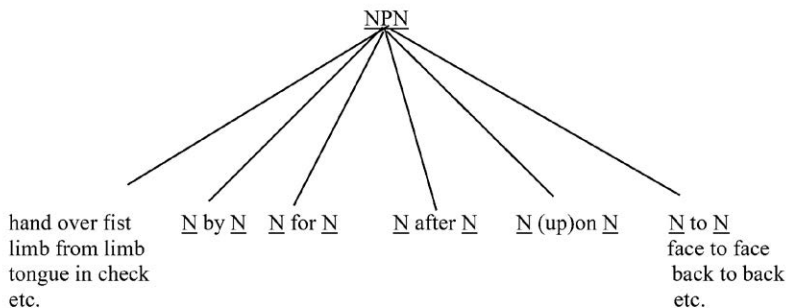
Essas construções ocorrem, em geral, na posição de adjuntos. A respeito das construções intermediárias – *N by N*, *N for N*, *N to N*, *N after N* e *N upon N* –, vinculadas a N_xPN_x por uma relação de herança, Jackendoff atribui-lhes uma semântica específica, determinada, em parte, pela forma da preposição:

- (1) *N by N*: denota algum tipo de sucessão (*house by house*, *inch by inch*);
- (2) *N for N*: tem o sentido de corresponder elementos de dois grupos que estão sendo comparados ou substituídos (*line for line*, *syllabe-for-syllabe*);

- (3) *N to N*: denota alguns usos, como (i) contato próximo ou justaposição de partes similares de objetos similares, particularmente partes do corpo (*hand to hand, face to face*); (ii) sucessão (transição ou sucessão iteradas): nesse caso, pode vir antecedido por *from* (*from day to day, from year to year*), parafraseável por *from one N to the next*; (iii) transição simples: envolve transição no tempo e no espaço e os dois nomes não são necessariamente idênticos (*a boy-to-man transition*); comparação/justaposição com nomes diferentes (*tongue-(to)-palato contact*);
- (4) *N after N*: denota uma sucessão de N, no espaço ou no tempo (*day after day, volume after volume*), equivalente a *one N after another*;
- (5) *N upon N (N on N)*: expressa sucessão espacial, verticalmente e para cima. Pode ocorrer com numerais plurais (*hundreds upon hundreds*) e frases plurais de medidas (*buckets upon buckets of paint*), que parece ter valor intensificador.

O significado dessas construções é parcial ou totalmente não composicional, não sendo computado a partir do significado das suas partes, sendo necessário, portanto, que elas sejam armazenadas no léxico. Em Jackendoff e Audring (2020a, p. 57), apresenta-se a seguinte classificação dos NPN em termos de hierarquia de herança (nesse caso, vertical):

Figura 1 – Hierarquia de herança para a construção NPN



Fonte: Jackendoff e Audring (2020a, p. 57).

Como se pode observar, a construção NPN motiva idiomatismos constituídos por nomes não apenas idênticos (*face to face*), mas também por nomes distintos (*hand over fist*), tornando heterogêneo, de certa forma, esse conjunto de construções. Nessa representação, figura à esquerda uma lista de idiomatismos, seguida por cinco construções intermediárias, identificadas pelo tipo de preposição que entra na sua constituição.

No geral, a construção NPN é considerada improdutiva. Porém, no âmbito das subconstruções, distinguem-se esquemas produtivos (*N by N*, *N for N*, *N after N* e *N (up)on N*), marcados com sublinhado duplo, e o esquema não produtivo *N to N*, marcado com sublinhado simples. Repare-se que, nessa representação, não são atribuídos subscritos ou coíndices para as situações de reduplicação das variáveis de NPN. Na abordagem de MR, a noção de produtividade está relacionada com a possibilidade de as variáveis serem abertas (+ produtivas) ou fechadas (- produtivas). Assim, partindo-se da ideia de que os esquemas não são, por si próprios, abertos ou fechados, sendo essas noções aplicáveis as suas variáveis, o subesquema $N_x to N_x$ é particularizado, em especial no sentido de justaposição de partes de dois objetos, pois sua produtividade é limitada e idiossincrática. Chama a atenção o fato de *limb from limb* estar agrupado com *hand over fist* e *tongue in cheek*, e não ao lado das outras subconstruções, em que há reduplicação do substantivo. Seria o caso de uma construção *hápax N_x from N_x*? Para concluir, talvez seja legítimo considerar que NPN gera dois tipos de construções também abstratas, NPN e N_xPN_x , cada uma delas instanciando subconstruções parcialmente preenchidas.

A CONSTRUÇÃO N_xPN_x EM PORTUGUÊS

Em português, instanciações do padrão abstrato N_xPN_x são registradas em gramáticas e manuais de língua portuguesa e são denominadas de

locuções adverbiais,² por desempenharem a função de um advérbio de modo: “gota a gota”, “dia a dia”, “passo a passo” e “pouco a pouco”, “dia após dia”, “olho por olho”. (CUNHA; CINTRA, 1985; NEVEZ, 2018; RAPOSO, 2013) O significado adverbial não pode ser derivado de nenhum dos constituintes da construção, mas da configuração em si, que consiste na reduplicação do nome e na presença da preposição.

Na descrição fornecida por Neves (2018, p. 354), reconhece-se que as locuções adverbiais abrangem variados tipos, incluindo a construção de dois nomes repetidos, unidos por preposição, como “gota a gota” e “dia a dia”. A diversidade das locuções adverbiais é salientada também por Raposo (2013, p. 1581), que inclui, na sua descrição, as “combinações variadas que incluem dois nomes juntamente com outros elementos, nomeadamente preposições”.

O tipo mais geral de locução adverbial é constituído por uma preposição e uma palavra, que pode ser um substantivo (“a rigor”, “sem dúvida”), um adjetivo (“à direita”, “em comum”) ou um advérbio (“por certo”, “de longe”). São denominadas de “advérbios compostos”, “expressões adverbiais fixas” e “advérbios idiomáticos” por Ranchodd (2003, p. 245). Segundo Raposo (2013, p. 1571), as locuções adverbiais correspondem a “advérbios formados por mais do que uma palavra, cuja associação adquiriu um grau elevado de fixidez sintática e semântica, acompanhada de uma interpretação de tipo idiomático”. A fixidez, característica dessas construções, é um conceito escalar, como se depreende das denominações “expressões ‘totalmente fixas’, ‘meramente fixas’, ‘semifixas’”, encontradas aqui e ali na literatura. Por outro lado, uma expressão idiomatizada mostra, além de uma entidade discernível no nível dos seus significantes, propriedades semânticas que não podem ser derivadas totalmente dos seus constituintes.

2 Categorizadas como locuções adverbiais, instanciações de NPN podem ocupar, além da posição de adjunto do verbo, a posição de adjunto do nome e de núcleo do sintagma nominal.

As construções N_xPN_x seguramente apresentam uma rigidez estrutural correlacionada com um certo gradualismo semântico. Para Ricós (2008, p. 274), “um dos factores que potenciam a fixação dessas unidades pluriverbais [locuções adverbiais] é a sua presença ou consideração nas gramáticas”, daí a importância do estudo dessas unidades em materiais que descrevem a língua portuguesa, pois podem evidenciar uma consciência metalinguística.

Em um levantamento realizado em 21 gramáticas do português,³ dos séculos XVI ao XIX,⁴ obtivemos dados pouco expressivos de N_xPN_x , do ponto de vista quantitativo e qualitativo. A construção com o maior número de registros foi “pouco a pouco” (em aparente variação com “pouco e pouco”). Essa expressão, além de ser utilizada no texto dos próprios gramáticos, foi especificada de forma explícita como locução adverbial por Aulete (1864) e por Grivet (1881). O padrão N_xPN_x também forneceu “passo a passo”, “caso por caso”, “grão

3 O levantamento consistiu na leitura integral das obras, ou seja, não se buscou a construção N_xPN_x apenas na parte destinada aos advérbios e às locuções adverbiais, mas na obra toda.

4 Foram analisadas as seguintes obras: *Gramática da linguagem portuguesa* (1536), de Fernão de Oliveira; *Gramática da língua portuguesa* (1540), de João de Barros; *Regras que ensinam a maneira de escrever...* (1574), de Pêro de Magalhães de Gândavo; *Origem da língua portuguesa* (1606), de Duarte Nunes de Lião; *Methodo grammatical para todas as línguas* (1619), de Amaro de Roboredo; *Breves louvores da língua portuguesa...* (1631), de Alvaro Ferreira de Vera; *Regras da língua portuguesa, espelho da língua latina* (1725), de Jerônimo Contador de Argote; *Verdadeiro método de estudar* (1746), de Luis Antônio Verney; *Arte da grammatica da língua portugueza* (1770), de A.J. Reis Lobato; *Gramática filosófica e ortografia racional da língua portuguesa* (1783), de Bernardo de Lima e Mello Bacellar; *Epitome da grammatica da língua portugueza* (1806), de Antonio de Moraes Silva; *Gramática filosófica da linguagem portugueza* (1818), de João Crisóstomo do Couto e Melo; *Grammatica philosophica da lingua portuguesa* (1822), de Jerônimo Soares Barbosa; *Compendio da grammatica portugueza...* (1829), de Antonio da Costa Duarte; *Grammatica nacional* (1864), de Francisco Júlio Caldas Aulete; *Grammatica portugueza...* (1871), de Francisco Sotero dos Reis; *Compendio de grammatica da lingua portugueza* (1872), de Laurindo José da Silva Rabello; *Questões da língua portugueza - Primeira Parte* (1874), de F. Adolpho Coelho; *Nova grammatica analytica da lingua portugueza* (1881), de A. Grivet; *Grammatica portugueza* (1885), de Júlio Ribeiro; *Noções elementares de grammatica portugueza* (1891), de F. Adolpho Coelho.

por grão”, “nome por nome”, “ponto per ponto”, “palavra por palavra”, “pé ante pé”, “gota, & gota” (“gota e gota”) e “face a face”. Deparamo-nos ainda com variadas construções de natureza adverbial, com as seguintes características:

(i) a palavra duplicada não pertence à classe dos substantivos (“três a três”, “hum a hum”, “dous a dous”, “duas a duas”);

(ii) a expressão, envolvendo qualquer categoria lexical, é iniciada pela preposição “de”: “de parte a parte”, “de gloria a gloria”, “de janeiro a janeiro”, “de espaço a espaço”, “de tempos a tempos”, “de porta a porta”, “de mais a mais”;

(iii) a expressão, envolvendo qualquer categoria sintática e preposição diferente de “a”, é iniciada pela preposição “de”: “de gráu em gráu”, “de cinco em cinco”, “de quando em quando”, “de trez em trez”, “de caso em caso”, “de idade em idade”, “de objecto em objecto”, “de consequencia em consequencia”.

Importa destacar que a expressão “de mais a mais”, em (2), foi listada como locução adverbial por Barbosa (1822, p. 343) e por Grivet (1881, p. 195). Todas essas construções possuem graus de cristalização distintos, parecendo corresponder, algumas delas, a sintagmas livres. Contudo, o registro dessas unidades nas gramáticas – e a sua constante reprodução – pode contribuir para o seu processo de fixação (RICÓS, 2008), tornando-as verdadeiras locuções adverbiais, que passam a integrar um conjunto específico de expressões fixas da língua.

É importante a observação de Barbosa (1822, p. 321) sobre as expressões “hum a hum” e “dous a dous”: “Nossos Classicos dizem antes *Hum e hum, Dous e dous*, que *Hum a hum, Dous a dous*”, pois ela indica que não se deve desprezar, na recolha e análise dos dados, a construção “gota, & gota”, registrada em Amaro de Roboredo (1619, p. 28), no Prólogo: “Nem advirtiraõ algũs, ~q os entendimentos são como vasos de bocca estreita, & em hũs mais que os outros nos quaes vasos se lançamos muita agua junta pouca ou nada colhem; & se a lançamos

gota, & gota os encheremos brevemente".⁵ A única ocorrência de "face a face" está registrada na obra *Noções elementares de grammatica portugueza*, de Adolpho Coelho (1891, p. 127), no seguinte exemplo que o autor fornece sobre barbarismo: "a) *vis-a-vis* por *fronteiro, de-fronte ou face a face*".

A escassez de instanciações da construção N_xPN_x , que se nota nas obras perscrutadas, acompanha o reconhecimento tardio das locuções adverbiais em gramáticas dos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX. Segundo Ricós (2008), no âmbito do *corpus* por ela considerado, a concepção de locução adverbial é percebida a partir da obra de Jerónimo Contador de Argote (1725), para quem as referidas locuções correspondem a "nomes com artigo ou com preposição", embora os exemplos apresentados pelo autor misturem sintagmas livres e sintagmas fixos ("A's escondidas", "A' tarde", "De noyte", "De dia"). Na obra de António José dos Reis Lobato (1770, p. 172), sintagmas como "sem dúvida" são reconhecidos como advérbios não por sua natureza, mas pelo ofício ("como v.g. *Sem dúvida*, que na realidade não he adverbio, por se compor da preposição *Sem*, e do nome *Dúvida*"). Ainda de acordo com Ricós (2008, p. 288), será Jerônimo Soares Barbosa "quem alterará toda a teoria tradicional sobre o advérbio", ao distinguir "Adverbios propriamente dictos, *Nomes Adverbiados*, e *Expresões* ou *Formulas Adverbiaes*". (BARBOSA, 1822, p. 335)

As locuções adverbiais consistem numa estratégia de criação de advérbios em romance – ao lado da conversão direta da classe –, tendo em vista que muitos advérbios latinos derivados de outras classes de palavras não se conservaram nas línguas românicas: -(i)ter: *breviter* "brevemente"; -ē: *carē* "carinhosamente"; -im: *cautim* "cautelosamente". (PHARIES, 1997, p. 391) No entanto, sintagmas preposicionais, isto

5 Em Jerónimo Cardoso (1569-1570), na descrição da entrada *Paulatim*, figura "adverb. Pouco & pouco.", em que & representa a conjunção aditiva "e". Em Vieira (1871), chama-se a atenção para esse uso: "Este A muitas vezes se acha substituído na idéia de sucessão ou continuidade pela conjunção «e»: *Hora e hora. Passo e passo.*". Nesse caso, têm-se realizações sintáticas distintas para significados iguais.

é, estruturas com uma preposição seguida de um adjetivo neutro (como *ex templō* “imediatamente” e *a solidō* “firmemente”), constituíam um padrão já estabelecido em latim, de acordo com Pharies (1997, p. 392).

No caso do português, encontramos indícios de que formações com as estruturas N_xPN_x e PN_xPN_x representam uma alternativa ao desaparecimento do sufixo *-(at)im*, responsável por expressar, entre outros significados, valores iterativos e distributivos. (MOLINARI-CARLÈS, 2008, p. 235) No dicionário de Jerónimo Cardoso (1569-1570) – *Dictionarium latinolusitanicum & vice versa lusitanicolatinu[m]: cum adagiorum fere omnium iuxta seriem alphabeticam perutili expositio-ne [...]* –, estão registradas várias expressões que permitem depreender essas duas construções, como pode ser observado no Quadro 1:

Quadro 1 – Construções N_xPN_x e PN_xPN_x

Forma latina	Glosa
<i>annuatim</i>	adv. De anno em anno.
<i>articulatim</i>	adv. De mēbro ã mēbro.
<i>domesticatim</i>	adverb. De casa em casa.
<i>gradatim</i>	adverb. De passo em passo.
<i>granatim</i>	adverb. Grão à grão.
<i>guttatim</i>	adverb. Gota à gota.
<i>mensatim</i>	adverb. De mesa em mesa.
<i>ostiatim</i>	adverb. De porta em porta.
<i>pedetentim</i>	adver. Pé ante pé.
<i>salatim</i>	adverb. Salto a salto.

Forma latina	Glosa
<i>scrupulatim</i>	adverb. De pedrinha em pedrina.
<i>templatim</i>	adverbium. De ygreja em ygreja.
<i>uiritim</i>	adverb. De varão em varão.
<i>vndatim</i>	adverb. De onda em onda.

Fonte: elaborado pela autora com base em Cardoso (1569-1570).

No caso específico de “gota a gota” e “grão a grão”, que expressam o desenvolvimento lento de um processo, observa-se a correspondência com um derivado latino, *gutattim* e *granatim*, respectivamente. O subesquema que se depreende dessas construções – $N_x a N_x$ – é parcialmente preenchido, sendo fixa a preposição e os *slots* preenchidos por nomes idênticos variáveis. Em resumo, o fato é que houve, em português e em outras línguas românicas, o desenvolvimento de estruturas sintáticas expressando significados iterativos e distributivos (aspectualizadores quantitativos), e também proximidade, permitindo depreender os padrões PN_xPN_x e N_xPN_x . Parte das expressões instanciadas por essas construções foram convencionalizadas e institucionalizadas, passando a constituir ou integrar um subgrupo no âmbito das locuções adverbiais. A institucionalização, no entanto, não está atrelada a uma completa idiomatização, pois uma expressão, mesmo semanticamente transparente, já possui algum grau de idiomaticidade. (BRINTON; TRAUGOTT, 2005, p. 47)

Como já foi referido, a construção N_xPN_x pode ser analisada como um esquema abstrato, responsável por instanciar várias expressões linguísticas. No entanto, essa construção apresenta uma etapa intermediária de especificação de um item, no caso a preposição, por meio de relações de herança. Em português, reconhecem-se os subesquemas $N_x a N_x$ (*passo a passo*), $N_x por N_x$ (*ponto por ponto*) e $N_x ante$

N_x (*pé ante pé*),⁶ que permitem depreender o padrão ao qual estão vinculados, a saber, N_xPN_x . No entanto, como também há expressões N_xPN_x iniciadas por preposição, que podem corresponder a um padrão distinto – no caso PN_xPN_x (“de ponta a ponta”) – ou a uma variante do padrão geral, propomos representar essas duas situações como (P) N_xPN_x , e, conseqüentemente, a construção geral como (P)NPN, no lugar de NPN. Não verificamos, contudo, se todo os tipos de NPN permitem o uso dessa preposição. Nesse sentido, talvez os dados diacrônicos possam contribuir com a discussão do estabelecimento de esquemas construcionais na língua, embora o interesse da MR esteja centrado no conhecimento sincrônico dos indivíduos. (JACKENDOFF; AUDRING, 2020a, p. 274) Assim, partindo dos dados obtidos do levantamento realizado em gramáticas dos séculos XVI ao XIX, obtivemos a seguinte classificação:

Quadro 2 - (P) N_xPN_x em gramáticas dos séculos XVI a XIX

(P)NPN			
N_x a N_x / de N_x a N_x	de N_x em N_x	N_x por N_x / N_x per N_x	N_x ante N_x
<i>gota, & gota (= gota a gota)</i>	<i>de grau em grau</i>	<i>caso por caso</i>	<i>pé ante pé</i>
<i>face a face</i>	<i>de caso em caso</i>	<i>nome por nome</i>	
<i>pouco a pouco</i>	<i>de idade em idade</i>	<i>ponto per ponto</i>	

6 Com a preposição “sobre”, podemos referir “pedra sobre pedra”, integrada na expressão “não deixar pedra sobre pedra”. Ao tratar dessa preposição, Antonio de Moraes Silva (1806, p. 101) refere “Golpes sobre golpes” e “Trabalhos sobre trabalhos”, significando “uns após outros, amiúde”.

(P)NPN			
N _x a N _x / de N _x a N _x	de N _x em N _x	N _x por N _x / N _x per N _x	N _x ante N _x
<i>de parte a parte</i>	<i>de objecto em objecto</i>	<i>palavra por palavra</i>	
<i>de gloria a gloria</i>	<i>de consequencia em consequencia</i>	<i>grão por grão</i>	
<i>de janeiro a janeiro</i>	<i>de dia em dia</i>	<i>tentim por tentim</i>	
<i>de espaço a espaço</i>	<i>de pastores em pastores</i>		
<i>de tempos a tempos</i>			
<i>de porta a porta</i>			

Fonte: elaborado pela autora.

Sem dúvida, desse quadro, nem todas são formas institucionalizadas na língua. A institucionalização é compreendida, neste trabalho, como a “disseminação de um uso em uma comunidade e o seu estabelecimento como norma” (BRINTON; TRAUGOTT, 2005, p. 45), adotando-se, como parâmetro para a sua delimitação, os registros em dicionários contemporâneos. Levando em consideração os dicionários de Houaiss e Villar (2009), o *Aulete digital: dicionário contemporâneo da língua portuguesa* e a *Infopédia*, são, portanto, formas institucionalizadas “gota, & gota” (considerando-se a forma atual “gota a gota”), “face a face”, “pouco a pouco”, “ponto per ponto” (considerando-se a forma atual “ponto por ponto”), “tentim por tentim” (consi-

derando-se a forma atual “tim-tim por tim-tim”), de “parte a parte” e “de espaço a espaço”, que correspondem às construções $N_x a N_x$ e $PN_x a N_x$:

- (a) GOTA A GOTA: ‘1 Uma gota de cada vez, uma após outra.’; ‘2 Fig. Lentamente, aos poucos, uma coisa de cada vez.’ (AULETE..., [20–]);
- (b) FACE A FACE: ‘diante de (alguém ou algo); face a face (com), rosto a rosto (com)’ (HOUAISS; VILLAR, 2009);
- (c) POUCO A POUCO: ‘um pouquinho de cada vez; gradualmente, aos poucos’ (HOUAISS; VILLAR, 2009);
- (d) PONTO POR PONTO: ‘Item por item, pormenorizadamente, minuciosamente’ (AULETE..., [20–]);
- (e) TIM-TIM POR TIM-TIM: ‘ponto por ponto, minuciosamente, com todos os pormenores’ (HOUAISS; VILLAR, 2009);
- (e) DE PARTE A PARTE: ‘de modo recíproco, dos dois lados’ (HOUAISS; VILLAR, 2009);
- (f) DE ESPAÇO A ESPAÇO: ‘com intervalos’. (INFOPÉDIA, 2022)

A expressão “de porta a porta” não está registrada; no seu lugar, registra-se “de porta em porta” (“de casa em casa”, “de pessoa em pessoa”, “que possa ser de ajuda”, em Houaiss e Villar (2009). O mesmo acontece com “de tempos a tempos”: o dicionário de Houaiss e Villar (2009) registra “de tempo(s) em tempo(s)” com o significado de “sem regularidade; ocasionalmente” e com a possibilidade de variação flexional do nome. Haveria, aí, uma variação entre os padrões $de N_x a N_x$ e $de N_x em N_x$ e a vinculação a um padrão geral (P)NPN.

No caso específico de $N_x a N_x$, trata-se de um subesquema que instancia locuções adverbiais (ou prepositivas, como em “cara a cara com”),⁷ sendo a sua semântica orientada pela preposição “a”, que é

7 A locução prepositiva é uma “sequência formada por um advérbio (ou uma locução adverbial) seguido por uma preposição de ligação, e que seleciona um complemento”. (RAPOSO, 2013, p. 1586)

utilizada “[e]ntre a mesma palavra repetida sem artigo, indicando que pessoas ou cousas se sucedem ou se tocam” (VIEIRA, 1871), sentidos também apresentados por Jackendoff (2008) para a construção N to N . Reconhece-se a natureza idiomática, mas não a sua total fixidez, tendo em vista que as posições para o nome – que é repetido na construção – são abertas. (BOOIJ, 2005, p. 202) O número de expressões por ela instanciada é relativamente limitado, como pudemos observar no levantamento feito em gramáticas dos séculos XVI a XIX. No dicionário de Domingos Vieira (1871), recolhemos os seguintes exemplos, que se juntam aos extraídos dos materiais metalinguísticos e aos apresentados por Neves (2018): “passo a passo”, “hora a hora”, “gota a gota”, “frente a frente”, “braço a braço”, “peito a peito”, “corpo a corpo”, “grão a grão” (no adágio “Grão a grão enche a gallinha o papo”), “terra a terra”.⁸ A estes, podem ser acrescentados “cara a cara”, “rosto a rosto”, “boca a boca”, “ombro a ombro”, “mano a mano”, “lado a lado”, “par a par”, “fio a fio”, “pau a pau” e “taco a taco”. Além disso, destacam-se os casos em que a preposição “de” está presente, como em “de dias a dias”, “de mão a mão” e “de homem a homem”⁹ (VIEIRA, 1871) e “de ponta a ponta” (RAPOSO, 2013, p. 1571), expressões instanciadas pela subconstrução $de N_x a N_x$. Certamente, outras expressões poderiam ser acrescentadas a partir de registros lexicográficos, mas não vamos aprofundar a análise desse padrão.

8 “Terra a terra” apresenta-se como locução em Houaiss e Villar (2009) e como entrada tanto no dicionário *Aulete digital: dicionário contemporâneo da língua portuguesa* quanto na *Infopédia*. O seu significado é “banal, trivial, sem elevação”, sendo o seu étimo remetido ao francês *terre-à-terre*.

9 É comum, no português brasileiro, o uso da expressão “homem a homem”, sem a preposição, antecedido do substantivo *marcação*, no contexto do futebol: “A *marcação* individual, também conhecida como *marcação homem a homem*, consiste no acompanhamento constante de um jogador por um adversário em todos os seus movimentos”. (MARCAÇÃO, [20–])

No âmbito do esquema $N_x a N_x$, o subgrupo que envolve nomes referentes a partes do corpo desperta grande interesse. As expressões por ele instanciadas denotam, primacialmente, proximidade ou algum tipo de contato físico, sentido que vai se tornando mais abstrato: “braço a braço”, “peito a peito”, “cara a cara”, “face a face”, “rosto a rosto”, “boca a boca” e “ombro a ombro”. O substantivo “corpo”, referente à estrutura física dos seres vivos, também pode ser adicionado a esse subgrupo, pois a expressão “corpo a corpo” denota confronto físico direto.

O sentido de sucessão, também referido por Jackendoff (2008) para as construções $N to N$, é observado em “passo a passo”, “dia a dia”, “hora a hora”, “gota a gota” e “grão a grão”. Destas locuções, apenas “grão a grão” não está registrada nos dicionários consultados, talvez por sua associação ao provérbio já referido. Mas “grão” apresenta, individualmente, a acepção figurada de “pequena porção”. (INFOPÉDIA, 2022)

O papel da MR é generalizar padrões entre palavras em um léxico e os representar como esquemas. A esquematização de NPN, no entanto, impõe algumas dificuldades, como salientado por Jackendoff (2008). NPN possui que categoria sintática? E qual seria o núcleo da expressão? A seguir, esboçam-se os esquemas para “cara a cara” e “gota a gota”, numa adaptação apresentada por Jackendoff e Audring (2020a, p. 95) para expressões idiomáticas do tipo *chew the fat* “bater papo”. Embora a construção $N_x a N_x$ ocorra em posição de adjunto adnominal (sistema de rega “gota a gota”) e ainda de núcleo do sintagma nominal (o ideal seria o “cara a cara”), optamos por representá-la como adjunto adverbial (ADJ ADV), por ser a função mais comum do advérbio/da locução adverbial:

	a. <i>cara a cara (com)</i>		
SEMÂNTICA:	[PESSOALMENTE / DIRETAMENTE] ₁		
SINTAXE:	[ADJ _{ADV} N ₂ [SP P ₃ N ₂] ₄] ₁		
FONOLOGIA :	/kara ₂ a ₃ kara ₂ / ₁		
	b. <i>cara</i>	c. <i>a</i>	d. <i>cara</i>
SEMÂNTICA:	CARA ₂	PROXIMIDADE ₃	CARA ₂
SINTAXE:	N ₂	P ₃	N ₂
FONOLOGIA :	/kaRa ₂ /	/a ₃ /	/kaRa ₂ /
	e. NPN (esquema)		f. SP (esquema)
SINTAXE	[ADJ _{ADV} N _x [SP] _y] _z		[SP P _u N _x] _w
	a. <i>gota a gota</i>		
SEMÂNTICA:	[LENTAMENTE / GRADUALMENTE] ₁		
SINTAXE:	[ADJ _{ADV} N ₂ [SP P ₃ N ₂] ₄] ₁		
FONOLOGIA :	/gota ₂ a ₃ gota ₂ / ₁		
	b. <i>gota</i>	c. <i>a</i>	d. <i>gota</i>
SEMÂNTICA:	GOTA ₂	SUCESSÃO	GOTA ₂
SINTAXE:	N ₂	P ₃	N ₂
FONOLOGIA :	/gota ₂ /	/a ₃ /	/gota ₂ /
	e. NPN (esquema)		f. SP (esquema)
SINTAXE	[ADJ _{ADV} N _x [SP] _y] _z		[SP P _u N _x] _w

Nessa formalização, há dois tipos de relações: *links* de interface e *links* relacionais. Os *links* de interface entre (1a) e (1b, c, d) conectam apenas os níveis sintático e fonológico de *cara* (a categoria sintática é substantivo e a sua representação fonológica é /kara/). O *link* de interface externo em (1a) (subscrito 1) unifica as três estruturas – semântica, sintática e fonológica – em uma entrada lexical. Os *links* relacionais conectam constituintes de uma entrada lexical a uma outra, marcando-os como iguais. No caso das constantes reduplicadas, elas são marcadas com coíndices numéricos idênticos. A estrutura sintática de (1a) é coindexada com as entradas lexicais dos esquemas de estrutura da frase para NPN e SP, que estão sendo usados aqui em seu papel relacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Arquitetura Paralela, na qual se baseia a MR, regras morfológicas e regras sintáticas são tratadas como esquemas no léxico. Esses esquemas podem funcionar gerativamente, criando novas formas, ou relacionalmente, ocorrendo, nesse caso, apenas a motivação de itens (pluri)lexicais armazenados no léxico. Segundo Jackendoff e Audring (2020a, p. 54), todos os esquemas podem ser utilizados com a função relacional, mas apenas os esquemas produtivos podem ser usados gerativamente. Divide-se, assim, o protagonismo entre padrões regulares, desde sempre estudados, e padrões considerados idiossincráticos, usualmente marginalizados na descrição linguística. Ambos, no entanto, podem ser armazenados pelo falante, em formatos variados, e desempenham um papel no processamento da linguagem.

A construção NPN, abordada neste trabalho, é armazenada no léxico, constituindo o ancestral de subconstruções $N_x P_x$. O estudo de expressões $N_x P N_x$ em gramáticas dos séculos XVI ao XIX evidenciou os padrões $N_x a N_x$, $N_x em N_x$, $N_x por N_x$ e $N_x ante N_x$, mas também mostrou expressões iniciadas pela preposição “de”, exigindo que a construção inicial fosse reformulada como $(P)N_x P N_x$. No seu papel relacional, esse esquema expressa as semelhanças entre “cara a cara”, “ombro a ombro”, “dia a dia”, “gota a gota”, “de ano em ano” e “de porta em porta”, por exemplo. A sua abordagem no âmbito da MR expõe que padrões produtivos e não produtivos não se encontram em lugares distintos da gramática, mas no léxico.

REFERÊNCIAS

- ARGOTE, J. C. de. *Regras da lingua portugueza, espelho da lingua latina, ou disposição para facilitar o ensino da lingua Latina pelas regras da Portugueza... Muyto accrecentada, e correcta*. Lisboa Occidental: Officina da Musica, 1725.
- AULETE digital: dicionário contemporâneo da língua portuguesa. [S. l.], [20—]. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/index.php>. Acesso em: 21 jan. 2021.

- AULETE, C. *Grammatica nacional*. Lisboa: Typ. da Sociedade Typographica Franco-Portuguesa, 1864.
- BARBOSA, J. S. *Grammatica philosophica da lingua portugueza ou principios da grammatica geral applicados a nossa linguagem*. Lisboa: Typographia da Academia das Sciencias, 1822.
- B00IJ, G. E. *The Grammar of Words: An Introduction to Linguistic Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- B00IJ, G. E. Phrasal names: a constructionist analysis. *Word Structure*, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 219-240, 2009.
- B00IJ, G. E.; AUDRING, J. Construction Morphology and the Parallel Architecture of Grammar. *Cognitive Science*, [s. l.], v. 41, p. 277-302, 2017.
- BRINTON, L. J.; TRAUGOTT, E. C. *Lexicalization and Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- CARDOSO, J. *Dictionarium latinolusitanicum & vice versa lusitanico latinu[m]: cum adagiorum fere omnium iuxta seriem alphabeticam perutili expositione [...]*. Coimbra: João de Barreira, 1569-1570.
- COELHO, F. A. *Noções elementares de grammatica portugueza*. Porto: Lemos & C e, 1891.
- CULLICOVER, P. W.; JACKENDOFF, R.; AUDRING, J. Multiword Constructions in the Grammar. *Topics in Cognitive Science*, [s. l.], v. 9, n. 3, p. 552-568, 2017.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon, 1985.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: The nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GONÇALVES, C. A. V. Algumas notas sobre Morfologia Relacional: uma “prima” da Gramática das Construções. *Soletras*, Rio de Janeiro, n. 41, p. 290-314, 2021. Disponível em: https://pdfs.semanticscholar.org/e1d2/c605fb57c01914a-3872b2a1ad84b1351ce33.pdf?_ga=2.61906156.1199641828.1659031691-1661060762.1637590590. Acesso em: 5 fev. 2021.

GRIVET, A. *Nova grammatica analytica da lingua portugueza*. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1881.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. (edição eletrônica).

INFOPÉDIA. Porto: Ed. Porto, 2022. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/>. Acesso em: 21 jan. 2021.

JACKENDOFF, R. *The architecture of the language faculty*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology Press, 1997.

JACKENDOFF, R. Construction after Construction and its Theoretical Challenges. *Language*, [s. l.], v. 84, n. 1, p. 8-28, 2008.

JACKENDOFF, R. *Foundations of Language*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

JACKENDOFF, R.; AUDRING, J. Relational Morphology: A Cousin of Construction Grammar. *Frontiers in Psychology*, [s. l.], v. 11, p. 1-12, 2020b.

JACKENDOFF, R.; AUDRING, J. Relational Morphology in the Parallel Architecture. In: AUDRING, J.; MASINI, F. (ed.). *The Oxford Handbook of Morphological Theory*. Oxford: Oxford University Press, 2019. p. 309-408.

JACKENDOFF, R.; AUDRING, J. *The Texture of the Lexicon: Relational Morphology and the Parallel Architecture*. Oxford: Oxford University Press, 2020a.

LOBATO, A. J. dos R. *Arte da grammatica da lingua portugueza*. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1770.

MARCAÇÃO. In: DICIONÁRIO Olímpico. [S. l.], [20—]. Disponível em: <http://www.dicionarioolimpico.com.br/futebol/cenario/marcacao>. Acesso em: 28 jan. 2021.

MOLINARI-CARLÈS, D. Les adverbes latins en -(t)im: étude morphologique. In: FRUYT, M.; VAN LAER, S. (ed.). *Adverbes et évolution linguistique en latin*. Paris: L'Harmattan, 2008. p. 223-239.

NASCIMENTO, M. F. B. Processos de lexicalização. In: RAPOSO, E. B. P. et al. (org.). *Gramática do português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. v. 1, p. 213-246.

NEVES, M. H. de M. *A gramática portuguesa revelada em textos*. São Paulo: Ed. UNESP, 2018.

PHARIES, D. Adverbial Expressions Signifying Bodily Movements and Postures in Hispano-Romance. *Hispanic Review*, [s. l.], v. 65, n. 4, p. 391-414, 1997.

RANCHHOD, E. M. O lugar das expressões fixas na gramática do português. In: CASTRO, I.; DUARTE, I. (ed.). *Razões e emoção: miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2003. p. 239-254.

RAPOSO, E. B. P. Advérbio e sintagma adverbial. In: RAPOSO, E. B. P. et al. (org.). *Gramática do português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. v. 2, p. 1569-1684.

RIBEIRO, S.; RIO-TORTO, G. Composição. In: RIO-TORTO, G. et al. (ed.). *Gramática derivacional do português*. 2. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016. p. 461-520.

ROBOREDO, A. de. *Methodo grammatical para todas as línguas*. Lisboa: Pedro Craesbeek, 1619.

RICÓS, A. As 'categorias verbais invariáveis' nos tratados linguísticos portugueses anteriores ao século XIX: advérbios e locuções adverbiais. *Quaderns de Filologia: Estudis Lingüistics*, València, v. XIII, p. 273-290, 2008.

SILVA, A. de M. *Epitome da grammatica da lingua portugueza*. Lisboa: Off. de Simão Thaddeo Ferreira, 1806.

VIEIRA, D. *Grande dictionario portuguez, ou, Thesouro da língua portugueza*. Porto: E. Chardron e B. H. Moraes, 1871, 5 v.

WILLIAMS, E. Remarks on lexical knowledge. *Lingua*, [s. l.], v. 92, p. 7-34, 1994.

Capítulo 12

SOBRE BEBUNS, NUDES E NATUREBAS

um estudo sobre *hápax*
sufixal e *quasi-hápax* à luz da
Morfologia Relacional

*Carlos Alexandre Gonçalves,
Marco Antônio Gomes Filho e
Sarah Batista Santos*

PALAVRAS INICIAIS

Neste capítulo, analisamos o chamado *Hápax legomenon* (HL), denominação usada para acolher formações isoladas, das quais se conhece apenas uma aparição. (BAUER, 2001) Nossa abordagem é feita à luz do recente modelo teórico que acaba de integrar o paradigma da Gramática das Construções (GC) (BOOIJ, 2005; CROFT, 2001; GOLDBERG, 1995): a Morfologia Construcional (MC). (JACKENDOFF; AUDRING, 2016, 2018, 2020) Ao propor uma extensão do conceito de HL às estruturas morfológicas do português (GONÇALVES, 2012), descrevemos, mais de perto, os elementos morfológicos que, em posição de sufixo, constituem sequências únicas, isoladas,

denominadas de sufixoides por Rocha (1998), a exemplo do -aréu de “fogaréu” e do -anzil de “corpanzil”.

Como Jackendoff e Audring (2016, 2018), procuramos mostrar que essas unidades estão longe de ser interpretadas como fósseis morfológicos e são bem mais numerosas do que parecem. Num modelo que prevê a existência de esquemas irmãos, além das tradicionais relações de herança, formas como o -ebre de “casebre” e -um de “bebum” podem receber devido tratamento formal e é esse nosso principal objetivo. Para tanto, primeiramente definimos *hápx* para, na sequência, abordar, ainda que brevemente, o quadro teórico que sustenta a análise, a Morfologia Relacional (MR). Por fim, mostramos como a MR consegue fornecer tratamento adequado tanto para o que chamamos de *hápx* sufixal (GONÇALVES, 2012) quanto para os casos de *Quasi-Hápx* (QH). (SZYMANEK, 2005) Começamos a análise abordando de imediato a questão da (im)produtividade morfológica, pois essa noção está na base da própria definição de *hápx*.

Para compor o *corpus* da pesquisa, os dados foram extraídos de dicionários eletrônicos – tais como o *Dicio* e o *Priberam* –, dicionários etimológicos (CUNHA, 1975; MICHAELLIS, 2006) e gramáticas tradicionais, como as de Rocha Lima (1976) e Cunha e Cintra (1985). Ademais, utilizamos ferramentas de busca avançada *on-line* como o Palavras.net e o Palavrasque.com, os quais nos possibilitaram encontrar outras palavras formadas pelos afixos aqui estudados a partir da procura de uma determinada sequência em posição de sufixo, através das barras de busca disponibilizadas nesses *sites*. Feito isso, com o objetivo de comprovar que os dados coletados não constituem arcaísmos, sendo analisáveis e apresentando alto grau de composicionalidade (BYBEE, 2010), rastreamos as palavras complexas com os sufixos HL e QH nas ferramentas de pesquisa da rede social Twitter e recolhemos dados reais de interação para exemplificar os usos.

(IM)PRODUTIVIDADE EM QUESTÃO: DESCRIÇÃO E CATEGORIZAÇÃO DOS HÁPAX

Uma das peculiaridades das formações *hápax*¹ é, evidentemente, a improdutividade. Um HL, por ser um elemento formal não recorrente, submete-se a uma baixíssima aplicação e conseqüente especialização de significado ao longo do tempo, tornando-se muitas vezes um arcaísmo. (BAUER, 2001) Tal tema, entretanto, não é muito discutido na literatura linguística, já que se analisam, mais comumente, na esfera da formação de palavras, construções lexicais de grande recorrência na língua. Evidentemente, para determinarmos o que faz com que dado processo morfológico seja improdutivo, é essencial considerarmos o que se comenta sobre produtividade, a fim de que se constate, em oposição, quais são os aspectos fundamentais do outro extremo, considerando a produtividade, neste momento, como rentabilidade (CORBIN, 1987) e, por isso mesmo, possibilitando formular uma escala que traduza gradação.

A produtividade é um dos conceitos mais subjetivos e controversos na linguística, sendo até mesmo tido como “uma questão de alguma disputa” (BAUER, 2001, p. 10); pode ser reflexo da “criatividade que permite dizer algo que nunca foi dito antes” (HOCKETT, 1958, p. 34); da “disponibilidade síncrona de um elemento ou processo” (RALLI, 2010, p. 245); das “novas formações lexicais, independente do volume de palavras que gerem”. (GONÇALVES, 2019, p. 114) Qualquer que seja a concepção mais adequada, todas indicam, de maneira bem contundente, que a frequência é o critério central para a classificação de uma unidade morfológica ao longo de um *continuum* de recorrência ou prolificidade. (RIO-TORTO, 1998) No caso de um *hápax* ou QH, leva-se em conta a frequência *type*, isto é, aquela que tem como parâ-

1 Em princípio, o plural de *hápax* seria *hapaces*, mas tal forma não é sancionada pelos dicionários latinos, razão pela qual mantemos o singular.

metro o “número de palavras diferentes em uma classe, contadas uma a uma”. (GONÇALVES, 2019, p. 132)

Nesse sentido, assim como a produtividade é orientada pela descrição de certas condições em ocorrências mais amplas, as quais, em sua maioria, dizem respeito a certas restrições operacionais de caráter morfossemântico, a improdutividade, em ocorrências mais cerceadas, deve ser descrita e delimitada por seus condicionamentos.

Mesmo ocupando posição de sufixo e compartilhando algumas similaridades com os genuínos representantes dessa categoria, como o fato de serem formas presas – dependem da base para expressar seu conteúdo –, além da capacidade de mudança de classe, a se observar nas unidades em itálico a seguir, como em “andar” – “andarilho” (V - S) e “frio” – “friaca” (Adj - S), tais unidades, rotuladas por *hápax* ou QH, não pertencem prototipicamente à categoria dos sufixos, já que não são aparelhadas de rentabilidade, nem disponibilidade (CORBIN, 1987), isto é, a sufixação é um processo morfológico que atinge naturalmente um grande número de palavras e, em geral, está disponível para a criação de itens lexicais novos, como é caso de unidades como -ção, -eiro/a, -ada e -(i)dade. No entanto, é perigoso taxar um processo morfológico de produtivo/improdutivo de imediato ou simplesmente reduzir a produtividade a fatores como frequência, por exemplo. A produtividade de processos morfológicos “marginais” ainda assim é produtividade, só que em baixa escala. Um HL ocupa o nível mais baixo de rentabilidade, já que sua ocorrência é 1 (um), vinculando-se a uma – e somente uma – base da língua, em expressão e significado. (GONÇALVES, 2019)

Partindo desses pressupostos, podemos, agora, definir com mais precisão o que constitui um *hápax* em morfologia. O termo *Hápax Legomenon* é o nome dado a uma palavra que só aparece uma vez em uma obra, conjunto de obras de um autor etc. e a Bíblia geralmente é usada como exemplo, por possuir diversos HL (*hápax legomena* no plural). Em grego, a expressão “HL” significa “aquilo que é dito uma vez só”. A aplicação mais direta desse conceito foi a criação de dicio-

nários de línguas mortas e estudos sobre o conjunto literário de um autor. Logo ganhou relevância nos estudos de Ecdótica, ramo da Filologia ou da Crítica Textual que “[...] busca, por meio de minuciosas regras de hermenêutica e exegese, restituir a forma mais próxima do que seria a redação inicial de um texto, a fim de que se estabeleça a sua edição definitiva”. (MICHEA, 1972, p. 67)

Como se vê, o estudo dos HL se concentrou predominante no nível da palavra e, utilizando autores brasileiros da área da morfologia, são exemplos desse fenômeno “enxadachim”, encontrado apenas em Guimarães Rosa (BASILIO, 1997), “bucetante”, em Agamenon Mendes Pedreira, do jornal *O Globo* (GONÇALVES; ASSUNÇÃO, 2009) e “chuvinhenta”, do poema “Caso pluvioso”, de Carlos Drummond de Andrade. (GONÇALVES, 2012) No âmbito estritamente morfológico, o estudo dos *hápax* afixais ganhou destaque a partir do trabalho de Baayen e Lieber (1991). Autores como Plag, Dalton-Puffer e Baayen (1999) e, sobretudo, Bauer (2001), vêm se debruçando sobre o assunto.

No âmbito do português, até onde se conhece, foi Rocha (1998) o primeiro autor que chamou atenção para o fenômeno, chamando os casos a seguir de sufixoides, elementos que “conferem às palavras significados únicos, exclusivos específicos” (ROCHA, 1998, p. 124):

(01) ferrolho	marisco	fogaréu	casebre
marujo	rabiola	copázio	longinquo

Ao contrário do que se possa imaginar, o conjunto de unidades morfológicas que se assemelham às listadas por Rocha (1998) está longe de ser pequeno e, mais importante ainda, o inventário dessas partículas não é fechado: criamos *hápax* sufixais nos dias de hoje, o que mostra que o fenômeno em si parece produtivo. De fato, são relativamente recentes formações como “bebum”, “chatonildo” e – por que não? – “sanduba” e “nudes”. Esses últimos itens só diferem dos primeiros porque pressupõem um encurtamento anterior à adjunção

do item não recorrente. Ainda assim, são casos de HL, como os exemplos que constam de (02), a seguir:

(02)	lagartixa	felizardo	chatonildo	colorau	bebum
	pelanca	boliche	carnaval	mamilo	sanduba
	marujo	moçoila	jazigo	carniça	nudes
	riacho	bocarra	copázio	pedregulho	casebre
	nevasca	rapariga	choramingar	corpanzil	maré

Se alargamos um pouco mais a noção de HL, chegamos ao que denominamos de QH (SZYMANEK, 2005): elemento pouco recorrente que se aplica a pouquíssimas unidades lexicais na língua,² tendo baixíssima frequência *token*. Assemelham-se aos HL: (a) por serem de origem etimológica obscura e/ou pouco acessível; (b) adjungirem-se a base transparentes e, ainda que em menor proporção; (c) pertencer à esfera da improdutividade. Exemplos de QH são listados nos Quadros 1 e 2, a seguir, respectivamente para a formação de substantivos e adjetivos. Aproveitamos a oportunidade para ressaltar que o único caso de *hápax* sufixal envolvendo a criação de verbos foi “choramingar”:

2 Aqui, tomamos seis palavras como parâmetro, considerando o número de produtos com -idão e -est(r)e, dois sufixos improdutivos. No entanto, a escolha é altamente arbitrária. No site Palavras que Rimam, disponível em: www.palavrasque.com, a busca por formas terminadas por -idão retorna cerca de 50 palavras complexas, como “sofreguidão” e “amplidão”. Número um pouco menor (por volta de 30) é encontrado em -est(r)e (“terrestre”, “campestre”). Tomamos uma medida bem abaixo dessas para caracterizar os QH: um quinto da com menor ocorrência: 30/5=6.

Quadro 1 – Inventário de quasi-hápax formadores de substantivos

-aca	velhaca	friaca				
-ulo	glóbulo	grânulo				
-isco	chuvisco	asterisco				
-eba	natureba	mistureba	decoreba			
-aréu	fogaréu	povaréu	casaréu			
-ejo	sertanejo	vilarejo	lugarejo			
-é	miseré	fumacé	lamacé			
-icho/a	barbicha	rabicho	pinguicho	governicho		
-únculo	furúnculo	homúnculo	pedúnculo	carbúnculo		
-ázio	copázio	balázio	folhetázio	golpázio		
-alho	cabeçalho	espantalho	penduricalho	ramalho		
-acho	riacho	penacho	fogacho	populacho	covacho	
-im	boletim	camarim	lagostim	festim	folhetim	
-astro	musicastro	poetastro	politicastro	medicastro	filosofastro	
-áculo	tabernáculo	cenáculo	espetáculo	receptáculo	habitáculo	
-ículo	cubículo	fóliculo	versículo	fascículo	ventrículo	

Fonte: elaborado pelos autores.

Quadro 2 – Inventário de *quasi-hápax* formadores de adjetivos

Adjetivos	-uço	dentuço	pinguço		
	-úsculo	maiusculo	minúsculo	corpúsculo	
	-onho	risonho	tristonho	enfadonho	medo- nho
	-ucho/a	gorducho	fofucho	pequerru- cho	papelu- cho

Fonte: elaborado pelos autores.

Do inventário de HL e QH, apenas descartamos formas que apresentam um elemento não recorrente em posição interna, como “corp-or-al” e “com-il-ão”. Muito abundantes com o -ão de aumentativo e o -al que forma adjetivos a partir de substantivos, tais unidades recebem nomes variados: (a) infixos; (b) interfixos; e (c) unidades expletivas. Entendendo que não são formalmente sufixos, descartamos essas formas da análise. Passemos, na sequência, à apresentação do modelo que sustenta a análise: a MR. (JACKENDOFF; AUDRING, 2016, 2018, 2020)

ALGUMAS NOTAS SOBRE A MORFOLOGIA RELACIONAL

Uma discussão proeminente na maioria das teorias linguísticas tem sido a distinção entre palavras e regras, ou entre o léxico e a gramática, como se estivessem, nos termos de Jackendoff e Audring (2018, p. 469), “em diferentes ‘lugares’ metafóricos na mente”. Paralelamente, grande parte da Psicolinguística tende a tratar o armazenamento de palavras como algo distinto das regras gramaticais, posição explicitamente defendida, por exemplo, por Ullman (2004). Essa divisão é rejeitada pela GC (GOLDBERG, 1995), pelos Modelos Funcionais Baseados no Uso (HOFFMAN; TROUSDALE, 2013) e pela MC. (BOOIJ, 2010) Mostram Jackendoff e Audring (2018, p. 469), que “[...] essas

abordagens argumentam que as regras gramaticais são, elas mesmas, itens lexicais, ou seja, a gramática é parte do léxico” e essa assunção é explicitamente assumida pela MR. (JACKENDOFF; AUDRING, 2016, 2018, 2020) Demonstrando que em praticamente todas as teorias linguísticas, “[...] uma palavra contém peças de estrutura sobre três níveis: sua estrutura semântica, seus recursos sintáticos e sua fonologia”, a MR propõe que “[...] esses níveis são, em princípio, independentes, cada um com suas próprias condições características de boa-formação. Mas cada um também é ligado aos outros” (JACKENDOFF; AUDRING, 2016, p. 470): por exemplo, a camada fonológica pode ser ligada à camada morfossintática e esta à semântica. Os autores chamam esses *links* de interface de conexões e os notam com índices que mostram que partes da estrutura em um nível correspondem à estrutura em outro nível.

Os índices devem ser considerados como marcando o fim das linhas de associação. Nos casos mais simples, o mapeamento é trivial, como se observa a representação a seguir, com o significado em maiúsculas e o “S”, um substantivo:

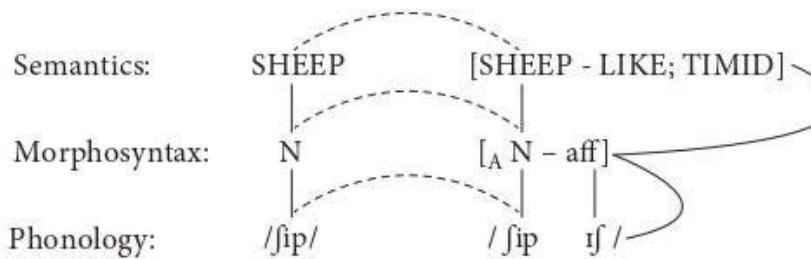
(03)	SEMÂNTICA:	[ORELHA ₁]
	MORFOSSINTAXE:	S ₁
	FONOLOGIA	/ ore'la ₁ /

Mais interessante é a representação de uma palavra complexa, como “orelhudo”. O nó morfossintaxe codifica o fato de que essa palavra é um adjetivo constituído de um substantivo mais um afixo. O coíndice 2 vincula a semântica, a morfossintaxe e a fonologia da palavra inteira, assim como o coíndice 1 vincula as camadas em (03). O coíndice 1 relaciona a categoria sintática “Substantivo” com o significado ORELHA e a fonologia / oreλ /. O coíndice 3 liga o afixo com a fonologia / udU/:

(04)	SEMÂNTICA:	[ORELHA ₁ – AVANTAJADO] ₂
	MORFOSSINTAXE:	[_{Adj} S ₁ – AF ₃] ₂
	FONOLOGIA:	/ ore'λ ₁ udU ₃ / ₂

Para Jackendoff e Audring (2016, 2018), um coíndice como 1, em (04), também vincula as partes relevantes de “orelhudo” à palavra-base “orelha”. Com isso, unifica as duas palavras e a correlação serve como um elo relacional. Para eles, se notarmos os *links* “[...]” como linhas de associação em vez de coíndices “[...]”, “pode-se ver que os links de interface (linhas sólidas) conectam níveis dentro de um item léxico, enquanto os *links* relacionais (linhas tracejadas) conectam partes que são iguais em diferentes itens lexicais” (JACKENDOFF; AUDRING, 2016, p. 171), como mostram na representação da Figura 1, para “orelha” (*sheep*) e “acanhado” (*sheepish*):

Figura 1 – Redes relacionais



Fonte: Jackendoff e Audring (2016, p. 171).

Dado o formato para representar palavras, a notação em (04) pode ser facilmente enriquecida de modo a estabelecer generalizações. Extraindo a contribuição de “orelha” (03) para “orelhudo” (04), chegamos a (05) como o padrão cujas instâncias incluem formas como “queixudo”, “barrigudo”, “bigodudo” e “bundudo”, entre tantas outras. Habilidades cognitivas como a metáfora e a metonímia podem expan-

dir o uso de -udo e responder por formas como “baleiúdo” (“gordo como uma baleia”) e “abelhudo” (“xereteiro”). O polo semântico fica livre para ser alimentado por qualquer teoria que dê conta de aspectos semântico-pragmático-discursivos:

(05)	SEMÂNTICA:	[X _y – AVANTAJADO]z
	MORFOSSINTAXE:	[_{Adj} S _y – aff3]z
	FONOLOGIA:	/...y udʊ3 /z

Jackendoff e Audring (2016) comprovam que há esquemas com funções gerativas e relacionais. No entanto, não há esquemas com função apenas gerativa, “[...] porque qualquer instância de um esquema que pode ser gerada online pode também ser armazenada [...] Pode-se armazenar itens de todos os tamanhos [...] sem perder a estrutura interna que os conecta aos padrões gramaticais da língua”. (JACKENDOFF; AUDRING, 2016, p. 473) Desse modo, existem dois tipos de esquemas: (a) os produtivos (que têm a capacidade de prever a criação de novas formas); e (b) os não produtivos (aqueles que deixaram de ser usuais nos dias de hoje). No caso de (a), há um paralelo com as chamadas Regras de Formação de Palavras (RFPs) do modelo serialista, já que os esquemas preveem novas criações lexicais. No caso de (b), os esquemas abrangem apenas a função relacional e equivalem, com as devidas concessões, às chamadas Regras de Análise de Estrutura (RAEs), de Basilio (1980), pois, embora analisáveis e composicionais, não estão mais disponíveis na atual sincronia. Portanto, uma primeira grande vantagem do modelo é a descrição de formas sem raiz identificável sincronicamente.

Com as principais ideais da MR devidamente apresentadas, passamos, a seguir, a mostrar o poder descritivo de seu formalismo. Segundo os autores, tais evidências “nos levam a refletir sobre questões mais amplas [...], e sinalizam alguns desafios para a gramática de constru-

ção standard”. (JACKENDOFF; AUDRING, 2016, p. 475) Começemos com o caso de sufixos bem estabelecidos que apresentam bases sem qualquer correspondência com palavras (formas livres). Não estamos nos referindo a *doublets*, com “*estômago*” e “*estomacal*” e “*cabra*” e “*caprino*”, em que as correspondências são mais óbvias, dada a alta semelhança sonora entre as formas de raiz. Estão em jogo, nos dados (06b), a seguir, as chamadas raízes de fronteira (RALLI, 2010), basoides (ROCHA, 1998) ou raízes-*hápax*. (GONÇALVES, 2019) Em comum nas diferentes terminologias, está o fato de termos, nesses casos, raízes prontamente identificadas, mas que ocorrem apenas numa única formação (daí o termo *hápax*). Temos, em (06b), formações semitransparentes cuja analisabilidade é parcial, em função de existir uma forma não recorrente justamente na posição de base (diferente de 06a), o que não é capaz de impedir a composicionalidade dos significados, graças à alta produtividade do sufixo:

- (06) a. faringite, laringite, tendinite, labirintite
b. bursite, rinite, mastite, sinusite, otite

Jackendoff e Audring (2016) lembram que construções como as em (06) “[...] são frequentemente mencionadas na literatura, apenas para serem rapidamente deixadas de lado como uma pequena falha no sistema”. (JACKENDOFF; AUDRING, 2016, p. 474) O esquema de “bursite” pode ser apreciado em (07):

(07)	SEMÂNTICA:	[INFECCÃO] ₁
	MORFOSSINTAXE:	[- AF ₂] ₁
	FONOLOGIA	[bux ^h si+i.ʃi ₂] ₁

Na fonologia, a terminação -ite é marcada em morfossintaxe como um afixo (coíndice 2), mas, nesse nó, não há nada que possa se vincular à sequência inicial de “bursite”, já que burs- não é uma palavra

por si só e, portanto, não tem categoria sintática. Essa ausência de morfossintaxe é representada por um travessão. Além disso, o significado de “bursite” não pode ser dividido entre o significado da base mais o significado do afixo. Por isso mesmo, a semântica também não possui *links* internos. Consequentemente, as ligações internas estão confinadas apenas à estrutura do afixo. Jackendoff e Audring (2016, p. 474) concluem o seguinte a respeito de dados como os de (06b): “acreditamos que seja exatamente isso o que se quer dizer sobre a estrutura dessas palavras” e, nos termos de Anderson (1992), “bursite” é parcialmente amórfica: -ite é um morfema, mas burs- não o é.

De qualquer maneira, é necessário captar o fato de as palavras terminadas em -ite expressarem a ideia de infecção, anomalia ou doença, pois é esta a generalização que os dados oferecem. Para dar conta de casos como (06b), um esquema em (07) pode ser formulado. Observe-se que a semântica afirma que -ite denota uma inflamação, da mesma maneira que as mais transparentes “labirintite”, “faringite” e “laringite”. Morfossintaticamente e fonologicamente, a palavra inteira é um substantivo que termina em um afixo pronunciado / iʃI / (coíndice 2). Nas palavras de Jackendoff e Audring (2016, p. 475): “isso é tudo: [...] não diz nada sobre a forma, a categoria sintática ou o significado da base”, pois essas informações não estão acessíveis. Na próxima seção, vemos como essas ideias podem ser aplicadas aos casos aqui analisados: *hápax* sufixal, HL e QH.

A REPRESENTAÇÃO DOS HÁPAX E QUASI-HÁPAX

Jackendoff e Audring (2016) afirmam que o conhecimento da linguagem é uma rede que possui nós interligados. Quando se considera a relação entre palavras em redes lexicais, não necessariamente se admite que haja ligação simples entre os nós; ao contrário, os nós contêm estruturas internas que são conectadas por *links* relacionais. Portanto, para explicar a função relacional, primeiro temos que suplementar os *links* de interface com um segundo tipo de *links*: os relacionais.

Consideremos, para tanto, a palavra “bebum”. A sequência -um se comporta como um sufixo deverbal adjungido à raiz beb-. No entanto, esse “afixo” é exclusivo de tal palavra, não havendo nenhuma outra na língua que apresente tal forma nessa posição. Muito apropriadamente, Jackendoff e Audring (2018) mostram que seria totalmente contraproducente formular uma regra de formação de palavras como “acrescente -um ao final de uma base verbal para expressar a intensificação de um atributo”, pois, afinal de contas, uma regra que se aplica a uma só palavra não é propriamente uma regra. No entanto, a relação entre “beber” e “bebum” pode ser capturada na notação MR, conforme mostrado em (08):

(08)	SEMÂNTICA:	a. [BEBE ₁] ₂	b. [QUEM [BEBE]1 MUITO] ₃
	MORFOSSINTAXE:	[V ₁] ₂	[V ₁ aff ₄] ₃
	FONOLOGIA	/ 'bɛb ₁ / ₂	/be'buN/ ₃

O subscrito ₁ liga os três níveis de “beber” e, da mesma forma, o subscrito ₃ liga os três níveis de “bebum”. Por outro lado, o subscrito ₁ também liga “bebum” à base de “beber”, marcando os dois como iguais. Essa conexão é o que Jackendoff e Audring (2016, 2018, 2020) chamam de *link* relacional. Esse *link* não é usado para derivar “bebum” de “beber”; em vez disso, simplesmente marca o que os dois itens lexicais compartilham: o vínculo (marcado pelo coíndice), portanto, “apoia” ou “motiva” “bebum”, tornando-o menos arbitrário que uma palavra como “caqui”, que carece de estrutura interna. “Bebum” é mais fácil de aprender, então, porque tem uma parte previamente conhecida; e é mais fácil de processar, por causa da ativação extra que vem de “beber” e de outros derivados, como, por exemplo, “bêbado”, “bebida”, “beberagem”, “beberrão” e “bebeção”.

Dois outros itens lexicais apresentam significado bem próximo de “bebum”: “bêbado” e “beberrão”. Como não acreditamos na existência de sinônimos perfeitos, o que se consagrou, nas abordagens constru-

cionistas, como o Princípio da Não Sinonímia³ (GOLDBERG, 1995, p. 67), a construção com HL ganha significado próprio, diferente das demais já existentes. Além da diferença pragmática, já que “bebum” é uma formação mais restrita a registros menos formais, há também diferença semântica. No caso de “bêbado”, tem-se um estado ocasional, passageiro, momentâneo, de alguém que bebeu excessivamente. O “beberrão”, por sua vez, embora beba com muita frequência, não chega a ser um alcoólatra, pois consegue dominar o consumo, ainda que o faça reiteradas vezes. O “bebum” é um alcoólatra com características próprias: é uma espécie de “pinguço”, uma pessoa que bebe excessivamente e causa situações vexatórias com seu estado de embriaguez. Portanto, “bebum” representa o estágio máximo numa escala de embriaguez/alcoolismo.

Em uma primeira tentativa de justificar a produtividade 1 desses “sufixos”, utilizamos como ponto de partida as reflexões propostas por Basilio (1987), que atestam que os processos de formação de palavras apresentam função discursiva e, por isso, expressam aspectos subjetivos do emissor, adquirindo, assim, significados muito específicos, o que os impede de se adjungir a um maior número de bases. Talvez seja essa a situação, por exemplo, de -ebre, em “casebre”. Ao contrário do que mencionam muitas gramáticas tradicionais, a exemplo de Cunha e Cintra (1985) e dicionários eletrônicos como: *Dúvidas de português* ([20--]), que alegam estarmos diante de um diminutivo, -ebre não expressa apenas a noção de pequenez. A postulação de esquemas irmãos é uma solução bastante apropriada também para essa palavra, já que seria extremamente contraproducente postular uma regra ou formular uma hierarquia construcional para dar conta de uma única palavra:

3 Princípio da não sinonímia: “se uma construção é sintaticamente distinta de outra(s), também deve ser semântica ou pragmaticamente distinta”. (GOLDBERG, 1995, p. 67)

(09) SEMÂNTICA:	a. [CASA ₁] ₂	b. [[CASA] ₁ HUMILDE] ₃
MORFOSSINTAXE:	[S ₁] ₂	[S ₁ aff ₄] ₃
FONOLOGIA	/ 'kaz ₁₀ / ₂	/ka'z ₁ +ɛbr ₁₄ / ₃

“Casebre” pode ser definida como “casa pobre, de construção ins-tável, feita com materiais improvisados”, uma “habitação rústica e po-bre; buraco, choupana, tugúrio”.

Em resumo, ousamos afirmar que os *hápax* sufixais aqui reunidos apresentam, em sua totalidade, significados mais densos, nos termos de Ralli (2010), uma vez que se especializaram tanto semanticamen-te que acabaram, por isso, não se aplicando a nenhuma outra palavra. Por outro lado, não é raro encontrar casos de HL e QH funcionando como o item analógico de criações em espelho, a exemplo dos seguintes:

(10) natureba	□	mistureba, decoreba
fumacê	□	lamacê, miserê
fogaréu	□	povaréu, mundaréu, aguaréu

Outros acabaram formando famílias muito pequenas de itens complexos, a exemplo de -onho. Na MR, ao contrário de outras abor-dagens construcionistas, reforçamos, os esquemas têm dois usos: o gerativo e o relacional. Muitos deles, no entanto, podem desempenhar apenas a função relacional. Bom exemplo em português é o pequeno grupo de adjetivos terminados em -onho. Como se vê em (11), há cla-ramente um padrão: três substantivos e um adjetivo são acrescidos desse “sufixo” e formam um adjetivo cujo significado é “que desperta, causa ou aparenta X”.

- (11) riso - risonho
medo – medonho
enfado – enfadonho
triste – tristonho

Obviamente, podemos formular um esquema para dar conta dessas formas em português. Esse esquema, no entanto, está longe de ter função gerativa, pois os falantes do português não formam, nos dias de hoje, adjetivos com essa terminação, soando estranhas construções como “?choronho”, “?raivonho” ou “?contentonho”, todas com bases compatíveis com o significado do pretense afixo. O esquema em (12), portanto, tem função apenas relacional, já que serve para conectar esse pequeno conjunto de palavras complexas.

(12) SEMÂNTICA:	[QUE DESPERTA, CAUSA OU APARENTA] ₁
MORFOSSINTAXE:	[Adj N ₂ onho] ₁
FONOLOGIA	/ ... ₂ õjU/ ₁

ALGUMAS NOTAS SOBRE (IM)PRODUTIVIDADE E NÃO SINONÍMIA

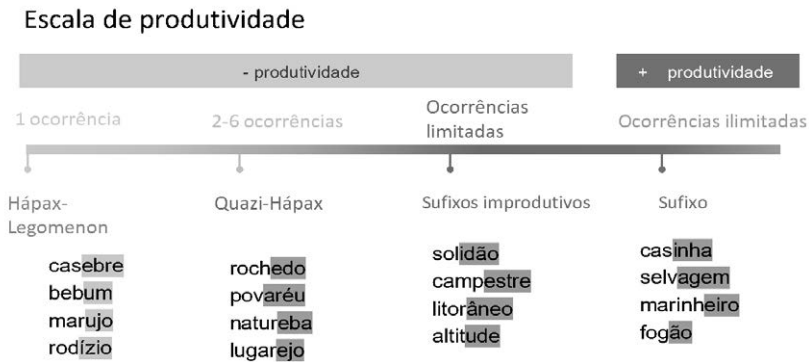
Neste capítulo, lançamos a hipótese de que unidades morfológicas pertencentes às categorias *hápax* sufixal e QH, que outrora funcionavam como sinônimos de outros formativos, perderam, ao longo do tempo, a capacidade de concorrência com formativos mais usuais devido ao conteúdo mais específico por eles expresso, levando-os a um grau muito elevado de densidade semântica (RALLI, 2010), o que culminou na sua improdutividade. Além disso, a subjetividade, manifestando sentimentos, emoções e opiniões dos falantes, reduz drasticamente o contexto de uso desses formativos para situações mais específicas. Isso confirma a proposta de Brasilio (1997), de que contextos podem interditar ou favorecer o uso de afixos, o que, por sua vez, pode os condenar à improdutividade, pois há relação direta entre coerência semântica e aplicação em série, como prevê Aronoff (1976).

Por fim, reforçamos a relevância do Princípio da Não Sinonímia. (GOLDEBERG, 1995) Considere-se, por exemplo, o par (“pov-ão/pov-aréu”), em que “povaréu” representa um membro do grupo QH. Apesar de a maioria dos dicionários alegar que ambas as construções

remetem ao aumentativo de “povo”, “povão” designa exclusivamente um grupo de pessoas – não necessariamente em grande quantidade – oriundas de classes sociais mais baixas, ao passo que “povaréu” é selecionado por falantes em contextos em que há multidões concentradas.

Com base no que se expôs ao longo do texto, propomos a seguinte escala de frequência de *token* para os elementos em posição de sufixo. Com frequência 1, no extremo esquerdo do *continuum*, estão localizados os HL. Avançando na escala, com até seis *tokens*, aparecem os QH. Sufixos improdutivos aparecem logo depois, variando em muito o número de itens lexicais que formaram. No entanto, todos têm em comum o fato de não serem representados por esquemas gerativos, pois não formam novas unidades. No fim da escala, aparecem os sufixos produtivos, descritos por esquemas gerativos que variam – e muito – na quantidade de palavras já criadas e potencialmente criáveis:

Figura 2 – Escala de disponibilidade e rentabilidade em sufixos



Fonte: elaborada pelos autores.

PALAVRAS FINAIS

Esperamos, neste texto, ter fornecido um panorama geral sobre o estatuto das formações com *hápax* sufixal e QH em português, à luz de

um enfoque teórico recente, a MR. Por seu caráter seminal, também esperamos que o trabalho possa servir de inspiração para outros sobre a questão da improdutividade lexical, bastante relegada a segundo plano nas análises morfológicas. Tanto é que Fally (2020) intitula sua resenha à conferência de Jennny Audring no evento Abralín on-line, em julho de 2020, de “Morfologia improdutiva como porta de entrada para a Morfologia Relacional”.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, S. R. *A-morphous Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- ARONOFF, M. *Word formation in generative grammar*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology Press, 1976.
- BAAYEN, H.; LIEBER, R. Productivity and english derivation: a corpus-based study. *Linguistics*, [s. l.], v. 29, n. 5, p. 801-844, 1991.
- BASILIO, M. *Estruturas lexicais do português*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- BASILIO, M. O princípio da analogia na constituição do léxico: regras são clichês lexicais. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p. 9-21, 1997.
- BASILIO, M. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.
- BAUER, L. *Morphological Productivity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- BOOIJ, G. E. Compounding and derivation. evidence for construction morphology. In: DRESSLER, W. U. et al. (ed.). *Morphology and its demarcations*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2005. p. 109-131.
- BOOIJ, G. E. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BYBEE, J. *Language, usage, and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CORBIN, D. *Morphologie dérivationelle et structuration du lexique*. Tübingen: Max Niemeyer, 1987.

CROFT, W. *Radical construction grammar: Syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

UNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

CUNHA, C. F.; CINTRA, L. *Nova gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DÚVIDAS de português. [S. l.], [20—]. Disponível em: <https://duvidas.dicio.com.br/diminutivos/>. Acesso em: 2 dez. 2020.

FANDRYCH, I. Submorphemic Elements in the Formation of Acronyms, Blends and Clippings. *Lexis: Journal in English Lexicology*, Lyon, v. 2, p. 132-147, 2008.

FALLY, I. Morfologia improdutiva como porta de entrada para a morfologia relacional. *Revista da Abralin*, [s. l.], v. 19, n. 2, 2020.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: A Construction Grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, C. A. V. *Morfologia*. São Paulo: Parábola, 2019.

GONÇALVES, C. A. V. Atuais tendências em formação de palavras no português brasileiro. *SIGNUM: Estudos Linguísticos*, Londrina, v. 15, n. 1, p. 169-199, jun. 2012.

GONÇALVES, C. A.; ASSUNÇÃO, F. P. de. A humorfologia dos cruzamentos vocabulares em Português: análise da coluna de Agamenon, de “o Globo”. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 13, p. 57-71, 2009.

HOCKETT, C. F. *A Course in Modern Linguistics*. New York: Macmillan, 1958.

HOFFMAN, T.; TROUSDALE, G. (ed.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

JACKENDOFF, R.; AUDRING, J. Morphological schemas: theoretical and psycholinguistic issues. *The Mental Lexicon*, [s. l.], v. 11, n. 4, p. 467-493, 2016.

JACKENDOFF, R.; AUDRING, J. Relational Morphology in the Parallel Architecture. In: AUDRING J.; MASINI, F. (ed.). *The Oxford Handbook of Morphological Theory*. Oxford: Oxford University Press, 2018. p. 402-441.

JACKENDOFF, R.; AUDRING, J. *The Texture of the Lexicon. Relational Morphology and the Parallel Architecture*. Oxford: Oxford University Press, 2020.

- MICHAELLIS, C. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 2006.
- MICHEA, R. Le langage et les nombres: essai sur les hápax. *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris*, [s. l.], v. 67, p. 92-110, 1972.
- PLAG, I; DALTON-PUFFER, C.; BAAYEN, H. Morphological productivity across speech and writing. *English Language & Linguistics*, [s. l.], v. 3, n. 2, p. 209-228, 1999.
- RALLI, A. Compounding versus derivation. In: SCALISE, S.; VOGEL, I. (ed.). *The Benjamins Handbook of Compounding*. Philadelphia: John Benjamins, 2010. p. 110-132.
- RIO-TORTO, G. M. de O. e S. *Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português*. Porto: Porto, 1998.
- ROCHA, L. C. de A. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- ROCHA LIMA, C. H. da. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1976.
- SZYMANEK, B. The latest trends in english word-formation. In: ŠTEKAUER, P. LIEBER, R. (ed.). *The Handbook of Word-Formation*. Netherlands: Springer, 2005. p. 429-448.
- ULLMAN, M. T. Contributions of memory circuits to language: the declarative/procedural model. *Cognition*, [s. l.], v. 92, n. 1, p. 231-27, 2004.

Capítulo 13

ENTREVISTA COM GEERT BOOIJ

Entrevistadores

*Natival Simões Neto,
Carlos Alexandre Gonçalves
e Juliana Soledade*

CURRÍCULO DO PROFESSOR GEERT BOOIJ

Geert Booij (1947-) é professor emérito de Linguística na Universidade de Leiden, onde trabalhou de 2005 a 2012. De 1981 a 2005, foi professor de Linguística Geral na Universidade Livre de Amsterdam, e, de 1971-1981, foi professor assistente/associado na Universidade de Amsterdam, onde também obteve seu doutorado em Linguística, em 1977. Estudou holandês e Linguística Geral na Universidade de Groningen (1965-1971), onde obteve seu mestrado (com louvor). Foi reitor da Faculdade de Letras da Universidade Livre de Amsterdam (1988-1991, 1998-2002), reitor da Universidade Livre de Amsterdam (1999-2002), reitor da Faculdade de Letras da Universidade de Leiden (setembro de 2005 a outubro de 2007), e membro (1997-2002) e presidente (2002-2004) do Conselho Holandês de Pesquisa para as Humanidades, da NWO (organização

holandesa para pesquisa científica). Atuou em uma série de comitês nacionais e internacionais para a avaliação das realizações da pesquisa linguística e em comitês de auditoria para a qualidade dos programas de línguas em várias universidades na Holanda.

Geert Booij também ensinou na Universidade de Canterbury, em Christchurch, Nova Zelândia (Erskine Fellow), em 2002; no Instituto da Sociedade Linguística da América, na Universidade de Berkeley, em 2009; na Universidade de Harvard (Professor Erasmus de língua e cultura holandesa), em 2010; e na Universidade Livre de Berlim (Departamento Germânico, seção de holandês), em 2011. Em 2011, recebeu o Prêmio de Pesquisa Alexander von Humboldt, por suas realizações globais em pesquisa linguística. É membro honorário da Sociedade Linguística da América.

Geert Booij é um dos dois fundadores e editores da série de livros *Yearbook of Morphology* (1988-2005), que foi, a partir de 2006, continuada como a revista *Morphology*, da qual foi um dos três editores até 2014. É autor de vários livros didáticos holandeses sobre gramática, morfologia e fonologia e de quatro monografias em inglês: *The Phonology of Dutch* (1995); *The Morphology of Dutch* (2002, 2019); *The Grammar of Words* (2005, 2012); e *Construction Morphology* (2010), todos publicados pela Oxford University Press. Ele publicou artigos em uma ampla gama de periódicos e volumes da Holanda e de outros países (consulte <https://geert.booij.com> para obter uma lista das publicações, a maioria para *download*).

AGRADECIMENTOS

Professor Booij, antes de darmos início às questões, nós gostaríamos de agradecer ao senhor, por ter aceito o convite para responder a esta entrevista. É uma honra para nós termos a oportunidade de lhe fazer essas perguntas. Esperamos que elas sejam instigantes e que lhe permitam explorar importantes aspectos da Morfologia Construcional (MC).

PERGUNTAS

Carlos Alexandre Gonçalves: Em 1977, o senhor apresentou a sua tese *Dutch Morphology: a study of word-formation in generative grammar* (*Morfologia do holandês: um estudo de formação de palavras na gramática gerativa*). Depois, desenvolveu e orientou muitos trabalhos nesse quadro teórico. Como foi o processo de mudança do paradigma gerativista para o paradigma da Gramática de Construções (GrC)? O que motivou a criação da MC? Que vantagens a MC oferece em relação a outros modelos?

Geert Booij: É um prazer responder a suas perguntas. Fiquei agradavelmente surpreso com a existência de uma comunidade de MC tão ativa no Brasil.

Comecei como linguista no final dos anos sessenta. Naquela época, na Holanda, assim como no MIT, sintaxe e fonologia eram os principais tópicos da pesquisa gramatical, e quase não havia atenção para a morfologia. Essa situação foi apropriadamente descrita como morfologia sendo “a Polônia da linguística” (SPENCER; ZWICKY, 1998, p. 3), dividida entre sintaxe e fonologia. Foi a dissertação de Aronoff, no MIT (1974), publicada em 1976, sob o título de *Word formation in Generative Grammar* (*Formação de palavras na Gramática Gerativa*), que me estimulou a buscar a pesquisa morfológica como uma subdisciplina separada dentro do campo gerativista. Em 1974, Aronoff também deu palestras na Universidade de Groningen que me inspiraram. Minha dissertação, defendida em 1977, é um exemplo dessa influência. Ela foi também escrita porque, quando estava trabalhando na fonologia do holandês, descobri que, na abordagem fonológica derivacional, de Chomsky e Halle (1968), a estrutura morfológica das palavras era principalmente um veículo para se obter derivações fonológicas corretas, não baseada em percepções morfológicas motivadas de forma independente, levando assim a análises morfológicas duvidosas. Como se pode esperar do campo gerativista, o foco teórico foi na criatividade

morfológica, no tipo de conhecimento que permite aos usuários da língua formar novas palavras e formas de palavras. Portanto, o conceito de “regra” teve um lugar de destaque na pesquisa morfológica.

A tradição holandesa de morfologia, antes do surgimento da Gramática Gerativa na década de 1960, tinha um foco diferente, embora também quisesse dar conta da criatividade de formação de palavras do usuário da língua. Como Henk Schultink (1962) apontou em sua dissertação, a descoberta de padrões morfológicos é baseada em correspondências sistemáticas de forma-significado entre conjuntos de palavras existentes. Isso significa que relações paradigmáticas entre palavras formam as bases para a descoberta de um motor morfológico criativo. Algumas dessas correspondências entre forma e significado podem ser estendidas a novos casos, o que significa que os padrões relevantes são produtivos. Entretanto, também existem muitos padrões improdutivos e marginalmente produtivos que precisam ser considerados.

Desde a década de 1980, vários morfologistas holandeses enfatizaram a importância das relações paradigmáticas e da noção de “produtividade”, como pode ser visto no trabalho de Harald Baayen (meu primeiro aluno de doutorado, na Universidade Livre de Amsterdam), Matthias Hüning, Jaap van Marle e Ariane van Santen, entre outros. Nossa abordagem morfológica pode ser caracterizada como sendo baseada em palavras, uma vez que as palavras constituem o ponto de partida da análise morfológica. Isso implica que a morfologia não é a sintaxe dos morfemas, como supunha a visão dominante nos primeiros tempos da morfologia gerativa, e que os morfemas desempenham apenas um papel secundário na contabilização das regularidades morfológicas.

Aronoff (2018, p. 11), que também defendeu a morfologia baseada em palavras, formulou regras morfológicas como regras de reescrita, porque (em suas próprias palavras):

Havia uma grande semelhança, na forma, com as regras de reescrita que eram padrão na gramática gerativa. Uma $W[\text{ord}]$

F[ormation] R[ule] (regra de formação de palavra) selecionou uma palavra de uma das três categorias de palavras principais (Substantivo, Verbo ou Adjetivo) e mapeou-o em uma categoria lexical (a mesma ou outra), geralmente adicionando um afixo, assim criando outra palavra. A regra de prefixação com ‘un-’, por exemplo, poderia ser escrita como $[X]_A \rightarrow [un-[X]_A]_A$ ou simplesmente escrita como o *output* $[un-[X]_A]_A$.

Conforme afirmado na última frase dessa citação, os processos de formação de palavras podem ser caracterizados em termos de *outputs*, o que significa que o formato da regra não é relevante. Os *outputs* tornaram-se essenciais para mim no desenvolvimento de um modelo adequado de morfologia, em vez de regras de reescrita.

Os esquemas morfológicos têm duas funções: funcionam como declarações de redundância em relação a palavras complexas existentes e especificam como novas palavras podem ser formadas. A primeira função – de redundância – já havia sido discutida em um dos primeiros artigos sobre morfologia no campo gerativista. (JACKENDOFF, 1975) A função de redundância significa que os esquemas morfológicos têm uma função motivadora: eles reduzem o grau de arbitrariedade nas propriedades das palavras complexas existentes. Essa também é a perspectiva adotada pela MC (BOOIJ, 2010) e sua teoria irmã, a Morfologia Relacional (MR). (JACKENDOFF; AUDRING, 2020) Isso liga a morfologia diretamente ao estudo do léxico e de sua estrutura interna. A segunda função dos esquemas morfológicos é a que é criativa e gerativa: eles respondem pela capacidade dos usuários da língua de cunhar e compreender novas palavras complexas.

Outro fator no desenvolvimento da MC foi meu estudo detalhado dos *particle verbs*¹ em holandês. (BOOIJ, 2010; LOS et al., 2012) Não

1 Nota de tradução: O termo *particle verbs* é um subtipo de *phrasal verbs*. Exemplos de *particle verbs* no inglês são *take on* (enfrentar) e *think over* (pensar sobre). No holandês, exemplos de Booj (2010) são *op delen* (dividir) e *aan leveren* (entregar). Há uma sugestão de tradução para “verbos particulares”, mas essa não parece usual. Por isso, mantive-se o termo em inglês.

são palavras realmente complexas, porque a partícula e o verbo podem ser divididos em orações principais. No entanto, seu comportamento é semelhante ao de verbos complexos. Portanto, eu precisava de um modelo em que não houvesse separação estrita entre morfologia e sintaxe. Os *particle verbs* pareciam ser construções sintagmáticas, que muitas vezes devem ser armazenadas no léxico.

Portanto, meu trabalho em MC não foi uma mudança repentina de paradigma, mas um desenvolvimento gradual, baseado em uma série de ideias sobre o que a morfologia é. A articulação desse modelo recebeu apoio da GrC, em particular o trabalho de Adele Goldberg. Não foi o caso de eu ter pensado: “vamos aplicar a GrC à morfologia”. Foi, na verdade, uma articulação gradual de ideias em que as noções de “construção” e “esquema” se tornaram importantes, noções que também foram usadas na GrC.

Natal Simões Neto: No artigo “Form and meaning in morphology: the case of Dutch ‘agent nouns’” (“Forma e significado na morfologia: o caso dos agentivos do holandês”), datado de 1986 e desenvolvido em um quadro teórico anterior à MC, há uma discussão acerca da atuação do componente semântico na morfologia derivacional. Ainda hoje, passados mais de 30 anos dessa publicação, a interface entre semântica e morfologia nem sempre é bem recebida entre os morfólogos. Dessa maneira, qual ou quais o(s) principal(is) contributo(s) da MC para a descrição dos aspectos semânticos atinentes à formação de palavras?

Geert Booij: A ideia essencial presente na MC é que a morfologia trata da relação sistemática entre forma e significado. Portanto, modelos morfológicos que apenas lidam com o lado formal da morfologia são inadequados. Considerando que construções são pareamentos de forma e significado, a MC dá à semântica o seu devido lugar, declarando que ela é essencial para uma teoria adequada da morfologia.

Quais são as contribuições específicas da MC para a semântica das palavras complexas? Um exemplo é o fenômeno da fragmentação semântica. Em relação aos padrões de formação de palavras, frequentemente, encontramos uma formação de palavra que pode carregar um conjunto de significados frequentemente relacionados (ex.: significados de agente e instrumento em substantivos deverbais). Isso pode ser bem expresso em MC, assumindo subesquemas para os diferentes subsignificados. Além disso, pode ser especificado que alguns desses subesquemas são mais produtivos do que outros.

O modelo da MC também abre espaço para assimetrias entre a estrutura formal e a estrutura semântica (paradoxos de agrupamento). Por exemplo, no composto adjetival do holandês *witgejast* – revestido de branco ou branqueado, em português –, com a estrutura morfológica $[[wit]_A[ge[jas]_N t]_A]_A$, o adjetivo *wit* não modifica o núcleo do composto, *gejast*, na sua totalidade, mas apenas o seu constituinte *jas* (revestir).

A MC, com sua Arquitetura Paralela Tripartida² para a descrição das propriedades de palavras complexas, pode ser responsável por tais paradoxos de agrupamentos, como discutido em Booij e Masini (2015).

Outro fenômeno semântico abordado em MC é o da coerção semântica: uma construção – morfológica ou sintática – pode impor certa interpretação às palavras. (AUDRING; BOOIJ, 2016) Considere a seguinte frase em holandês:

Mijn dochter is nu uit-ge-kleuter-d

Minha filha agora está fora -[Prefixo-criança pequena-Suffixo]

Participio

Minha filha cansou de criar crianças pequenas agora

2 O termo faz alusão às três propriedades fundamentais que devem constar em uma descrição feita com base em esquemas na MC. São elas: propriedades fonológicas (forma fonológica), propriedades morfossintáticas (categorias lexicais de *inputs* e *outputs*) e propriedades semânticas (significado).

Aqui, o substantivo *kleuter* “criança pequena” é usado como a raiz de um verbo complexo separável, resultando no particípio *uitgekleuterd* “toddlered out”, “cansado de criar crianças pequenas”. Essa nova estrutura é particularmente interessante, pois o holandês não tem o *particle verb uitkleuteren* (nem, nesse caso, o verbo de base *kleuteren*, pelo menos não com o significado relevante), de modo que o substantivo foi inserido diretamente no esquema de particípio. Assim, o significado “cansado de” é imposto ao substantivo *kleuter* através da construção *uit* + particípio. É a construção como um todo que tem poder de mudança de categoria – de substantivo para adjetivo participial – e que impõe esse significado específico.

Em suma, a MC fornece certas ferramentas específicas para uma análise semântica adequada das palavras complexas.

Juliana Soledade: O entendimento de que a metáfora e a metonímia não são ornamentos característicos do uso literário da língua, mas sim mecanismos de compreensão, é um dos princípios fundantes da Linguística Cognitiva (LC). No Brasil, a MC tem sido bastante explorada pelos morfólogos que defendem a abordagem cognitivista da linguagem. Em que medida e em que aspectos, os conceitos de metáfora e metonímia são importantes para a MC?

Geert Booij: Os conceitos de metáfora e metonímia são essenciais para a MC para explicar não apenas a polissemia das palavras, mas também a das construções abstratas (esquemáticas). Considere, por exemplo, a interpretação de instrumento em substantivos deverbais terminados em *-er* em línguas germânicas, junto à interpretação de agente. O surgimento desse subesquema de instrumento pode ser interpretado como um caso de extensão de sentido metafórica ou metonímica. Podemos ver os instrumentos como agentes metafóricos. Alternativamente, podemos enxergá-los como um caso de metonímia, uma vez que as ações pressupõem a presença de instrumentos. Precisamos dessa explicação metonímica também, porque

as interpretações do objeto e de lugar de tais nomes deverbais não podem ser relacionados metaforicamente à interpretação de agente. A generalização básica é que esses substantivos também podem denotar outra entidade que é participante da ação denotada pelo verbo. Essas extensões de sentido podem, assim, ser vistas como resultantes de metonímia (contiguidade conceitual).

Natali Simões Neto: Um dos aspectos centrais da GrC é a não divisão entre léxico e gramática, diferentemente do que acontece, por exemplos, nas versões clássicas da Gramática Gerativa e da Gramática Funcional. A posição assumida na GrC se alinha com os fundamentos teóricos da LC. Hoffman e Trousdale (2013) estão entre os autores que defendem a existência de um *constructicon*, um acervo mental que reúne todas as construções da língua, em seus mais variados níveis de complexidade. Qual a sua posição acerca da dicotomia léxico e gramática? O que o senhor pensa acerca da ideia de *constructicon*? Como o senhor avalia a relação da MC com outros modelos desenvolvidos no âmbito da GrC?

Geert Booij: Concordo totalmente que não há separação entre léxico e gramática: palavras e construções diferem apenas em seu grau de abstração. (BOOIJ, 2010; JACKENDOFF; AUDRING, 2020) Por exemplo, do ponto de vista formal, *particle verbs* são, ao mesmo tempo, construções sintagmáticas e lexicais. Mais do que isso, construções sintagmáticas e lexicais podem competir, e sintagmas podem ser partes de palavras complexas. (BOOIJ, 2018) Essa visão, de fato, implica a ideia de um *constructicon*, com padrões lexicais e sintáticos representados como construções que motivam palavras e sintagmas complexos existentes e armazenados. A MC compartilha essa visão com a MR e com outras variedades da GrC.

Natali Simões Neto: No primeiro capítulo do livro *Construction Morphology*, de 2010, há uma seção chamada “Word-based morphology” (“Morfologia baseada em palavra”), em que se apresenta a diferença

entre uma abordagem morfológica desse tipo e uma abordagem do tipo “Morpheme-based morphology” (“Morfolgia baseada em morfema”). Em meio a essa discussão, a MC é classificada como “Word-based morphology”. Ao se alinhar com o modelo teórico da GrC, a discussão que entra em cena é se o morfema é ou não uma construção. No seu ponto de vista, o morfema não deve aparecer no rol de construções da língua, sendo a palavra a construção mínima. Entre os pesquisadores que se orientam pelos modelos desenvolvidos no âmbito da GrC, não há um consenso. Você poderia explicar quais as razões o levaram a assumir tal posição no livro de 2010? Passados dez anos dessa publicação, a sua posição quanto a isso ainda é a mesma?

Geert Booij: A razão pela qual a palavra é a construção mínima é porque as construções são definidas como pares de forma e significado, e um morfema, em particular, um morfema preso, não tem um significado por si só. Um morfema livre só tem significado quando usado como uma palavra, e um morfema preso apenas em uma construção morfológica. Por exemplo, não faz sentido falar sobre o significado do morfema preso *-s* em inglês. Sua contribuição de significado depende da construção da palavra da qual faz parte, por exemplo, um verbo (presente da terceira pessoa do singular), ou um substantivo (plural), ou uma construção genitiva (possessivo). O mesmo vale para o morfema preso em inglês *-er*, usado com adjetivos comparativos, com verbos e com substantivos (*bigger, baker, Londoner*). Além disso, também existem morfemas embutidos em palavras complexas sem uma contribuição de significado, como os elementos de ligação em compostos germânicos. Pense também em extensões de raiz, como *-ic* em *philosop-ic-al*. A GrC de Adele Goldberg, que, inicialmente considerava o morfema como a menor construção, adotou minha posição, a qual ainda mantenho.

Juliana Soledade: Um importante contributo da MC para os estudos morfológicos é a descrição por meio de esquemas. Antes de a MC ser

apresentada, predominavam modelos baseados em regras. No livro *Construction Morphology* (2020, p. 80), mais precisamente no capítulo 3, que trata exatamente de esquemas e subesquemas, é introduzida uma representação do esquema [Vi-er]_N do holandês, em que aparece um esquema geral cuja contraparte semântica é introduzida pelo rótulo “entidade”. Há esquemas dominantes de “agente”, “instrumento” e “objeto”. O esquema de “agente”, por fim, é especificado por meio de subesquemas. Uma questão que gera divergências, pelo menos aqui no Brasil, diz respeito à formulação do esquema geral, que seria o nível de abstração máxima. É um mecanismo teórico-descritivo que permite reunir os vários desdobramentos formais e semânticos de esquemas e subesquemas. Há pesquisas em áreas, como Psicolinguística, Morfologia Experimental, Teoria Neural da Linguagem ou Sociolinguística Cognitiva, que confirmem se essa abstração máxima, de caráter consideravelmente genérico, é feita pelos falantes?

Geert Booij: A questão levantada aqui é discutida na literatura, por exemplo em Hilpert (2019), tendo sido investigada também por Dąbrowska. O que sabemos com certeza é que nem todos os usuários da língua têm abstrações máximas para todos os tipos de palavras complexas, já que os esquemas abstratos são baseados em um conhecimento de vocabulário suficientemente grande, e as pessoas diferem grandemente no tamanho e na natureza de seu conhecimento lexical. Além disso, existem esquemas abstratos e subpadrões específicos. Por exemplo, é óbvio que existe um padrão geral abstrato [NN]_N para compostos holandeses, porque esse é um padrão de produtividade ilimitada. Ao mesmo tempo, sabemos que os subpadrões com uma posição preenchida lexicamente existem junto ao padrão geral, uma vez que as palavras podem ter significados que estão vinculados à sua ocorrência dentro de um composto. Tais constituintes lexicais são chamados de *afixoides*. (HÜNING; BOOIJ, 2014) Há pesquisas sobre esse tópico com relação à derivação em holandês, como, por exemplo, a dissertação de Maria Mos (2010), que afirma que as crianças (holan-

desas) fazem generalizações abstratas sobre os padrões de formação de palavras. Para mim, é uma questão em aberto a quantidade de abstração que é feita e por quem. Eu não sei sobre outras pesquisas recentes sobre esse tópico.

Carlos Alexandre Gonçalves: Os processos não concatenativos de formação de palavras, tais como reduplicação, cruzamento vocabular (*blending*), truncamento (*clipping*) e *splinter*, durante muito tempo, receberam pouca atenção dos modelos de descrição morfológica, que sempre privilegiaram processos concatenativos, como a derivação e a composição. Os processos não concatenativos em alguns momentos foram chamados de processos marginais de formação de palavras, sendo considerados esporádicos e assistemáticos. Estudos mais recentes têm evidenciado o caráter regular desses processos. Na sua visão, esses processos se configuram como desafios para a MC?

Geert Booij: O foco da Gramática Gerativa na composição e afixação como processos morfológicos origina-se na visão da morfologia como sendo a sintaxe dos morfemas, ou sintaxe abaixo de zero. Essa abordagem só pode ser mantida reduzindo todos os outros tipos de morfologia a processos de concatenação, como foi tentado em Trommer (2012).

O uso de esquemas na MC torna possível levar em consideração também outros tipos de morfologia, como reduplicação e morfologia não concatenativa. (BOOIJ, 2010) Isso é mostrado a partir da morfologia não concatenativa do árabe, em Davis e Tsujimura (2018). Um ingrediente essencial para esse poder descritivo da MC é o uso de esquemas relacionados paradigmaticamente. Por exemplo, no fenômeno de *blending*, os significados das duas palavras relacionadas são combinados, contudo, apenas partes de suas formas se combinam. O significado das combinações pode ser calculado se referindo às palavras inteiras correspondentes.

Assim, esses vários tipos de morfologia não devem ser vistos como marginais, mas, em vez disso, mostram que o poder de descrição de um modelo morfológico deve ser maior do que o que o modelo que a “sintaxe dos morfemas” implica. Eles são uma forte evidência a favor da MC. Pense também na morfologia templática, conforme discutido por Good (2018). Os esquemas são o formalismo correto para descrever a morfologia templática, porque os modelos podem ser descritos como esquemas.

Juliana Soledade: Os aspectos históricos e/ou diacrônicos atinentes à morfologia das línguas nem sempre receberam a atenção merecida dos morfólogos, que, não raramente, optam por descrever os fenômenos, a partir de uma visão estritamente sincrônica que desconsidera o caráter histórico das línguas. Como você avalia a presença desses aspectos na descrição morfológica? Eles também se configurariam como desafios para a MC?

Geert Booij: Aspectos diacrônicos da morfologia têm recebido atenção e análise renovadas na MC, em particular pelo uso dos conceitos de “construcionalização” e “mudança construcional”. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) Um exemplo do holandês é que a língua perdeu seu sistema de marcação de caso, contudo, o marcador genitivo permaneceu como marcador de uma série de construções específicas. (BOOIJ, 2010) Esses são exemplos de construcionalização. Essa redução da morfologia do caso e o papel de seus “resquícios” só podem ser entendidos e analisados por meio da noção de “construcionalização”. O desenvolvimento de afixos a partir de constituintes compostos (afixóides) é outro exemplo, estudado em Booij e Hüning (2014) e Hüning e Booij (2014). O estudo da descolagem de prefixos em Norde e Van Goethem (2018) é outro exemplo da relevância da MC para a mudança linguística. Em outras palavras, a diacronia é uma fonte importante de evidências em fortalecimento da MC.

Carlos Alexandre Gonçalves: Nos últimos tempos, Ray Jackendoff e Jenny Audring vêm propondo a MR, um modelo que identificamos como um “primo” da MC. Como você avalia a proposição de um modelo cuja formulação é próxima do modelo que você propôs? O que você destacaria como diferente entre as duas propostas?

Geert Booij: A MR é conceitualmente muito semelhante à MC, o que não será uma surpresa quando você perceber que esses linguistas são também coautores de artigos comigo. A escolha por um nome diferente para sua teoria morfológica é porque eles querem enfatizar que a morfologia trata, principalmente, das relações entre as palavras que existem em uma língua, incluindo muitos padrões não produtivos que ainda desempenham um papel na motivação das propriedades das palavras através de suas relações com outras palavras. A noção de “construção” pode ter um sabor ligeiramente mais gerativo (construção = criação), mas a palavra “construção” também tem um significado de resultado não criativo. Ambos os significados são relevantes para a MC. Outra diferença é que os autores usam um formalismo ligeiramente diferente, e os conceitos “mesmo, exceto” e “esquema irmão” têm um lugar mais proeminente. *The Texture of the Lexicon: Relational Morphology and the Parallel Architecture* (JACKENDOFF; AUDRING, 2020) enfatiza que também precisamos de esquemas que especifiquem correspondências entre propriedades de palavras em níveis diferentes, sem que o significado esteja envolvido, enquanto as construções são, por definição, pares de forma e significado. Em outras palavras, também existem esquemas que especificam relações entre palavras que não são construções. Eu concordo com essa visão, e também dei exemplos de tais esquemas em Booij (2010).

Natal Simões Neto, Carlos Alexandre Gonçalves e Juliana Soledade: Professor, agradecemos a sua disponibilidade para responder às questões solicitadas. Pedimos que, nesse último momento, o senhor faça algumas considerações finais. Gostaríamos, se possível, de soli-

citar a indicação de, pelo menos, cinco referências – artigos, capítulos ou livros completos – que considere relevantes para a compreensão das principais ideias e desenvolvimentos da MC.

Geert Booij: Foi um prazer responder a essas questões muito pertinentes sobre a MC. Há muitos pesquisadores agora que usam esse modelo em suas investigações morfológicas sincrônicas e diacrônicas. Abaixo, listo um pequeno número de publicações importantes, com uma breve caracterização. Existe também um site sobre MC: <http://www.lilec.it/cxm/>.

BOOIJ, G. E. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

[Os primeiros três capítulos deste livro apresentam a teoria da MC, e os capítulos seguintes aplicam este modelo a vários fenômenos, principalmente na fronteira entre morfologia e sintaxe].

BOOIJ, G. E. *Construction Morphology*. In: HIPPISELEY, A.; STUMP, G. (ed.). *The Cambridge Handbook of Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 424-448.

[Uma introdução concisa à MC].

BOOIJ, G. E.; AUDRING, J. *Construction Morphology and the Parallel Architecture of Grammar*. *Cognitive Science*, [s. l.], v. 41, p. 277-302, 2017.

[Este artigo relaciona a MC à teoria da Arquitetura Paralela desenvolvida por Ray Jackendoff, e destaca a interface entre a fonologia e a morfologia].

BOOIJ, G. E.; AUDRING, J. *Partial motivation, multiple motivation, and the role of output schemas*. In: BOOIJ, G. E. (ed.). *The Construction of Words: Advances in construction morphology*. Cham: Springer, 2018. p. 59-80.

[Este capítulo do livro argumenta que palavras complexas existentes podem ser apenas parcialmente motivadas, e por diferentes esquemas. É discutido como os esquemas morfológicos se relacionam com palavras existentes].

BOOIJ, G. E.; MASINI, F. *The role of second order schemas in word formation*. In: BAUER, L.; KÖRTVÉLYESSY, L.; ŠTEKAUER, P. (ed.). *Semantics of complex words*. Cham: Springer, 2015. p. 47-66.

[Este artigo discute o papel das relações paradigmáticas entre palavras e sintagmas na formação de palavras].

COUSSE, E. *et al.* (ed.). *Category change from a constructional perspective*. Amsterdam: Benjamins, 2018.

[Um volume com importantes estudos detalhados de como a mudança de categoria de palavras pode ser compreendida].

HILPERT, M. (ed.). Higher order schemas in morphology: What they are, how they work, and where to find them. *Word Structure*, Edinburgh, v. 12, n. 3, p. 261-273, 2019.

[Esse número da revista apresenta uma série de artigos acerca da questão: realmente precisamos de esquemas abstratos em morfologia?].

HÜNING, M.; BOOIJ, G. E. From compounding to derivation. The emergence of derivational affixes through “constructionalization”. *Folia Linguística*, [s. l.], v. 48, n. 2, p. 579-604, 2014.

[Um estudo de caso de como a MC fornece uma visão sobre o processo de afixos derivacionais que se desenvolvem a partir de constituintes compostos].

JACKENDOFF, R.; AUDRING, J. *The Texture of the Lexicon: Relational Morphology and the Parallel Architecture*. Oxford: Oxford University Press, 2020.

[Este livro explica e defende a teoria da MR, na maioria dos aspectos uma variante da MC, mas com formalização de construções ligeiramente diferente e pontos adicionais dignos de atenção].

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

[Esta monografia é uma publicação importante na aplicação da MC à morfologia e à sintaxe diacrônica.]

REFERÊNCIAS

ARONOFF, M. *Word Formation in Generative Grammar*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 1976.

- ARONOFF, M. Morphology and words: A memoir. In: BONAMI, O. et al. (ed.). *The Lexeme in Descriptive and Theoretical Morphology*. Berlin: Language Science Press, 2018. p. 3-17.
- AUDRING, J.; BOOIJ, G. Cooperation and coercion. *Linguistics*. [s. l.], v. 54, n. 4, p. 617-637, 2016.
- BOOIJ, G. E. *Allomorphy and the architecture of grammar*. In: BOTMA, B.; NOSKE, R. (ed.). *Phonological Explorations: Empirical, Theoretical, and Diachronic Issues*. Berlin: De Gruyter, 2012. p. 9-24.
- BOOIJ, G. E. Compounds and multi-word expressions in Dutch. In: SCHLÜCKER, B. (ed.). *Complex lexical units: compounds and multiword expressions*. Mannheim: Institut für Deutsche Sprache; Berlin: De Gruyter, 2018. p. 95-126.
- BOOIJ, G. E. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BOOIJ, G. E. *Dutch Morphology: A Study of Word Formation in Generative Grammar*. Lisse: Peter de Ridder Press, 1977.
- BOOIJ, G. E. The nominalization of Dutch particle verbs: schema unification and second order schemas, *Nederlandse Taalkunde*, [s. l.], v. 20, p. 285-314, 2015.
- BOOIJ, G. E. The role of schemas in Construction Morphology. *Word Structure*, [s. l.], v. 12, n. 3, p. 385-395, 2020.
- BOOIJ, G.; HÜNING, M. Affixoids and constructional idioms. In: BOOGAART, R.; COLLEMAN, T.; RUTTEN, G. (ed.). *Extending the Scope of Construction Grammar*. Berlin: Mouton De Gruyter, 2014. p. 77-105.
- BOOIJ, G. E.; MASINI, F. The role of second order schemas in word formation. In: BAUER, L.; KÖRTVÉLYESSY, L.; ŠTEKAUER, P. (ed.) *Semantics of complex words*. Cham: Springer, 2015. p. 47-66.
- CHOMSKY, N.; HALLE, M. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper and Row, 1968.
- DAŹBROWSKA, E. Low-level schemas or general rules? The role of diminutives in the acquisition of Polish case inflections. *Language Sciences*, [s. l.], v. 28, n. 1, p. 120-135, 2006.
- DAVIS, S.; TSUJIMURA, N. Arabic non-concatenative morphology in Construction Morphology. In: BOOIJ, G. E. (ed.). *The construction of words: Advances in construction morphology*. Cham: Springer, 2018. p. 315-340.

GOOD, J. Modeling signifiers in constructional approaches to morphological analysis. In: BOOIJ, G. E. (ed.). *The Construction of Words: Advances in construction morphology*. Cham: Springer, 2018. p. 19-58.

HILPERT, M. (ed.). Higher order schemas in morphology: What they are, how they work, and where to find them. *Word Structure*, Edinburgh, v. 12, n. 3, p. 261-273, 2019.

HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (ed.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: University Press, 2013.

HÜNING, M.; BOOIJ, G. E. From compounding to derivation. The emergence of derivational affixes through "constructionalization". *Folia Lingüística*, [s. l.], v. 48, n. 2, p. 579-604, 2014.

JACKENDOFF, R. Morphological and semantic regularities in the lexicon. *Language*, [s. l.], v. 51, n. 3, p. 639-671, 1975.

JACKENDOFF, R.; AUDRING, J. *The Texture of the Lexicon: Relational Morphology and the Parallel Architecture*. Oxford: Oxford University Press, 2020.

LOS, B. et al. *Morphosyntactic change: A comparative study of particles and prefixes*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

MOS, M. B. J. *Complex lexical items*. Utrecht: LOT, 2010.

NORDE, M.; VAN GOETHEM, K. Debonding and clipping of prefixoids in Germanic: Constructionalization or constructional change? In: BOOIJ, G. E. (ed.). *The construction of words: Advances in construction morphology*. Cham: Springer, 2018. p. 475-518.

SCHULTINK, H. *De morfologische valentie van het ongelede adjectief in modern Nederlands*. Den Haag: Van Goor Zonen, 1962.

SPENCER, A. M.; ZWICKY, A. M. (ed.). *The Handbook of Morphology*. Oxford: Blackwell, 1998.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TROMMER, J. (ed.). *The Morphology and Phonology of Exponence*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

Capítulo 14

ENTREVISTA COM JENNY AUDRING

Entrevistadores

*Carlos Alexandre Gonçalves,
Natal Simões Neto e
Juliana Soledade*

CURRÍCULO DA PROFESSORA JENNY AUDRING

Jenny Audring nasceu em 1977, em Berlim, então capital da República Democrática Alemã. Obteve um duplo mestrado em Linguística e Língua Inglesa pela Universidade Livre de Berlim, em 2003. Mudou-se para a Holanda, onde recebeu seu PhD na Universidade Livre de Amsterdam, em 2009. Depois de lecionar em várias universidades na Holanda, agora está permanentemente afiliada à Universidade de Leiden. Os seus principais interesses de investigação são a morfologia, o léxico (mental) e a complexidade e aprendizagem da linguagem. Ela tem especialização em gênero gramatical e teorias da morfologia baseadas em construções.

AGRADECIMENTOS

Professora Jenny Audring, gostaríamos de agradecer a sua disponibilidade para responder às questões que seguem. Esta é uma oportu-

tunidade ímpar de conhecermos mais sobre dois modelos teóricos de análise morfológica – Morfologia Construcional (MC) e Morfologia Relacional (MR) – ainda pouco explorados no Brasil. Esperamos que as perguntas sejam estimulantes e que lhe permitam explorar os aspectos centrais dos modelos com os quais trabalhou.

PERGUNTAS

Carlos Alexandre Gonçalves: Desde 2005, suas publicações, individuais ou em coautoria, se concentram na área da Morfologia. Percebe-se que o gênero é seu objeto de descrição em vários trabalhos. O que mudou em suas pesquisas de 2005 para cá, do ponto de vista teórico? Que outros fenômenos morfológicos também são de seu interesse?

Jenny Audring: A principal mudança em meus interesses de pesquisa foi causada pela oportunidade de colaborar nos campos da morfologia e do léxico mental com Ray Jackendoff. Após anos refletindo e escrevendo sobre gênero gramatical e complexidade linguística a partir de uma perspectiva tipológica, o trabalho com Ray foi um incentivo para explorar questões na morfologia teórica que se mostravam oportunas e relevantes. Especialmente, a predominância do arcabouço gerativista resultou em uma falta de atenção teórica para o léxico e para a morfologia *im-* ou *semiproductiva*, para a qual as regras gerativas são de pouca ou nenhuma importância. Ao mesmo tempo, o *insight* – proveniente da Gramática das Construções – de que grande parte do conhecimento linguístico consiste em colocações, *prefabs*,¹ expressões multivocabulares e outros tipos de construções fez com que o estudo do léxico mental parecesse cada vez mais urgente. Afinal, a presença de itens lexicais tão complexos na memória torna impossível pensar no léxico como sendo uma lista simples ou um

1 Nota de tradução: *Prefabs* são expressões linguísticas convencionizadas.

“saco de palavras” não estruturado. Mas que estrutura imaginamos que o léxico tenha? Essa foi uma pergunta que se cristalizou no foco do nosso trabalho, que acabou resultando na monografia *The Texture of the Lexicon: Relational Morphology and the Parallel Architecture*. (JACKENDOFF; AUDRING, 2020a)

Carlos Alexandre Gonçalves: Seus principais parceiros de pesquisa são Ray Jackendoff e Geert Booij, com quem escreveu vários artigos. Como vê a parceria com tão eminentes linguistas?

Jenny Audring: Ray gosta de dizer que nossa colaboração começou com um convite para contribuir com a obra *The Oxford Handbook of Morphology Theory*, que Francesca Masini (Universidade de Bologna) e eu estávamos editando, e com ele percebendo que o componente morfológico da Arquiteratura Paralela estava demasiadamente subdesenvolvido (se nosso *feedback* editorial contribuiu para que ele percebesse isso, depende de quem conta a história). Então, nossa relação mudou de editor-autor para colaboradores e, a partir daí, para um apreço recíproco. Uma vez que a principal pesquisa de Ray é em sintaxe e semântica – bem como em uma infinidade de outros campos –, ele não tinha trabalhado com morfologia propriamente dita desde seu artigo seminal “Morphological and semantic regularities in the lexicon” (“Regularidades morfológicas e semânticas no léxico”), publicado na *Language*, em 1975. No entanto, o panorama teórico mudou muito desde então, sendo assim, pudemos abordar as questões de pesquisa com novos olhos.

A colaboração com Geert Booij remonta à época em que eu era sua aluna de doutorado em Amsterdã. Somos constantemente movidos pelos mesmos interesses, de modo que há incentivos regulares para que procuremos um ao outro para palestras ou trabalhos conjuntos. Meu pensamento acerca da morfologia é profundamente influenciado pelo dele, embora eu esteja cada vez mais afastada dos fenômenos derivativos e produtivos e atraída pelas peculiaridades do conheci-

mento listado. Devo muita gratidão a Ray e Geert, que são colaboradores maravilhosos e inspiradores, bem como amigos pessoais.

Carlos Alexandre Gonçalves: Em linhas bem gerais, quais são as principais diferenças – e semelhanças – da MR, modelo que criou recentemente, em relação à MC, quadro teórico em que também atuou? Você acha que a MR veio para substituir a construcional ou para complementá-la? Quais são as vantagens da MR em relação à MC?

Jenny Audring: A MC e a MR são, de fato, intimamente relacionadas – gostamos de chamá-las de irmãs ou primas. As duas teorias são baseadas na Arquitetura Paralela, de Jackendoff e Audring (2020b, p. 2) são construídas partindo dos seguintes princípios:

- “Regras gramaticais” são indicadas como esquemas declarativos ao invés de regras procedimentais;
- “Regras gramaticais” seguem o mesmo formato básico das palavras: relações estruturadas de forma e significado. Assim, não há distinção entre o “léxico” e a “gramática”; tanto as palavras quanto as regras gramaticais são tratadas como itens em um “léxico estendido” ou “constructicon”;
- A operação combinatória básica é a unificação;
- Relações entre itens lexicais são descritas em termos de herança;
- A aquisição da linguagem é baseada em itens.

As duas teorias podem ser contrastadas em vários pontos, embora tais pontos reflitam diferenças de foco em vez de áreas de real discordância. O primeiro desses pontos é que a MC, assim como a Gramática de Construções, basicamente assume que toda construção é um par de forma e significado. A MR, em contraste, permite também construções sem significado, especialmente nas camadas mais abstratas do léxico estendido. Geralmente, a MR considera a ligação entre forma e significado como apenas uma das muitas ligações entre os níveis da estrutura linguística. Consequentemente, as ligações entre forma e

significado não são, necessariamente, de maior interesse teórico do que as ligações forma-forma entre, digamos, morfologia e fonologia ou fonologia e ortografia. Isso está de acordo com os princípios da Arquitetura Paralela, que estabelecem que o conhecimento é organizado em níveis de estrutura que são mapeados entre si, mas não derivados um do outro. Como consequência, nenhum nível de estrutura, assim como nenhuma ligação entre os níveis, tem prioridade automática em relação aos outros.

Em segundo lugar, a MC enfatiza a criação de novas palavras ou formas de palavras, ou seja, o potencial produtivo de construções derivacionais e flexionais. O nome “Morfologia Relacional” foi escolhido para expressar um foco distinto, que trata da natureza declarativa do conhecimento linguístico e as relações internas e entre os itens lexicais. Isso também significou prestar mais atenção aos padrões que raramente ou nunca geram novas instâncias. Como efeito colateral dessa mudança de foco, Ray e eu passamos muito tempo pensando sobre a diferença entre os padrões morfológicos produtivos e improdutivos, uma vez que eles são muito semelhantes na teoria. Achemos que inventamos uma boa solução, sobre a qual falarei mais a seguir. O leitor interessado pode encontrar um relato mais completo na Seção 2.7 de *The Texture of the Lexicon: Relational Morphology and the Parallel Architecture*.

Um interesse comum que se desenvolveu um pouco mais extensivamente na MR é o papel das relações não hierárquicas ou “irmãs”. As teorias construcionistas são baseadas em relações de herança, e as ligações hierárquicas entre as construções dos tipos “mãe” e “filha” são centrais para o modelo. Recentemente, as ligações entre construções “irmãs” no mesmo nível do léxico se tornaram o foco de interesse, tanto na morfologia quanto na sintaxe. A MR, espero, contribuiu para esse desenvolvimento.

Finalmente, a MR oferece uma notação mais detalhada e explícita, que mostra de forma mais clara como os níveis da estrutura interna de um item lexical estão conectados, bem como o modo como um

item lexical está ligado a outros. Também temos passado mais tempo trabalhando nas conexões com a psicolinguística, com incursões preliminares no que tange o acesso lexical, incluindo acesso e aquisição de esquemas.

Após este breve resumo das diferenças entre as teorias, gostaria de enfatizar novamente que há laços estreitos entre os dois modelos, assim como entre seus proponentes, portanto, não nos consideramos rivais ou concorrentes.

Juliana Soledade: A interface entre morfologia e semântica é um aspecto que se destaca nos estudos realizados com base na Morfologia Construcional. Na história dos estudos morfológicos, essa interface nem sempre foi muito explorada ou aceita. Como você vê a relação entre morfologia e semântica? O que a Morfologia Relacional pode oferecer quanto a esse aspecto?

Jenny Audring: Graças aos princípios da Arquitetura Paralela, a MR é, penso eu, especialmente adequada para situações em que a semântica de uma palavra não é composicional. Palavras idiomáticas complexas, como *under-stand* ou *minute-s* do inglês – como em “meeting minutes, notes of a meeting”, em que não se trata do plural de minutos –, podem ser explicadas listando o significado idiomático, vinculando-o à unidade complexa em sua totalidade. Os segmentos das palavras são visíveis na fonologia e morfologia, mas permanecem desvinculados da camada semântica.

O mesmo princípio – partes da fonologia e morfologia que não estão conectadas a nenhuma parte da semântica – pode ser aplicado a palavras que são claramente derivações, mas carecem de uma base lexical, como *ug-ly*, *reck-less* ou *plumb-er*. Os segmentos *ug-*, *reck-* and *plumb-* não são por si só palavras no inglês contemporâneo e, portanto, não podem contribuir para o significado da palavra complexa. Portanto, eles só importam nos níveis da fonologia e morfologia, não

no nível da semântica. No âmbito da Arquitetura Paralela, nenhum mecanismo especial é necessário para cuidar de tais fenômenos.

De modo geral, a abordagem declarativa do conhecimento linguístico significa que a composicionalidade total não é esperada nem necessária, visto que frequentemente estamos lidando com palavras existentes invés de novas, que podem ter todos os tipos de peculiaridades idiossincráticas. A composicionalidade só importa quando se assume que as palavras são ativamente geradas a partir de suas partes. Acredito que considerações mais inclusivas sejam uma vantagem.

Nativel Simões Neto: O debate sobre a produtividade é recorrente nas teorias morfológicas. A depender da abordagem, a produtividade pode ser compreendida como aplicabilidade, geratividade ou frequência. Em julho de 2020, você proferiu a palestra “Unproductive Morphology”, no evento Abralín Ao Vivo, e mostrou como processos e produtos morfológicos ditos improdutivos podem ser abordados na MR, opondo-se, nesse sentido, a vários modelos que tendem a descartar aquilo que é improdutivo. Dito isso, qual o entendimento de produtividade no âmbito da MR? O que o estudo de uma morfologia improdutiva pode trazer de relevante para o quadro geral dos estudos morfológicos?

Jenny Audring: Uma das coisas que tornam a morfologia interessante é que a produtividade dos padrões morfológicos não pode ser tomada como certa. Especialmente no que se refere à formação de palavras, encontramos padrões que são formalmente regulares e semanticamente transparentes, mas que resistem à expansão. Se tais padrões forem desconsiderados, grande parte do que se faz em morfologia é jogada fora, como o bebê junto com a água do banho.²

2 Nota de tradução: expressão advinda do inglês (*to throw the proverbial baby with the bathwater*), que remete à ideia de se colocar algo valioso fora junto de algo sem valor.

Em nosso modelo, os esquemas improdutivos têm uma função importante: eles não geram palavras novas, mas motivam palavras existentes. Na verdade, a função motivadora é compartilhada por esquemas tanto produtivos quanto improdutivos. Isso aproxima os dois tipos de esquema de forma mais íntima do que em outras teorias. Eles também “vivem” no mesmo ecossistema mental que chamamos de léxico estendido. Além disso, os dois tipos de esquema são muito semelhantes na forma: ambos são entendidos como modelos com variáveis. Compare, por exemplo, o esquema plural produtivo do inglês $[N -s]_N$ e o esquema derivacional improdutivo $[N -ship]_N$, como em *friendship* ou *membership*.

Ambos são nominais e ambos têm um *slot* variável para um substantivo e um sufixo. Nesse caso, o que distingue o padrão produtivo do improdutivo? Do ponto de vista da MR, a diferença está localizada na variável, ou seja, no quanto ela está aberta a novos materiais lexicais. Isso oferece uma resposta hipotética a uma pergunta que, embora importante, raramente é feita: o que significa saber que um padrão é produtivo ou improdutivo? Que tipo de conhecimento isso acarreta?

Estou convencida de que ainda estamos começando a verdadeiramente compreender a produtividade. Até mesmo o papel da frequência é contestado, pois nem todos os padrões produtivos são frequentes e nem todos os padrões frequentes são produtivos. As teorias sequer concordam com as questões mais básicas, como, por exemplo, se a produtividade total é a situação padrão, então a improdutividade precisa ser explicada, ou vice-versa. Na MR, tratamos a produtividade como um *upgrade*: primeiro você descobre um padrão e, em seguida, descobre se ele pode ser estendido a novas palavras ou frases. Consequentemente, nosso modelo assume um falante conservador ao invés de criativo. Essa é uma diferença marcante em relação à perspectiva gerativa, a qual ainda é dominante na comunidade científica. Espero que essa mudança de perspectiva inspire novas pesquisas empíricas e experimentais e nos ajude a compreender esses fenômenos fascinantes.

Juliana Soledade: As propostas de descrição morfológica das línguas, de maneira geral, se voltam, em um primeiro momento, ao enquadramento sincrônico dos fenômenos morfológicos e, só depois, são vistas abordagens diacrônicas. Para a MR, o estudo diacrônico da morfologia é um desafio? Como a historicidade das línguas é trabalhada nesse modelo?

Jenny Audring: Nosso trabalho, tenho que admitir, confirma o padrão que você descreve: começamos na ponta sincrônica e ainda não descobrimos como os dados históricos podem ser utilizados no modelo (e vice-versa). Teríamos o prazer de convidar outros pesquisadores a expandir a pesquisa nessa direção.

Natali Simões Neto: Nos estudos morfológicos, há fenômenos que acabam sendo marginalizados, por não terem um caráter tão regular quanto a flexão, a derivação e a composição. Alguns desses são *blending*, *clipping*, reduplicação, *splinter*, *siglagem* e hipocorização. A MR oferece ferramentas especiais para a abordagem desses fenômenos?

Jenny Audring: Em *The Texture of the Lexicon*, trabalhamos muitos desses fenômenos em detalhes: o livro tem uma seção sobre *blendings*, truncamentos e reduplicação (Capítulo 4), assim como sobre inflexão, o que se encaixa aqui, já que todos esses padrões envolvem fragmentação de radical. Hipocorísticos, como *Elizabeth - Liz*, e *clippings*, como *mathematics - math*, foram incluídos na discussão sobre truncamento. A ferramenta mais importante que utilizamos para lidar com esses padrões é o “esquema irmão”, que designa uma relação entre dois esquemas (também conhecido como um “esquema de segunda ordem”, pois é, de certa forma, um esquema de esquemas).

Por exemplo, podemos considerar um esquema altamente subespecificado para nomes próprios e um esquema irmão que escolhe a sílaba tônica mais a consoante seguinte nesse esquema, que constitui a forma hipocorística. Outros padrões de apelidos, como o que criou

meu nome, “Jenny”, também fazem uso da sílaba tônica, mas contém um sufixo adicional. O que importa é que um trecho como “sílabas tônicas mais consoante seguinte” só é relevante dentro da relação irmã entre os esquemas. Além disso, é limitado à fonologia e não tem ligação com a morfologia ou a semântica do nome próprio. O formalismo nos permite especificar tudo isso com precisão. O livro também discute *splinters* e outros fenômenos que ultrapassam a fronteira entre a fonologia e a morfologia. Esses casos oferecem desafios interessantes para a teoria linguística – também no contexto da produtividade, já que *splinters* podem subir repentinamente quanto à produtividade por um breve período e depois desaparecer novamente. Uma oportunidade única para o estudo e a teorização.

Natal Simões Neto: O que a MR pode oferecer de inovador para a compreensão da mente humana e o estudo da arquitetura da linguagem?

Jenny Audring: No Capítulo 8 de *The Texture of the Lexicon: Relational Morphology and the Parallel Architecture*, ampliamos o escopo para domínios cognitivos fora da linguagem, oferecendo o que esperamos que sejam novos incentivos para se pensar sobre a mente humana. Em termos gerais, insistimos que as teorias se perguntem, acerca das representações, que conhecimento precisa ser armazenado na mente e de que forma? Isso é tão importante para o idioma quanto para qualquer outro domínio. Como minha mente representa o lugar onde estacionei minha bicicleta esta manhã e como ela distingue a localização de hoje da de ontem? O que significa saber uma música ou quanta potência aplicar ao abrir a porta da máquina de lavar louça? Obviamente, não devemos responder a essas perguntas, mas buscamos apontar o que é necessário: um “léxico” não apenas de palavras, mas também de conhecimento espacial, temporal, háptico e musical, bem como uma teoria explícita e detalhada das representações que esse léxico contém.

Carlos Alexandre Gonçalves, Natal Simões Neto e Juliana Soledade: Professora, agradecemos a sua disponibilidade para responder às questões solicitadas. Pedimos que, nesse último momento, a senhora faça algumas considerações finais. Gostaríamos, se possível, de solicitar a indicação de, pelo menos, cinco referências – artigos, capítulos ou livros completos – que considere relevantes para a compreensão das principais ideias e desenvolvimentos da MR.

Jenny Audring: Muito obrigado pelas perguntas estimulantes. Aqui estão algumas sugestões para leituras adicionais:

AUDRING, J. Mothers or sisters? The encoding of morphological knowledge. *Word Structure*, [s. l.], v. 12, n. 3, p. 274-296, 2019.

CULICOVER, P. W.; JACKENDOFF, R.; AUDRING, J. Multiword Constructions in the Grammar. *Topics in Cognitive Science*, [s. l.], v. 9, n. 3, p. 552-568, 2017.

JACKENDOFF, R. "Morphological and semantic regularities in the lexicon. *Language*, [s. l.], v. 51, n. 3, p. 639-671, 1975.

JACKENDOFF, R.; AUDRING, J. Morphological schemas: theoretical and psycholinguistic issues. *The Mental Lexicon*, [s. l.], v. 11, n. 3, p. 467-493, 2016.

JACKENDOFF, R.; AUDRING, J. Relational Morphology: A Cousin of Construction Grammar. *Frontiers in Psychology*, [s. l.], v. 11, p. 1-12, 2020b.

JACKENDOFF, R.; AUDRING, J. Relational Morphology in the Parallel Architecture. In: AUDRING, J.; MASINI, F. (ed.). *The Oxford Handbook of Morphological Theory*. Oxford: Oxford University Press. 2019. p. 309-408.

JACKENDOFF, R.; AUDRING, J. *The Texture of the Lexicon: Relational Morphology and the Parallel Architecture*. Oxford: Oxford University Press, 2020a.

SOBRE ORGANIZADORES E AUTORES

Juliana Soledade

Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde também fez mestrado e se graduou em Letras Vernáculas. Atualmente, é professora associada da Universidade Federal da Bahia (UFBA), em exercício na Universidade de Brasília (UnB), onde atua na graduação e na pós-graduação. É a atual coordenadora do Programa para a História da Língua Portuguesa (Prohpor). Coorganizou as coletâneas: *Nomes próprios: abordagens linguísticas* (2021); *Saberes lexicais: mundos, mentes e usos* (2015); *ROSAE: Linguística Histórica, história das línguas e outras histórias* (2012); e *Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias* (2009), todas lançadas pela Editora da UFBA (Edufba). *Lattes*: <http://lattes.cnpq.br/7658434641998530>.

Carlos Alexandre Gonçalves

Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde também

fez mestrado e se graduou em Letras Vernáculas. Atualmente, é professor titular de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde atua na graduação e na pós-graduação. É líder do Núcleo de Estudos Morfológicos do Português (NEMP) e bolsista de produtividade em pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (Nível 1D). É autor de diversos livros, dentre os quais, *Morfologia Relacional: introdução e aplicação ao português* (Pontes, 2022), *Morfologia* (Parábola, 2019), *Atuais tendências em formação de palavras* (Contexto, 2016) e *Morfologia Construcional: uma introdução* (Contexto, 2016). É também organizador de *Processos marginais de formação de palavras* (2016) e *Novos horizontes da pesquisa em morfologia* (2017), publicados pela Editora Pontes. *Lattes*: <http://lattes.cnpq.br/4603841659392622>.

Natival Simões Neto

Doutor em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde também fez mestrado e se graduou em Letras Vernáculas. Atualmente, é professor assistente da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), atuando na graduação em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL). Realizou estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (PPGLEV), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), entre 2020 e 2021. Integra o subgrupo de Morfologia e Lexicologia Históricas do Programa para a História da Língua Portuguesa (Prohpor) e as equipes do Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão (CE-DOHS) da UEFS e do Discurso e Gramática (D&G) da Universidade Federal Fluminense (UFF). Coorganizou as coletâneas: *Nomes próprios: abordagens linguísticas* (Edufba, 2021); *Dez leituras sobre o léxico* (Eduneb, 2019); *Olhares sobre o léxico: perspectivas de estudo* (Eduneb, 2018); e *Redes lexicais: descrições, análises e histórias* (Mares, 2016). *Lattes*: <http://lattes.cnpq.br/2978224861970814>.

Antonia Vieira dos Santos

Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Tem mestrado em Linguística Portuguesa pela Universidade de Coimbra. Graduou-se em Letras/Português licenciatura e bacharelado pela Universidade de Brasília (UnB). Realizou estágio pós-doutoral na Universidade de Coimbra. Atualmente, é professora adjunta da UFBA. Integra o Programa para a História da Língua Portuguesa (Prohpor), sediado no Instituto de Letras da UFBA, desenvolvendo pesquisa no âmbito do subgrupo Morfologia e Lexicologia Históricas. *Lattes*: <http://lattes.cnpq.br/7038213108220641>.

João Carlos Tavares da Silva

Doutor em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Língua Portuguesa e Bacharel em Letras – Português/Literaturas também pela UFRJ. Recebeu o Prêmio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) de Tese edição 2018 como melhor tese na área Linguística/Língua Portuguesa. Desenvolveu estágio pós-doutoral na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e é professor de Linguística e Língua Portuguesa do curso de Letras do Centro de Educação a Distância do Estado do Rio de Janeiro (Cederj). Pesquisador associado ao grupo de pesquisas Núcleo de Estudos Morfológicos do Português (NEMP), coordenado pelo Prof. Dr. Carlos Alexandre Gonçalves. *Lattes*: <http://lattes.cnpq.br/3336913684720887>.

Letícia Santos Rodrigues

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa (PPGFLP) da Universidade de São Paulo (USP). Mestra em Letras pelo mesmo programa. Bolsista da Fundação de

Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), Processo nº 2019/20331-8. Membro do projeto Novo Dicionário de Nomes em Uso no Brasil (NDNUB) da Universidade de Brasília (UnB). Membro do grupo de pesquisa Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (DELPO) da USP. Membro do Laboratório de Estudos Onomásticos (LEON) da USP. Graduada em Letras Vernáculas (bacharelado) pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). *Lattes*: <http://lattes.cnpq.br/9443855538199252>.

Mailson Lopes

Doutor em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), em regime de cotutela oficial com a Universidade de Coimbra, com bolsa do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Mestre em Língua e Cultura pela UFBA; licenciado e bacharel em Letras Vernáculas e Língua Estrangeira Moderna (Espanhol), por essa mesma universidade. É professor adjunto de Língua Espanhola do Instituto de Letras da UFBA, coordenador do Centro de Estudos da Língua e Cultura Galegas (Celga) e vice-coordenador do Programa para a História da Língua Portuguesa (Prohpor). *Lattes*: <http://lattes.cnpq.br/3934127267162346>.

Marcelo Rodrigues Affonso Júnior

Graduando do curso de Licenciatura em Letras Português-Francês, na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Faz iniciação científica na área de Morfologia, mais especificamente em processos de formação de palavras. Além disso, atua como monitor da disciplina de Linguística III, no Departamento de Linguística e Filologia da Faculdade de Letras da UFRJ desde 2019. *Lattes*: <http://lattes.cnpq.br/0466313495492789>.

Marcos Antônio Gomes Filho

Graduando de Letras Português e Italiano da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Membro e bolsista de iniciação científica do Núcleo de Estudos Morfológicos do Português (NEMP) com pesquisa em processos de sufixação improdutiva no Português Brasileiro (PB), orientado pelo Prof. Dr. Carlos Alexandre Gonçalves, também coordenador do núcleo. *Lattes*: <http://lattes.cnpq.br/8130055898885167>.

Pâmella Alves Pereira

Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Tem Mestrado em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde também se graduou em Letras. É professora efetiva da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Atualmente, realiza estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (PPGLEV) da UFRJ. *Lattes*: <http://lattes.cnpq.br/6215926694072456>.

Sarah Batista Santos

Graduanda da Licenciatura em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic), vinculada ao Núcleo de Estudos Morfológicos do Português (NEMP) com o projeto de pesquisa “Hapax e quazi hapax em português: (im)produtividade em revista”, sob orientação do Prof. Dr. Carlos Alexandre Victorio Gonçalves. *Lattes*: <http://lattes.cnpq.br/6460805354436358>.

Wallace Bezerra de Carvalho

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde também fez o seu mestrado. É graduado em Letras Vernáculas por essa mesma universidade. É Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), *campus* Nilo Peçanha/Pinheiral. Integra a equipe do Núcleo de Estudos Morfológicos do Português (NEMP), coordenado pelo Prof. Dr. Carlos Alexandre Gonçalves. *Lattes*: <http://lattes.cnpq.br/1107410263396014>.

Formato: 16 x 23 cm

Fontes: Georgia, Barlow e Barlow Condensed

Extensão digital: PDF

JULIANA SOLEDADE é doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde também fez mestrado e se graduou em Letras Vernáculas. Atualmente, é professora titular da UFBA, onde atua na graduação em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC). É a atual líder do Programa para a História da Língua Portuguesa (Prohpor)

CARLOS ALEXANDRE GONÇALVES é doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde também fez mestrado e se graduou em Letras Vernáculas. Atualmente, é professor titular de Língua Portuguesa da UFRJ, onde atua na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (PPGLEV). É líder do Núcleo de Estudos Morfológicos do Português (NEMP) e bolsista de produtividade em pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

NATIVAL SIMÕES NETO é doutor em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde também fez mestrado e se graduou em Letras Vernáculas. Atualmente, é professor assistente da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), onde atua na graduação em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL). Realizou estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (PPGLEV) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e integra as equipes do Programa para a História da Língua Portuguesa (Prohpor) da UFBA, do Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão (CE-DOHS) da UEFS e do Discurso e Gramática (D&G) da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Morfologia Construcional: avanços em língua portuguesa é uma obra que reúne 12 capítulos e duas entrevistas que exploram a versatilidade da abordagem construcional da morfologia. Os artigos presentes na obra trazem análises de variados fenômenos morfológicos, como a flexão, a derivação prefixal e sufixal, a composição, o *splinter*, o *hápax legomenon* e a formação de antropônimos e topônimos.



Programa de Pós-Graduação
em estudos linguísticos

ISBN 978-65-5630-393-2



9 786556 303932